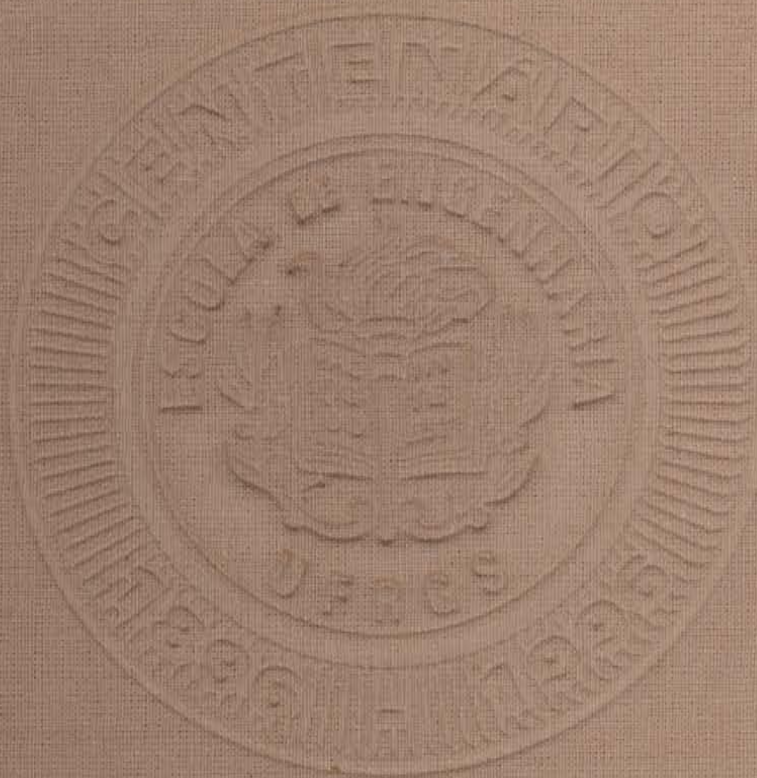


Escola de Engenharia - UFRGS



Um Século



Acta da Inauguração Engenharia.

No dia primeiro de Janeiro de
da era christã, á uma hora da
Atheneo Rio-Grandense, cedida
pelo Governo do Estado, presentes
-das, entre estas, os Srs. General
de Andrade Guimarães, Comandante
Drs. Poggi de Figueiredo e Pires
seccionaes, Dr. James Franco, Presidente
Estado. Desembarçador Paulino

ação da Escola de

mil oitocentos e noventa e sete
tarde, em uma das salas do
da Escola de Engenharia
grande numero de pessoas gra
e Brigada Dr. Carlos Eugenio
andante do 6.º Districto Militar
de Oliveira, juiz e procurador
ente do Superior Tribunal do
Chaves, membro do mesmo Tribu.

Escola de Engenharia - UFRGS

Um Século

Porto Alegre, agosto de 1996

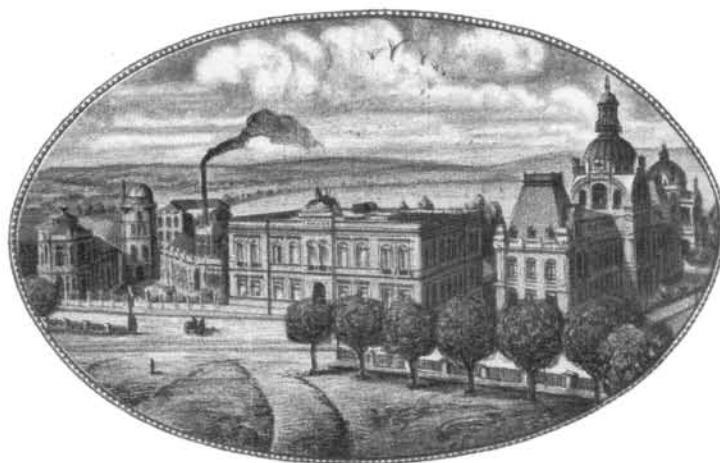
Empresas Patrocinadoras:



BOURSCHEID
ENGENHARIA



Escola de Engenharia - UFRGS



Um Século

TOMO
Editorial

© Escola de Engenharia da UFRGS
Ano da edição 1996

Direitos reservados desta edição:
Escola de Engenharia da UFRGS

Editora: **TOMO** Editorial

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Reitor: Hélió Trindade
Escola de Engenharia/UFRGS
Diretor: José Carlos Ferraz Hennemann
Comissão de Divulgação do Centenário
Coordenador: César Antônio Leal
Secretaria da Escola de Engenharia
Secretária: Maria de Lourdes dos Santos

Edição e Produção: Tomo Editorial (051) 227.1021

Projeto Gráfico: João Carneiro

Gravura da sobre-capas: Tricromia produzida pela Escola de Engenharia em 1912

Fotografia da sobre-capas: Luiz Eduardo Robinson Achutti (Sala da Congregação)

Criação da capa e sobre-capas: João Carneiro

Finalização de arte da sobre-capas: Roberto Silva

Pesquisa: Escola de Engenharia e Tomo Editorial

Redação: Maria de Nazareth Agra Hassen (1ª e 3ª partes)
Maria Leticia Mazzucchi Ferreira (2ª parte)

Revisão: Maria Lúcia Balbuena

Fotografia: Luiz Eduardo Robinson Achutti (Págs. 8,15,17,18,22,23,25,26,37,43,48,69,73,101,112,123,173,174,178,181,182,183,185)
Fototeca Sioma Breitman do Museu Joaquim José Felizardo/SMC (Págs. 12,31,109)

Arquivos da Escola de Engenharia,
e acervos particulares (fotos antigas)

Fotolitos: Prinhaus (sobre-capas)
Editora Fotoletas (miolo)

Diagramação: Tomo Editorial

Impressão: Gráfica e Editora Pallotti

Colaboração: Elen de Oliveira, Fabio Frota Espíndola, João Antônio Pereira, José Carlos Bornancini,
Paulo Caldas, Museu do Carvão de Arroio dos Ratos e demais pessoas que tornaram
possível a realização deste trabalho.

Catálogo na publicação: Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades/UFRGS

H355e Hassen, Maria de Nazareth Agra
Escola de Engenharia/UFRGS - Um século /
Maria de Nazareth Agra Hassen, Maria Leticia
Mazzucchi Ferreira. -- Porto Alegre:
Tomo Editorial, 1996.
192 p. Il.

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul -
Escola de Engenharia - História. I. Ferreira, Maria
Leticia Mazzucchi. II. Título

CDD 378.155

Bibliotecária: Maria Lizete Gomes Mendes CRB 590/10



Sumário

I

No Tempo Antigo

II

Reminiscências

III

Tempos Atuais

IV

Formados pela
Escola de Engenharia
Graduados, Mestres e Doutores



PREFÁCIO

O último decênio do século passado vivenciou a criação de cinco novas escolas de engenharia em nosso país, que vieram a juntar-se a duas já existentes: a Universidade Politécnica do Rio de Janeiro e a Escola de Minas de Ouro Preto. A Escola de Engenharia de Porto Alegre foi, em ordem cronológica, a quinta escola de engenharia implantada na época, após a Politécnica de São Paulo (1893) e a Escola de Engenharia de Pernambuco (1895).

As exigências dos diversos setores econômicos do Estado e as características empreendedoras de seus fundadores, que tinham o positivismo como filosofia norteadora, diferenciaram a atuação da Escola de Engenharia de Porto Alegre dos caminhos seguidos por suas congêneres de outras regiões do país. As iniciativas de seus criadores foram dirigidas para diversas áreas profissionais e, nestas, abrangeram vários níveis de atuação. Assim, a organização estruturou-se em instituições, nos graus superior, técnico e primário, nas engenharias, agronomia e veterinária. Em 1922, o vulto da instituição atingiu um grau de complexidade que, para melhor caracterizá-lo, passou a denominar-se Universidade Técnica de Porto Alegre.

A idéia de nossos fundadores, reunidos no longínquo mês de agosto de 1896, transformou-se em iniciativas e empreendimentos que, contando com o forte apoio da comunidade, frutificaram e resultaram nas bases sobre as quais está hoje assentada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Esta rica história da nossa Escola de Engenharia, no momento em que celebra o seu centenário de fundação, é o que o leitor encontrará nas páginas deste livro comemorativo à efeméride. A abordagem da obra consiste em uma narrativa que contempla esta história, fazendo uso da farta documentação existente, complementada por entrevistas e depoimentos, permitindo, assim, revelar aspectos da vida da Escola não encontrados em outras fontes. A proposta geral do livro é de que seja uma leitura atraente e consistente com a grandeza da instituição, que tanto tem contribuído para o desenvolvimento de nosso Estado e do País.

Este livro é dedicado a todos os que fizeram e fazem a grandeza desta Escola: fundadores, diretores, professores, técnico-administrativos, alunos, bem como o contingente de nossos egressos, composto de 10.794 engenheiros, 660 mestres e 39 doutores, diplomados até o presente.

A edição desta obra visa, além do registro e comemoração da data, utilizá-la como um catalisador de recursos para implantação de Laboratórios de Computação, para uso no ensino de engenharia, instrumentos estes que modernizarão nosso ensino. Esta meta estará sendo viabilizada pela valiosa ajuda dos patrocinadores e adquirentes do livro.

Desta maneira, homenageamos nosso glorioso passado, tendo o olhar voltado para o futuro de nossa Escola de Engenharia.

César Antonio Leal
Presidente da Comissão de Divulgação

José Carlos Ferraz Hennemann
Diretor da Escola de Engenharia/UFRGS

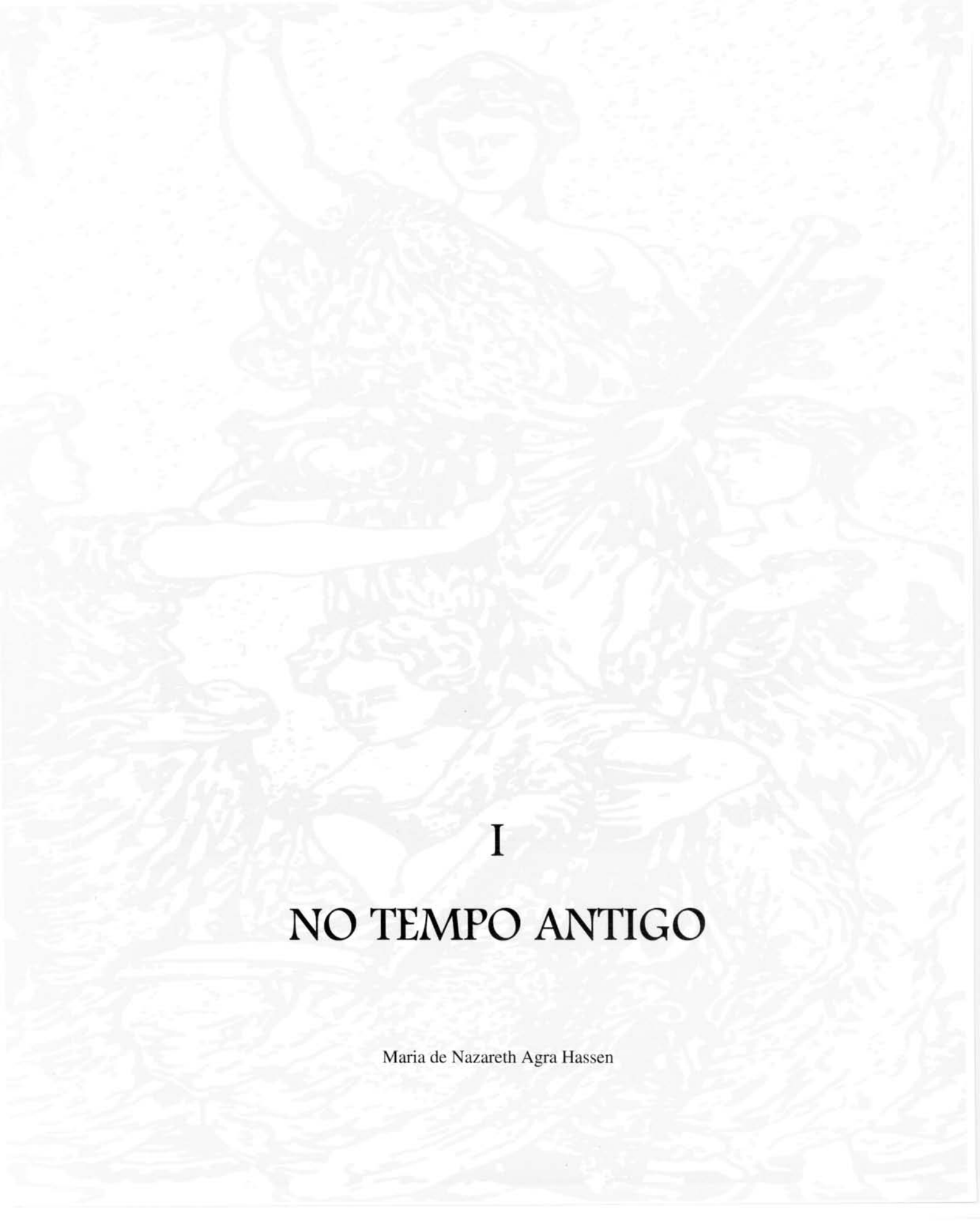


INTRODUÇÃO

A Escola de Engenharia faz cem anos. Aniversários adquirem sentido à medida em que convidam à reflexão. Olhar para trás é importante sempre que este olhar estiver associado à vontade de melhorar. Mas não há no passado apenas lições. Há também o prazer de conhecer os fatos rotineiros e os fatos notáveis dos quais o presente é o resultado.

Este livro não contém um texto de referência histórica. Desde o início sua preocupação foi marcar a passagem desta data, registrando, como em um álbum de recordações, algumas das passagens da rica história da Escola de Engenharia. História que, não se nega, ainda ficará aguardando um exame rigoroso, interpretativo, com as arduidades e prazeres de que a disciplina científica é capaz. Neste momento, longe das interpretações, o leitor sintá-se convidado a um passeio de um século por uma cidade, um estado, uma escola. Cruzando ora com um governador, ora com um grupo de estudantes em um baile, um edifício que está sendo erguido, um laboratório a reproduzir as leis do universo, um monumento e seu significado, um vagão que leva ensino, crianças em véspera de exames e uma estrada, onde termina o passeio.

Um livro destes só podia emergir de uma obra coletiva. Porque ele é também fruto da memória de algumas pessoas que, tendo como prêmio apenas a vontade de cooperar, despenderam horas de seu tempo, remexendo nos seus arquivos adormecidos e respondendo a incontáveis perguntas.



I

NO TEMPO ANTIGO

Maria de Nazareth Agra Hassen





10 DE AGOSTO DE 1896, NASCE UMA ESCOLA

Lembrar a história da Escola de Engenharia é trazer à memória um pouco das raízes de todos nós, as origens da República, as primeiras impressões do moderno na fisionomia da Porto Alegre até o estabelecimento da era da informática no ensino e nas nossas vidas nesse beiral do século XXI.

Há cem anos atrás, Porto Alegre não tinha prefeito, mas intendente. Em vez de governador, havia o presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Quando da fundação da Escola, o primeiro cargo estava sendo exercido interinamente pelo major Querubim da Costa, seguido, já a partir de 1897, por José Montaury de Aguiar Leitão, engenheiro formado pela Politécnica do Rio de Janeiro, que se manteve no cargo por 27 anos. Julio de Castilhos era quem presidia o Estado.

A República chegara não havia muito e, com ela, consideráveis mudanças. Uma destas que a cidade sentia concretamente era a troca dos nomes dos logradouros. Aqueles que homenageavam as figuras da monarquia foram sendo substituídos por nomes que evocassem o momento histórico que se cristalizava. A *Praça Conde D'Eu* é rebatizada como *Praça XV de Novembro*. A *Rua da Imperatriz* passa a ser *Venâncio Aires*, a *Imperial* passa a *Benjamin Constant*. E a *Rua do Imperador* vira *Rua da República*. Na verdade, Porto Alegre já trazia o orgulho de ter sido a primeira capital brasileira a acabar com a escravidão. E o outro orgulho - mais remoto - era o do Estado do Rio Grande do Sul, por ter no perí-

Casa situada na rua Duque de Caxias, 252, na qual celebrou-se a primeira reunião para a fundação da Escola em 10 de agosto de 1896.





odo de 1836 a 45 implantado a sua República Rio-Grandense, no movimento que ficou na história como Revolução Farroupilha.

Mas as maiores mudanças, bem mais significativas do que as trocas de nomes de logradouros, ainda estavam por vir.

A cidade contava com cerca de 70 mil habitantes - ou almas, como se costumava dizer - quando há cem anos cinco engenheiros militares, professores da Escola Militar de Porto Alegre, e um engenheiro civil reuniam-se para organizar um projeto que atravessaria os tempos, uma Escola de Engenharia. Só havia um instituto superior de ensino em Porto Alegre, a Faculdade de Farmácia, que, logo depois, ao fundir-se ao Curso de Partos, daria origem à Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre. (*Universidade do Rio Grande do Sul, s/d*)



Palacete de propriedade de Alvaro Nunes Pereira, na Praça de Caridade, atual Dom Feliciano, onde se fez a segunda reunião.

Em 10 de agosto de 1896, os engenheiros militares João Simplício Alves de Carvalho, João Vespúcio de Abreu e Silva, Juvenal Octaviano Miller, Lino Carneiro da Fontoura e Gregório de Paiva Meira fundaram a Escola. Julio de Castilhos, à época já bastante conhecido no Estado como organizador do novo regime republicano, apoiou o projeto dos jovens engenheiros e foi quem sugeriu o nome do engenheiro ci-

vil Alvaro Nunes Pereira para participar da criação. Reuniram-se ao grupo também o engenheiro militar José Marques Guimarães e o diretor da Escola de Farmácia, Alfredo Leal. Da concepção à efetivação, porém, nem tudo ocorreu espontaneamente: se, em agosto de 1896, na morada de Gregório de Paiva Meira na rua Duque de Caxias, pensava-se em fundar uma Escola de Agrimensura, como base para uma futura Escola de Engenharia, já em setembro, em reuniões na casa de Alvaro Nunes Pereira, no início da avenida In-

dependência (atualmente Praça Dom Feliciano), a decisão apontou para fundar-se desde logo uma Escola de Engenharia. A despeito de todo o desafio que isto representava.

Para efetivar o projeto da criação de uma Escola de Engenharia, que necessitava de recursos, foram organizadas formas de doações para que ela começasse a funcionar já a partir de janeiro de 1897. A Senhora Baronesa de Candiota foi a primeira doadora particular, seguindo-se à dela muitas outras contribuições, inclusive renda de espetáculos do Teatro São Pedro. Durante mais de trinta anos, a Escola manteve-se como instituição privada. No entanto, foi considerada desde seu início como de propriedade pública, de tal modo serviu à comunidade rio-grandense.

A Escola, desde o princípio, teve uma profunda vinculação com a sociedade, e esta sociedade investiu na sua consolidação.



UMA HORA DA TARDE, 1º DE JANEIRO DE 1897 DA ERA CRISTÃ: A INAUGURAÇÃO

“... Todos ergueram-se. O Sr. Intendente declarou inaugurada a Escola de Engenharia de Porto Alegre, congratulando-se com o Rio Grande do Sul e desejando à nova instituição toda a prosperidade. O diretor da Escola ergueu vivas ao Rio Grande do Sul e à República Brasileira, enquanto várias bandas marciais, postadas nas imediações do recinto, executavam o hino nacional...”

Assim, a ata de inauguração selava o destino da Escola. Descrevia os fatos que se iniciaram a partir de uma hora da tarde do dia 1º de janeiro de 1897, nas salas do Atheneu Rio-grandense, cedidas à Escola de Engenharia pelo governo do Estado e onde aconteceriam as primeiras aulas. O diretor da Escola, Dr. Alvaro Nunes Pereira, pronunciava um breve discurso que justificava a fundação de uma tal Escola. A seguir, tomava a palavra o secretário da mesma, o também fundador Dr. Gregório de Paiva Meira, que leu aos

presentes uma carta do Presidente do Estado, Julio de Castilhos, na qual pedia desculpas pela ausência e dava as boas vindas à iniciativa. Seis dos jornais da época fizeram-se representar e gravaram seus nomes na ata. Além deles, o representante da Escola de Farmácia, autoridades e pessoas ilustres adivinhavam a importância daquele momento.

Mas nem tudo era tranqüilo naquelas épocas. O Estado curava as cicatrizes da revolução de 1893, a *revolução da degola*, quando maragatos (federalistas, oposição) e pica-paus (republicanos, situação), as duas vertentes políticas, eliminavam-se com grande crueldade. A mão forte de Julio de Castilhos que vencera a contenda, derrotando os maragatos, era a responsável pela aparência de

Detalhe do edifício da Escola Complementar onde funcionou a Escola de Engenharia desde sua fundação até março de 1898.



N.º 1 30
Acta de sessão.

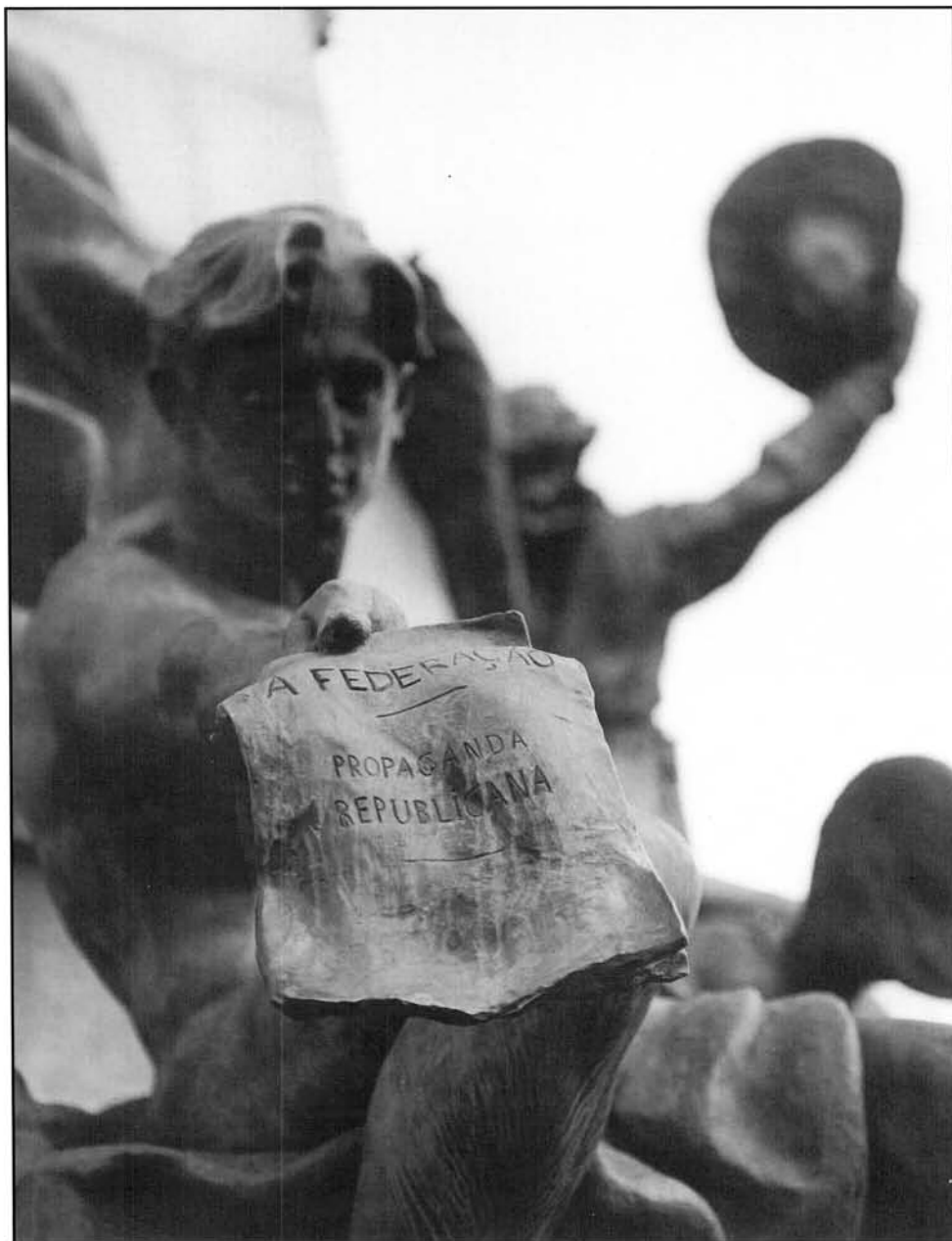
Em dias consecutivos do mez de Agosto de mil oitocentos e noventa e seis, reunidos os abaixo assignados em ^{casa} do sr. Dr. Gregorio de Paiva Meira, á Rua Duque de Caxias n.º 252, nesta cidade de Porto Alegre, resolveram fundar nesta Capital um curso de agrimensura que seja a base necessaria á organisação de uma Escola de Engenharia.

Convenientemente aventado esta ideia deliberou-se convidar para chefear a futura instituição o engenheiro civil Sr. Manoel Nunes Pereira, sendo para esta comissão designadas os srs. Drs. João Vespucio de Abreu e Silva e Gregorio de Paiva Meira, assim como convidar-se os srs. Drs. José Marques Guimarães e Alfredo de Al para fazerem parte do corpo docente da mesma instituição, sendo este para os trabalhos de arithmetica e aquelle para os trabalhos graphicos da referida escola, e encarregando-se destes convites os srs. Drs. João Simplicio Alves de Carnalho e Luis Carneiro de Fontoura, sendo finalmente o Dr. Juvenal Octaviano Miller encarregado de confeccionar para publica



calmaria nesses anos. Ele contava com o respaldo de setores sociais variados (que não os oligárquicos tradicionais) e do jornal do partido, *A Federação*.

Na face direita do monumento a Julio de Castilhos, inaugurado em 1914, a figura de um jovem representa o início de sua vida política como propagandista das idéias republicanas. Por isso, ele estende o jornal republicano, A Federação, do qual foi fundador.



O PRIMEIRO ANO

Serviço de portaria, galeria de ingresso, secretária, diretoria, conselho escolar, salas de aula, gabinete de aula prática (com uma coleção de 340 espécimes geológicos, mineralógicos e paleontológicos classificados, vindos de Paris da casa de Emile Deyrolle), gabinete topográfico (possuidor de um grande teodolito de precisão, um grafômetro metálico, um transferidor de metal etc), biblioteca (215 volumes de livros científicos doados por particulares e acondicionados em duas grandes estantes envidraçadas), recursos financeiros para montagem dos serviços de aulas e gabinetes do segundo ano... enfim, a Escola atendeu já em 1897 a sua clientela.

Menos de cinco meses transcorreram entre a concepção e a abertura das portas aos primeiros alunos da Escola de Engenharia. Neste curto período, os



Uma das primeiras bibliotecas da Escola.



fundadores elaboraram os estatutos, fizeram contatos para conseguir salas de aula, verba, montagem de laboratórios, organização do corpo docente, contratação e treinamento de pessoal de apoio, divulgação matrículas e prepararam a inauguração com festa e apresentação de bandas de música.

O corpo docente, além dos fundadores, contou com o Reverendo Padre Ambrosio Schupp, conhecido naturalista da época, que regeu a aula prática do estudo dos terrenos, minerais e vegetais, e também do Dr. José Marques Guimarães para as aulas de Geometria Preliminar. O primeiro ano teve ainda Aritmética, Álgebra, Desenho Linear, Trigonometria e Geometria Geral.

Os alunos excursionaram pela capital e seus subúrbios com o padre Schupp estudando escavações em andamento e examinando rochas graníticas, argilas de diversas qualidades. Mais para o fim do ano, “grandes” excursões os levaram até Arroio dos Ratos a visitar as minas de carvão, a São Leopoldo, assistir a experiências de eletricidade no Colégio dos Padres, e ao vale do Rio Caí, visitar jazidas de grês. Era já a execução de uma meta: familiarizar os alunos no contato com as suas matérias de conhecimento.

Freqüentaram a Escola, no seu primeiro ano de existência, 52 alunos, dos quais 45 estiveram regularmente matriculados. Entretanto, habilitaram-se à matrícula, no segundo ano, apenas dez. Segundo o relatório do diretor, Alvaro Nunes Pereira, os alunos não estiveram suficientemente convictos de que era preciso estudar muito. O primeiro exame parcial mostrou-lhes que estavam errados. Posteriormente, a Escola analisaria um outro fator que poderia ter concorrido para tantas reprovações: a falta de preparo com que os alunos chegavam à Escola. Esta constatação está na base da construção do grande

Localizada na esquina da rua do Arroio com a Duque de Caxias, a segunda casa foi ocupada pela Escola de março a junho de 1898.



complexo de ensino no qual irá se tornar a Escola de Engenharia nos anos seguintes.

Em salas cedidas ou alugadas, transcorreram os primeiros tempos da Escola. Os alunos dividiam-se entre os cursos de Agrimensura e de Estradas, confirmando a íntima ligação entre as necessidades do Estado e os empreendimentos da Escola.



1ª turma da Escola de Engenharia em excursão à Minas de Arroio dos Ratos, acompanhada pelo Pe. Schupp em 1897.

Fotografia cedida pelo Museu do Carvão de Arroio dos Ratos





A REPÚBLICA VELHA NO RIO GRANDE DO SUL

Duas forças - uma ideológica, o positivismo, e outra político-partidária, o Partido Republicano Rio-grandense (PRR), que se interpenetravam então - são determinantes como antecedentes da Escola de Engenharia. Fruto das idéias do filósofo francês Auguste Comte, o positivismo nasceu na primeira metade do século XIX, refletindo a ascensão da burguesia vitoriosa na Revolução de 1789. No Rio Grande do Sul, a orientação pelo positivismo comteano era facilmente perceptível, situação peculiar se comparada com a de outros locais no País.

Exemplos que se mantêm da força que alcançou o positivismo na cidade são algumas de suas edificações. O terceiro templo positivista do mundo foi aqui erguido em 1903 e mantém-se ainda hoje na avenida João Pessoa como atração cultural. O prédio da biblioteca pública estadual, na rua Riachuelo, começou a ser construído em 1912 e foi inaugurado em 1922. Em estilo neoclássico, ostenta em sua fachada nichos com as figuras do calendário positivista.

Mas o primeiro edifício emblemático da ideologia imperante de então foi o da prefeitura municipal. Em 1898, começou a construção deste edifício em estilo neoclássico, projetado pelo arquiteto italiano Carrara Colfosco, tendo sua execução ficado a cargo do engenheiro municipal Oscar Muniz de Bittencourt. A construção terminou em 1901. A inspiração positivista encontra-se plenamente representada neste prédio, hoje conhecido como Prefeitura velha. As estátuas da fachada exprimem o simbolismo da filosofia positivista, pela influência do Partido Republicano Rio-



Fruto da arquitetura positivista, a simetria das estátuas obrigou a uma variação sui generis na estátua da Liberdade: normalmente, ela tem a tocha na mão direita. Na Prefeitura, aparece à esquerda. Em 1901, os alunos do curso de Arquitetura, sob a direção do professor Frederico Gambará, visitaram o então recém construído Palácio Municipal.





grandense que dominou politicamente os primeiros tempos da República. Por toda esta representatividade, por ser o primeiro prédio público expressamente desta filosofia, a Prefeitura tornou-se o principal palco político da cidade.

Mas os republicanos não haviam chegado ao poder com a tranqüilidade que teriam desejado. Sofreram forte oposição dos liberais, que tinham penetração no Estado, além de tradição e de expressiva representação política. Os republicanos eram jovens, tinham formação superior e, embora pertencentes a uma elite econômica, não era esta elite a tradicional camada política vinculada à pecuária da região da Campanha (*Trindade, 1991*).

Além disso, enquanto os outros partidos republicanos do Brasil contavam com o apoio das oligarquias rurais, e portanto defendiam seus interesses e eram mantidos no poder em função de relações coronelísticas, aqui o PRR tratava de encontrar elementos de sustentação em outros setores da população. E era interessante, por outro lado, ao partido qualificar estes setores, impulsionar seu desenvolvimento. Um traço marcante especialmente na primeira fase do governo do sucessor de Julio de Castilhos, Borges de Medeiros (1898 a 1907) foi a responsabilidade que o governo tomou a si de promover o progresso econômico do Estado (*Pinto, 1986*).

Tanto um como outro fato - isto é, qualificar a população e investir no desenvolvimento econômico - têm relação com a criação de uma escola de engenharia, que conjugaria em si a um só tempo feições dos dois projetos.

Os republicanos no poder garantiram parte dos empreendimentos da Escola, e a Escola sabia que podia contar com eles. Na realidade, não havia distinção entre a política de ensino da Escola de Engenharia e o projeto do Partido Republicano Rio-grandense, propugnador do positivismo no Estado.



*Falecido em 1903,
Julio de Castilhos foi
uma das mais fortes
lideranças do Estado
e de seu partido, o
PRR.*

*Sua adesão ao
positivismo é
representada pelo
lema gravado no seu
túmulo no Cemitério
da Santa Casa.*

UMA ESCOLA NECESSÁRIA, ÚTIL E RECONHECIDA: O ENSINO E OS DIPLOMAS

Um dos pontos criticados da Constituição Estadual de 14 de julho de 1891, redigida por Julio de Castilhos, era o que instituiu irrestrita liberdade de profissão. Tratava-se de um dogma positivista. “Saber para prever a fim de promover” refletia a valorização da experiência como meio de tornar uma pessoa progressivamente competente no seu trabalho. Por força daquele parágrafo quinto do artigo 71, não eram admitidos “no serviço do Estado os privilégios de diplomas escolásticos ou acadêmicos, quaisquer que sejam, sendo livre no seu território o exercício de

todas as profissões, de ordem moral, intelectual e industrial”. Julio de Castilhos, que não tinha meias medidas, assim se manifestou em agosto de 1898, em carta dirigida a Protásio Alves, quando da inauguração da Escola de Medicina e Farmácia em Porto Alegre: “Se o Estado não tem uma religião própria, também não pode ter uma ciência sua ou privilegiada; não sendo religioso, também não pode ser *cientista* (...), não pode deixar de reconhecer a completa liberdade espiritual, abstendo-se de favorecer quaisquer doutrinas, seja qual for a natureza delas” (Fontoura, 1969). Na prática, isto resultava que era possível exercer qualquer profissão, sem a necessidade de diplomas e também na prática teve como consequência uma grande oposição à medida, principalmente na área médica, pois, segundo se dizia, o *charlatanismo* estava sancionado.

Detalhe do alto do túmulo de Julio de Castilhos onde está a data da promulgação da Constituição que redigiu.



ENSINO PRÁTICO E PROFISSIONAL



Diante deste quadro em que o *saber fazer* tinha precedência sobre a titulação, é que a Escola, desde a sua concepção, enfatizou o ensino prático e profissional. Ela seguiu mais o modelo dos institutos norte-americanos do que o da escola politécnica francesa da época. A escola alemã também foi sua inspiração, justamente pela característica do enfoque prático.

Alguns dos fundadores da Escola foram discípulos e amigos de Benjamin Constant. “Adeptos das idéias positivistas por este difundidas em seu magistério na Escola de Guerra do Rio de Janeiro, foram certamente influenciados pela pregação de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, a favor de escolas de ensino técnico, em vez da Universidade pretendida pelo Império, considerada por eles uma instituição ainda de caráter medieval (...) Teixeira Mendes advogava para o Brasil uma revisão educacional mais profunda com vista, em última análise, à incorporação do proletariado à sociedade, o grande problema da política moderna, como ensinava Comte” (Soares, 1986). Estes seriam alguns dos motivos por que, neste início, os fundadores optaram por uma Escola e não uma Universidade. “Em vez da Universidade, Teixeira Mendes pregava um ensino primário que socorresse a grande massa de analfabetos do país e incrementasse o ensino profissional, capaz de integrar utilmente o cidadão à sociedade, através de um ofício” (Soares, 1986). O ensino superior era um aprofundamento dos conhecimentos sólidos que deveriam advir das séries anteriores.

A Reforma dos Estatutos de 1908 reforçou o caráter do ensino prático na Escola. “O longo tempo dedicado nos Institutos de Engenharia e de Eletrotécnica aos trabalhos de campo, de gabinete e de oficina, deve-



Terceira casa, à rua Duque de Caxias, 183, na qual a Escola funcionou de junho de 1898 a novembro de 1899.



rá forçosamente formar engenheiros e não diplomados em Engenharia” (*Relatório de 1909*).

No ano anterior, a Escola protestava contra a intervenção do poder público federal nos currículos do ensino secundário. Ao utilizar uma citação de um diretor de escola industrial americana, o relatório de 1908 traz uma concepção didática progressista: “fazendo do aluno não o auditor passivo, mas o ator da vida escolar, a escola americana incita-o a ensinar-se, a formar-se por si próprio, a deleitar-se em investigações prolongadas e no trabalho sem descanso”.

A Escola pedia liberdade e opunha-se ao atrelamento a programas oficiais, a partir de uma base filosófica, a construção do saber pelo próprio aluno a partir de seu envolvimento com o objeto de conhecimento. E prosseguirá: “a aquisição de conhecimentos exige que cada aluno desenvolva por si a habilidade (...) e o espírito de combinação pelos quais arranca aos aparelhos os seus segredos científicos ou técnicos”.

Estamos em 1908!

Em 1912, reforçava-se o espírito de dar à parte prática o maior desenvolvimento possível, de modo que o aluno, ao terminar o seu curso e entrar para a vida prática, pudesse “superar com galhardia as primeiras dificuldades que em geral aparecem ao iniciar uma profissão qualquer” (*Relatório de 1912*). Neste ano, os alunos do quinto e sexto anos do Curso de Engenharia Civil, acompanhados do professor Luiz

Englert, visitaram São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais em viagem de estudos. Excursões como esta se repetiriam até a década de 60. Além das viagens de pesquisa, construir e equipar os laboratórios sempre foram uma meta a nortear os investimentos da Escola.



Quarta casa ocupada pela Escola de Engenharia. Situada na esquina da Duque de Caxias com a rua Gen. Bento Gonçalves, foi ocupada de novembro de 1899 a fevereiro de 1900.

PROGRAMAS LIVRES



Teria sido simples aos fundadores criar uma escola nos moldes das “escolas livres”, como se chamavam aquelas escolas facultadas por um decreto de 1891. De “liberdade”, porém, ela não teria nada, porque pela lei, para ser “livre”, deveria manter-se atrelada aos programas dos institutos oficiais de inspiração na “*école polytechnique*” francesa (fundada em 1794). Negando-se a isto, a idéia dos fundadores e seus sucessores foi de criar e desenvolver uma escola técnico-profissional, afastando-se totalmente do modelo oficial da Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

A meta, pois, nunca foi a equiparação aos institutos oficiais. A meta foi o reconhecimento dos diplomas emitidos pela Escola de Engenharia. Um dos argumentos utilizados pela Escola na sua exposição de motivos repousava no fato de serem reconhecidos no país diplomas e cartas conferidos por escolas estrangeiras, que evidentemente não se regiam pelos nossos programas oficiais. Assim, um decreto de 1900 reconheceu os diplomas conferidos pela Escola como sendo de caráter oficial, em todo o território da União e para todos os efeitos legais. Mas eles não conteriam o visto dos fiscais, uma vez que não estiveram sujeitos à inspeção oficial, da qual foram regulamentarmente excetuados anos depois pela lei 924 de 1915.

Em função da constituição positivista, não era preciso mais do que isto. Imprescindível era o saber, e sobretudo o saber aplicável às coisas práticas e ao desenvolvimento.

Casa situada na Marechal Floriano, 190, que foi ocupada pela Escola de Engenharia de fevereiro de 1900 a janeiro de 1901.



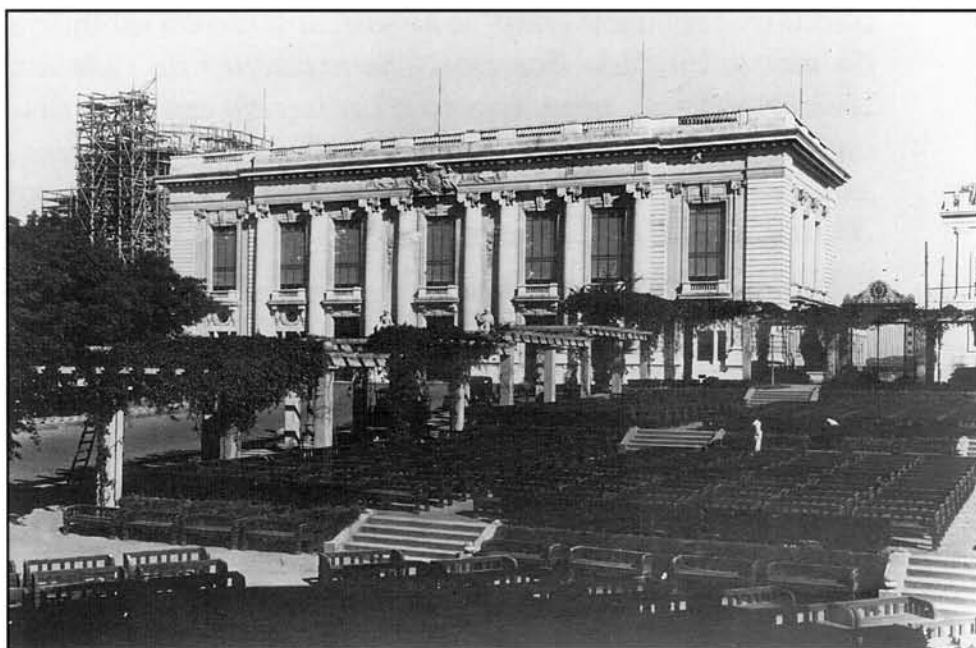


TUDO ESTAVA POR SER FEITO NAS ORIGENS DA REPÚBLICA

Porto Alegre era uma cidade com muitos problemas de infra-estrutura. Seu aspecto, mesmo para os padrões da época, não se coadunava com sua pretensão de cidade. Com muita frequência era descrita como um lugar sujo, em que o esgoto corria a céu aberto. A preocupação com esgoto datava já dos tempos da monarquia, quando o governo de então criara um serviço de transporte de água e matérias fecais que eram recolhidos por uma categoria profissional que ficou conhecida como *cubeiro*, porque os dejetos eram semanalmente recolhidos em recipientes conhecidos por *culos*, de casa em casa. Naqueles tempos, a criança que desse mostras de inclinar-se à indolência era ameaçada pelos mais velhos: *desse modo, quando crescer, vai ser cubeiro!* (Chassot, 1995) Os mais levados, no entanto, preparavam travessuras aos cubeiros, colocando cordas esticadas, disfarçadas pelo cair da noite. Quando tais profissionais do esgoto manual passavam, tropeçavam e caíam, provocando a dispersão do repelente carregamento. Mas o problema da existência dos cubeiros não eram apenas os "tombos": a contaminação das águas crescia, e este serviço só agravava a situação.

Também no transporte, a cidade exigia melhoramentos. As formas de transporte coletivo se mostravam cada vez mais necessárias: a cidade crescera incrivelmente! Em 1891, tinha sido criada a Carris Urbano Porto-Alegrense, para se somar à Carris de Ferro Porto-Alegrense que atendia a cidade desde 1872. Mais tarde, para vencer o desafio do bonde elétrico, elas se juntarão para formar a Companhia Força e Luz Porto-Alegrense. Antes do novo século, dois empresários da cidade solicitavam concessão para instalarem bondes por tração elétrica, que deveriam varrer da lembrança

a figura esquisita das maxambombas e revolucionar a sonoridade da cidade. Maxambombas eram bondes provavelmente a vapor que circularam sobre trilhos de madeira. Como o sistema não tivesse sido aprovado, elas foram substituídas pelos bondes puxados a burro que reinaram nos períodos seguintes. Em 1908, Porto Alegre conheceu a sua nova música, com hora marcada, o bonde elétrico, que atingiria a década de 70 para depois virar apenas saudade dos que o utilizaram. (Nunes, 1992)



Onde hoje está a Assembleia Legislativa, e onde na foto vemos o auditório Araújo Viana, ficava a Hidráulica. Ao fundo, o Palácio Piratini e obras da Catedral.

Por ocasião da criação da Escola de Engenharia, a intendência encampou os serviços de coleta de lixo e asseio público, que eram oferecidos por particulares, tornando-os gratuitos para os pobres, na tentativa de melhorar as condições de limpeza da cidade.

A Hidráulica Porto-Alegrense, autorizada em 1862, estava instalada onde hoje está a Assembleia Legislativa. Seu reservatório era alimentado pela barragem da Lomba do Sabão que funcionou até 1926.



Ainda no período imperial fora instalada uma segunda estação de tratamento de água, a hidráulica Guaibense no *longínquo* bairro Moinhos de Vento (Weimer, 1993).

Quanto ao Estado do Rio Grande do Sul, tudo estava por ser feito: fomentar a indústria, a agricultura, a pecuária e a extração de riquezas, construir estradas e pontes que interligassem os pequenos produtores, melhorar o saneamento, a comunicação, enfim, dotar o interior de recursos para o seu desenvolvimento.

Um dos primeiros cursos que iniciaram a Escola de Engenharia foi o de Hidráulica que incluía disciplinas que relacionavam-se ao saneamento e à melhoria da navegabilidade dos rios. *Saneamento de cidades: distribuição de água, esgoto e drenagem* era uma disciplina teórica e havia uma outra prática, *Aprendizagem*, onde se estudavam *projetos de melhoramentos de rios, portos e de saneamento de cidades*, conforme o primeiro estatuto da Escola, de 1896 (Weimer, 1993).

Os demais cursos iniciais, da mesma forma, atendiam todos às necessidades da época: Estradas, Agrimensura, Arquitetura e Agronomia. Cada um deles expressava uma frente de ação que atacaria um a um os entraves ao progresso e que poderia produzir a autonomia da mão-de-obra do Estado, que até então importava profissionais especializados ou exportava seus filhos mais abastados para buscar conhecimentos e qualificação no além fronteiras.

UMA CRISE NA ESCOLA

Marcante na história da Escola de Engenharia foi a luta incessante contra as adversidades - principalmente as econômicas - e rumo ao aperfeiçoamento de seu ensino e também de sua estruturação. Os pro-

blemas, porém, não se resumem a finanças e a organização. Relações humanas primam por fazerem emergir conflitos. A forma como se dão e se resolvem conflitos, por sua vez, é elucidativa de cada época.

Primeiro professor de Arquitetura, Alvaro Nunes Pereira, um dos diretores mais importantes da Escola, porque seu iniciador, teve, dentre todos, a mais curta carreira à testa deste cargo. Convidado para dirigir a Escola já na primeira reunião dos fundadores engenheiros militares, só hipóteses explicam a crise que determinou sua demissão. No período monárquico, o engenheiro civil Alvaro Nunes chegou a ser diretor da Repartição de Obras. Há outros indícios de que, apesar de amigo pessoal de Julio de Castilhos, fosse liberal, portanto alinhado com a oposição. Associando-se a isto as questões administrativas, a crise estaria instaurada e desembocaria na sua demissão em junho de 1898. Os fundadores desentendiam-se.

Quando os professores Juvenal Otaviano Miller* e Conrado Miller de Campos apresentaram suas demissões, aceleraram os acontecimentos. Não era um tempo de meias palavras este em que a seguinte carta foi dirigida ao diretor:


Sr. Doutor Alvaro Nunes Pereira, diretor da Escola de Engenharia:

Incompatibilizando com a vossa pessoa, desde quase o início desta Escola, não trepidei, violentando o meu caráter, prestar os meus serviços, atendendo às condições precárias da instituição; hoje, porém, que já pode até remunerar ao corpo docente e administrativo, cumpre-se pedir a minha exoneração.

Porto Alegre, 16 de fevereiro de 1897.

Juvenal Otaviano Miller

O mesmo professor endereçou uma carta aberta aos alunos trazendo sua versão dos fatos:



** O fundador Juvenal Otaviano Miller em 1901 foi eleito deputado estadual e, dois anos depois, deputado federal. Em 1908, foi nomeado vice-presidente do Estado, ainda que por um curto período de tempo, pois veio a falecer em 1909, aos 43 anos de idade. Incursionou também pela literatura, tendo escrito o romance Professos, considerado o primeiro romance de cunho positivista do Brasil. É o patrono da cadeira nº 22 da Academia Rio-grandense de Letras (Veiga, 1987).*



Aos Meus Discípulos:

Aquele que tem por missão transmitir à mocidade o capital intelectual, tem também como dever torná-la cada vez mais apta a compreender 'que os grandes pensamentos vêm do coração'.

Sem um puro afeto, pode-se preparar cientistas, nunca, porém, educar cidadãos.

Foi por isso que procurei sempre captar a vossa estima. E, se o consegui, podem testemunhar as provas de apreço por mim recebidas, e que, hoje, me obrigam a dirigir-vos ainda, não a palavra do professor, e sim a do amigo reconhecido.

Como certamente já não ignorais, pedi minha exoneração do cargo que ocupava nessa 'Escola.

Fazendo-o procedi meditadamente.

Confiada a direção da 'Escola ao Dr. Alvaro Nunes Pereira, que talvez seja um hábil profissional, porém que a falta de ardor social une completa incompetência para o cargo que exerce: há muito que só me prendiam à 'Escola de Engenharia as suas condições, exigindo verdadeiro sacrifício da parte dos que apelaram para o público, visando dotar o Rio Grande com uma instituição útil.

Em contínua luta, só esperava modificação do estado material da 'Escola, ou, que a libertassem do único empecilho à sua grandeza, aqueles que, em íntimas palestras, estavam de acordo comigo, a fim de tomar uma deliberação. Chegou o momento.

Foi resolvido remunerar os professores e pessoal da administração. É mais um grande desastre da administração do Dr. Alvaro, pois, sem grande perigo, não pode a 'Escola deixar de empregar as suas poucas rendas no aumento do patrimônio.

É um erro, mas é também uma resolução que me desobriga do compromisso que a mim mesmo havia imposto.

No dia em que solicitei a minha exoneração, ocorreu no recinto da 'Escola, um incidente, do qual também vos devo esclarecer.

Teve origem na observação que fiz ao secretário Sr. Gregório de Paiva Meira, com relação à exclusão do professor Conrado Miller de Campos de todas as comissões de exa-

me, quando até o diretor era ocupado em tais misteres, além de professores que, em um só dia, se aclamam em duas bancas de exames!

Retrucando às merecidas palavras que lhe dirigi, o Sr. secretário lançou-me um epíteto que só poderia ter uma resposta: a que costumam dar os cavalheiros quando, cegos pela cólera, transformam-se em arrieiros. Longe de dar no recinto da Escola um exemplo tristíssimo, limitei-me a responder de forma compatível com a honra de um soldado que sempre cumpriu com o seu dever nos arriscados postos que lhe foram confiados, e mais das vezes a si solicitados.

Estas palavras que muitos taxarão de inconvenientes, partindo de um ex-professor a seus discípulos, as dirijo como preito as vossas bondosas manifestações.

Saudade e fraternidade.

Porto Alegre, 17 de fevereiro de 1898.

Juvenal Octaviano Miller

A solidariedade ao demissionário não tardou:

Ilustre cidadão Dr. Diretor da Escola de Engenharia deste Estado:

Em face das lamentáveis ocorrências de hoje no recinto desta Escola e, certo de que, com fundamento, todos os fatos que já se deram e que se repetirão, têm por única causa o desastrado modo por que tem sido tratados os respeitáveis interesses dessa digna instituição e do que tudo, aliás, sois menos culpado, e ainda por uma justa e indispensável solidariedade para com o iniciador e, portanto, verdadeiro fundador dessa Escola, o tenente Juvenal Octaviano Miller, engenheiro militar; venho exonerar-me das funções que tinha em seu corpo docente, e dos quais, moralmente, de há muito já me havia desobrigado; o que tudo vos comunico.

Saudade e fraternidade.

Porto Alegre, 16 de fevereiro de 1898.

Conrado Miller de Campos

Não bastassem as demissões, o episódio serviu para detonar uma polêmica a respeito do fundador da



Escola. João Simplício assim se declara: “Proponho que fique consignado em ata não ser exata a acusação do Dr. Conrado Miller de Campos, declarando ser o Dr. Juvenal Octaviano Miller o iniciador e o verdadeiro fundador da Escola de Engenharia desta Capital” (*Sessões do Conselho Escolar, 1898*). A disputa pelo reconhecimento do verdadeiro fundador por si só já era um indicativo da importância de que se revestia a Escola desde seus primeiros passos.

Alguns dias depois, pede exoneração, em ofício manuscrito, o professor e também fundador João Vespúcio de Abreu e Silva, sob a argumentação de encontrar-se “impossibilitado moralmente, em consequência dos sucessos de ontem, de continuar no exercício do magistério nessa Escola . . .” (*Relatório de 1898*)

A pressão resultante destes fatos desembocou, por fim, no pedido de demissão do diretor, que ocorreu no início de junho. Acalmaram-se os ânimos.

Só em 1923, Alvaro Nunes Pereira volta a ser mencionado nos relatórios. A Escola de Engenharia lamentava o desaparecimento de seu “primeiro e ilustre diretor e um dos seus fundadores, o ilustre rio-grandense que deixara, aos que o conheceram e com ele colaboraram, o exemplo de seu grande amor à Instituição que com carinho também fundara e que saberá honrar a benemérita memória do grande rio-grandense” (*Relatório de 1923*).

DEDICAÇÃO: A ESCOLA CRESCE COM PAROBÉ, SEU SEGUNDO DIRETOR

De 1º de julho de 1898, data em que assumiu, até o dia de seu falecimento em 1915, a Escola foi dirigida por João José Pereira Parobé. Na sua sala de

*Quadro
de
Parobé,
pintado
em
Paris
em
1913.*





despacho, denominada *gabinete Julio de Castilhos*, fez colocar os retratos do próprio Julio de Castilhos, dos beneméritos da Escola, Borges de Medeiros e José Montaury, e do seu próprio (*Relatório de 1907*). O sucessor de Alvaro Pereira teria mais sorte, além de grande capacidade de contornar os problemas, naturais em um empreendimento que não cessava de crescer e tornar-se complexo. Em 1901, por sugestão de Parobé, o professor Juvenal Octaviano Miller foi convidado e voltou a lecionar na Escola.

Na gestão de Parobé, a Escola obterá notável crescimento com a expansão dos institutos, dos cursos, edificação de novos prédios e, por conseqüência, aumento do número de beneficiados com a possibilidade de seguir carreira em alguma das várias profissões a que a Escola habilitava. Concomitantemente à direção da Escola, Parobé foi Secretário das Obras Públicas do governo de Borges de Medeiros.

O falecimento de Parobé em 9 de dezembro de 1915 abalou sentimentalmente a Escola. A ata da 124ª Sessão do Conselho Escolar lamenta seu desaparecimento, ao mesmo tempo em que destaca sua atuação no decorrer dos dezessete anos de gestão:

“Esta instituição, que naquela época nem edifício próprio possuía onde pudesse funcionar, tomou sob sua direção o desenvolvimento assombroso que todos hoje admiram...”

*Sexta e última sede provisória.
Nesta casa da rua Riachuelo,
226, funcionou a Escola de
Engenharia de janeiro a
dezembro de 1901.*



A SEDE PRÓPRIA

Um total de quinhentos aparelhos telefônicos eram mantidos pela União Telefônica em Porto Alegre. O divertimento dos porto-alegrenses eram o *kosmorama* e a *lanterna mágica*. As touradas que aconteciam nos Campos da Redenção tinham-se terminado em 1898 quando o toureiro Tinoco desculpara-se com a população pela falta de touros, de músicos e de ferros (Macedo, 1993). O ponto de reunião da sociedade aos domingos era o rink de patinação ou as bandas de música que se apresentavam na Praça da Harmonia



*Prédio antigo -
a sede própria
da Escola -
ainda com seus
dois andares
originais.*

(atual Brigadeiro Sampaio). Os *velocípedes de duas rodas* eram mania. Por essa época, foi inaugurado um velódromo (pista para corridas de bicicletas) na esquina da Sarmiento Leite com Osvaldo Aranha, que foi uma



Devolução de um imposto. A taxa para conservação de calçadas, que não fora utilizada, foi devolvida aos contribuintes, que, em grande parte, atendendo a pedidos de Parobé, fizeram doação à Escola para construção de sua sede própria.



grande atração na cidade. O intendente José Montauray e o presidente Borges de Medeiros estiveram presentes à inauguração. Nesse dia, o senhor Schartz apresentou à cidade o primeiro automóvel que por ela transitou (Macedo, 1993).

Cinema era uma possibilidade rara e seletiva. Conforme noticiou o *Correio do Povo* de 7 de novembro de 1896, o *cynematographo* ou *photographia animada* teve sua primeira exibição no dia 4 de novembro na rua da Praia, 349. Os bondes eram à tração animal e havia poucas casas dotadas de eletricidade. As demais tinham que se contentar com a iluminação a gás ou a querosene.

Segundo o diretor da Escola de Engenharia, João José Pereira Parobé, a Intendência da capital, em 1895, cobrara dos proprietários da cidade uma taxa, em forma de imposto, para conservação de calçadas. Não tendo sido efetuada a obra de conservação, o imposto foi devolvido aos contribuintes. Conhecendo este fato e convicto de que a comunidade como um todo deveria se engajar ao projeto da Escola, Parobé teve uma idéia. Estes proprietários então receberam uma carta do diretor da Escola de Engenharia:

“Ilmo Sr:

... Para conseguir isto que vai além dos recursos de que dispõe a Escola, apelo para o vosso amor ao Rio Grande do Sul e à instrução (...) e peço-vos um auxílio para a construção do Edifício da Escola de Engenharia...”

De alguns destes proprietários, que viveram a época em que impostos eram devolvidos, vieram doações para a construção “de um edifício modesto, porém bastante vasto para o funcionamento” (*Relatório de 1989*). O *Club Carnavalesco Cara-Dura* promoveu um espetáculo, cuja renda reverteu para a Escola. O terreno, face noroeste do Campo da Redenção, que era logradouro público, foi cedido pelo Estado. Intendên-

cias do interior e a da capital também colaboraram com doações. A intendência de Porto Alegre, atendendo ao pedido de Parobé, cedeu verba votada no orçamento municipal de 1898 para construção de um edifício para o Liceu de Artes e Ofícios, condicionada a que o prédio da Escola abrigasse também este liceu (o qual posteriormente foi incorporado ao Instituto Técnico Profissional, o Parobé). Deste esforço conjunto, do amor à instrução e ao Rio Grande do Sul, foi que se criaram as condições para a construção do prédio da Escola de Engenharia.



1899

Contracto

Aos nove dias do mes de Fevereiro do anno mil oitocentos e noventa e nove, na Secretaria da Escola de Engenharia, nesta cidade de Porto Alegre, presente o Director Doutor João José Pereira Parobé, compareceu o senhor Francisco Andrighetto a quem foi dito haver sido aceita a sua proposta para a construção da alvenaria de tijello do edificio da mesma Escola e accorderam em lavrar-se contracto para a execução da referida obra, sob as seguintes condições, a saber:

1.^a
Obriga-se o contractador a fazer toda a obra de alvenaria de tijello, de de os alieceres até a platia, do edificio da Escola, pelo preço de onze mil reis (11.000) por metro cubico de alvenaria (descontando 5%).

2.^a
Obriga-se a Escola a fornecer as materias seguintes: cal, areia e tijellos, cabendo ao contractador fornecer o mais que for necessario para a execução dos trabalhos.

3.^a
Os pagamentos serão feitos quinquenalmente pelo trabalho que tiver sido executado, de accordo com uma medição feita da importancia de cada pagamento serão descontadas cinco por cento (5%) para garantir a execução do contracto e serem em que vencer o contractador.

4.^a
O contractador obriga-se a dar a obra prompto no prazo de seis meses, a contar da data da assignatura do presente contracto, e por cada vinte dias ou fracção d'este periodo que exceder p'essa' com mil reis (1.000). A Escola obriga-se a for

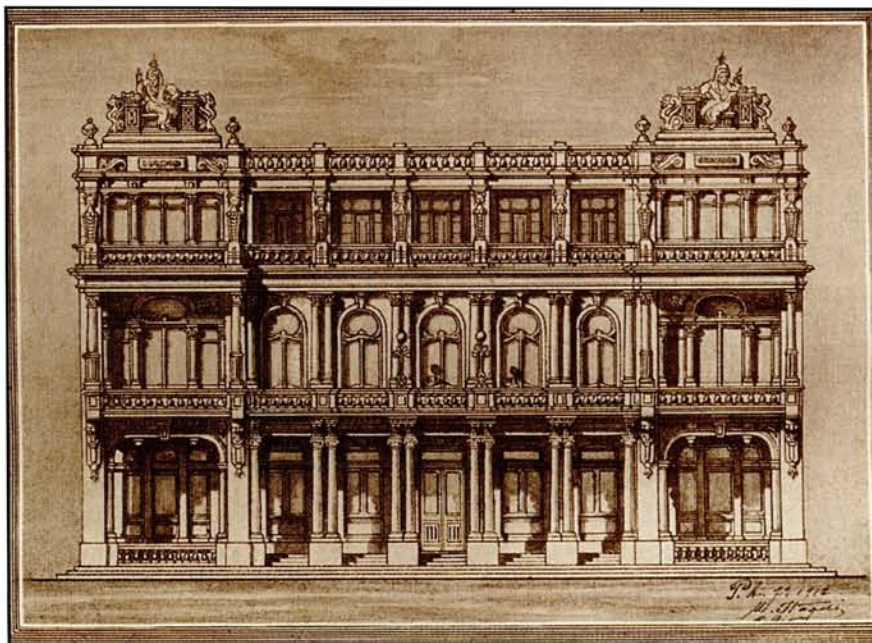
O contrato assinado em janeiro de 1899 entre o diretor da Escola, Parobé, e o construtor, sr. Andrighetto, previa a construção do edificio em seis meses.



* Neste artigo, o professor Manoel Luiz Leão comenta a questão da grafia da data do prédio da Escola. Lembra então que seus colegas, estudantes de engenharia da década de 40, chegaram a duvidar dos conhecimentos dos fundadores da Escola, que teriam utilizado uma forma equivocada de apresentar os numerais romanos. Ao contrário disso, a partir do depoimento de um dos professores de então e de pesquisa que efetuou posteriormente, professor Leão explica o acerto e respeito à forma clássica dos números romanos, segundo a qual o que os determina é a regra de adição, e não a de subtração, uma provável invenção moderna, visando à economia de caracteres. Ver também Boletim Informativo/Escola de Engenharia, nº 5, dez. 1995.

Projeto de reforma do edifício central elaborado pelo engenheiro Manoel Itaquí.

“Onde só havia charcos e coaxar de sapos, levantam-se hoje os magníficos edifícios da Escola de Engenharia”, comenta no passado Achylles Porto Alegre, o primeiro cronista da cidade (*Porto Alegre, 1994*). Em estilo neoclássico, o prédio da Escola foi inaugurado no último ano do século XIX, voltado para a Praça Argentina. Suas instalações sediaram um grande evento, a Exposição Estadual Comemorativa da Passagem do Século. O prédio foi projetado por Parobé, e a construção coube a Francisco Andrighetto. Seu estilo é de um *palacetto*, à moda florentina (*Weimer, 1993*). O prédio tem suas linhas com massas e volumes simples e claramente definidos. Fachadas planas, sóbrias e bem proporcionadas, simetria, janelas enquadradas por molduras e coroadas com arcos plenos. Indício da concepção neoclássica era a existência de jardins reticulares, circundando a edificação, presentes nos primeiros tempos. No frontispício, o ano da inauguração respeita a forma clássica dos algarismos romanos, MDCCCL, distinta da forma moderna que conhecemos e utilizamos, pela qual 1900 seria grafado MCM (*Leão, 1993*).*



O prédio original, assim como o prédio do Instituto de Eletrotécnica, tinha apenas dois andares. Um terceiro a ambos foi acrescentado na década de 50. Mas este piso adicional já era sonhado em 1912, quando Manoel Itaquí apresentava um projeto de reforma do edifício central.



A Praça Argentina, que fica em frente ao prédio, ao contrário da Escola que ganhou um andar, foi diminuída na década de 40 para permitir o alargamento da avenida João Pessoa. As muralhas de contenção, que vemos quando a fitamos do prédio da Escola, bem como os banheiros, foram construídos na administração dos prefeitos Otavio Rocha e Alberto Bins, a partir de 1927. Dos *frades de pedra*, postes de pequena estatura para amarrar cavalos, comumente encontrados no passado

Também em 1927, foi montada a Sala do Conselho Universitário, em anfiteatro, ocupando uma área de 10 por 6 m, com mobiliário especialmente executado. A sala, com sua sobriedade e com os retratos que tomam suas paredes, é uma das mais belas da Universidade.



em frente às residências, alguns ainda restam ali mantidos, uma medida rara, na nossa cidade, de conservação do patrimônio histórico.

ESCOLA DE ENGENHARIA: INICIATIVA PRIVADA, BEM PÚBLICO

O ensino era entendido pelos pioneiros da Escola como de responsabilidade comunitária, que incluía as iniciativas particulares. A vontade de manter em funcionamento o projeto da Escola era tamanha que muitos professores e portadores de cargos de direção em diferentes ocasiões deixaram de receber proventos por seu trabalho. Da relação destes colaboradores com a Escola, dizia-se que:

“amanhã, quando por qualquer motivo deixarem-na, levarão consigo apenas a satisfação íntima de terem dotado a pátria com um instituto superior de tal magnitude” (*Relatório de 1897*).

A grande coragem dos fundadores prendia-se sobretudo ao vulto do empreendimento econômico em que se constituía uma escola que expandia-se mais e mais. Com nenhuma renda fixa, além das auto-geradas, era possível contar. A Escola só podia resultar dos esforços e do desprendimento dos seus primeiros realizadores. “Não obstante, a Escola não descursa um só instante de enriquecer seus gabinetes, laboratórios, ateliês e museus, não recuando ante o propósito de sempre aperfeiçoá-los” (*Relatório de 1907*).

Nesta época, também fica clara a concepção que a Escola tem de si em relação ao seu patrimônio: “Formado com o auxílio do público, com as rendas da Escola, aplicadas ao seu desenvolvimento, com os auxílios do Estado e dos municípios, esse patrimônio, de que

a Escola se julga mera usufrutuária, é considerado como pertencente ao Estado, à exceção do edifício central, que será do município de Porto Alegre” (*Relatório de 1907*). A Escola entende-se, pois, como simples detentora de um bem público que lhe cumpre zelar e melhorar.

“A Escola de Engenharia não é uma sociedade anônima, não distribui dividendos. Seus bens constituem um patrimônio da comunhão rio-grandense, o qual tem sido zelado e desenvolvido com excepcional carinho” (*Relatório de 1907*).

DÊ-SE O AUXÍLIO SOLICITADO

Para dar impulso a seu projeto de governo à testa do Estado, os positivistas tiveram de enfrentar o problema da falta de mão-de-obra qualificada. A Escola de Engenharia poderia ajudar neste ponto. Ainda que sendo uma iniciativa particular destes engenheiros-fundadores, pelos procedimentos e filosofia que adotou, a Escola sempre serviu à comunidade e foi assim que se inseriu na vida do Estado, numa relação de duas mãos. Ora solicitava-lhe terreno para edificação de seus prédios, ora dedicava-lhe preciosos serviços, como o de meteorologia, como o de pesquisas sobre os solos, o clima e a cultura que melhor se adequava a cada região do interior do estado, os melhoramentos das condições de navegação fluvial, através de estudos de navegabilidade dos rios, para citar apenas alguns exemplos.

Não raras vezes esta mensagem “dê-se o auxílio solicitado” foi expedida em resposta a apelos da Escola sobretudo nos períodos em que Julio de Castilhos e depois Borges de Medeiros presidiram o Estado. Mas não



só o Estado, os municípios também se mobilizavam para ajudar a Escola - e não sem razão de ser, pois ela fornecia educação básica, internatos inteiramente gratuitos e destinados a qualificar a mão-de-obra operária, se falarmos só em educação. Mas, além do ensino, ainda vários serviços eram prestados às cidades: em 1918, atendendo a uma solicitação da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, a Escola fez seguir para Garibaldi o enólogo viticultor Celeste Gobbato, professor do Instituto Borges de Medeiros (antes chamado Instituto de Agronomia e Veterinária), para investigar e combater uma praga que atacava as parreiras do município. Mas este é só um exemplo. Neste mesmo ano, o professor Gobbato ainda fez parte de uma comissão julgadora em exposição de eqüinos, examinou a qualidade de sementes de trigo que o Estado remeteria para o Rio de Janeiro e escreveu um detalhado parecer sobre as máquinas e aparelhos agrários de maior aplicação que o Estado dispunha-se a adquirir.

Em 1917, a Escola foi autorizada a emitir debêntures, no valor de 500 mil réis cada, para captar 3.340:000\$000 (três mil, trezentos e quarenta contos de réis), pagando 8% de juros ao ano.

Mas o auxílio da União também acabou vindo, especialmente pela atuação firme do deputado João Simplicio na esfera federal. O ano de 1921 seria exem-



plar neste sentido. Assim um parecer referia-se ao projeto de João Simplício de garantir à Escola a manutenção por cinco anos, a partir de 1922, de subvenções e auxílios que vinham sendo dados a alguns dos institutos, e que foi chamado de “prêmio”:

“Sem dúvida, o *prêmio* não é comum, constitui uma verdadeira distinção. Mas a escola merece-o plenamente.” “É fora de dúvida que um tal prêmio (...) não é comum, quer dizer, está fora das praxes orçamentárias, mas estamos certos de que ninguém recusará tal distinção a qualquer instituto privado que, em sua organização complexa e superiormente orientada, possa oferecer tão belo e integrado conjunto para o ensino técnico-profissional no Brasil.” . Neste ano, pela primeira vez, uma figura da esfera do governo federal é homenageada pela Escola: o Presidente da República, Epitácio Pessoa, que sancionou o decreto que concedia à Escola este *prêmio* “pelos assinalados serviços prestados à educação técnica e profissional no país”.

GABINETE TÉCNICO COMERCIAL

Em 1901, a Escola criou o seu Escritório de Engenharia que tinha várias finalidades: desenvolver o aprendizado técnico de seus alunos, criar uma forma de renda e congregar no seu interior engenheiros e profissionais do Estado. O escritório aceitaria qualquer trabalho técnico, a exemplo de levantamento de plantas, organização de projetos de obras, diversas, fiscalização e execução das mesmas. Para a direção de cada trabalho, seria designado um chefe de serviço. O pessoal necessário era requisita-



O projeto do cais teve como chefe de serviço o engº Cândido José de Godoy, ajudante, o engº Antonio Pradel e, como desenhista, o professor do Gymnasio, Attilio Trebbi.





do entre o corpo docente, de acordo com a exigência do serviço contratado.

O primeiro contrato do escritório foi com a intendência da então vila São João de Montenegro, que solicitava um projeto de cais para o porto, na parte compreendida pelas duas sangas que limitavam o mesmo.

A experiência do Escritório de Engenharia não durou muito. Mais tarde, porém, uma estrutura semelhante volta a integrar o corpo da Escola. Visando à criação de uma fonte de recursos, mas também visando oferecer aos alunos um campo de aprendizagem técnica e profissional, foi criado o Gabinete Técnico Comercial. Contando com João Ferlini para sua chefia, em 1913, cabia ao Gabinete fundamentalmente a confecção de projetos de construções e instalações de que necessitasse a Escola. Além do atendimento interno, porém, o gabinete poderia ter um caráter técnico comercial, aceitando serviços para o Estado ou particulares.

Os relatórios impressionam pela minúcia e elaboração gráfica.



OS RELATÓRIOS E A DISCIPLINA ESCOLAR



Anualmente, cada grande divisão da Escola, através de seus engenheiros-chefes, dirigia ao diretor um relatório detalhado das atividades e resultados do ano que findava. Reunidos, tais relatos conformariam um exemplar rodado em tipografia e apresentados pelo Diretor ao Conselho Escolar. Grande parte destes volumes, conhecidos como Relatórios do Diretor, foram compostos nas oficinas gráficas do Instituto de Eletrotécnica da própria Escola.

Muitas coisas neles chamam a atenção. A minúcia, sobretudo. A detalhada prestação de contas, sob o item *situação financeira*. A nominata dos alunos por ano letivo, com suas presenças, ausências e notas. As disciplinas que compunham cada período. O número de aulas ministradas no ano. A Escola possuía uma biblioteca central e, além desta, cada instituto possuía uma biblioteca especial. Os relatórios apresentam mapas de movimento das bibliotecas, com número de consultas por assunto e sua totalização.

Um item obrigatório nos primeiros tempos é o da *disciplina escolar*. Através dele, pode-se perceber uma das marcas do tempo sobre o ensino: a que foi gradualmente substituindo o rigor disciplinar por uma liberalização crescente das formas de comportamento. A disciplina, às vezes sob o título de *polícia escolar*, era observada com rigor. As penas correccionais impostas aos alunos iam de uma simples repreensão particular até a pena de exclusão perpétua, passando por uma repreensão em *ordem do dia escolar* e pela exclusão temporária. As *ordens do dia* da Escola eram as ordens e resoluções do Conselho Escolar, escrituradas em livro especial, a partir do qual eram feitas cópias para serem afixadas na Escola. Era obrigação dos alunos tomar conhecimento diário das mesmas.



Seguindo a orientação positivista destes primeiros tempos, o Regimento Interno estabeleceria que nenhum dia de celebração religiosa seria considerado feriado na Escola. Esta norma não seria aceita com tranquilidade. O Rio Grande do Sul ansiava pelo progresso que o aguardava nas primeiras décadas do novo século, mas seu povo era religioso e não seria fácil compatibilizar determinadas concepções de progresso com este caráter da cultura.

“Acostumados talvez por práticas colegiais a considerar dias feriados os santificados pela Igreja Católica, alguns alunos resolveram fazer greve nas aulas que funcionassem durante os 3 dias de festejos populares do Espírito Santo, resultando conflitos entre grevistas e não grevistas, até mesmo no recinto da própria Escola” (*Relatório de 1898*). As festividades do Espírito Santo mobilizavam toda a sociedade no fim do século passado. Mesmo nas suas primeiras décadas, tratava-se de um dos principais eventos religiosos da cidade, que recebia moradores do interior do Estado, atraídos pelo espetáculo dos fogos e pela dimensão da festa.

A seguir, o relatório dá conta do fato de o diretor Alvaro Nunes Pereira ter suspenso, até decisão do Conselho Escolar, dois alunos apontados como autores dos conflitos. O Conselho, por sua vez, examinando os *atos de grave indisciplina* cometidos pelos alunos, acabou por determinar a suspensão por um ano de um. E a suspensão perpétua do outro.

Em 1914, um novo incidente disciplinar demonstrava mais uma obstinação do que uma rebeldia. Assim, relatava o engenheiro João Ferlini, Secretário da Escola, no item *disciplina*: “Tivemos a lamentar um ato de indisciplina pelo aluno do 3º ano do Curso de Preparação, ao qual, por haver se portado de modo bastante inconveniente para com o senhor primeiro auxiliar deste Instituto, foi imposta uma pena de suspensão de 8 dias. Pelo modo acintosamente desrespeitoso com

que se portou ao ter conhecimento dessa pena, foi a mesma elevada para 16 dias e, pela insistência em desrespeitar essa medida disciplinar da administração, foi-lhe finalmente imposta a pena de suspensão por um ano” (*Relatório de 1914*).

Houve, porém, pelo menos um caso que ultrapassou as fronteiras da Escola...

UMA BATALHA NO PRÉ-GUERRA

Em 1913, os matriculados eram mais de mil, distribuídos nos seus então cinco institutos. Formados pela Escola ainda eram poucos, cerca de 200, com destaque para a Engenharia Civil que preparara 66 engenheiros.

Uma usina elétrica alimentada por carvão e óleo pertencente ao Instituto de Eletrotécnica fornecia luz e força para os demais institutos da Escola. A grande notícia para o Instituto de Engenharia foi a chegada de equipamentos importados, suficientes para fazer funcionar o Laboratório de Resistência de Materiais, cuja instalação definitiva aconteceu dois anos depois.

As aulas dos futuros engenheiros neste ano de 1913 iniciaram em 15 de março, mas não encerraram na data prevista de 14 de novembro. Um incidente acabou por envolver toda a Escola e ocasionou atraso no calendário escolar.

Pela versão das atas do Conselho Escolar, a polémica começou com um movimento dos estudantes, que ameaçaram fazer “parede” em reação a uma medida do diretor, João José Pereira Parobé. Ele determinara o fechamento da porta principal da Escola, desti-



*Laboratório de Resistência
de Materiais,
na Osvaldo Aranha.*



nando o uso da entrada lateral aos alunos. O objetivo do fechamento da porta era evitar a aglomeração dos estudantes na frente da mesma, “o que dificultava o trânsito a ponto de ficarem as pessoas que procuravam a Escola, os empregados da administração e os próprios professores, constrangidos por aí passar” (*Relatório de 1913*). Um “boletim injurioso” fora a seguir distribuído na cidade, apresentando como assinatura “um grupo de alunos”. O diretor solicitara então a uma comissão de alunos que o procurara que se manifestassem publicamente contra o documento. Todavia, em reunião no Salão Rocco, os estudantes não criticaram o manifesto distribuído na cidade. Além disso, destruíram listas de apoio ao diretor, que já haviam sido apresentadas e que foram surrupiadas da Escola, sob o pretexto de mandarem-nas publicar na imprensa. Parobé, então, exonerou-se do cargo enquanto não se resolvesse o caso e não se punissem os culpados. Substituindo-o na direção, Manoel Theophilo Barreto Vianna prometeu “aniquilar no início o gérmen da anarquia que parecia querer penetrar na Escola”.

Os dois institutos envolvidos, o de Engenharia e o de Eletrotécnica, foram fechados por tempo indeterminado, até que houvesse uma *solução digna*. Os alunos que quisessem retirar as suas taxas de matrícula poderiam fazê-lo. Era 15 de julho. A confusão estava armada. Entre os estudantes também se instalava a controvérsia. Catorze deles fizeram publicar no Correio do Povo protesto contra o boletim e, portanto, de apoio ao ex-diretor. Diante destas e outras manifestações, a Escola considerou que o fechamento prejudicava indistintamente *os bons e os rebeldes*. Decidiu então que poderiam retomar as aulas aqueles que manifestassem apoio ao diretor diante de uma comissão da Escola ou através da imprensa. Foi estabelecido também um prazo para a retirada da taxa de matrícula que os alunos já haviam pago e aberto um inquérito

para elucidação do caso do panfleto anônimo.

Em 31 de julho, reuniu-se o Conselho mais uma vez então para ouvir os resultados da comissão de inquérito. Segundo o relato, foram inquiridos todos os alunos, à exceção dos cinco estudantes que não compareceram. Nenhum dos entrevistados assumiu a autoria, e a comissão dava total crédito a suas respostas. Por exclusão, as suspeitas recaíram sobre os que retiraram a taxa de matrícula ou deixaram de comparecer ao inquérito sem justificativa. Foram distribuídas algumas suspensões e expulsões, e Parobé pôde retornar à direção da Escola com sua autoridade e prestígio restituídos.

JOÃO SIMPLÍCIO ALVES DE CARVALHO, “BENFEITOR DO ENSINO”

No alto da escadaria do prédio antigo da Escola, o busto de João Simplício Alves de Carvalho jaz sob o imponente vitral que traz o lema da Escola, *fac quod in te est*. Faz o que está em ti. João Simplício, o mais jovem dos fundadores, foi personalidade de grande destaque na história da Escola. Aos vinte e cinco anos de idade, este engenheiro militar acalentava o desejo de ver nascer uma escola de nível superior em meio à aridez cultural da pequena cidade de Porto Alegre. Treze anos de serviço, a seguir, prestou à Escola na condição de seu secretário. Em janeiro de 1909, ele se despede desta incumbência para assumir seu posto de representante do Estado no Congresso Federal. Mas o seu destino estava atrelado à Escola, tanto que a ela voltará pela ocasião da morte de Parobé.

Já no seu primeiro ano de representação parlamentar, na condição de membro da Assembléia dos Re-





presentantes do Estado, apresentara um projeto que virou lei, em virtude da qual uma percentagem da receita do Estado seria entregue à direção da Escola de Engenharia de Porto Alegre para ser aplicado no Instituto Técnico Profissional, que *visava dar educação profissional gratuita aos filhos de operários e meninos pobres*.

Muito em função deste aumento de receita, João Lüderitz foi bem sucedido em sua viagem ao exterior, trazendo, de diferentes países, mestres contratados para oficinas de marcenaria e carpintaria, fundição e forja, máquinas e motores, eletricidade, escultura e modelagem, fototecnia, galvanoplastia e impressão, litografia e encadernação, além de material abundante para não só desenvolver as oficinas já instaladas como para criar novas. A ele, seguiriam-se vários outros professores em missão no estrangeiro, para contratar professores e equipar laboratórios.

O novo diretor, eleito pelo Conselho alguns dias após a morte de Parobé, era então Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul, a esta época já com sete anos de mandato. Reelegendo-se por outros períodos, João Simplicio seria um diretor mais *afetivo* do que efetivo, apesar de que sua *afetividade* rendesse na Assembléia grandes e indispensáveis frutos à Escola. Nesta fase, a Escola, graças a suas intervenções, pôde contar com apoio federal, além do estadual que lhe garantia Borges de Medeiros. Era natural que coubesse a ele suceder Parobé. Foi o que aconteceu pelos dezessete anos que seguiram a 1916. A seu respeito, diria Arquimedes Fortini, *o cronista da cidade*: “dedicado deputado, o fundador e diretor da Escola de Engenharia e, por que não dizer, um dos maiores benfeitores do ensino em seus vários graus no Rio Grande do Sul. Seus serviços dariam perfeitamente na confecção de um livro diante de sua obra realizada em vida, merecedora da eterna gratidão de todos os rio-grandenses” (Fortini, 1959).

O relatório da viagem de Lüderitz pela Europa e EUA descreve minuciosamente os contatos estabelecidos, a forma de ensino, equipamentos e escolas dos lugares visitados.

ESCOLA DE ENGENHARIA
PORTO ALEGRE

1909



RELATORIO
DA VIAGEM NA EUROPA E
ESTADOS UNIDOS PELO
ENG. JOÃO LÜDERITZ

G. GAUDENZI

OFFICINAS GRAPHICAS DA ESCOLA DE ENGENHARIA



OS INSTITUTOS

Com pouco tempo de funcionamento da Escola, o número de cursos tendia a crescer, assim como sua expansão rumo a outros níveis de ensino, básico e médio. Este aumento de complexidade e a inspiração nos sistemas de ensino norte-americanos e ingleses fizeram criar-se aqui também a estruturação dos seus cursos em institutos. Subordinados à Escola, mas com sua organização própria, cada um deles era dirigido por um professor do Instituto de Engenharia, nomeado pelo diretor da Escola e chamado engenheiro-chefe.

A distância temporal que nos separa dos fatos não deve nos afastar da História. Quem conhece hoje a excelência da atuação da Escola de Engenharia como uma das integrantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul talvez não saiba o quão complexa e igualmente exitosa foi sua atuação no passado. Semente do ensino técnico no Estado, a Escola espalhava-se para muito além das fronteiras da capital onde se iniciou.

Muitos foram seus institutos com variadas finalidades, contemplando o ensino primário, médio e superior. Significava, na prática, que um aluno podia iniciar-se nas letras no seio da Escola e sair na outra ponta com o título de Engenheiro.

O INSTITUTO DE ENGENHARIA

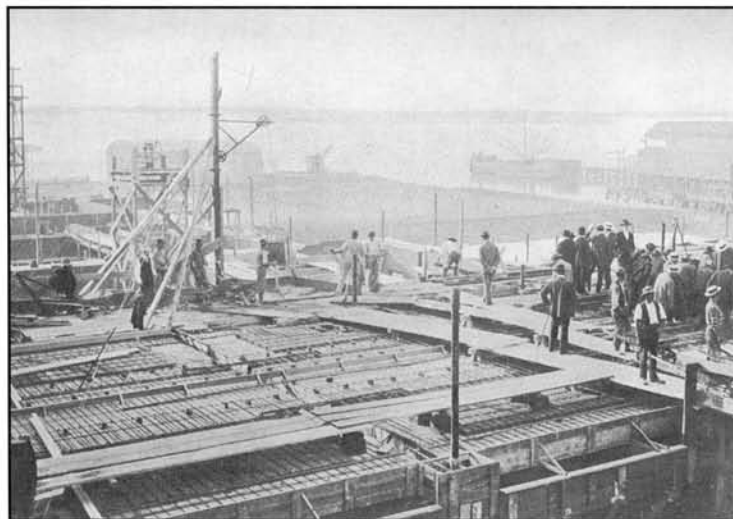
O primeiro dos institutos da Escola foi o próprio Instituto de Engenharia, que funcionava no prédio principal da Escola e onde eram preparados os engenheiros civis.

Nos primeiros anos, as aulas tomavam dois tur-

nos diários, incluindo os sábados. A manhã era dedicada aos trabalhos de classe, em aula ou laboratório. À tarde, ocorriam os trabalhos práticos dos cursos, fossem eles nas salas de desenho, laboratórios ou gabinetes, no Instituto ou fora dele: levantamento e nivelamento, exploração e locação de estradas, obras em construção, visitas a usinas e fábricas.

Após os dois anos de preparação, a conclusão dos cursos de Estradas, Arquitetura e Hidráulica dava o direito ao diploma de engenheiro civil. Em 1910, estes cursos serão assimilados pelo de Civil. O curso de Engenharia Civil de então será de seis anos, os três primeiros constituindo o curso de Preparação e os restantes, de Engenharia Civil. Os três primeiros anos seriam dedicados ao ensino dos conhecimentos básicos de ciências abstratas, experimentais e auxiliares, com especial atenção à resolução prática dos problemas referentes a Astronomia, Geodésia e Topografia. Por esse motivo, era conferido o título de Engenheiro Geógrafo ao aluno que terminasse o terceiro ano do curso, desde que apresentasse e defendesse, perante uma comissão de cinco professores, um trabalho de topografia, incluindo os problemas astronômicos e geodésicos considerados indispensáveis. Os três últimos anos eram consagrados, mais propriamente, à aplicação das disciplinas estudadas nos três primeiros, “à ciência e à arte do engenheiro civil”. O diploma de engenheiro civil era conferido ao aluno que terminasse o sexto ano do curso e apresentasse, defendendo também perante uma comissão de cinco professores, um projeto completo de engenharia (*Relatório de 1923*).

O projeto de conclusão, como não poderia dei-



Alunos em excursão prática de construção.



xar de ser, tinha caráter essencialmente prático. Cada aluno recebia a orientação para um projeto final, que deveria ser apresentado e aprovado para a obtenção do diploma. Em 1913, dois tipos de trabalhos:

"Projeto de um serviço completo de adução, reservação e distribuição de água potável para uma fábrica de móveis onde trabalham 4.000 operários diariamente.

"A fonte de captação fica distante 700 metros do edifício e as águas em um nível de 1,80 abaixo da soleira de entrada da fábrica. Pede-se o cálculo completo da força do motor, da capacidade da bomba e dos diâmetros da canalização da rede. A água vai para um reservatório metálico e deve ter uma pressão disponível nas penas de distribuição no mínimo, de meia atmosfera. O edifício é dividido em pavilhões de igual capacidade e em número de 4, isto é, cada um podendo permitir que 1.000 operários trabalhem folgadamente. Os usos da água são os indispensáveis da vida, perdas inevitáveis na canalização e lavagem dos esgotos. O projeto mencionará o cálculo do reservatório metálico".

Ou

"Anteprojeto completo de uma estrada de ferro econômica, de 0,70 de bitola do Campo do Bom Fim (ex-Velódromo) em Porto Alegre até o Passo do Sabão na divisa com o município de Viamão.

"Os documentos que se pedem são os seguintes: planta baixa detalhada e orográfica da zona do traçado, devendo este vir indicado pela linha definitiva a locar. Esta planta poderá ser extraída da carta cadastral do município; perfis longitudinais e transversais, movimento de terras e cubaçãod'água; tipos de obras de arte que possam ocorrer no traçado; projetos de estações, material de via permanente, caixas d'água e giradores; relação e estudo explicativo do material rodante escolhido; orçamento detalhado e completo;

memorial justificativo. Observações: as rampas e curvas serão adaptadas ao material rodante escolhido e à conformação do terreno. Além das estações terminais, das quais a do Sabão deverá permitir futuro prolongamento, deverá ser prevista uma estação no quilômetro 9 da estrada de Mato Grosso (Instituto Agrônômico e Veterinário). A projetada estrada destina-se ao transporte de passageiros e principalmente ao desenvolvimento da zona agrícola que atravessar" (*Relatório de 1913*).

Este último anteprojeto, mais do que necessário para uma diplomação, foi um sonho acalentado durante muito tempo pela Escola que intencionava ligar-se por uma estrada de ferro ao seu instituto mais afastado, o Agrônômico e Veterinário (mais tarde Borges de Medeiros) e a as seções de Viamão.

INSTITUTO GINASIAL JULIO DE CASTILHOS

Já nos primeiros anos, a Escola de Engenharia perceberia as deficiências do ensino médio no panorama da cidade e assim tratou de criar seu curso preparatório. Em 1900, tal curso foi desanexado dos cursos superiores e ganhou vida autônoma. Nos primeiros anos foi dirigido por Manoel Theophilo Barreto Viana. Chamado de Ginásio do Rio Grande do Sul, oito anos após a autonomia, recebeu o nome de um dos maiores beneméritos da Escola, o ideólogo do positivismo, Julio de Castilhos, que morrera em 1903.

Pouco depois, foi construído seu prédio, em estilo Renascença Alemã. "Este Instituto, que funcionou durante o ano findo no edifício central da Escola, deverá no ano corrente mudar-se para o novo edifício, cuja construção está terminada, faltando apenas fazer as



respectivas instalações. É um edifício vasto, construído especialmente para este Instituto, oferecendo disposições para o bom funcionamento de um estabelecimento deste gênero (...) O novo edifício do Instituto *Gymnasial* Julio de Castilhos, que teve começo em princípios de 1909, acha-se quase concluído, faltando apenas, interiormente, alguns pequenos detalhes. É um belo edifício e julgo não exagerar taxando-o de modelo sob todos os pontos de vista. A distribuição interna, baseada nos princípios de higiene e conforto, a fachada de um primoroso gosto arquitetônico atestam em alto grau o gênio criador do seu construtor, nosso colega Manoel Itaquí, já tão conhecido em nosso meio” (*Relatório de 1910*). Nenhuma descrição, porém, fez justiça à suntuosidade desse edifício.

O Instituto destinava-se ao ensino primário, secundário e normal. O curso primário durava três anos, e o ginásial, seis, sendo este subdividido em curso médio e secundário. Diferentemente dos estabelecimentos congêneres no país, ministrava aprendizagem de artes manuais elementares a todos os seus alunos e também os provia de instrução militar.

O objetivo do Instituto nesses seus primeiros anos era “preparar os meninos para a vida prática, dando-lhes tal educação que os habilite a seguir a carreira que preferirem com conhecimentos sólidos e práticos, e não com a educação literária, defeituosa e incompleta, dada em geral, pelos ginásios que existiam amparados pelo Código do Ensino, felizmente desaparecido” (*Relatório de 1911*).

Quando a Escola se constituiu em Universidade Técnica, o Julio de Castilhos ainda a integrava. Nos fins da década de 30, ele se desdobrou em Ginásio Julio de Castilhos e Colégio Universitário. O último tinha o caráter de propedêutico na então Universidade de Porto Alegre. Em julho de 1942, com a reforma do ensino secundário, voltou a reunir-se novamente em

um único agora Colégio Julio de Castilhos. Um incêndio na madrugada do dia 16 de novembro de 1951 destruiu o prédio da João Pessoa, que já não pertencia à Escola de Engenharia (Franco, 1992). Em 1952, já se tomavam providências para aproveitar os alicerces e algumas paredes para a construção da atual Faculdade



Prédio do antigo Julio de Castilhos, destruído em incêndio em 1951.



de Ciências Econômicas (*Universidade do Rio Grande do Sul, s/d*). Do ponto de vista estético, o atual prédio, finalizado em 1954, é a antítese do anterior, não restando de sua beleza o menor sinal.

Esta é a origem do Colégio Julio de Castilhos, hoje uma escola estadual das mais festejadas, tanto que é conhecida pelo apelido carinhoso de Julinho.

INSTITUTO TÉCNICO PROFISSIONAL

Seguiu-se dentro da mesma necessidade de qualificar a população em idade escolar, o curso secundário, de ensino técnico-profissional de mecânica e artes e ofícios que preparava mestres e contramestres: o Instituto Técnico Profissional, criado em 1906 e rebatizado de Instituto Parobé em 1917, dois anos após a morte deste. Destinava-se a dar ensino a meninos pobres, filhos de operários (*Relatório de 1907*). Desde sua origem, nele o ensino era completamente gratuito. Havia dois cursos, um diurno, no qual se fazia a preparação elementar e técnica, e um noturno para o aperfeiçoamento de operários e instrução de menores que não podiam freqüentar o curso diurno. O ensino técnico abrangia as seguintes seções: construções mecânicas, trabalhos em madeira, artes do edifício e artes gráficas.

Nas oficinas, além de ser ministrado o ensino prático, eram feitos serviços para os demais institutos da Escola e eram aceitas encomendas externas, o que aumentava a receita do Instituto. A oficina mecânica consertava automóveis, gramofones, engrenagens de máquinas das demais seções, entre outras coisas. Em 1910, a oficina fez um fogareiro para aquecer água para banho, encomendado pelo diretor da Escola, João Parobé. Na fundição, eram feitos os bancos escolares



do Ginásio Julio de Castilhos, sapatas para freio de vagões, ferragem para escrivatinhas, espelhos e puxadores de bronze. A serralheria produzia gradis, trincos, parafusos e estantes. Carpintaria e marcenaria eram as maiores oficinas. Elas produziam, sob encomenda, esquadrias, caixas para aparelhos telefônicos para a Companhia Telefônica, mobílias, prateleiras para bibliotecas e portas. Para a seção de modelagem, foi contratado em 1909 um escultor romano, Giuseppe Gaudenzi, que fez as esculturas da fachada do Instituto de Eletrotécnica e da Confeitaria Rocco. Couberam à modelagem do Instituto Técnico Profissional todos os trabalhos de decoração interna e externa do Ginásio Julio de Castilhos. Na seção de artes do edifício, os alunos aprendiam modelagem para a confecção de ornatos em barro, pintura decorativa para ornamentação de interiores e tudo o mais que se relacionasse com o embelezamento dos prédios.



Para o Gymnasio Julio de Castilhos, estátua representando a ciência, confeccionada na seção de Modelagem do Instituto Técnico Profissional, chefiada pelo escultor Gaudenzi.



No prédio conhecido como chateau, em estilo eclético, com detalhes art-nouveau, funcionou o Instituto Técnico Profissional, chamado Instituto Parobé a partir de 1917. Vista do Largo Paganini.



Um dia antes da posse de Carlos Barbosa Gonçalves, que sucederia Borges de Medeiros na chefia do governo do Estado, Porto Alegre estava em festas. De todos os pontos do Rio Grande do Sul chegavam delegações para representar os municípios. Na véspera da transmissão do governo, o Instituto Técnico Profissional inaugurava seu prédio próprio, com festa a qual compareceram autoridades, como o senador Pinheiro Machado e inclusive o futuro governador, entre outros. “Ainda deve perdurar na memória de todos a eloquência desta festa”, acreditava-se um ano depois (*Relatório de 1907*). Grande festejo merecia, sem dúvida, a inauguração de um prédio marcado pela beleza, com tijolos de vidro especiais para filtrar a luz, trazidos da França em lentos transatlânticos especialmente para ele.

No dia da posse de Carlos Barbosa, 25 de janeiro de 1908, foi a vez de um dos fundadores da Escola, o deputado João Vespúcio de Abreu e Silva saudar o novo Presidente do Estado na cerimônia no Palácio do Governo (*Fontoura, 1969*). Teria declarado Borges de Medeiros em outra ocasião: “Reputo o fato mais importante dos meus dez anos de governo o concurso que prestei à instalação do Instituto Técnico Profissional” (*Relatório de 1907*).

UMA AJUDA VALIOSA: A TAXA PROFISSIONAL

Em 1908, uma lei concedia ao Instituto Técnico Profissional, por um período de dez anos, um auxílio

que foi chamado de taxa profissional correspondente a 2% da arrecadação do Estado. Significava que 2% da receita do Estado era inteiramente empregada na Escola de Engenharia. O presidente do Estado era Carlos Barbosa. No ano seguinte, a Assembléia do Estado elevava a taxa profissional de 2% para 4%, visando incluir como beneficiário, além do Instituto Técnico Profissional, também o de Agronomia e Veterinária que precisava adquirir seu terreno para estabelecimento de uma granja-modelo.

Quando, em 1908, o Governo Federal resolvera criar escolas profissionais nas capitais de todos os estados da União, Porto Alegre já contava com este ensino. Era provido pela Escola de Engenharia, através do Instituto Técnico Profissional em pleno funcionamento, de tal forma que a verba destinada para a instalação de uma tal escola foi-lhe repassada. Mais uma vez, a antecipação dos idealizadores da Escola se confirmava.

Nos tempos de progresso e desbravamento do Rio Grande, a demanda por profissionais da Escola era



Prédio definitivo do Instituto Técnico-Profissional, mais tarde chamado Parobé.



tanta que isso chegou a se tornar um problema: o aluno, muito antes de se graduar, com um ou dois anos de estudos, era sugado por um mercado de trabalho tão ávido que a Escola tinha que competir com este mercado para manter o aluno no qual vinha investindo. Já em 1909, o diretor lamentava a evasão de 42 dos 101 alunos matriculados no Instituto Técnico Profissional. Além disso, as crianças pobres que o Instituto preferencialmente atendia ressentiam-se de outros problemas. “A freqüência no inverno diminui, parecendo-me que a principal causa são as caminhadas a que são obrigados os alunos, havendo por isso conveniência em dar-lhes a refeição do almoço, de modo a conservá-los durante o dia no Instituto, evitando as caminhadas” dizia o seu engenheiro-chefe (*Relatório de 1910*).

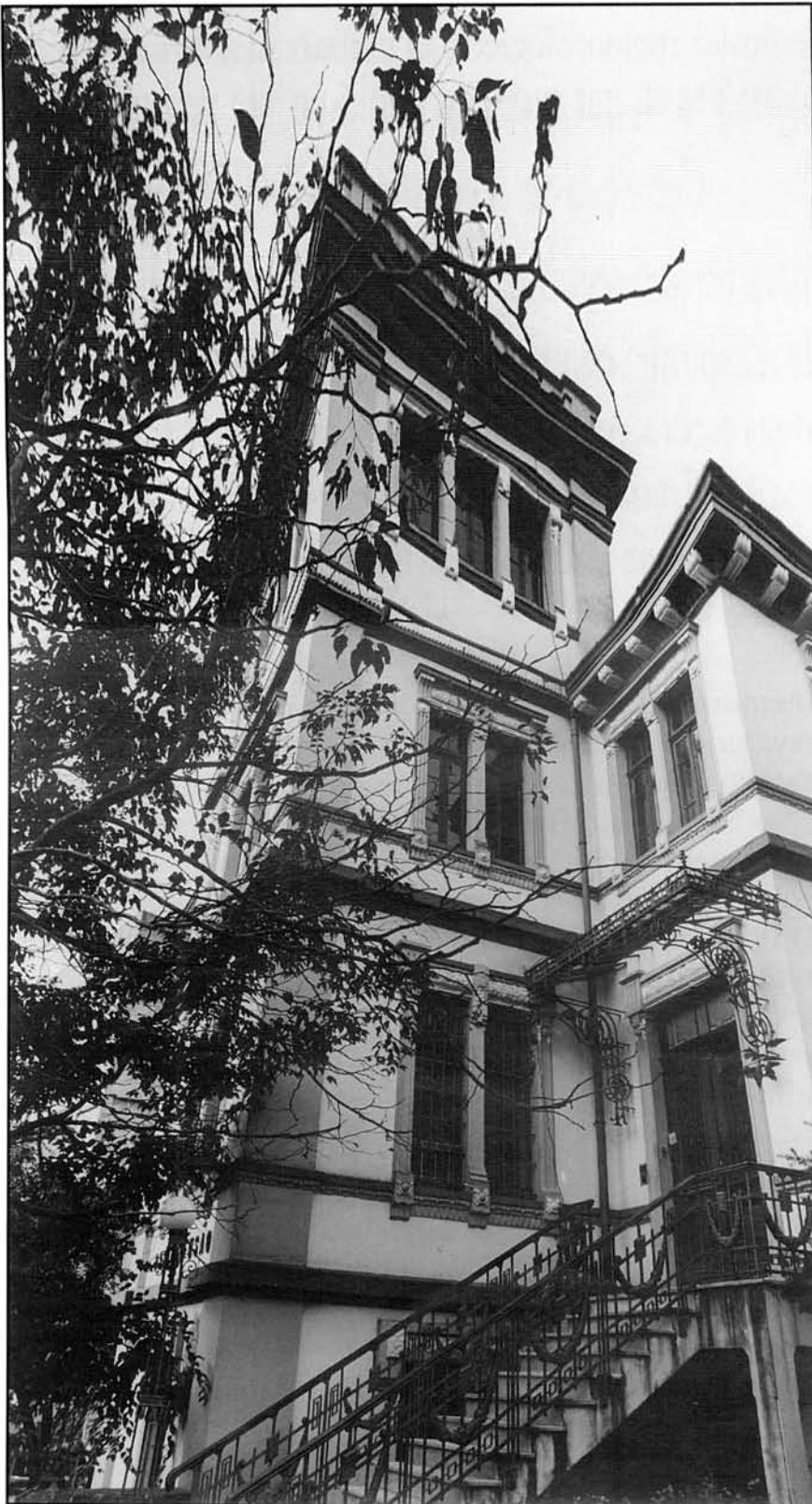


Alunos do 1º ano do curso elementar do Instituto Técnico-Profissional.

Em relação ao curso de montadores eletricitas mecânicos, curso básico de seis anos do Instituto de Eletrotécnica, afligia-se o engenheiro-chefe: “é freqüente nas classes menos favorecidas, desde que numa escola profissional os menores adquiram suficientes conhecimentos para entrar como aprendizes num estabelecimento industrial percebendo salário, embora pequeno, serem eles retirados pelos pais da escola para serem assim aproveitados e contribuir para as despesas do lar. Este mal que constatamos como atingindo os alunos de fototécnica e tipografia, também se faz sentir no curso de montadores eletricitas mecânicos. Entretanto, se este fato é de lamentar, não deixa por outro lado de ser um atestado da excelência do ensino ministrado na Escola” (*Relatório de 1913*).

jo. O Instituto, em 1930, passou a se chamar Coussirat Araújo, em homenagem ao seu engenheiro-chefe, falecido no ano anterior.

Antes da virada do século, já havia o projeto de um pequeno Observatório Astronômico. Em 1905, o



Prédio da seção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico. Atualmente Rádio da Universidade.



Estado conferia uma verba para auxiliar na aquisição de equipamentos para tocar o empreendimento e logo após auxiliou também na construção do prédio, que coube a Manoel Itaquí. Este embarcou para a Argentina, onde buscou conhecimentos junto aos observatórios de La Plata e Córdoba e junto às estações magnéticas e postes meteorológicos. O embaixador brasileiro era Assis Brasil, que auxiliou Itaquí na sua pesquisa.

Começou-se a construção do prédio em 1907 para no ano seguinte ser o Instituto criado oficialmente. Dispunha de prédio próprio para cada uma de suas duas seções, Astronômica e Meteorológica. Os serviços mais constantes eram o ensino prático de Astronomia e Geodésia aos alunos do Instituto de Engenharia e o sinal de hora.

A seção de Meteorologia, quando a Escola comemorava seus vinte e cinco anos de existência, contava com 35 estações distribuídas racionalmente pelo Estado. Cada uma delas fazia diariamente suas medições e enviava os resultados para Porto Alegre. À seção de Meteorologia, cabia a execução do serviço meteorológico, segundo os métodos utilizados nos Estados Unidos, métodos que foram estudados pelo seu engenheiro-chefe naquele país. O Boletim do Tempo e da Produção era publicado quinzenalmente por toda a imprensa da Capital. A diretoria da Meteorologia mantinha estreitas relações com o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, modelando-se pelos institutos deste.

O SINAL DE HORA

No início do século, não se dispunha das facilidades de hoje para a determinação e a informação da

hora certa. A Escola, através da seção de Astronomia do Instituto Astronômico e Meteorológico, era responsável pela existência de um *serviço de hora* que informava a cidade. O procedimento era conhecido pelos porto-alegrenses. Quando eram 19:55 horas, acendiam-se em alguns dos pontos altos da cidade lâmpadas vermelhas acondicionadas em caixas de vidro. Era o sinal preparatório. Pontualmente, às 20:00 horas, elas se apagavam (sinal principal) e todos podiam acertar seus relógios. O primeiro sinal de hora foi dado em 19 de novembro de 1912. Em setembro, havia sido feita a primeira determinação de hora com o Círculo Meridiano. No início, só havia sinal sobre o Instituto Ginásial Júlio de Castilhos. Em julho de 1917, foi instalado mais um sinal, no alto da Intendência Municipal, para atender a parte comercial da cidade e a região do porto. Mais tarde um terceiro sinal habitaria o edifício Santa Rosa, da confeitaria Rocco, na Praça Conde de Porto Alegre. Nos primeiros tempos, eram utilizados pelo serviço os postes da Companhia Força e Luz. Porém, as constantes interrupções causadas por rupturas da linha obrigaram a Escola a instalar cabos próprios.

A imprensa assim se manifestava em 1922: “Do dia 11 do corrente (março) em diante, será dado, simultaneamente, por meio de três lâmpadas encarnadas colocadas, respectivamente, na cúpula do Ginásio Júlio de Castilhos, altos do palacete Rocco e torreão da Intendência Municipal. (...) Chamamos, pois, a atenção do público para esse melhoramento que, por certo, virá atenuar a falta de uma hora exata para toda a capital” (*Relatório de 1922*).

Instalados os três pontos de sinal de luz, toda a cidade, bem como o porto e alguns arrabaldes, podiam contar com o serviço de hora certa. Mais tarde o serviço de hora passou a ser dado também pela manhã, às 8 horas.





INSTITUTO DE ELETROTÉCNICA

Destinado a formar engenheiros mecânicos eletricitistas, foi criado em 1908 o Instituto de Eletrotécnica. Primeiro estabelecimento do gênero no Brasil, desenvolvia nas suas diversas seções todos os ramos de mecânica e eletricidade existentes então. A grande novidade que viria a marcar esta época era a possibilidade de produzir-se energia sem poluição. Energia produzida longe da cidade que tornaria obsoleta, por exemplo, uma chaminé do tamanho da construída junto à Usina do Gasômetro.

Os cursos exigiam prédio especial e apropriado. Para sua construção, foram contratados os senhores Andrighetto e Paganini, sendo que o projeto coube ao ex-aluno e professor da Escola, Manoel Itaquí. Outro professor, João Lüderitz, passou uma temporada na Europa e nos Estados Unidos comprando o material necessário à instalação das oficinas e dos laboratórios do Instituto. Mais tarde, ele faria outras viagens com esta missão.

O Instituto teve dois cursos: Engenheiros Mecânicos-Eletricistas e o curso técnico de Montadores Mecânicos Eletricistas. Neste, o aluno que, ao matricular-se apenas soubesse ler, cursaria os quatro primeiros anos do curso elementar do Instituto Técnico Profissional. O curso de Montadores foi “bem aceito e muito procurado pelo proletariado para a educação de seus filhos neste ramo no nosso meio, que muito se ressentia de operários para essa especialidade” (*Relatório de 1912*).

Só um dos três primeiros matriculados, em 1908, no curso superior concluiu o curso e o fez na segunda turma de formados, quando seis alunos graduaram-se e viajaram em excursão especial a São Paulo e Rio de Janeiro, visitando usinas de alta tensão hidroelétrica, para elaboração do projeto final. Em 1913, já beirava

a cinquenta o número de alunos matriculados.

Nos laboratórios, o aluno trabalhava diretamente com verdadeiros aparelhos industriais, os mesmos com que iria lidar na sua prática profissional, procedendo a verdadeiros ensaios industriais. Experiências em laboratórios eram parte fundamental da proposta de ensino da Escola. Os laboratórios ensaiavam o mundo dentro de si.

O método adotado para os trabalhos em laboratório fora sistematizado e revelava sua disciplina militar:

“1. Todos os alunos devem estar prontos para começar a trabalhar no início do período marcado pelo horário e devem imediatamente ir para o lugar que lhes tiver sido designado pelo professor. As instruções relativas à experiência a ser executada devem ter sido previamente cuidadosamente estudadas pelos alunos, de modo que eles tenham uma idéia geral da natureza da experiência. No laboratório de máquinas, os alunos devem se apresentar vestidos com traje próprio para trabalho de oficina.

2. De cada experiência feita, exige-se um relatório nitidamente escrito. Este relatório será apresentado dentro dos primeiros quinze dias que se seguirem àquele em que tiver sido feita a experiência. Os alunos que não apresentarem os seus relatórios em tempo não poderão prosseguir com os trabalhos de laboratório até que o tenham feito.

3. Cada aluno deve trazer consigo, ao vir trabalhar no laboratório, o seu livro de notas que será de modelo adotado pelo professor e fornecido pela seção de fornecimento. O livro de notas deve ser apresentado



Prédio do Instituto de Eletrotécnica. Originalmente tinha dois pavimentos. O terceiro foi acrescentado na década de 50.



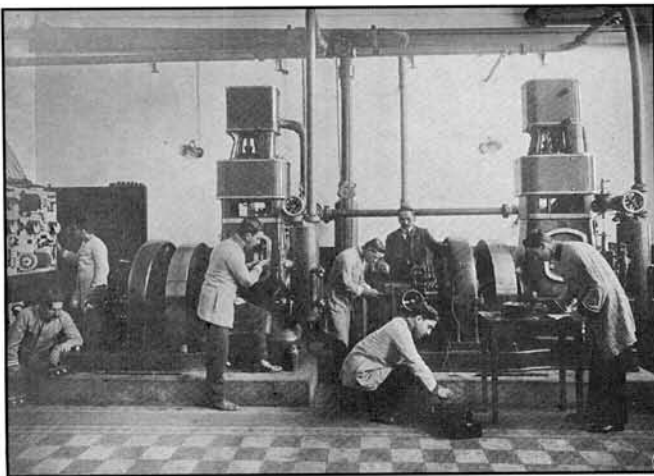
ao professor todas as vezes que este o pedir. Todos os dados, observações, diagramas, nomes dos alunos executando cada experiência, etc, serão registrados nesse livro, não se admitindo o uso de pedaços soltos de papel para anotar os dados tomados no laboratório.”

No próprio Instituto de Eletrotécnica, era ministrado o ensino teórico e prático, e o ensino profissional (tecnologia dos ofícios de carpintaria e marcenaria) era dado no Instituto Técnico Profissional (mais tarde Instituto Parobé). Semanalmente, os alunos tinham nove horas de trabalhos manuais.

O Eletrotécnica possuía várias seções (oficinas). Praticamente todos os chefes de oficinas eram contratados na Europa. Em 1911, regozijava-se a seção de tipografia por ter produzido seu primeiro impresso em tricromia (três cores). Mil exemplares do Relatório Anual da Escola eram ali impressos, bem como todos os demais serviços de impressão da Escola, serviços para a Secretaria de Obras Públicas da Intendência e serviços para vários municípios e particulares. Tal tipografia era modelo, pois tinha à disposição fototecnia, galvanoplastia, estereotipia e desenhistas. A seção de máquinas e motores e a de eletricidade também melhoravam a receita do Instituto ao aceitar consertos em bobinas e carga de acumuladores para o público em

geral. Sua maior finalidade, porém, era proporcionar aos alunos a aprendizagem e a parte prática, além de fornecer luz e energia para os demais institutos da Escola. Uma usina com o poder de 180 H.P. fornecia luz e força à Escola e a todas as suas dependências. Em 1914, grandes progressos partiram dali. Entre eles, a instalação do telégrafo sem fios, a instalação de um sistema de telefones internos ligando os diversos institutos da Escola e a ins-

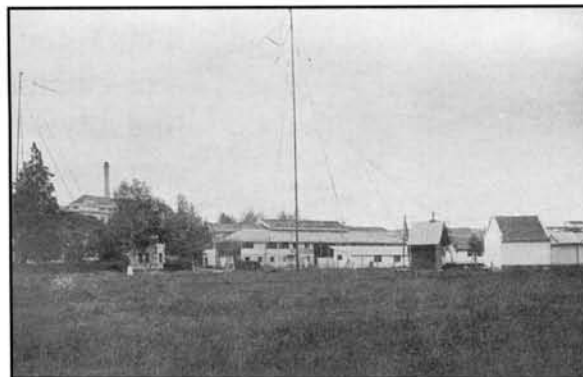
Alunos em trabalhos práticos na seção de máquinas e motores.



talação de um sistema de relógios elétricos entre o Observatório, a seção de Meteorologia e a administração. Através da estação radiotelegráfica, cuja transmissão se dava por ondas não amortecidas, eram transmitidos o serviço de previsão do tempo no Estado e o sinal da hora à Estação da Junção, na Barra do Rio Grande, recebendo de lá também informações sobre o mesmo assunto, além de corresponder-se com os vapores que passam pela costa do Estado, no sentido de mandar avisos meteorológicos. A estação também mantinha contatos com a Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, para alcançar o sinal da hora legal e com Buenos Aires para o serviço de previsão do tempo.

Nas vésperas da Primeira Guerra, o Instituto revelava boa situação financeira. Embora admitindo que se devia ao auxílio das subvenções oficiais, afirmava que uma instituição de ensino não era uma empresa lucrativa. Quem lucra com o ensino é a própria sociedade e portanto ela deveria ajudá-lo a manter-se. Em 1913, mencionava-se o alto salário pago aos professores, especialmente o dos contratados no estrangeiro, investimento este que se justificava pelo objetivo de ministrar-se a melhor educação profissional possível (*Relatório de 1913*). O conflito mundial viria a alterar um pouco tal panorama, representando alguns reveses na situação de todo o país com reflexos na Escola. Mas, em 1918, a boa reputação do Instituto mantinha-se e chegaria ao país vizinho. O governo uruguaio solicita três vagas para seus estudantes, uma vez que o país não possuía cursos nesta especialidade.

Em 1922, O Instituto recebe o nome de Montaury, em homenagem ao ex-intendente de Porto Alegre, José Montaury de Aguiar Leitão, que, na sua gestão, foi responsável por muitas formas de apoio que recebeu a Escola do poder público municipal.



Uma Estação Radiotelegráfica (telégrafo sem fios) foi montada no parque de meteorologia, que se estendia para trás do prédio onde hoje se encontra a Rádio da Universidade, e outra no Instituto de Agronomia e Veterinária



INSTITUTO DE AGRONOMIA E VETERINÁRIA

Os primeiros estatutos da Escola de Engenharia já determinavam a criação de um curso de Agronomia, em três anos, mantido anexo aos demais cursos. Pela reforma de 1908, dez anos depois, quando os novos estatutos classificaram por institutos os vários ramos de ensino, continuou a preocupação com o ensino agrônômico, e ficou então decidida a criação de um Instituto de Agronomia e Veterinária. Antecipando-se à criação específica de seu instituto, o estudo da agronomia já funcionava na Escola, tendo em 1902, formado-se a primeira turma de agrônomos. As aulas teóricas haviam funcionado na sede da Escola e as aulas práticas numa estação experimental distante do perímetro urbano. A realização deste primeiro curso apresentou sérias dificuldades pela distância entre aulas práticas e teóricas. A direção da Escola então suspendeu as matrículas do curso de agronomia até que o problema fosse solucionado. Ainda antes de se tornar um instituto autônomo, o curso funcionava pertencendo ao Instituto de Engenharia.

Quando o Estado concedeu ajuda ao Instituto Técnico Profissional e a um futuro Instituto de Agronomia, foi possível concretizar o propósito de estabelecer o curso definitivamente. Tratava-se da taxa profissional, um percentual da receita do Estado que seria destinado à Escola. Esta, em contrapartida, criaria uma Escola Prática de Agricultura e Veterinária de ensino gratuito e com internato, a favorecer crianças da capital e do interior, indicadas pelo Governo do Estado. Desde a sua origem, previa-se para estes estabelecimentos o regime de internato (*Relatório de 1909*). O instituto seria constituído de dois cursos, um teórico-prático para formar agrônomos veterinários e outro exclusivamente prático, preparando agricultores práticos, com co-

nhecimentos de veterinária, para dirigir estabelecimentos agrícolas e pastoris.

Outro passo importante foi a transferência, para a Escola, da Estação Agronômica Experimental que pertencia ao Estado, o que proporcionou a criação do curso de Capatazes Rurais, com regime de internato e ensino gratuito. A União juntou-se ao Estado e à Escola, permitindo por fim a constituição do curso completo.

Estavam previstos no Instituto, além dos cursos de Capatazes Rurais (aprendizados agrícolas), o de Agrônomos (correspondente ao das escolas médias ou teórico-práticas), de Veterinários e de Engenheiros Agrônomos. Dos seus quatro cursos, só o de Capatazes e o de Agrônomos funcionaram inicialmente por não haver alunos habilitados à matrícula nos demais. Havia um posto zootécnico e uma estação experimental localizados no Passo do Vigário (Viamão), que, no futuro, tornar-se-iam institutos.

Em 1912, já se terminavam as obras do edifício no quilômetro 9 da Estrada de Viamão, atual avenida Bento Gonçalves. O prédio do instituto foi projetado e construído por Manoel Itaqui. Chamava a atenção na época a grande distância da cidade, que, segundo relatos, era compensada com a exuberância da natureza e o capricho das instalações e plantações. “No largo vale formado por dois altos morros e nele cavado, serpenteia o conhecido Arroio do Sabão, abundante manancial que atravessa de lado a lado a propriedade, correndo em sinuosíssimo leito, que será utilizado principalmente



*Instituto de Agronomia e
Veterinária,
também chamado
Borges de Medeiros.*



para a irrigação (...) As instalações de luz, duplamente feitas por ser utilizada energia elétrica e o moderno gás de vaporização automática, servindo este também para os trabalhos de laboratórios, são todas elegantes e racionalmente executadas” (*Relatório de 1912*).

Como estabelecimentos filiais, foram construídas, mais tarde, as escolas industriais elementares e as estações de agricultura e criação, todas no interior do Estado e que se coadunavam com a proposta de difundir o ensino técnico-profissional. A Escola expandiu-se, atingindo as cidades de Caxias do Sul, Rio Grande, Santa Maria, Santa Rosa, Bagé, Julio de Castilhos, implantando um complexo de ensino e serviços adequados à tradição produtiva de cada uma.

Em 1917, este instituto recebeu o nome de Borges de Medeiros, já homenageado anteriormente com o título de benemérito benfeitor da Escola de Engenharia.

Em 1922, o curso de Agrônomos foi transformado em curso de Engenheiros Agrônomos e funcionou o curso de Veterinários, que, no entanto, só formou seis profissionais, entre 1926 e 1932.

O curso de Engenheiros Agrônomos durava quatro anos, sendo os dois primeiros dedicados ao preparo básico geral e os dois últimos consagrados especialmente ao estudo e resolução de problemas da agricultura. O curso de veterinários, também de quatro anos, respeitava esta mesma divisão em que, nos primeiros anos, o ensino compreendia as ciências básicas e experimentais, e os dois últimos eram dedicados à prática, no caso, trabalhos de hospital e laboratório. O diploma para qualquer dos cursos dependia da apresentação e defesa de um projeto.

O Instituto Borges de Medeiros, em 1934, com a criação da Universidade do Rio Grande do Sul, desagregou-se da Escola de Engenharia, constituindo a Faculdade de Agronomia e Veterinária.

O capim elefante, planta forrageira provinda da América do Norte, foi introduzido no RS em 1920 pela Escola de Engenharia. Em 1925 a Escola recebia pedidos que chegavam a 300.000 mudas.

ENSINO AMBULANTE DE AGRICULTURA

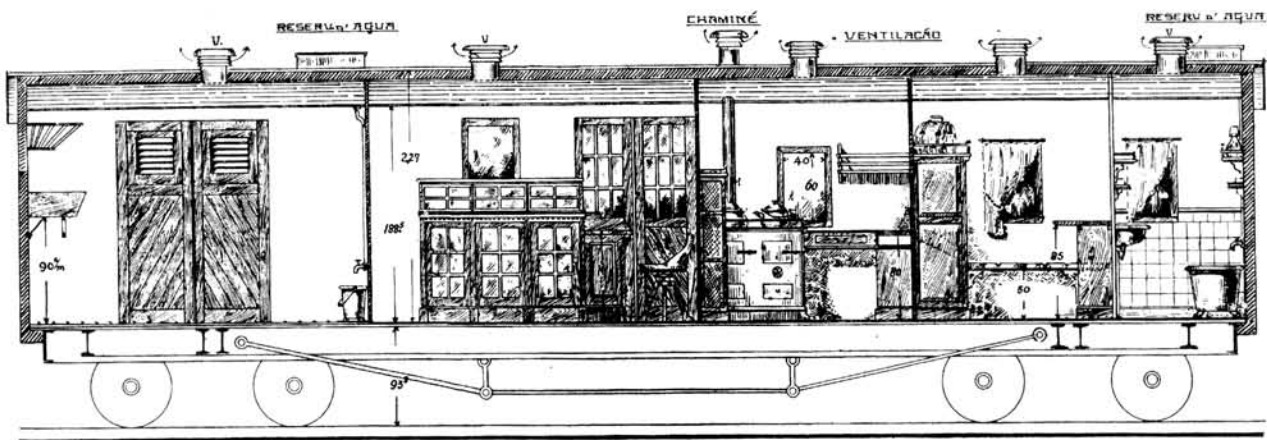


O espírito que norteava os propósitos da Escola de Engenharia era o do máximo aproveitamento de sua estrutura para o benefício da população em geral e do progresso do Estado e do País. A ordem era um conceito analítico a seu próprio funcionamento, e o progresso dependia de sua capacidade de alastrar conhecimentos. E não foi diferente. O ensino ambulante de agricultura visava atrair o produtor rural lá no seu lugar de origem, moradia e trabalho, para as novas práticas de agricultura e pecuária racionais. Surpreendendo-o na sua prática, a Escola ministrava instruções adequadas ao cultivo específico que vinha desenvolvendo. Além de difundir o ensino, indo diretamente até aquele que mais precisava dele, ainda proporcionava estágios práticos a seus alunos, além de coletar no convívio íntimo com os homens do campo dados para o estudo de seus problemas. De posse destes dados, procedia-se a uma análise dos mesmos já no ambiente da Escola. Além de ensinar novas técnicas, sugeriam-se aos agricultores culturas que eles não viessem desenvolvendo, mas que eram apropriadas à sua região. Conhecimento de novas raças, informações sobre máquinas agrícolas, esclarecimentos sobre a necessidade da associação em cooperativas de produção, aquisição de matérias primas, de crédito e de consumo, estavam entre os objetivos do serviço. O vagão ainda levava ao conhecimento do produtor a legislação nacional e estadual, a fim de que conhecesse seus direitos e deveres.

Em 1921, o ensino ambulante percorreu as regiões de São João do Montenegro, São Sebastião do Caí, Santa Maria, Rio Grande, Bagé, Julio de Castilhos e Cachoeira, permanecendo uma média de sete dias em cada uma. O trajeto era feito de trem até onde houvesse estação. Como a maioria das regiões não era servida

por boas estradas, seguia-se depois a cavalo, penetrando pelo interior até as propriedades a serem visitadas. Ainda neste ano, estando próximo à granja de Pedras Altas, o serviço ambulante de agricultura visitou a propriedade de Assis Brasil, onde os integrantes receberam, além da melhor impressão do castelo e da organização do local, sementes para serem distribuídas para outros agricultores. Em troca, a revista *Egatea* da Escola de Engenharia também ia sendo presenteada e divulgada. Os trabalhos de cada excursão eram relatados em cadernos apropriados, uma forma de diário de viagem, aos quais eram juntadas as fotografias que documentavam a expedição.

Projeto do vagão
para o serviço ambulante.



Projetara-se nessa época um *wagon* especificamente aparelhado para servir nesse trabalho. Julgavam os técnicos que os serviços poderiam obter um rendimento muito maior se dispusessem de um laboratório ambulante, que portasse todos os recursos necessários, um vagão adequadamente equipado. Um incêndio ocorrido em 1923 nas oficinas da Estrada de Ferro em Santa Maria destruiu o vagão que o Governo do Estado havia mandado preparar conforme o planejado e que se encontrava praticamente pronto.

O engenheiro Celeste Gobbato, chefe do serviço, ao lamentar o ocorrido, pensou numa compensação altamente tecnológica para a perda do vagão: “um *aparelho de projeções luminosas*, por meio do qual poderíamos mostrar aos interessados imagens de misteres rurais racionalmente executados, de grande efeito, sem dúvida, sobre o auditório e mais compreensíveis do que qualquer frase que o pensamento possa exprimir. Em outras ocasiões, se tornará mais sugestiva a comparação de imagens, onde umas representarão o feito do trabalho irracional e outras o que produz o labor racionalmente aplicado” (*Relatório de 1923*). Prevendo que nova doação e preparo de um vagão não mais ocorreriam, calculou Gobbato que um projetor, se não substituísse inteiramente a visão *in loco* de tudo quanto o vagão ajudaria a transportar, ao menos proporcionaria um auxílio didático de grande proveito.

ESTAÇÕES EXPERIMENTAIS DE AGRICULTURA E CRIAÇÃO

As estações experimentais realizavam o estudo e o ensino das principais culturas, o ensino prático de agricultura e veterinária, o estudo e a prática das principais indústrias agrícolas, a distribuição de sementes e mudas, etc. Tudo era adequadamente planejado. As escolas elementares e as estações experimentais subordinavam-se às características e ao perfil das localidades onde iam sendo instaladas. Santa Maria, importante centro ferroviário, recebia maior ênfase nas artes mecânicas. Bagé e Alegrete recebiam ênfase na zootecnia. Santa Rosa, onde se iniciava a colonização impulsionada por diretrizes do estado, recebeu um patronato para ensino de práticas agrícolas para os fi-



Ihos dos colonos. A cultura do soja que se introduzia na região recebeu o amparo do ensino ministrado pela Escola.

*Posto Zootécnico
em Viamão.
Vista Geral
da sede.*



*Máquina descascadora sendo
acionada por um trator que
foi montado no Instituto
Técnico Profissional da
própria Escola de
Engenharia.*



*Estação de
Agricultura e Criação
de Bento Gonçalves.*



*Estação de Agricultura
e Criação de Cachoeira.*



INSTITUTO DE ZOOTECNIA



Originalmente posto zootécnico, subordinado ao Instituto Borges de Medeiros, em 1922 elevou-se a instituto. Localizado em Viamão, prestava serviços e o ensino referentes à criação, ao melhoramento e desenvolvimento de animais. Contemplando o ensino médio e secundário de agricultura e veterinária, preparava capatazes rurais. O instituto também prestava assessoria a criadores e agricultores. Como possuísse reprodutores de várias espécies, de coelhos e cães a eqüinos e bovinos, permitia a utilização dos mesmos para melhora de plantéis dos interessados.

O regime de internato para os alunos era obrigatório e gratuito. Para alunos contribuintes, as vagas eram em número limitado. A sede do Instituto era uma verdadeira fazenda-modelo, conduzida com o que havia de mais avançado para cada área, além de investimentos em pesquisa. Havia criação de animais, horta, pomar, jardim, viveiros, reflorestamento, além, naturalmente de cultivo de forrageiras, importantes na alimentação dos animais.



Estação de Zootecnia na cidade de Julio de Castilhos.

O Instituto também enviava seus alunos ao exterior para aperfeiçoar sua formação em zootecnia. Assim é que, pelas mãos da Escola de Engenharia, um menino do interior - muito freqüentemente do interior do interior - era apresentado às letras, e, de um pensionato, que limitava as saídas a 15 dias ao ano (condicionadas ao comportamento e aprendizado), podia estender seu curso em alguma capital européia.



INSTITUTO EXPERIMENTAL DE AGRICULTURA

Neste instituto, era ministrado o ensino e fomentada a pesquisa. A formação dos solos, sua física e química, sua classificação, o melhoramento de sementes e da fertilidade dos solos, o preparo industrial dos produtos derivados da agricultura eram matéria de pesquisa, ensino e divulgação aos interessados. A extensão consolidava-se em publicações dos resultados das pesquisas, traduzidas em linguagem simples e distribuídas gratuitamente entre criadores e agricultores. Além disso, conferências públicas semanais dirigidas ao público interessado versavam sobre solos, sementes, utilização de mecanização etc.

Em 1922, seu diretor empenha-se em atrair aqueles que, além dos alunos, podem beneficiar-se deste Instituto, os fazendeiros. “Sem a cooperação dos fazendeiros e interessados, como poderemos cumprir à risca o dever a que nos obriga o Regulamento do Instituto de contribuir para o progresso de nossas fontes de produção? E os fazendeiros, homens práticos, onde poderão encontrar maior soma de ensinamentos experimentais, teóricos e práticos do que em estabelecimento como este? Onde poderão achar meios de experimentar suas idéias sobre um determinado assunto agrícola, sem ônus algum para suas empresas?” (*Relatório de 1922*). Correspondente na agricultura do que representa para a criação o Instituto Zootécnico, também o Instituto Experimental de Agricultura era uma grande fazenda, com as práticas de horticultura, pomicultura, viticultura, silvicultura, apicultura, floricultura, criação de animais menores, aves e coelhos, criação do bicho da seda, todas envolvidas com a análise e a pesquisa. Uma seção de engenharia rural, dirigida por um engenheiro mecânico-eletricista, aplicava-se nos serviços de drenagem, irrigação, estradas e caminhos vicinais, instalações e construções, específicas para os assuntos do campo.

INSTITUTO PINHEIRO MACHADO



Inicialmente anexo do Instituto Borges de Medeiros, com o nome de Seção do Patronato Agrícola, passou a chamar-se Patronato Agrícola Pinheiro Machado a partir de 1922. Sete anos depois, foi denominado Instituto Pinheiro Machado. Ministrava ensino primário e profissional agrícola, formando operários rurais. Destinava-se especificamente a alunos provenientes das classes pobres. Os meninos recebiam roupa, pensionato e ensino gratuitos. Os que concluíam o curso ficavam no direito de serem transferidos para o curso de Capatazes Rurais do Instituto de Zootecnia, onde prosseguiriam os estudos gratuitamente.

O Instituto mantinha seções em cidades do interior, como Cachoeira, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Bagé, Viamão, Alegrete, Santa Rosa, Rio Grande e Julio de Castilhos.

*Seção Feminina do Parobé.
Seu edifício ficava onde
está hoje o prédio da
Arquitetura.*



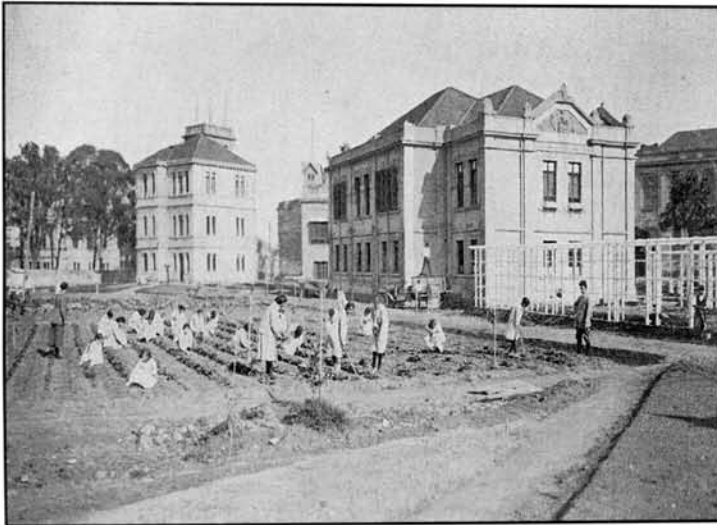


INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DOMÉSTICA E RURAL

Este instituto, originalmente conhecido como Seção Feminina do Parobé, destinava-se a preparar *condutoras de trabalhos domésticos e rurais*. O ensino se dava em dois níveis. No curso elementar de quatro anos, as meninas recebiam conhecimentos gerais, similares aos de qualquer curso deste nível, e também os primeiros ensinamentos de trabalhos manuais, dese-

nho, música e jardinagem. O curso técnico era feito em três anos. Servia para ampliar a formação já adquirida e para estudar, teórica e praticamente, economia doméstica, arte culinária, corte, costuras, bordados, horti e pomicultura e “labores femininos” que eram descritos como os trabalhos domésticos e rurais indispensáveis para a condução eficiente de um lar, no campo ou na cidade.

Prédio da Seção Feminina do Parobé, com alunas no trabalho de horta. Vê-se ao fundo a Seção de Rádio Telegrafia.



INSTITUTO DE QUÍMICA INDUSTRIAL

Ao completar vinte e cinco anos, a Escola se orgulhava de seus cursos e ouvia uma profecia da Comissão de Deputados que analisava um projeto de auxílio financeiro à Escola: “a aliança da eletricidade e da química vai continuar a revolucionar o mundo industrial”. A primeira guerra havia terminado: “a esse período, para sempre funesto na história da humani-

dade, em que benemérito era aquele que mais destruía, sucederá um outro, em que a benemerência será do que mais construir”. A idéia dominante então era deixar a guerra para trás, para tirar dela apenas lições. Mas, mais do que tudo, espelhar-se na reconstrução que lhe sucedeu nos países mais atingidos.

Em 1920 foi criado o curso de Química Industrial que, no entanto, só recebeu seus primeiros alunos, em número de quatro, no ano seguinte. “A química industrial é a base de toda a indústria moderna”, dizia-se então (*Relatório de 1921*). O curso era procurado por um número maior de candidatos, que, porém, não satisfaziam as exigências da admissão. No ano seguinte, a Escola pôde mandar representar-se no Primeiro Congresso Brasileiro de Química na capital federal, Rio de Janeiro. O número de freqüentadores saltara para dez alunos. Inicialmente, as aulas eram ministradas no Instituto Montaury e no prédio da sede da Escola.

Em 1923, o curso de Química Industrial, dirigido pelo engenheiro Leovegildo Paiva, foi desanexado do Instituto Montaury, ficando dependente do Departamento Central da Escola. Três anos depois, foi elevado a Instituto e passou a ocupar o seu prédio então concluído.

O curso de Química Industrial era feito em quatro anos. Os três primeiros eram consagrados ao ensino das ciências fundamentais e auxiliares e aos trabalhos técnicos e profissionais. O último era dedicado à especialização em indústria química de reconhe-



*Prédio do Instituto de
Química Industrial.*



cida utilidade. O título de Químico Industrial era concedido àquele aluno que, tendo terminado o curso, apresentasse e defendesse trabalho sobre uma especialidade escolhida. Na década de 50, a Escola instituiu o curso de Engenharia Química, com duração de cinco anos, extinguindo o curso de Química Industrial.

Durante muitos anos, o Instituto atendia a pedidos de entidades oficiais ou de particulares para proceder a análises, ensaios e estudos. Com a criação do Instituto Tecnológico do Rio Grande do Sul (ITERS), que deu origem à Fundação de Ciência e Tecnologia (CIENTEC), passou a ministrar apenas o ensino.

UMA ESTRADA DE FERRO QUE COMEÇOU E NÃO TERMINOU

A idéia de uma linha férrea, que ligasse Porto Alegre a Viamão, era muito antiga. A partir dos relatórios de 1917, a Escola já se empenhava junto ao Governo Federal para a obtenção de materiais e recursos para sua construção. O complexo escolar que se instalara na Estrada de Viamão, naqueles tempos uma área totalmente rural, era de acesso muito difícil. Em 1921, começaram os estudos do primeiro trecho que se estenderia do Instituto Borges de Medeiros até o Campus da Redenção. Em junho de 1922, a Escola obteve, por intermédio do Governo Estadual, no Congresso, os trilhos da parte inicial e uma locomotiva. Em agosto do mesmo ano, o Ministro da Viação e Obras Públicas liberou razoável quantia para a construção dos nove primeiros quilômetros. Através de um Decreto Estadual de 1922, ficaram aprovadas as cláusulas para a concessão de uma estrada de ferro à Escola de Engenharia. No dia 7 de setembro de 1922, o presidente do Estado,

Borges de Medeiros bateu a estaca inicial da Estrada de Ferro. A Escola fazia-se representar pelo seu diretor interino, General Manoel Theophilo Barreto Vianna. A partir dessa data, estava criada uma linha férrea de bitola estreita (1 m) semelhante ao bonde a vapor, modelo Belga.

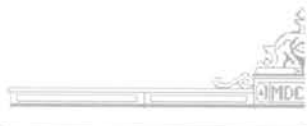
Em 1923, a construção dos nove primeiros quilômetros esteve bem adiantada, partindo do Instituto Borges de Medeiros em direção à cidade. No decorrer deste ano, foram realizados os estudos dos restantes dezanove quilômetros.

A Escola seguiu recebendo verbas do Governo Federal, mas muitos problemas com desapropriações começaram a se tornar empecilhos. Se alguns proprietários aceitavam com alegria a desapropriação para a construção de uma estrada de ferro, chegando a oferecer auxílio para a construção de pequenas estações, outros recorreram a todas as instâncias possíveis para embargar a negociação.

Apesar de continuarem alguns processos, em maio de 1925, a Escola de Engenharia concluiu os trabalhos de exploração do segundo trecho, que ia do Instituto Borges de Medeiros às instalações de Viamão, 7 Km além. No ano seguinte, a Escola de Engenharia ganhou, em instâncias superiores, o direito de desapropriar as terras, para a passagem da linha, e, desde logo, recommençaram as obras que por quase dois anos vinham sendo obstruídas em função de embargos.

No final de 1927, mesmo a Escola tendo ganho as ações, não havia sido emitida, de fato, a posse das terras. A partir do relatório de 1928, porém, nada mais consta a respeito da Estrada de Ferro que, tanto quanto sabemos, nunca foi concluída.



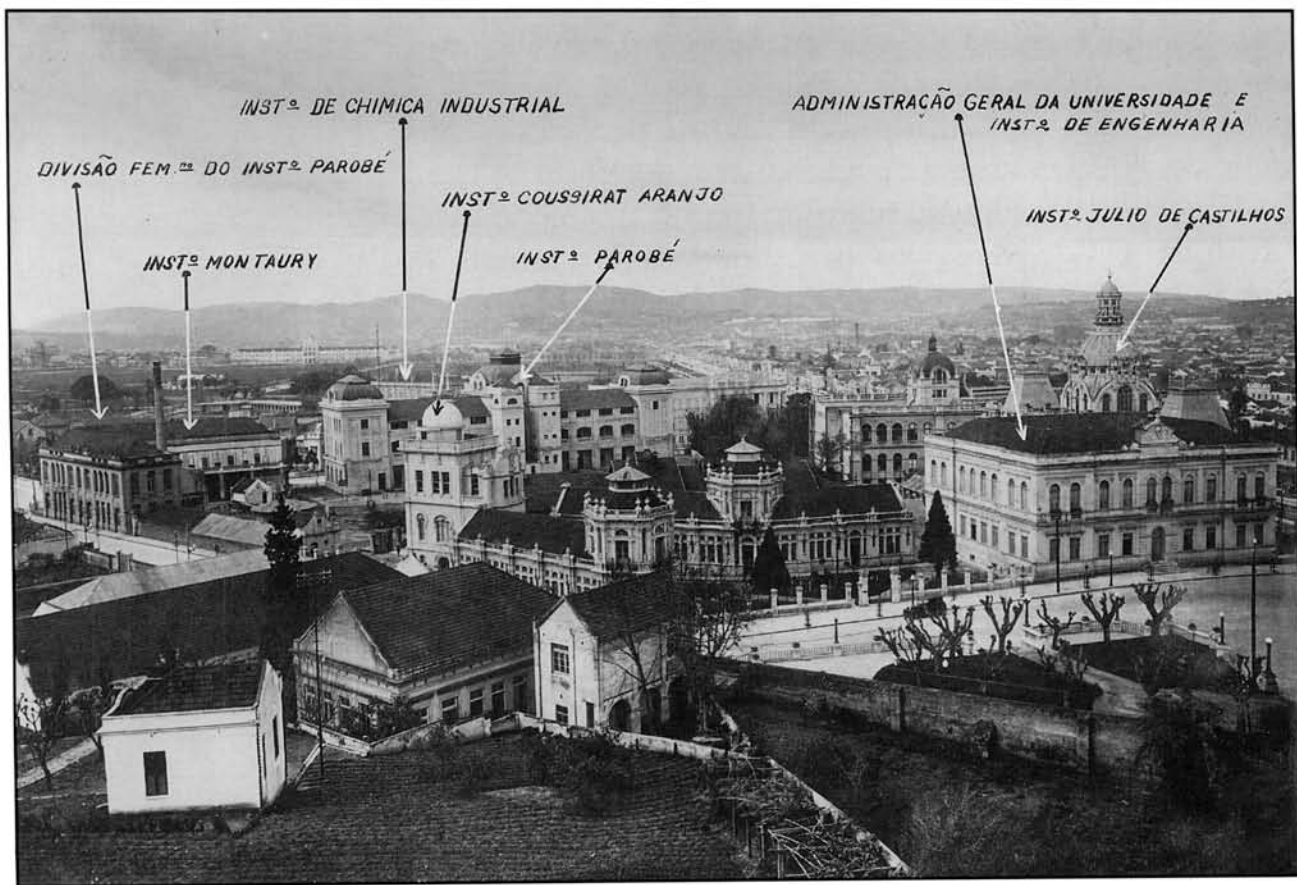


O PRIMEIRO CAMPUS UNIVERSITÁRIO

Cada um dos institutos teve suas instalações próprias. Os situados em zona rural, além dos edifícios-sede em que funcionavam patronatos e onde a atividade-fim era exercida, contavam com aglomerados de residências para funcionários e professores, necessárias em função das distâncias e das dificuldades de locomoção da época.

Entretanto, em relação ao patrimônio arquitetônico, o “mais precioso de todos esses elementos era o Campus Central, localizado em área nobre no coração de Porto Alegre e formado por edifícios, quase todos monumentais, ainda hoje abrigando dependências didáticas da UFRGS” (Soares, 1986).

Com a sede própria, a Escola de Engenharia iniciou a ocupação da área da várzea, transformando-a em um rico conjunto arquitetônico.



EGATEA



Egatea foi uma revista produzida pela Escola e que circulou de 1914 até 1934, tendo sido considerada, neste período, uma das melhores revistas técnicas do país, conforme relata o professor Arno Müller. (Egatea, 1992).

O primeiro número foi referente aos meses de julho e agosto de 1914, no início da Primeira Guerra. O chefe da redação era Vivaldo de Vivaldi Coaracy, o engenheiro-chefe do Instituto de Eletrotécnica. Posteriormente, foi substituído pelo professor Celeste Gobbato.

Seu objetivo era ser uma publicação de interesse geral para o Rio Grande do Sul. As principais seções da revista eram: Agricultura, Pecuária, Indústrias, Engenharia Municipal, Estatística, Condições Naturais e Instrução. No seu primeiro ano de existência, um ofício circular dirigido aos professores da Escola, solicitando colaboração, alertava que, sendo uma publicação da Escola de Engenharia, haveria uma parte técnica, porém esta deveria ser limitada para que a Revista pudesse se dirigir ao público em geral. Era impressa no Instituto de Eletrotécnica, assim como todas as outras publicações da Escola daquele período.

Seu nome que sugeriu a muitos tratar-se de palavra grega ou hebraica, era formada pelas iniciais dos institutos da Escola, do seguinte modo:

- E Engenharia
- G Gymnasial Julio de Castilhos
- A Astronômico e Meteorológico
- T Técnico e Profissional
- E Eletrotécnica
- A Agronomia e Veterinária

Em 1992, lançou-se mais um número da Egatea,



Egatea de 1934.



EGATEA de 1992.

o volume 20, número 01, que encontrou uma Escola muito diferente: graduando o seu 10.000 engenheiro, inserida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Escola já tinha então seis cursos de graduação e três de pós-graduação. Eram 2.500 alunos matriculados, 182 professores e 114 funcionários. Outros tempos, outra revista, agora com caráter técnico, voltada para a sua comunidade específica. Por motivos variados, ela não voltou a circular, e o seu nome perdera o sentido, tendo ficado na Escola apenas os “és” da antiga Egatea.

INVENTÁ-LOS NÓS MESMOS

Diante da orientação pela educação técnica e profissional, a dificuldade que perseguiu a condução da Escola de Engenharia nos seus vários institutos foi a formação do corpo docente. Nas primeiras décadas, a solução veio através dos convites aos técnicos e professores estrangeiros, especialmente da Alemanha e Estados Unidos, países cujas instituições inspiravam a Escola de Engenharia. Eles receberam os melhores elogios no relatório de 1914. Mas esta medida nem sempre produzia o efeito esperado, trazendo, ao contrário, “muitas vezes, grandes desilusões, gerais inconvenientes e nem sempre deixando os melhores resultados” (*Relatório de 1918*).

A alternativa seria restringir tais vindas. Os professores estrangeiros ajudariam a formação dos quadros próprios, iniciados na Escola. Além disso, enviar os alunos para serem preparados no exterior se apresentou como uma possibilidade mais produtiva e que seria viável a partir da obtenção de determinados apoios. Este objetivo, que havia se iniciado em 1912, fora suspenso em função da guerra. Naquele ano, dois alu-

nos do Instituto Técnico Profissional seguiram para os Estados Unidos para fazer curso de aperfeiçoamento em escolas profissionais nos ramos de eletricidade e máquinas. Um terceiro seguiu para a Alemanha para fazer curso no ramo de mecânica. E assim partiram inúmeros alunos de praticamente todos os institutos da Escola. O projeto é retomado em 1917, com uma emenda apresentada por João Simplício ao orçamento da agricultura, segundo a qual o governo federal apoiaria, pagando passagens e mesada por dois anos a nove alunos por estado, formados em escola, liceu ou instituto de ensino profissional, industrial, agrícola ou veterinário para aperfeiçoamento no exterior.

O vapor *Leão XII* levou do Rio de Janeiro para a Suíça o aluno diplomado pelo Instituto Parobé. O vapor *Saga* carregou dois recém-agrônomos e um recém-engenheiro mecânico-eletricista da Escola de Engenharia rumo aos Estados Unidos, iniciando uma sucessão que se manteria por alguns anos. Pesava nos seus ombros jovens a responsabilidade de atender ao propósito do investimento. Comentando a emenda orçamentária de João Simplício, um deputado paulista diria a respeito da formação destes instrutores: *obter os técnicos estrangeiros é difícil, temos de inventá-los nós mesmos* (*Relatório de 1917*).

Em 1924, a Escola lamentava que o governo federal não chamara os alunos indicados pelas escolas do país, pois “acha-se sobejamente comprovado que a especialização do pessoal técnico de um país pelo envio de seus filhos a países mais adiantados é o melhor meio de preparar a riqueza e manter a independência da nação” (*Relatório de 1924*).



Projeto de João Simplício, em 1917, de apoio aos alunos no exterior, é o precursor do sistema de bolsas de aperfeiçoamento existente hoje no país.



MULHERES NA ESCOLA DE ENGENHARIA

As primeiras décadas da existência da Escola de Engenharia aguardarão pacientes a entrada das mulheres. Qualquer que seja o posto que examinemos nas listas de funcionários, alunos ou professores, não as encontraremos, sequer nos serviços de apoio. A exclusão não poupava mesmo aquelas categorias profissionais subalternas que por muito tempo muitos julgarão “serviço de mulher”. Os serventes eram homens. Alguns deles, segundo se ouve contar, ex-escravos dos fundadores. Os alfabetizadores dos institutos de nível primário, os bibliotecários, os secretários, todos homens. Em tempos posteriores na história do mundo ocidental tais ocupações passaram a ser consideradas tarefas femininas, a ponto de *professoras*, *bibliotecárias* e *secretárias* serem palavras comumente grafadas no gênero feminino, quando a orientação corrente das profissões conduz ao emprego no masculino. Não naquele mundo quase de caserna, ali as mulheres ainda não tinham vez. Pelo artigo 70 do Estatuto de 1912, vetava-se expressamente a matrícula de mulheres em qualquer instituto da Escola.

A Primeira Guerra Mundial começaria a alterar este panorama. Já em 1918, havia uma datilógrafa auxiliar, um cargo que viria a substituir o de segundo auxiliar do Secretário.

Mas havia planos que antecipariam o próprio movimento feminino e que, ainda que de forma coerente com a concepção da época, inseririam as mulheres nos relatos da Escola: uma seção do Parobé só para elas. Em 1919, foi criado um curso feminino neste Instituto destinado ao ensino de artes e ofícios domésticos. Duas professoras especialistas foram contratadas na Europa.

No ano da Semana de Arte Moderna, quando Anita Malfatti e Tarsila do Amaral rompiam com a ló-

Na década de 20, a Semana de Arte Moderna rompe com padrões de estética e de comportamento tradicionais. Obra Estudo para Negra, de Tarsila do Amaral, 1923.



gica da dominação masculina no cenário artístico, timidamente, a Escola de Engenharia daria um passo que mais revoltaria do que contentaria as feministas: o curso de educação doméstica e rural para meninas recebia suas primeiras alunas no seu prédio novo (onde atualmente está a Faculdade de Arquitetura da UFRGS). No contexto das classes populares de um estado de economia rural, de uma cultura machista, foi um grande passo. Foi um passo no sentido de reconhecer a mulher, até mesmo no contexto mais amplo do país, em que até 1934 as mulheres não tiveram direito de exercer sua cidadania através do voto.

Ainda como uma Seção Feminina do Parobé, em 1922, iniciou-se em prédio próprio, cujo mobiliário tinha sido confeccionado nas oficinas da própria Escola de Engenharia. No primeiro piso, fez-se um dormitório e nele se instalaram as primeiras dez meninas aptas a preencher as vagas: Honorina, Cecília, Aracy, Sylvia, Luiza, Felícia, Olinda, Julieta e duas Maria de Lourdes. As condições necessárias para matrícula no internato eram: condição modesta, idade entre 10 e 12 anos, bom comportamento e boa saúde. As aulas eram assistidas juntamente com as então 87 alunas externas. O *espinhoso cargo* a que se refere o Relatório de 1922 é o de ministrar o ensino, que ficava a cargo da inspetora dona Acindyna Torres.

Tempos depois, o Presidente da Escola, João Ferlini, consulta o Conselho da Administração sobre o tratamento que se deveria antepor ao nome da *aluna moça*, a primeira mulher a terminar o curso de Químicos Industriais. A ata esclarece que houve uma ligeira discussão sobre o assunto, e a solução foi indagar à Escola Normal que procedimento adotava com suas moças (224ª sessão do conselho de administração). Tratava-se da primeira mulher a concluir um curso superior na Escola: Juraci Simões Lund, formada química industrial em 1933.



Obra Nu Feminino Sentado,
de Anita Malfatti, 1915/16.



Doze anos depois, Lili Boeckel se tornaria a primeira engenheira civil saída dos bancos da Escola. Feminista sem bandeira, Lili casou-se com o também engenheiro Eugênio Costa, mas manteve seu nome de solteira. Tinha um irmão engenheiro, teve filhos engenheiros.



Dona Lili Boeckel, a primeira engenheira civil formada pela Escola em 1945.

Em um diário de viagem, quando a família embarcou no ano de 1966 numa kombi e cruzou o país até Porto Velho, sua filha registrou: “... eu logo me animei, é claro, mas a mãe que já é 'civilizada' não achou a coisa lá muito divertida. Mas, como é sempre companheira, não reclamou...” O motivo da animação era saber que a estrada que ligava Cuiabá a Porto Velho era transitável e que era possível dormir em aldeias de índios ao atravessar parte da floresta amazônica. Viagens não eram motivo de susto para esta família. Dona Lili e seu marido trabalharam para o Banco do Brasil, construindo sedes em diferentes e distantes locais do país.

Seguiram-na pelas décadas seguintes muitas mulheres. E a Engenharia foi deixando de ser uma carreira masculina para seguir a tendência de qualquer outro ramo, indiferente ao gênero e subordinada tão somente à competência.

A ESCOLA NA SUCESSÃO DO TEMPO

Naqueles tempos em que um panfleto dos alunos fazia um diretor exonerar-se, o Rio Grande do Sul tinha um considerável desenvolvimento econômico, pela exportação de não perecíveis que abasteciam os armazéns das grandes potências européias. A guerra que se iniciava iria ameaçar estas exportações. O rela-

tório de 1914 mencionaria a difícil situação que atravessava o nosso país, agravada pela guerra europeia, que “veio repercutir de modo bastante sensível sobre a vida financeira da Escola”. Foram suspensas as cogitações de novas instalações e instaurado um regime de rigorosa economia a fim de conservar os serviços já existentes.

A Escola de Engenharia manteve-se atenta a suas fontes próprias de renda. Diminuindo as subvenções estatais, restavam-lhe ainda as matrículas dos alunos pagantes, taxas escolares, os produtos das oficinas do Instituto Técnico Profissional, os trabalhos do Gabinete Técnico, anúncios e assinaturas da Egatea, venda de produtos do Instituto de Agronomia e Veterinária, entre outros. Por outro lado, as despesas eram muitas: pessoal, material de expediente, material escolar para alunos gratuitos, livros e assinaturas de revistas para as bibliotecas, conservação dos edifícios, material para os laboratórios, móveis e utensílios, viagens de inspeções às estações meteorológicas no interior do Estado, compra de aparelhos e instrumentos para os laboratórios, instrumentos agrícolas, manutenção de alunos no exterior e até auxílio a família de funcionário falecido e aluno carente.

A guerra ainda concorreu para a partida de alguns professores estrangeiros e para a convocação de alguns professores militares. As revistas europeias que a Escola assinava não foram mais remetidas e, após o fim da guerra, com a baixa de nossa moeda, por medida de economia, a Escola deixou de assiná-las. Assim que embarcado o material adquirido na Alemanha para o laboratório de eletroquímica do Instituto de Eletrotécnica, foi deflagrada a guerra. O navio em que vinha o equipamento foi obrigado a procurar refúgio no porto de Leixões. O laboratório só pôde ser instalado em 1919.

O fim da guerra fez renascer a esperança de que



Trabalhos de Artes Gráficas
EM GERAL
 executam-se nas oficinas da :
Escola de Engenharia de Porto Alegre

OFFICINA PHOTOTECHNICA Trabalhos em photographia geral - Impressão em preto e cores - Astropia - Polychromia.
OFFICINA TYPOGRAPHICA Impressão de cartões - Livro - brochuras e todo trabalho para o comércio e industria.
OFFICINA LITHOGRAPHICA Cartões - Postais - Photo-lithographia (para ser impresso em Kalmid - Platin, etc., etc.)
OFFICINA GALVANOPLASTICA Clichés galvanizados em cobre e zinco. Trabalho de galvanização em ouro e prata.

Toda e qualquer encomenda deve ser dirigida ao
DEPARTAMENTO COMMERCIAL, INDUSTRIAL E FINANCEIRO

Prestação de serviços e anúncios na revista Egatea constituíam fontes de receita da Escola.

LABORATORIO DE RESISTENCIA DOS MATERIAES
 Laboratorio Parobé

Ensaes mechanicos e physicos de todos os materiais de construção, como sejam ferros, madeiras, pedras, tijolos, cimentos, etc.

Informações na Secretaria do Instituto de Engenharia

Laboratorio de Chimica Industrial
 da Escola de Engenharia

ANALYSES CHIMICAS EM GERAL:
 Analyses de leite, manteiga, haacha, vinho, licores, minerais, metaes, productos commerciaes, etc., etc. — Mantem tambem um serviço de consultoria sobre processos industriaes, e Chimica Technica.

PREÇOS MODICOS

Trata-se no **Departamento Commercial, Industrial e Financeiro** da Escola de Engenharia de Porto Alegre
 TELEPHONE n. 1440 — CAIXA POSTAL n. 299



o panorama econômico retomaria os patamares que precederam o conflito.

Em 1922, ao comemorar-se o Centenário da Independência, essa esperança impulsionava retomadas de investimentos. A Escola, movida por essa crença e pelos seus bons resultados em termos de ensino, retoma a construção de grandes prédios. O primeiro desse período será o do Instituto Técnico Profissional, o Parobé, um edifício de grande expressão. Depois, o do Instituto de Agronomia, que traria grandes novidades, como a geração de eletricidade própria, telefonia e suprimento de água. Com poucas salas de aula e muitos laboratórios, invocava a orientação máxima da escola, o ensino técnico-profissionalizante. 1925 era a vez do edifício do Instituto de Química, que fechou a era das construções de valor arquitetônico.

*Prédio em construção (1922)
para o curso de Química
Industrial, ainda vinculado ao
Instituto Montauray.*



UNIVERSIDADE TÉCNICA EM 1922



Ninguém poderia imaginar que uma simples semana pudesse deixar marcas tão profundas na história de um país. Não se tratou de uma semana de guerras, que até poderiam ter tal poder. Melhor dizendo: uma guerra, sim. Travada, porém, em um campo muito mais nobre do que aquele em que se derrama sangue. O campo da arte. A *Semana de Arte Moderna*, em São Paulo, permitiu ao Modernismo invadir o panorama cultural do Brasil.

Esse ano, sagrado para as artes, no entanto, conheceu também o outro campo. A partir de 1922, jovens oficiais começaram uma série de revoltas contra o presidente Arthur Bernardes (que governou de 1922 a 1926), movimento este conhecido como *Tenentismo*, que terá influência nos acontecimentos de 1930.

Na política estadual, 1922 marca a reação das oposições no Rio Grande do Sul. Borges de Medeiros é lançado candidato à quinta reeleição. Os federalistas bem como alguns dissidentes do Partido Republicano aglutinam-se em torno da candidatura de outro nome de peso no Estado, Assis Brasil, como candidato da Aliança Libertadora. O clima de exacerbação que cercou a eleição era já um prenúncio de revolução.

1922 teve sua importância na linha de tempo da Escola de Engenharia, sendo uma de suas datas marcantes. Os estatutos da Escola, que eram então revisados a cada cinco anos, em 1922 definiriam-na como *Universidade Técnica* (nos moldes das universidades norte-americanas), de tal forma que cada instituto passou a ter o caráter de faculdade. Na realidade, os estatutos, como a coruja de minerva, que só alça vôo depois que o sol se põe, apenas sacramentaram o que já acontecia desde a concepção desta Escola:

“A Escola de Engenharia é uma Universidade



Técnica. Seu fim é propagar no Rio Grande do Sul e no Brasil a mais moderna e eficiente educação técnica, profissional e industrial, baseada em uma real educação primária e preparatória. O seu programa conduz o indivíduo do mais modesto ao mais elevado grau de ensino técnico” reza o primeiro artigo do estatuto que formalizou a Escola como Universidade Técnica. Pelos novos estatutos, o Conselho Escolar foi substituído por um Conselho Universitário. No lugar de diretor, a Escola passou a ter um presidente, que continuou sendo João Simplício Alves de Carvalho. Foi criado o Departamento Central, órgão administrativo, em substituição à secretaria, tendo sido nomeado seu diretor o jovem professor e engenheiro civil Ary de Abreu Lima, graduado em 1921 pela Escola. No ano seguinte, ele optou por aceitar o cargo de diretor do Instituto de Engenharia, cabendo o Departamento Central ao engenheiro Egydio Hervé.

Em relação ao ensino, houve alguns rearranjos e as disciplinas passaram a ser semestrais nos cursos superiores. Dentro da orientação para o novo regime, o ensino recebia o caráter universitário. Continuava possível o aproveitamento pelos institutos das especialidades providas nos demais. O estudo de química, por exemplo, era concentrado no respectivo instituto e freqüentado também por alunos dos demais cursos. A astronomia era estudada o Instituto Astronômico e Meteorológico, o ensino de eletrotécnica acontecia nos laboratórios do Instituto de mesmo nome, e, por fim, os conhecimentos de tecnologia eram ministrados nas oficinas do Instituto Parobé, onde mestres-operários acompanhavam os alunos na execução dos trabalhos, com o que se proporcionava a aproximação do futuro engenheiro do operário.

O decreto que concretizou a mudança do nome para Universidade Técnica só será promulgado em 1931, em períodos conturbados da história nacional.

UMA REVOLUÇÃO E UM VIADUTO



A Revolução de 1923 encontrou seu fim no mês de dezembro com o Tratado de Pedras Altas, cujo ponto principal era a proibição da reeleição do Presidente do Estado, pondo fim ao longo período do governo de Borges de Medeiros. Este foi levado a aceitar o pacto sob pressão do governo federal, que ameaçava com uma intervenção no Estado. Terminado seu quinto mandato, conforme o acordo, Borges de Medeiros se retiraria do pleito eleitoral. E assim foi. Em 1928, Getúlio Vargas, representando uma segunda geração de republicanos, assumiria o Estado do Rio Grande do Sul.

O movimento revolucionário que agitara o Estado, conseqüente, entre outras coisas, da crise econô-

Viaduto Otávio Rocha, uma das obras de arte de Porto Alegre, foi projetado por Manoel Itaquí.





mico-financeira, refletia-se na Escola: o serviço de climatologia encontrava entraves, e o serviço ambulante fez uma única excursão no ano de 1924. Em março, “motivada pela perturbação da ordem pública”, a Escola suspendeu as suas várias seções que funcionavam no interior do estado. Outro problema era o atraso em que se encontravam quase todas as municipalidades em relação às cotas de custeio que lhes cabiam na manutenção dos serviços. Além disso, a Escola acusou um retraimento nos serviços do laboratório Parobé (de Resistência de Materiais) solicitados pela sociedade em geral.

Como conseqüência do Tratado de Pedras Altas, renovaram-se tanto a presidência do estado quanto a intendência municipal. O ano de 1924 viu chegar à intendência de Porto Alegre o engenheiro militar Otávio Rocha que sucedeu José Montaury e ficou conhecido como *o reformador*. Tendo lecionado Geometria e Aritmética no Instituto Ginásial Julio de Castilhos, conhecia bem as estruturas da Escola de Engenharia, e pôde então contar com os serviços dos engenheiros da Escola no seu programa de reformas da cidade. Na sua gestão, foram abertas avenidas, foi modernizado o serviço de abastecimento e tratamento da água, ampliada a rede de esgotos e o serviço de iluminação pública. Tais medidas administrativas corriam atrás do prejuízo decorrente da falta de investimentos nessas áreas pelos governos anteriores.

Foi somente a partir de 1926 que os estudantes da Escola puderam deslocar-se pela primeira vez no transporte coletivo *omnibus*. No princípio, sem regulamentação nem fiscalização (Franco, 1992). Dois anos depois, era inevitável: um decreto municipal aprovou o primeiro regulamento do tráfego de “auto-ônibus”. Todavia a contenda entre ônibus e bondes persistiu por muito tempo. Os estudantes que viessem de mais longe usariam os primeiros, que, livres da imposição dos tri-

lhos, podiam acompanhar a expansão da cidade com maior rapidez.


O engenheiro Manoel Barbosa Itaquí, formado na primeira turma de engenheiros civis da Escola, além de projetar vários prédios da mesma, deixou uma marca importante na fisionomia da atual Porto Alegre, o viaduto Otavio Rocha (*Franco, 1992*).

Sucedendo Borges de Medeiros, Getúlio Vargas ataca os problemas do estado que vinham desembocando em graves crises econômicas e políticas: estabelece uma política de defesa do setor agropecuarista e acalma os ânimos do interior (*Pesavento, 1984*).

A REVOLUÇÃO DE 30

Além do movimento tenentista, que se não foi muito forte, teve ao menos ideologicamente importância pela demonstração de insatisfação, outros fatores concorrerão para a intranquilidade política da nação. O Governo de Washington Luís se encerraria sofrendo grande crise econômica, reflexo do craque da bolsa de Nova Iorque. O mercado exterior pára de comprar o café brasileiro que se acumula nos depósitos. Crise política mais crise econômica, igual a revolução.

A política do café com leite, em que São Paulo e Minas Gerais se revezavam no poder, dominando o aparelho político nacional, rompe-se com a indicação do nome de Júlio Prestes, governador de São Paulo, para substituir o também paulista Washington. Os mineiros se revoltam e aliam-se ao Rio Grande do Sul e à Paraíba para formar a Aliança Liberal, encabeçada no pleito eleitoral por Getúlio Vargas (que era o presidente do Rio Grande do Sul), tendo como vice João Pessoa. As eleições, que se vêm comprometidas por fraudes



Outubro de 1930
*Pelo Brasil inteiro, há
tiros, granadas
Literatura explosiva de
boletins
Mulheres carinhosas
cosendo fardas
com bolsos onde
estudantes guardarão
retratos.*
Carlos Drumond de Andrade



denunciadas em toda parte, apontam o nome de Júlio Prestes. O descontentamento aumenta quando João Pessoa, representante da Paraíba na Aliança Liberal, é assassinado.

No 3 de outubro, em Porto Alegre, uma firma comercial recebia na forma de um telegrama a senha para a deflagração do movimento. Na Rua da Praia, ouviu-se o primeiro tiro. O movimento começara. A tomada dos quartéis não foi difícil. O único que ofereceu resistência foi o Quartel do 7º Batalhão Militar, próximo à Escola de Engenharia. Com um saldo de cem feridos e dezenove mortos, no dia seguinte, a cidade amanheceu eufórica pela vitória revolucionária (Fontoura, 1969). Encerra-se o período conhecido como República Velha. A subida de Getúlio Vargas ao poder representou a ascensão de novos grupos.

Promessas de reconstitucionalização acalmaram os movimentos dos descontentes e, em 1934, o país teve sua nova Constituição.

Esses acontecimentos se refletiram em várias instâncias da vida do país, não poupando evidentemente a Escola de Engenharia. Para a Escola, esse período trouxe sua mais grave crise política e financeira. Getúlio Vargas, desafeto de João Simplicio, cortou todos os recursos destinados à Escola (Jornal da UFRGS, 1986).

Resistência no quartel do 7º Batalhão, durante a Revolução de 1930. Ao fundo, o edifício da Escola de Engenharia que chegou a ter, em sua fachada, marcas dos disparos daquele episódio.

Foto coletada por Sérgio Ivan Borges.



A UNIVERSIDADE DE PORTO ALEGRE, A UPA

Como consequência das Revolução de 30, as subvenções federais escassearam, e a crise financeira atingiu a Escola, enquanto se delineavam movimentos

acadêmicos pela anexação à Universidade de Porto Alegre. A Federação Acadêmica chegou a propor um Partido Universitário, que reuniria também professores (do Direito, Medicina e da Engenharia), em torno do movimento pró-criação da Universidade. No âmbito nacional, a Reforma de Ensino Francisco Campos, de 1931, tinha como ponto importante a organização do ensino superior no país em forma de sistema universitário, ao mesmo tempo em que exigia para a criação de qualquer universidade a incorporação de pelo menos três institutos de ensino superior que envolvessem áreas distintas, como Direito, Medicina e Engenharia. Era a primeira ação mais efetiva do estado brasileiro em relação ao ensino.

Politicamente, a Escola se ressentia dos reflexos de nova crise, agora também política. Flores da Cunha fundou um novo partido, o Partido Republicano Liberal, formado basicamente por integrantes do PRR que preferiram apoiá-lo a manterem-se fiéis a Borges de Medeiros. Essa e outras lideranças no Estado revoltaram-se contra Vargas e suas medidas centralizadoras, que deixaram o Rio Grande do Sul à margem do País (*Pesavento, 1984*).

Integrar a Universidade de Porto Alegre significava para a Universidade Técnica manter apenas os cursos de ensino superior. Permanecer Universidade Técnica, independente, significava ter que resolver as crises. Não havia mais Julio de Castilhos nem Borges de Medeiros com mãos estendidas para ajudar a manter, sem interferir diretamente. Este governo não colaboraria com uma escola para mantê-la independente, como fizeram os governos positivistas. A decisão era penosa.

Em 1934, ano da nova Constituição do Brasil, foi criada a Universidade de Porto Alegre a qual se juntou a Universidade Técnica. O interventor do Rio Grande do Sul era então Flores da Cunha que, contrariando uma antiga convicção de se opor ao ensino universitário-





rio, oficializou a Universidade de Porto Alegre, encampando a Universidade Técnica. Para incorporar-se à Universidade de Porto Alegre, portanto, a Escola abriu mão de seus cursos de nível básico e médio, que passaram para a alçada do Estado, além de precisar adaptar-se à legislação federal. O Instituto Borges de Medeiros (curso superior de Agronomia e Veterinária) desligou-se da Escola de Engenharia e passou a fazer parte, como instituto nuclear, do novo organismo universitário e a chamar-se Faculdade de Agronomia e Veterinária. O Instituto de Física cresceu de laboratório para Instituto da Escola de Engenharia, localizando-se onde funcionara a Seção Feminina do Parobé (*Universidade do Rio Grande do Sul, s/d*)

Como resultado da integração da Universidade Técnica à nova Universidade de Porto Alegre, juntamente com outros cursos superiores da cidade, houve necessidade de adaptações. Uma delas foi a necessidade da adoção pelos institutos do regulamento da Universidade do Rio de Janeiro. Em 1896, os fundadores a isso resistiram. Ironicamente, agora o currículo da Escola de Engenharia da Universidade de Porto Alegre deveria ser o mesmo da Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil.

Embora desmembrada e integrando a Universidade de Porto Alegre, a Universidade Técnica permaneceu funcionando sob esta denominação até a publicação de um decreto estadual em 1939 que mudou seu nome para Instituto Técnico Profissional (*Diniz, 1979*). Os seus cursos eram então de Engenheiros Cívicos, engenheiros Mecânicos e Eletricistas e de Químicos Industriais.

A CIDADE DA UNIVERSIDADE DE PORTO ALEGRE



“Foi então que Porto Alegre atravessou uma fase febril de realizações fecundas. A picareta destruidora foi posta a serviço do progresso. As ruas estreitas e sujas foram substituídas por avenidas largas e limpas. O calçamento de pedras irregulares foi substituído pelo de paralelepípedos ou pavimentação de concreto. Velhos pardieiros foram demolidos e em seu lugar construídos prédios majestosos, alguns arranha-céus e edifícios de belas linhas arquitetônicas. Bairros inteiros se formaram e o número de construções novas aumentava cada vez mais. A cidade já aumentava a sua área, a população era cada vez mais crescente e não cessava a ânsia por novas realizações”. Assim uma matéria do *Diário de Notícias* em 1935 analisava as modificações aparentes da cidade (Cruz, 1994). O ufanismo provocado pela visibilidade do progresso muitas vezes abafava as conseqüências sociais de tantas melhorias. As avenidas largas e limpas empurravam para a periferia seus moradores originais, a gente pobre. “O centro era o cartão de visitas da cidade e quem não tivesse educação, moral e higiene para nele habitar, que fosse instalar-se nos arrabaldes. A varrida dos pobres do centro da cidade começara, assim como a operosa tarefa de destruição dos becos e cortiços. As ruas deveriam ser asseadas e lindas, para nelas se exercitar o *footing* das famílias de respeito” (Pesavento, 1994).

Além da crítica social, o progresso atiçava o saudosismo e trazia consigo outros medos: “Ao invés da iluminação azeite de peixe, a luz elétrica; ao invés da maxambomba - que não matava ninguém - o ‘elétrico’ e o ‘auto’, que, como epidemias, estão sempre fazendo vítimas: o que o progresso nos trouxe. É doloroso, mas é bonito. Não temos mais frades de pau à porta de cada

A colônia espanhola
presenteou a capital com a
Fonte Talavera de la Reina,
colocada em frente ao prédio
da intendência e que
até hoje representa
o marco zero
da cidade.

Foto de Elen de Oliveira



casa, nem de pedra, às esquinas. Temos postes telefônicos e de luz elétrica, que nos trazem à casa - de longe, num relâmpago - a palavra e a luz” (Porto Alegre, 1994)

A essa época, Porto Alegre já adquirira uma feição definitiva em relação aos seus edifícios que se tornaram marcos históricos. Prefeitura Municipal, Biblioteca Pública, Correios e Telégrafos, a Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, atual Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Usina do Gasômetro e Palácio Piratini já estavam em pleno funcionamento quando o século fechou sua segunda década. Na década de 30, já existiam a Catedral Metropolitana e o Hotel Majestic, atual Casa de Cultura Mario Quintana, a Hidráulica Moinhos de Vento, conhecida como Caixa D’água, cujos jardins têm o traçado paisagístico dos jardins de Versailles. Nessa época, a eletricidade eliminara definitivamente os últimos lampiões a gás da cidade.

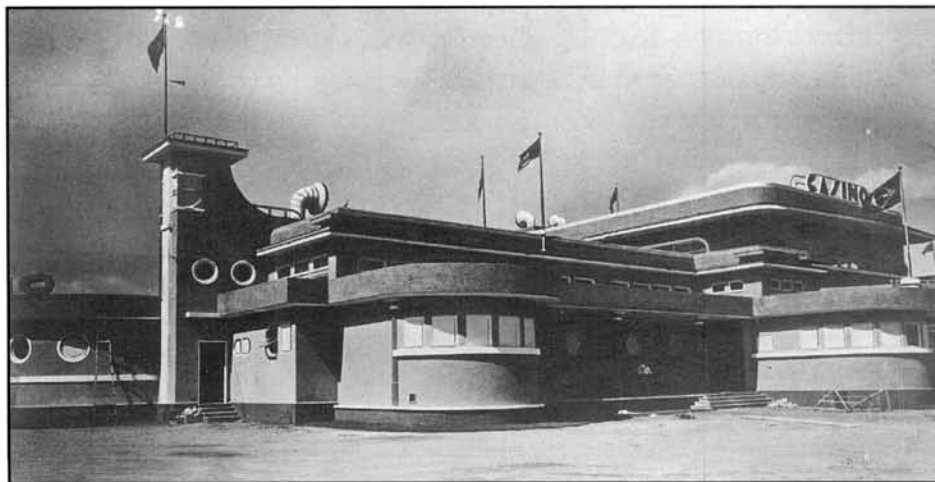
Em 1933, jornais divulgavam como novidade as experiências feitas em São Paulo do uso de rádios em automóveis. Mas não era a rigor uma novidade no país. O major Alberto Bins no exercício de prefeito da capital já instalara um destes aparelhos no seu automóvel particular (Fortini, 1959). Eis que a modernidade em tudo se manifestava na outrora provinciana Porto Alegre. Agora que luz, automóveis, aviões, rádio, cinema, telefone traçavam o novo perfil das cidades, à populaçãourgia preparar-se para acompanhar tantas e vertiginosas transformações. As facilidades de locomoção e comunicação impuseram um novo ritmo de vida e necessidades crescentes de acompanhar os novos tempos. Era preciso entender, preparar-se, enfrentar. Para a mocidade, o estudo se fazia obrigatório, era sua forma mais óbvia de fazer frente ao futuro. Estudar engenharia foi um sonho que encantou parte desta geração. Entender. Influir. Participar dos novos tempos. Dominar a tecnologia.

1935, CEM ANOS DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA



As comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha proporcionaram um dos maiores festejos da cidade de Porto Alegre. Ergueu-se um imenso parque de diversões no Campo da Redenção, a *Exposição do Centenário Farroupilha*, considerada um feito monumental que, segundo tantos quantos a lembram, constituiu-se no grande sonho coletivo da época. A cidade começou a se preparar com antecedência de muitos meses para o evento. As grandes atrações eram a fonte luminosa e um cassino, edifício moderno, especialmente construído para tal. Toda a extensão do Parque Farroupilha foi ocupado com a construção de grandes pavilhões, cercados por praças e jardins.

A mobilização da festa atingiu a Escola de Engenharia que antecipou as formaturas do ano de 1935 para fazer coincidirem todas as comemorações no 20 de setembro. Por determinação do Estado, todos os cursos superiores teriam suas formaturas antecipadas. Por este motivo, as aulas começaram em janeiro e não houve férias de julho. Todos os esforços para participar da festa viram-se recompensados pela grandiosidade da mesma.



Cassino construído para a Exposição de 1935. O prédio chamava a atenção por suas linhas surpreendentemente modernas.



O ESTADO NOVO

De apoiador a opositor de Getúlio Vargas, Flores da Cunha renunciou ao cargo de interventor do Rio Grande do Sul e foi para o Uruguai em outubro de 1937 (*Pesavento, 1984*). A Constituição de 1934 teve vida curta, tendo sido rasgada em 1937 por Getúlio Vargas, sob a alegação de que desordens provocadas pela sucessão presidencial precisavam ter fim. Com o golpe de novembro de 37 e a criação do que se denominou Estado Novo, instalou-se o autoritarismo no país. Neste mesmo ano, deixou de circular *A Federação*, em consequência da implantação do novo regime, sendo substituída pelo *Jornal do Estado*.

O ano agora é 1938. O diretor da Escola é o professor Ary de Abreu Lima.

Uma medida deste período que influiu na condução dos assuntos da Escola de Engenharia, como em outros locais, foi a proibição da acumulação de cargos. Grande parte dos professores da Escola dividiam a docência com funções que exerciam na administração municipal, estadual ou federal. Nesse momento, foi preciso que optassem por um. Como na maioria dos casos, os salários de tais cargos eram superiores aos pagos para lecionarem, muitos professores tiveram que abandonar a Escola. Com a sua saída, foram necessárias adaptações dos currículos para as turmas em curso, o que exigiu grandes esforços.

Anos mais tarde, quando foi reconhecido outra vez o direito à acumulação de dois cargos, sendo um de docência, estes professores puderam voltar à Escola. Nessa renovação de seus quadros, por outro lado, a Escola, apesar de todas as dificuldades por que passou, atraiu a si grandes nomes que fizeram história nas suas disciplinas.

No campo da literatura, o estado tinha motivos para comemorar. Erico Veríssimo e Dyonelio Machado, dois autores gaúchos, recebem, no Rio de Janeiro, o Prêmio de Romance Machado de Assis.

UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL E A FEDERALIZAÇÃO



A Escola de Engenharia integrava a *Universidade de Porto Alegre* já acrescida de dois cursos, criados em 1945 e reconhecidos oficialmente cinco anos depois, Minas e Metalurgia e o de Engenheiros e Arquitetos. Em 1947, a Constituição do Estado incorporou à *Universidade de Porto Alegre* as faculdades de Direito e Odontologia de Pelotas e a de Farmácia de Santa Maria, transformando o conjunto em *Universidade do Rio Grande do Sul*.

A URGS não teria vida longa, sendo em 1950 federalizada. Assim, oficializada em 1970, com a sigla UFRGS, cujo *efe* praticamente ninguém pronuncia, a Universidade assistirá à passagem do centenário da Escola de Engenharia.

Em 1955, o Conselho Universitário (CONSUN) aprovou o Regimento da Escola, que fez desaparecer o curso de Químicos Industriais, substituído pelo Curso de Engenheiros Químicos. E desdobrou o Curso de Engenheiros de Minas e Metalurgia em dois separados: Engenheiros de Minas e Engenheiros Metalúrgicos. Os cursos passaram todos a ter cinco anos, com exceção dos mistos (Engenheiros Cívicos e Eletricistas, Cívicos e de Minas, Mecânicos e Eletricistas, Metalúrgicos e de Minas, Mecânicos e Metalúrgicos) que teriam um ano a mais de duração. Em 1968, o curso de Engenharia Elétrica foi desdobrado em duas opções: energética e eletrônica.

Na década de 60, novo regimento foi aprovado pelo CONSUN instituindo o regime semestral, as matrículas por disciplinas e o sistema de créditos.

Com a federalização, a Escola desliga-se da história política do Rio Grande do Sul, à qual não se viu



mais ligada pelos antigos laços da época da fundação. Alinhando-se ao destino das demais instituições federais, a ex-Universidade Técnica conheceu uma maior segurança em relação ao futuro e seguiu a marcha de seu desenvolvimento.

O PRÉDIO NOVO

Desde os primeiros anos, com a expansão da Escola, o problema do espaço era reiterado relatório a relatório. A solução adotada, emergencial, era a construção de galpões que se destinavam a aulas práticas. A federalização trouxe a possibilidade da busca por

Prédio novo: um novo perfil arquitetônico e acadêmico.



soluções mais compatíveis com a dimensão da Escola. Por outro lado, o ensino tornou-se mais teórico, acompanhando a mudança de mentalidade dos novos tempos. O positivismo e sua ânsia pelo conhecimento prático iam ficando para trás. As novas tecnologias exigiam cada vez mais dedicação à teoria.

Entre 1955 e 1960, no reitorado do professor Elyseu Paglioli, foi erguido o novo prédio da Escola que tinha inicialmente 50 salas de aula, 10 laboratórios, uma grande biblioteca e seis anfiteatros com capacidade para aproximadamente 200 alunos cada um. Com isso, foi possível instituir mais um curso e dobrar o número de vagas nas séries iniciais.

A nova concepção de ensino mudou o perfil do prédio. Professores em regime de tempo integral ganharam salas próprias, e os cursos de pós-graduação aumentaram a demanda por laboratórios de pesquisa. O edifício adaptou-se às mudanças, reformulou-se internamente e recebeu o curso de Engenharia Nuclear.

A ORIGEM DA FACULDADE DE ARQUITETURA

Por algum tempo, conviveram na cidade dois cursos de Arquitetura. A Escola de Engenharia havia assimilado o curso de Arquitetura ao de Engenharia Civil no início do século, e assim se manteve por algumas décadas. Em 1944, o Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul criou um curso de Arquitetura nos moldes do então existente na Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil. Pouco tempo depois, a Escola de Engenharia resolveu criar um curso de Engenheiros Arquitetos, diferente, porém dos moldes oficiais. Com a federalização em 1950, determinou-se que ambos os cursos fossem reunidos em um: a Faculdade



de Arquitetura. A efetivação da fusão aconteceu em 1952, e o prédio da Faculdade foi erguido onde funcionou a Seção Feminina do Parobé e depois o Instituto de Física.

O INSTITUTO DE PESQUISAS HIDRÁULICAS /IPH

O Estado do Rio Grande do Sul há muito se ressentia da falta de laboratório de hidráulica experimental, importante no sentido de se aproveitarem as riquezas das águas para a navegação, irrigação, geração de energia, abastecimento etc. Encomendavam-se a laboratórios do exterior estudos experimentais. No começo de 1953, a Escola de Engenharia pensava em instalar um laboratório de hidráulica para seus cursos regulares. O professor Egídio Hervé era então professor da disciplina de Hidráulica. Seus assistentes, Arcy Cattani da Rosa e Abreu Lima, haviam concluído estágios em laboratórios de hidráulica, na França este e nos Estados Unidos aquele. Contaram prontamente com o apoio do diretor Luis Leseigneur de Faria. Foi considerado fundado o Instituto de Pesquisas Hidráulicas em 7 de agosto de 1953, quando foi constituída uma comissão para estruturá-lo. O prédio que o abrigou foi construído no Campus do Vale, lugar que dispunha de espaço e arroios (Arroio do Sabão e Mãe d'Água) e onde no futuro se assentariam os demais prédios deste campus. O último arroio deu origem à barragem que avistamos ao entrar no Campus do Vale e que foi obra do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, quando era seu diretor o professor Telmo Thompson Flores. Desde sua origem, o Instituto conta com técnicos de alto nível e presta serviços aos mais variados órgãos, sejam pesquisas hidráulicas, sejam projetos de equipamentos auxiliares para pesquisas, diagnósticos etc.

INSTITUTO TECNOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL / CIENTEC



A Fundação de Ciência e Tecnologia (CIENTEC) tem suas origens remotas no ano de 1912 quando se anunciavam os equipamentos adquiridos na Europa para a montagem de um laboratório de resistência dos materiais. “O grande Laboratório de Resistência dos Materiais virá prestar um relevante serviço ao Estado do Rio Grande do Sul, pois poderão ser determinadas as constantes específicas de todos os nossos materiais de construção”. A guerra viria a atrapalhar a instalação definitiva do laboratório, sendo que em 1918, o eng^o responsável, Duílio Bernardi, acusava a falta de alguns indispensáveis aparelhos, além do mau estado das máquinas avariadas pela longa viagem, mas já antevia, o que de fato ocorreu, que, com o fim da guerra, o laboratório poderia ser posto em funcionamento.

“O desenvolvimento técnico de um país não pode renunciar ao exame dos materiais, pois a indústria sempre há de carecer de um controle de seus produtos, e o comprador deseja sempre conhecer as qualidades dos materiais adquiridos” (*Revista Egatea, 1929*).

Objetivando melhorar as condições desse laboratório, a Escola propôs transferi-lo ao Estado do Rio Grande do Sul, desligando-o hierarquicamente dela, garantindo, porém, o seu uso para aulas práticas.

Em 1941, instalou-se na Escola de Engenharia uma comissão encarregada de organizar um instituto de pesquisas tecnológicas. A Escola teria representantes no Conselho Diretor e teria a possibilidade de usar seus laboratórios para fins didáticos. De tal forma, o Instituto Tecnológico representou a integração funcional de órgãos técnicos da Secretaria de Obras Públicas do Estado, da Viação Férrea e do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER) com a Escola, que dispunha de boa parte da aparelhagem necessária, utilizada até então para fins de ensino. Com a federalização da Univer-



cidade, em 1950, o ITERS permaneceu sob a jurisdição estadual. Posteriormente, passou a chamar-se CIENTEC, sigla para a Fundação de Ciência e Tecnologia.

ESTUDANTES, PROFISSIONAIS, HOMENS PÚBLICOS

Desde que a Escola de Guerra foi transferida para Porto Alegre, no século XIX, a cidade teve seu panorama visivelmente modificado pelo fenômeno que se chamou de “invasão de cadetes”. Vindos de diversos pontos do país, formavam grupos que se espalhavam pela pequena capital, com o colorido dos uniformes de calças vermelhas. Com a chegada dos cursos superiores civis, uma concorrência à altura estabeleceu-se para aqueles jovens na disputa pelas moças solteiras. Os civis se apresentavam de chapéu alto e de fraque, feito no *Germano (Fontoura, 1969)*. Apesar de os estudantes de Direito se julgarem os mais elegantes, os candidatos a engenheiro não faziam feio na Rua da Praia e na Praça da Alfândega.

O memorialista diria: “se a capital gaúcha tinha tudo de centro provinciano, uma coisa a destacava: sua tumultuosa mocidade acadêmica. Era assim que, então, se denominava a corporação dos estudantes superiores. No problema de qualquer rapaz, a medida da sua importância provinha de ser ou não ser acadêmico. Estudante eram todos os que alisavam os bancos escolares, desde os cursos preparatórios ou os ginásios.” Prestígio, portanto, era ser acadêmico. E prossegue: “os acadêmicos dominavam realmente Porto Alegre; constituíam uma força à parte, influíam na sociedade, na literatura, nos jornais, nos teatros, nos cafés, nas ruas”. Nesta época, professor de escola secundária ou superior era chamado *lente*. O funcionário administrativo da escola era o *amanuense*. Laboratório era *gabinete*. E semestre era *termo*.

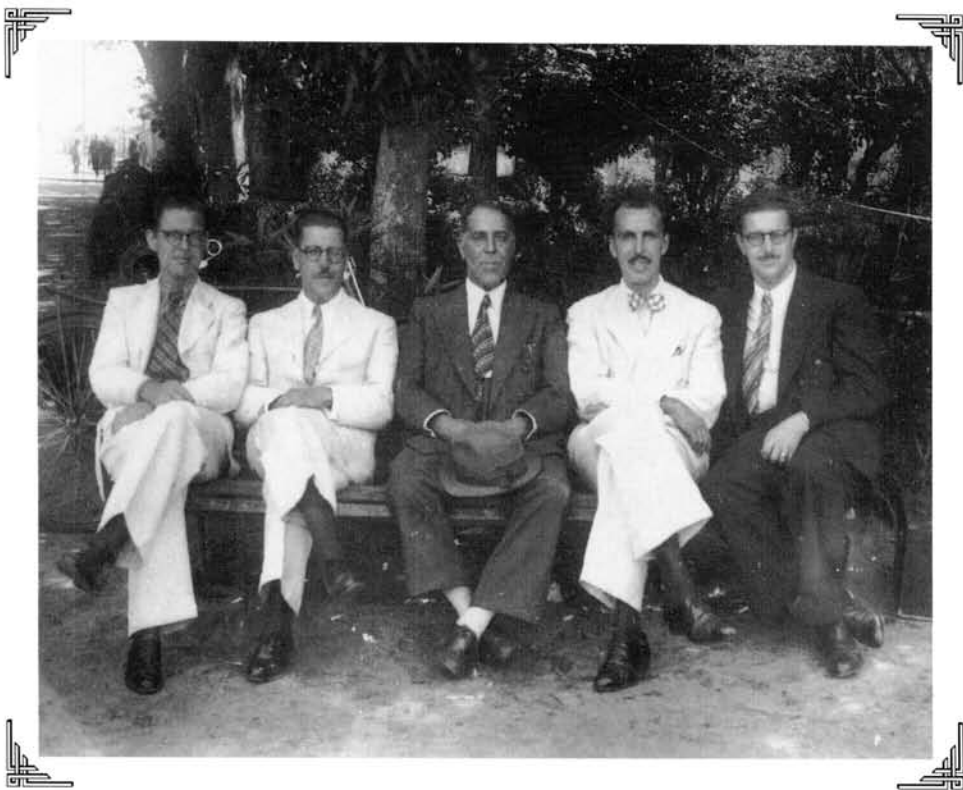
No início da vida da Escola de Engenharia, ela foi cenário de atuação de muitos dos homens públicos do Estado

que foram deixando seus nomes impressos nas cartilhas escolares e suas obras gravadas nas ruas das cidades do Rio Grande do Sul. Mesmo na sua fase mais recente, pela Escola passaram algumas figuras que ajudaram a fazer a história do Brasil.

A Escola de Engenharia supria os quadros da política regional. O professor Ivo Wolff chegou a ser prefeito de Porto Alegre por alguns meses entre 1945 e 1946. Da mesma forma o engenheiro Egídio Costa assumiu interinamente tal cargo. Quando em 1946, surgiu a Ala Acadêmica do Partido Trabalhista Brasileiro, Leonel Brizola, representando a Escola de Engenharia, assumiu sua presidência. Pensador marxista, o engenheiro Otto Alcides Ohlweiler foi constituinte pelo PCB em 1947. O engenheiro Ildo Meneghetti, em 1948, era nomeado prefeito de Porto Alegre, eleito posteriormente para mais um mandato e, a partir de 1955, governador também por duas gestões. Foi seguido pelo também engenheiro formado pela Escola, Ludolfo Boehl, em cuja gestão ocorreu a morte de Getúlio Vargas. As eleições seguintes, ocorridas em 1955, conduziram mais um ex-aluno da Escola, o engenheiro Leonel de Moura Brizola, que ao tempo de estudante já fora deputado. Três anos depois, ele era eleito governador do Estado.

Mas a história há muito tempo deixou de ser somente a história dos vencedores. Hoje sabemos que é a partir da vivência de cada um que se reconstrói com mais pertinência uma época. E que a época não é retratada apenas pelos feitos *heróicos*. As ações anônimas, os fatos cotidianos podem ser a parte mais rica na reconstituição de uma história.

Os estudantes no passado recente formaram na cidade sua pequena sociedade, com seus clubes, seus grupos, seus pontos de encontro, suas moradias em pensões, repúblicas, casas de estudantes, as trocas de informações preciosas entre veteranos e novatos, os namoros, as incertezas, os descaminhos, as brincadeiras, os vexames, as escolhas, as querelas, as greves e os bailes. Enfim, a vida comum, que, recordada, vai se tornando cada vez mais especial.





FAC · QUOD
IN · TE · EST

II
REMINISCÊNCIAS

Maria Letícia Mazzucchi Ferreira

Agradecemos a colaboração dos engenheiros, funcionários e alunos

Achylles Elias Melloni
Alberto Gosch
Alfieri Gobetti
Augusto Simões Lopes Jr.
Darcy P. Cordeiro
Edson Prates de Lima
Eduardo Gonçalves
Elton Almeida
Eugenio Vieira dos Santos
Eurico Trindade Neves
Florisbelo Veiga
Franklin Jorge Gross
Günter Weimer
João Dib
José Carlos Bornancini
José Gomes Franco
José Olympio de Abreu Lima
José Ripoll
Leda Gobetti
Leopoldino Simoni
Lili Boeckel
Lilia Bernardi Ferreira
Lothar Hessel
Luiz Paulo Felizardo
Manoel Luis Leão
Manuel Morais
Paulo Martins
Pedro Bisch Neto
Raul Rego Faillace
Roberto Ferreira
Sergio Napp
Sergio Rheingantz Pernigotti
Thémio P. Vita
Walter Otto Cybis

TORNAR-SE ENGENHEIRO



Emergindo do passado, uma cena vai-se delineando: no hall de entrada da velha Escola de Engenharia, em algazarra, rapazotes portando nas mãos livros e réguas, na cabeça, fórmulas e cálculos, sobem a escadaria de mármore já gasto e parecem ser saudados pela imagem esculpida de João Simplício de Carvalho. No prédio da esquina, defronte a Santa Casa, a lâmpada vermelha acesa às cinco para as oito, apagou-se. São oito horas, e o movimento continuará por ainda alguns segundos, quando, auxiliados pelo porteiro, os rapazes já estarão em suas salas, à espera do mestre. Diante de sua presença na porta, a turma de estudantes levanta-se em saudação e, sob o sol de uma manhã primaveril dessa Porto Alegre, agora já antiga, mais uma aula começa, mais um passo em direção ao sonho de todos eles: tornarem-se Engenheiros.

Pelos menos por duas horas haverá silêncio no sólido e imponente prédio da Praça Argentina. Os únicos barulhos escutados são das máquinas de escrever Remington recém adquiridas para a Secretaria, onde não mais do que seis funcionários dividem-se em tarefas vitais para o funcionamento da escola, como o cadastro de alunos ou a conferência e registro das médias obtidas. Na sala de pé direito alto, entre pesados armários de madeira, arquivos e escrivaninhas, espalha-se o trabalho desses homens e mulheres que, dedicados e atentos, só irão interromper para um pequeno intervalo para o chá. Lá fora, por trás das vidraças da Secretaria, a manhã corre solta, e na azáfama do dia-a-dia passam bondes, transeuntes apressados, amoladores de faca e seus apitos, jornalheiros agitando o matutino com notícias recentes do desenrolar da guerra na Europa.

Nas salas de aula, atentos ao mestre, os futuros

*O lápis, o esquadro,
o papel;
o desenho, o projeto,
o número;
o engenheiro pensa
o mundo justo,
mundo que nenhum
véu encobre.*

João Cabral de Melo Neto



engenheiros, alheios que estão nesse momento ao panorama mundial, pensam principalmente nas horas que terão de estudo para o exame oral que ocorrerá nos próximos dias. Números e operações algébricas, problemas e traçados, medições e acertos estão passando por cada uma dessas jovens cabeças.

Final de mais um período. Das portas agora abertas saem os rapazes, combinando o horário de estudo, comentando a aula assistida, pensando que terão menos de duas horas para retornar. Em grupos, dirigem-se para tomar o bonde ou para as pensões não muito distantes dali, assim como a Casa do Estudante, alternativas de moradia para os que não são da capital. Sabem que quando o relógio tocar quatorze horas deverão estar a postos para mais uma aula prática, desta feita ministrada pelos professores assistentes, alguns deles recém egressos dos bancos da Escola. No meio da tarde, entre uma aula ou outra, um espaço para o jogo de xadrez no CEUE, ou um “mil folhas” com um copo de leite no boteco do meio da quadra, ou uma consulta rápida à biblioteca.

Fim de tarde, e o destino da maioria é o mesmo: o passeio dos garbosos engenheiros na Rua da Praia, o encontro com as *gurias* que nesse horário estão saindo do colégio ou do trabalho.

A cena: o hall de entrada da Escola. Entre mármore já gastos, quadros estampando retratos de formandos, agora já vultos do passado, o tempo correu. Agosto de 1996, a velha e honrosa Engenharia completa a marca de seu centenário. Testemunha de profundas transformações, é parte da história que muitas vezes ajudou a construir.

Os sinais desses outros tempos já passados estão em outros lugares além dos prédios, dos quadros de formatura, das salas e mobiliário antigos. Alojamos-nos fundamentalmente na memória desses engenheiros e engenheiras, e por um instante parece que misturam-





se vozes, misturam-se na mágica capacidade de trazer ao presente o que agora sobrevive apenas como recordação. São essas vozes que ecoam do passado e, no laborioso ato de recordar, o olhar vasculha à procura de colegas e mestres, à procura de sua própria imagem fixada em algum momento dessa trajetória que, para alguns, constitui boa parte de suas próprias vidas.

Outras gerações hão de vir, outros tempos, outros desafios e experiências. Permanecerá, no entanto, o passado como herança e a história como sua fiel guardiã.

OS ANOS VINTE: A “*BELLE ÉPOQUE*” DA ESCOLA DE ENGENHARIA



Da pequena Porto Alegre, alguns elementos compõem o cenário desses tempos como os velozes bondes, os vestidos longos e os chapéus masculinos. O edifício da Escola é ainda uma recente construção e audacioso projeto de formação de profissionais capazes de empreender as obras necessárias para a modernização do estado.

Os projetos são, além de outros, de usinas, hidráulicas, estradas e pontes, cujas plantas desenhadas a aquarela sobre papel grosso, dão conta, através de cálculos e traçados, de, por exemplo, uma ponte metálica sobre o rio Gravataí, defendida como projeto final pelo então engenheiro Ari de Abreu Lima.

A história desse homem mistura-se com a da escola da qual foi Diretor, e com a daqueles que, junto com ele, partilharam as



conquistas e avanços dessas primeiras décadas do século. O mapa urbano estava também ele, traçado de forma diferente. Havia, perto da Escola, o 7º Batalhão Militar, e, nas comemorações de Sete de Setembro, a parada militar acontecia pela João Pessoa, no sentido da Venâncio Aires para o centro, e as tropas passavam praticamente em frente à Escola de Engenharia. Nesse dia, o professor Abreu Lima, antes de recolher da garagem da Escola o seu Ford Bigode, carro adquirido para os passeios dominicais da família, assistia junto com os filhos ao desfile militar. Entre as crianças, um futuro engenheiro e professor obteve ali, ainda na infância, os primeiros contatos com aquilo que mais tarde revelou-se sua vocação. O menino José Olímpio vasculhava os vários recantos do prédio, da portaria à Biblioteca, que ficava no torreão, a sala nobre mobiliada com móveis feitos no Instituto Parobé, móveis torneados, de madeira maciça, até o Observatório Astronômico, onde sempre encontrava uma figura marcante, de barba espessa, boina na cabeça e voz bastante grossa: o professor Eugênio Brito, chefe do Observatório.

Na conversa do professor Eugênio, não faltavam as menções aos seus *companheiros*. “o Joseph está mal”, lamentava-se, referindo-se a um dos relógios do Observatório.

Em suas visitas à Escola, o menino José Olímpio conheceu a máquina de telégrafo, alguns funcionários como o *Seu Prado*, da biblioteca, e o Barão, chefe da portaria, assim como alguns dos grandes nomes que capitanearam a engenharia rio-grandense, na época, colegas de seu pai.

A Escola comparava-se, tal como afirmam alguns de seus formados, a uma casa materna, onde o espírito de dedicação dos mestres foi a pedra angular de uma comunidade acadêmica que enfrentaria, nas décadas seguintes, os reveses e desafios de tempos politicamente agitados.



TIROS ECOAM NA ESCOLA: A TURBULÊNCIA DOS IDOS DE TRINTA

Foi nos anos trinta que a Escola viveu alguns de seus momentos mais dramáticos. Incrustada num dos pontos nevrálgicos da resistência militar ao movimento revolucionário, muitas são as histórias que ali se desenrolaram.

A turma de vestibulandos que ingressou no ano de 1930 passou por uma experiência singular. O ambiente da época era de intensa agitação política e, já nas vésperas do fatídico mês de outubro, marco da ascensão de Getúlio Vargas ao poder, o movimento em Porto Alegre era muito grande, havendo inclusive agentes revolucionários que insuflavam os estudantes para a revolução. Muitos dos jovens aspirantes a engenheiros, que ingressaram nesse período, acabaram entrando para o CPOR e no dia 3 de outubro foram mobilizados para a luta. O próprio prédio foi ocupado pelos militares resistentes e foi tiroteio de todo lado, sobrando algumas balas encravadas nas paredes da escola que um reboco um dia veio tapar.

Nesse ano, as aulas na Escola foram até outubro e, embora os professores fossem muito dedicados, a tensão fora das paredes da Escola era muito grande. Fervilhavam debates, reuniões acaloradas no CEUE, enfrentamentos entre getulistas e partidários do deposto presidente Washington Luis. No final do ano, em função de toda a agitação que envolveu inclusive o afastamento temporário de pessoal, o governo estabeleceu a passagem de ano por decreto, não foi preciso fazer exame, e então o segundo ano foi iniciado dando matéria do primeiro.

Nos anos que se seguiram, os enfrentamentos e agitações continuaram, culminando com uma greve organizada pelos estudantes, cujas bandeiras de luta

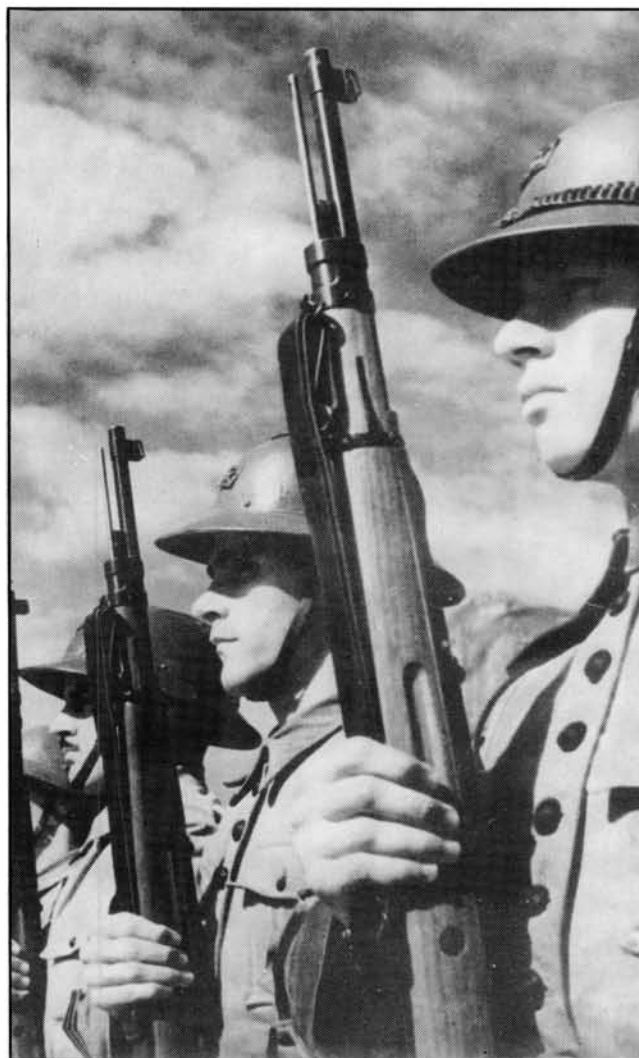
eram, dentre várias, a suspensão do exame obrigatório e o rebaixamento de algumas taxas. Os rapazes, mobilizados, ocuparam o prédio, enfrentaram a direção e, numa das manifestações, lançaram um boletim pedindo apoio à população.

No ambiente tensionado, alguns estudantes chegavam até mesmo a se *estranhar* com revólver, e era aquilo de, lá pelas tantas, por alguma questão de posicionamento favorável ou não a Getúlio, ou a Borges de Medeiros, discussões só serem aplacadas quando acabava intervindo a turma do “deixa disso”.

Dos estudantes, a maioria era natural de Porto Alegre, mas aqueles que vinham de fora em geral buscavam as pensões, sendo uma das mais conhecidas a Pensão Palácio, no local onde hoje é o Hotel Palácio, esquina da Vigário José Inácio com Riachuelo. De algumas dessas pensões, sobrados antigos cujos cômodos eram alugados pelos rapazes, e das casas de família, os jovens que faziam o CPOR tinham que sair muito cedo pela manhã para pegar o bonde. Para alguns, a grande dificuldade era pagar a Escola. Por isso concorriam a bolsas de estudos administradas pelo CEUE. Aos contemplados, esta bolsa cobria taxa de matrícula e mensalidade, mas todo o material gasto, tal como os reagentes, ou aquele que fosse danificado nos laboratórios, era debitado numa conta a ser paga no final do ano. Muitos foram os casos de alunos que, não podendo saldar a dívida, assinavam uma promissória para pagamento com o primeiro ordenado que viessem a receber.



*Os anos 30 se encerram
com uma nova ameaça à
paz e ao progresso.
Brasileiros são convocados
para combater na Europa
ou defender a costa.*





A estudantada, sempre fazendo movimento e barulho, como aliás é seu distintivo, dividia-se em grupinhos de estudo e um desses era o que se encontrava numa casa, ali na Olavo Bilac, residência de um dos rapazes. Serões de estudo, movimentação de jovens, não deu em outra. Foi feita uma denúncia, sabe-se lá por quem (em tempos difíceis o anonimato é regra), de que ali era um *antro de comunistas*, e a polícia bateu prendendo a gurizada. Felizmente, nada de sério, pelo menos não como seria algumas décadas mais tarde. Desfeito o engano, cada um voltou à sua origem, não por certo sem um vago sentimento de temor.

Dos professores, o que se sabe é que o salário era bastante reduzido e, com o decreto presidencial de 1937, proibindo acumulações de cargos públicos, muitos acabaram optando pelo trabalho na Prefeitura ou Secretaria de Obras Públicas, deixando, alguns temporariamente, outros para sempre, a cátedra ocupada na Escola. Tempos difíceis para esses jovens engenheiros que, em geral, quando se formavam, já tinham esposa, e até filhos a caminho.

No final dos anos trinta, o Estado Novo era o modelo ditatorial brasileiro. Fora, o mundo toma conhecimento, estarrecido, de um novo conflito mundial: Eixo e Aliados se enfrentam. O Reich Nazista mostra ao planeta a sua impiedosa força e de novo as opiniões e debates voltam à cena, uns defendendo a democracia, outros justificando a guerra. Os anos 40 trazem ao cenário mundial as várias faces da violência e, enquanto no tabuleiro de guerra as peças vão-se dispondo, Porto Alegre assiste aos episódios tristes do “quebra-quebra” e, mais uma vez, as salas de aula da Escola de Engenharia voltam a sediar discussões.

DE VOLTA REDONDA AO “PETRÓLEO É NOSSO”: ENGENHEIROS PARA O FUTURO

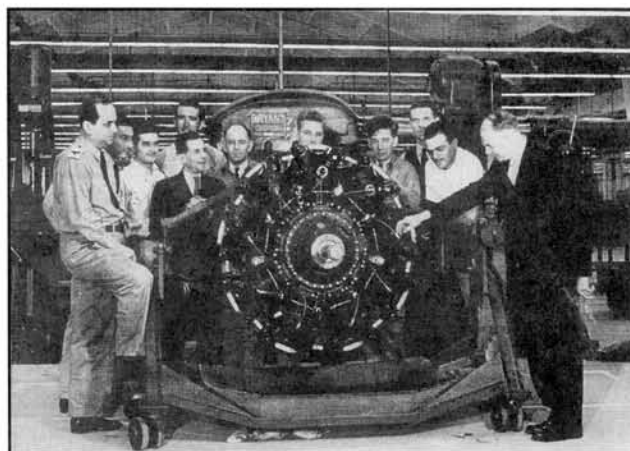


Nos primeiros acordos dos anos 40, a Escola, mais uma vez, é testemunha de fatos inusitados. Em 41, uma grande enchente assola Porto Alegre. Na Praça da Alfândega a água chegava a uma altura de mais de um metro. Ao Edifício Guaspari, chegava-se de barco. Por decisão e ordem do Diretor da Escola, inúmeros flagelados foram abrigados em suas dependências. No cenário mundial, a guerra mostra um dos lados mais perversos da História, o Holocausto. A indignação provoca reações diversas. Em várias cidades, incluindo Porto Alegre, empresas alemãs foram agredidas, lojas saqueadas, templos violados. Dentro, no interior da comunidade acadêmica, alguns respingos se fizeram sentir, não somente pelo clima de desconfiança instaurado pelas denúncias da cooperação com o Reich Nazista, como pelo fato de que alguns professores foram convocados ao serviço militar, quando da entrada do Brasil na guerra.

No plano político nacional, a convivência com uma ditadura não era pacífica. Inúmeras foram as manifestações estudantis contra o Eixo, bem como inúmeras foram as práticas repressivas contra elas. A política estudantil refletiu, em vários momentos, esse tensionamento, e a polarização esquerda-direita já compõe o repertório dos militantes. A tendência de esquerda passava a ser muito forte entre os estudantes, bem como a oposição ao estadonovismo. Alguns mestres, que simpatizavam com a ditadura, acabavam entrando nos debates.

Algumas modificações acontecem também no

Engenheiros brasileiros e norte-americanos examinam um motor Wright-Whirlwind, usado para treinar mecânicos na recém criada Fábrica Nacional de Motores, no RJ.





próprio corpo docente da Engenharia porque foi nessa época, fins da década de 40, que surgiu a figura do professor assistente, o que abriu novas relações com o alunado, representando um estágio intermediário entre a experiência do catedrático e a juventude dos alunos. Esses professores assistentes, via de regra, haviam concluído recentemente o curso e, não raro, já eram conhecidos pelos estudantes.

Jovens ainda, possibilitaram um entrosamento maior professor-aluno, o que não significa dizer que, por algum momento, o respeito e a hierarquia fossem relevados. Por exemplo, nunca se chamava o professor de *tu*, mas sempre de *vós*, e o velho hábito de levantar-se em sinal de respeito, quando da entrada do professor na aula, continuou. Aliás, era comum que a rapaziada em algazarra no hall de entrada, ao ser



O rigor no vestir era uma das marcas da época, sendo observado desde as mais modestas atividades.

surpreendida pela presença de um mestre, silenciava imediatamente. Raramente aconteciam manifestações de desconformidade com algum professor, e quando aconteciam eram discretas, tal como deixar algum desenho ou frase na lousa. O decoro por parte dos professores era observado inclusive na indumentária, sendo muito raro que algum se apresentasse para uma aula sem gravata e paletó.

No vestibular, algumas mudanças também ocorreram, como a repetição do mesmo com a finalidade de preencher vagas. Exame difícil, em geral não aprovava aventureiros e já a existência de cursos preparatórios foi um fator importante. Um desses cursos mais reconhecidos era o *Curso Gosch*, aliás, de um também engenheiro.

Os pontos de cada prova eram sorteados na hora, e cada vestibulando era argüido oralmente por uma banca, além da prova escrita sobre matemática, física, química, história natural e desenho. Diante do nervo-



sismo dos jovens pretendentes à condição de universitários, alguns professores tentavam optar pela descontração. Em uma dessas provas, o vestibulando foi argüido pelo examinador sobre o ponto: metassenso, o corpo em equilíbrio num determinado espaço ou lugar. Tomando como problema as condições para o equilíbrio de um homem sobre um arame, o rapaz tenta explicar como a física entende tal fenômeno. Acabada a explanação, ouve do examinador:

- *Está faltando uma coisa para ele ficar equilibrado, o senhor não se dá conta?*

- *Meu Deus, pensa o pobre rapaz, o que será??*

- *Ora, o senhor não sabe?... Precisa ser bom equilibrista!*

Essas e outras amenidades ajudavam a quebrar a tensão e suavizar as várias horas de provas a que ficavam submetidos os vestibulandos.

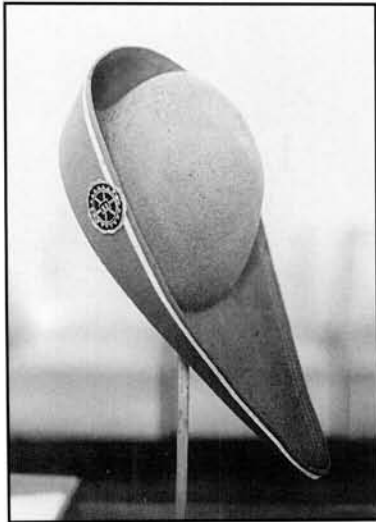
Assim que, uma vez tendo sobrevivido a uma seleção tão disputada, o ingressante à Engenharia já sentia, nos primeiros passos dentro da Escola, pertencer a uma comunidade diferenciada. O próprio calendário escolar chegou a ser diferente, as aulas de Engenharia começavam bem mais tarde do que as dos outros cursos, como Medicina e Direito. Em geral, começavam em finais de março, e o ingresso no primeiro ano era cercado de uma série de rituais, alguns consagrados por várias gerações de engenheiros.

Passando por algumas brincadeiras, comuns nos inícios da década de 40, desde colocar argamassa no cabelo dos bixos, ou fazê-los medir a escadaria da escola com palitos de fósforos, até o famoso Desfile dos Bixos, que algumas vezes saía do Instituto de Química, onde os veteranos se encarregavam de passar picrato de butesim nos pobres calouros, o que lhes deixava “amarelados” por mais ou menos uma semana. Além disso, ficava estabelecido que, por um período de em geral um mês, a *bixarada* tinha que obrigatoriamente usar um chapéu-distintivo. O problema era o formato



do tal chapéu, que muitas vezes foi de orelhas de burro, mas aí do bixo que fosse surpreendido sem ele!

Outros trotes também eram aplicados às pobres vítimas, como por exemplo, tirar a metade do bigode do assustado calouro, fazê-lo descer a escadaria de joelhos e com o sapato amarrado, ou passar gilete na metade do cabelo. Aliás, houve, em 45, um bixo famoso que dizia que ninguém lhe passava trote. Ele tinha uma melena caprichada, com *gumina* e tudo, e a turma resolveu que ia cortar o cabelo dele. E foi assim que, numa manhã, quando o tal bixo ia passando pela frente do prédio, os veteranos pegaram-no e já iam passar a máquina quando apareceu o pai do sujeito de revólver em punho. Acabou a brincadeira ali, sob um grande susto.



O uso do chapéu (que ainda possuía um penacho) era uma das obrigações dos calouros.

Mas o que mobilizava mesmo veteranos e calouros era o Desfile dos Bixos, ou como também ficou conhecido, posteriormente, a Passeata dos Bixos. Precedia esse evento, que acontecia lá pelo final de março, uma etapa de preparação que cada curso realizava em segredo porque haveria, posterior ao desfile, uma premiação dada por comissão julgadora, para itens como a originalidade, o tema mais crítico, a melhor caricatura, o melhor *jingle*. Então era um trabalho de equipe que começava no início do mês de março, o pessoal se reunindo nos intervalos das aulas, no final de cada período e trabalhando duro para ser o melhor.

A turma que entrou em 55, por exemplo, lembra desse desfile que versou sobre uma temática polêmica no momento: a campanha “O petróleo é nosso”. Assim, bixarada e veteranos trabalharam em sigilo em um dos pavilhões cedidos pela direção da escola e, sob a coordenação dos últimos, passavam horas a fio pintando e desenhando cartazes, fazendo alegorias, elaborando enredo. Até carro alegórico se fez.

O movimento em defesa do petróleo e a criação da Petrobrás foram reverenciados pelos engenheiros

nesse desfile. Um dos carros era alusivo à Petrobrás e era a caracterização de um posto de gasolina onde havia um bixo vestido com a bandeira do Brasil e um frentista abastecendo um carrinho no qual estava a inscrição “O petróleo é nosso”. Até uma torre de prospecção de petróleo foi erguida pelo pessoal no chariz da Praça da Alfândega, onde terminava a Passeata com um grande banho.


Além disso, alguns tipos foram caricaturados como uma dupla que fazia sucesso no cinema da época, Dom Camilo, um padre e Pepone, um líder comunista. Dos rapazes foram escolhidos os dois cujos portes físicos se assemelhavam aos tipos. Assim, um alto e forte foi caracterizado como o padre, e um de grandes bigodes, como o líder comunista.



Nessa mesma noite foi realizado o concurso Mister Atlântico Sul, parodiando um concurso em moda que era o de Rainha do Atlântico Sul. Assim, o concurso Mr. Atlântico Sul realizou-se entre concorrentes os mais bizarros possíveis que desfilavam sua silhueta esquelética por sobre uma passarela e sob a torcida da bixarada, cada grupo com seu candidato.

O desfile ia pelas ruas centrais de Porto Alegre com o pessoal embalado por algumas garrafas de cachaça e com muitos “pirulitos” com as mais diversas frases e desenhos, nada muito ostensivo para não ser apreendido pela Polícia de Costumes que sempre dava uma recorrida para ver se não havia algo pornográfico. Antes de sair à rua, o crivo era feito por uma Comissão de Censura da própria organização. A cidade parava para assistir ao desfile.

Passeata dos bixos na década de 50. O cartaz, dentro do espírito nacionalista da época, diz: "Eis a realidade: Enriqueça! Compre ações da Cia. Nacional de Discos Voadores."



Os cursos da engenharia sempre se caracterizaram pelo alto grau de exigência, e, assim, já no primeiro ano os calouros aprendiam que, para vencer as dificuldades impostas, tinham que formar os grupos de estudo. Via de regra, os grupos que se originavam acabavam sendo também de convivência, de sociabilidade e compartilhavam ansiedades. Ansiedades, aliás, que não eram poucas. O exame oral, por exemplo, era o grande terror do alunado. O ponto era sorteado na hora e ficavam na sala três examinadores, e os sofridos estudantes tinham cada um sua vez pela ordem na lista de chamada. Então ficava aquele clima, o pessoal ficava sondando nos arredores, cada um que saía era imediatamente cercado pelos colegas. Os alunos eram sabatinados em seqüência: saía um, entrava outro. Então, conforme o perfil dos examinadores, se mais ou menos exigente, os alunos mais tarimbados tinham já suas artimanhas, e ficavam muitas vezes para o final para pegar o examinador mais camarada.

Uma grande inovação dos anos 40 foi a introdução do sistema de pontos e apostilas mimeografadas. O sistema funcionava da seguinte forma: havia aqueles que copiavam toda a aula, depois datilografavam e davam para o professor corrigir. O CEUE assumiu a função de fazer as apostilas e, como não havia xerografia, as cópias eram feitas em mimeógrafo a manivela, à base de tinta, que “sujava até a alma de quem passasse perto”. Foi contratado para dar manivela, por algum tempo, o Eurico, que era porteiro da Escola. O pessoal ficava até tarde da noite trabalhando no porão onde funcionava o CEUE, que por essa época ainda não tinha piso nem forro e apresentava vigamentos à vista e janelas só com grades de ferro. Ali se fez uma grande quantidade de apostilas que circularam por gerações de estudantes. Em alguns momentos chegaram a acontecer leilões de pontos dos alunos que tinham se saído bem em tal ou tal matéria. Então esses pontos valiam muito pelo seu grau de confiabilidade e assim eram muito concorridos.

A idéia de turma era bem forte, pelo menos enquanto durou o sistema seriado, ou seja, anual. O pessoal entrava junto e, salvo exceções, formava-se junto. Era uma convivência intensa pelo menos por cinco dias da semana durante cinco anos. Quem era de Porto Alegre normalmente juntava-se a porto-alegrenses, e os serões de estudo eram na casa de um ou outro. Já para os que vinham do interior, as opções de moradia eram as pensões, a Casa do Estudante e as famosas Repúblicas.

O capítulo *pensões* daria muito o que falar, afinal foi nesses locais que muitos engenheiros, posteriormente consagrados como grandes profissionais, viveram os anos de curso. Essas pensões eram de níveis variados, a maior parte localizada nas imediações da Escola e algumas ficaram, em períodos diversos, bastante conhecidas. É o caso da *Pensão do Padre Werner*, que levava esse nome porque ali

moravam muitos acadêmicos ligados à Congregação Mariana. Nessa pensão, localizada na rua Independência, número 482, moravam estudantes de vários cursos, todos porém, de orientação católica sendo a direção da casa levada por estudantes da congregação.

Outras dessas pensões eram casas de família, em geral antigas e grandes, cujos quartos eram sublocados. As reclamações da estudiantada que vivia nesses lugares era principalmente em relação à qualidade das refeições. O “feijão nosso de cada dia” estava sempre na mesa e, quando aparecia frango, o pessoal logo lembrava daque-



As turmas conviviam dentro e fora da Escola. Este convívio criou laços que se mantêm ainda hoje, sendo que a maioria das turmas reúne-se periodicamente para confraternizar.



le dito: “pobre, quando come galinha, um dos dois está doente”.

O jeito era, depois, no quarto, compensar com os doces, biscoitos, compotas e salames que alguns traziam de suas casas e que guardavam como se fossem tesouro.

Já as casas de estudantes, principalmente a da rua Riachuelo, era um lugar mais eclético, onde se congregavam estudantes de vários cursos como Engenharia, Medicina, Direito, Odontologia. Era um espaço bem organizado, dirigido pelos próprios estudantes que revezavam-se nas chamadas monitorias, a fim de, mensalmente, administrar o local, tanto no que se refere a compras dos gêneros utilizados (o que em geral faziam na feira noturna do Mercado Municipal) como selecionar cardápio e gerenciar o trabalho dos funcionários.

A Casa era de quatro pavimentos e sacadas com corrimão de ferro dando para dois pátios internos. O convívio entre os estudantes muito ocorria por força de terem que compartilhar espaço, e as pessoas acabavam se conhecendo *por tabela*, um levava colegas para estudar e esses já eram apresentados para outros, de cursos diferentes. Em geral, após algum tempo formavam-se grupos para sair junto, ir às reuniões dançantes, ao cinema. A Casa havia sido doada pela família Almeida e, posteriormente, na década de 60, recebeu o nome de Aparício Cora de Almeida, filho do casal Almeida, assassinado em circunstâncias nunca esclarecidas na época da ditadura Vargas.

Dentre uma população razoável de moradores da Casa, havia aqueles tipos que acabavam chamando atenção por suas esquisitices. Alguns lembram de um estudante que não dormia, passava a noite inteira caminhando e corria o boato de que era lobisomem. Outros falam de um acadêmico de medicina que apresentava a extravagância de dormir dentro de um caixão disposto sobre cavaletes.

O deslocamento do interior para Porto Alegre, nesses idos de 40 e 50, era por si uma grande aventura, pois as distâncias eram imensas, e a rapaziada vinha como podia. Um desses estudantes, cuja família residia em Pelotas, recorda as agruras por que se passava para estudar na capital, única possibilidade para aquele que sonhasse ser engenheiro. Na década de 40, o trajeto Pelotas-Porto Alegre era ainda feito por navio, que saía de Rio Grande. Com sorte, era possível pegar um *Ita*, senão era um *Cruzeiro*, que jogava o tempo todo. Já em 47, aparecem as limusines que eram, na verdade, um carro tipo *Mercury* com cinco lugares, além do motorista. O pessoal partia de Pelotas às 6 horas da manhã e quando chegava a Porto Alegre às 18 horas podia se considerar como tendo feito uma grande viagem, pois, na maior parte das vezes, o carro enguiçava e aí o jeito era pernoitar em algum bolicho de beira de estrada, sobre sacos de feijão e milho. Claro que com todas essas dificuldades, “ir para casa” ficava restrito às férias, e a saudade batia forte.



Viagens de estudos ou de lazer criaram laços de amizade entre alunos de diferentes turmas.

A vivência na Engenharia tinha também o lado esportivo e o social, que ninguém é de ferro. Para os menos entusiastas dos exercícios físicos, uma rodada de xadrez no Centro Acadêmico podia ser disputada ao som de torcidas. Mas o que mais atraía a “engenheirada” eram as famosas competições entre a Politécnica de São Paulo e a Engenharia, ou a POLIENGE.

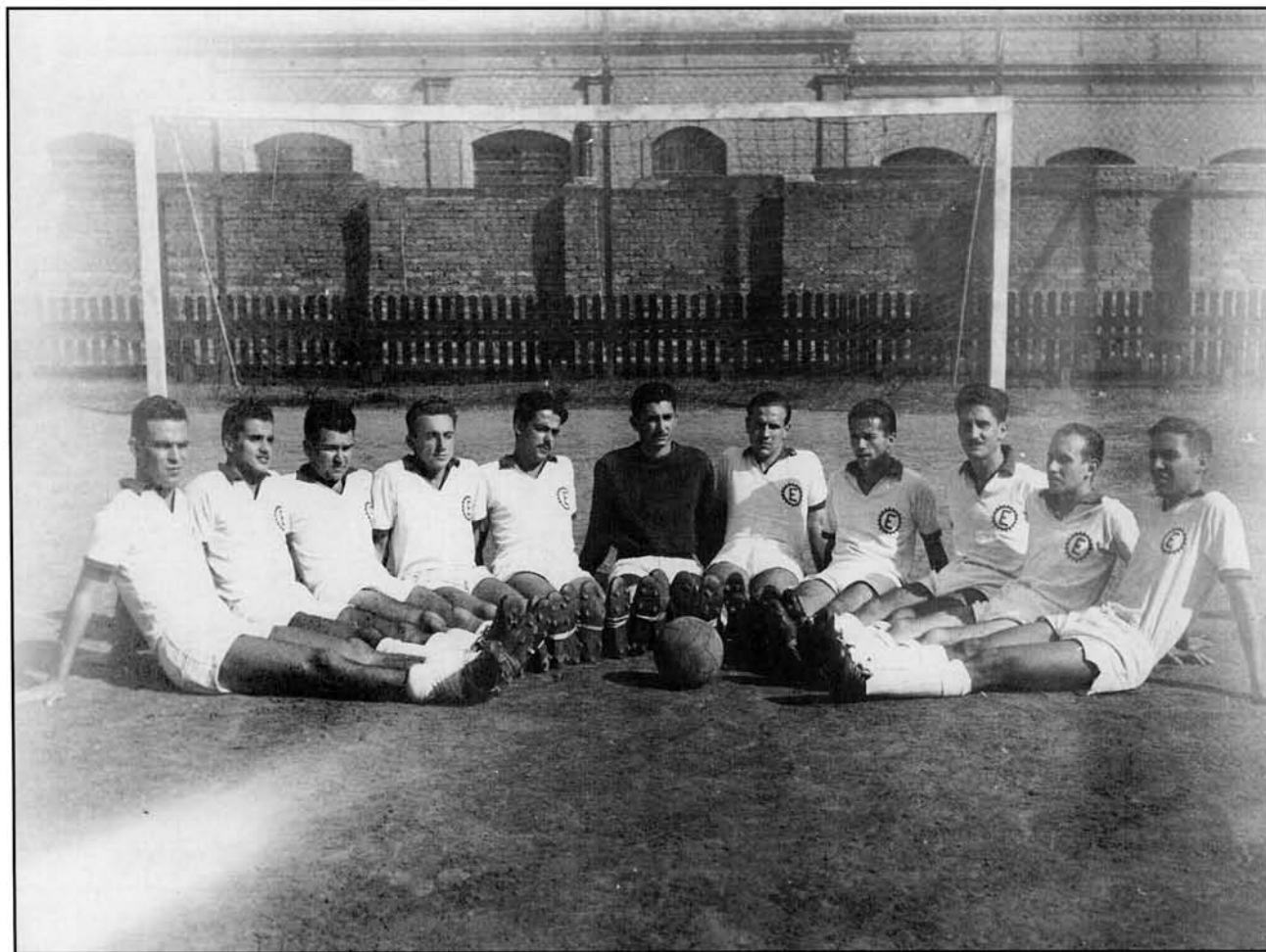


Eram várias modalidades esportivas como xadrez, vôlei, basquete, tênis e futebol. Enquanto aconteceram essas competições, as sedes revezavam-se, um ano em Porto Alegre, no seguinte em São Paulo.

Os que estavam na escola em 47 lembram de terem ido a São Paulo de trem. Foram quatro dias de viagem num vagão ocupado só pelos estudantes, sem acompanhamento de professor. Lá pelas tantas da viagem, na localidade de Marcelino Ramos, um dos condutores procura o aluno que chefiava a expedição e diz:

- Eu vou desligar esse vagão e vocês vão ficar parados aí.

*São Paulo, 1951.
Além da pose para a foto, o time da Escola de Engenharia também fez bonito nas competições da Polienge.*



Tal atitude tinha sido resultante da grande agitação promovida pelos rapazes, mas que, logo após a ameaça, passaram a se comportar. Chegados a São Paulo, foram recebidos por uma representação da Politécnica que os levou para o alojamento no estádio do Pacaembu, recentemente inaugurado.

Outro acontecimento esperado era a Olimpíada Universitária que acontecia uma vez por ano, em várias cidades. A esse evento compareciam alunos de vários cursos e se ia para qualquer lugar do Brasil. Num desses anos, final de 40, a Olimpíada foi sediada em Recife, e a viagem até lá foi feita de navio, que saindo do Rio Grande, parou em vários portos pegando delegações. O detalhe é que era uma embarcação com capacidade para 300 pessoas e só de estudantes iam 700. Assim, em meio a essa multidão empilhada, algumas saídas criativas tiveram que ser implementadas. Foram sorteadas cabines entre as delegações e quem não fosse contemplado tinha que se acomodar no chão, em qualquer canto. A turma de futebol, por exemplo, ficou no andar inferior num recanto transformado em saleta, e ali foram colocadas redes, umas por cima das outras, para a rapaziada dormir.

Além das POLIENGE e das Olimpíadas, havia os Torneios Internos, disputados inter-cursos e inter-séries, e nesses a figura da Madrinha era o destaque. Eram moças convidadas para ser madrinhas, uma vez que dentro das fileiras acadêmicas da engenharia, a figura feminina ainda era muito rara. Tanto que as poucas moças eram do curso de Química, e eventualmente do de Civil.

Fato expressivo da presença rarefeita do sexo feminino nessas décadas que antecederam aos anos 60



Escola de Engenharia
7 X 2
Politécnica de SP

Nossa zaga sofreu dois tentos, mas nosso ataque não ficou em off-side, cobrou corner e encestou a pelota na guarda do adversário por sete vezes, vencendo espetacularmente a contenda.

foi o relatado por um aluno. Lá pelos finais de 40, numa aula da cadeira de Estradas, havia uma única moça. O professor da disciplina era um tipo gauchão, algo conservador. E, no meio da aula, todo mundo desenhando, ele passou, olhou para a moça, passou de novo, e chegou perto para dizer: “ora, vejam só: podia estar em casa aprendendo a cozinhar e quer ser engenheira!” Presença rara no meio de um universo essencialmente masculino, o espaço das mulheres foi gradativamente sendo conquistado.



Competência ou influência da madrinha, esta equipe foi bicampeã interséries.

Compensando essa ausência estrutural de moças no meio acadêmico, os engenheiros iam encontrá-las em locais privilegiados para isso. Há que se falar aqui dos passeios na Rua da Praia, que em geral aconteciam aos finais de tarde. Não raro se burlava o último período para encontrar o flerte ou a namorada. Os grupos de estudantes saíam da escola, de pasta e muito garbo, e iam a alguns pontos, como a Confeitaria Wolkmann, onde se encon-

travam inclusive alguns professores assistentes tomando chope. Na entrada da Galeria Chaves também ficavam alguns rapazes e professores, controlando as *gurias*, que passeavam em grupinhos, de um lado para o outro, e todo mundo acabava se conhecendo. Assim, quando aparecia alguma moça diferente, imediatamente era alvo de olhares que tentavam identificá-la: “Ah, aquela guria é amiga da fulana, que estuda no colégio tal”, e logo já se descobria quem era. Aliás, alguns futuros casamentos foram alinhavados dessa forma.



Quase ninguém andava de automóvel, o bonde era o transporte mais utilizado e nos trajetos usuais era possível então reencontrar aquela moça que se havia visto no passeio. Por falar em automóvel, um dado é bem significativo de sua pouca popularidade pelo menos até o início dos anos 50. Há quem se recorde que em geral havia seis carros na frente da Escola e só um era de aluno. Era uma *barata* conversível, toda niquelada, que o dono fazia questão de estacionar bem na frente da porta. Caso raro, atraía os olhares.

Apesar dos conflitos no nível mundial e de uma ditadura que deixou um rescaldo importante nos anos chamados redemocratizantes, a lembrança desses tempos vem sempre moldada pela idéia de, senão uma família, uma comunidade fraterna, e a idéia da honra vincula-se diretamente a esse “apego às paredes” tal como dito por um engenheiro. O espírito de corpo era o que acompanhava a condução das turmas, no mínimo, pelos cinco anos de estudo.

No entanto, em alguns casos, isso foi mais além, transgredindo os limites temporais, construindo sólidas amizades, redes que se mantêm apesar das várias distâncias interpostas entre as pessoas. As reuniões de turma são um exemplo concreto disso, porém o que mais chama a atenção de quem escuta as lembranças desses engenheiros é o carinho e respeito pelos mestres e colegas, pelo ofício que escolheram, enfim.

CONHECENDO O MUNDO LÁ FORA

Já desde seus primórdios, o curso de engenharia apresentou a característica de utilizar, no processo pedagógico, as viagens de estudo, excursões organizadas para proporcionar ao aluno a verificação *in loco*



daquilo que estava se fazendo no campo da engenharia rio-grandense e nacional.

Grandes obras como usinas hidrelétricas, pontes, barragens, eram parte importante do desenvolvimento programático e que possibilitava o acesso ao conhecimento de novas técnicas e tecnologias que estavam sendo implementadas. Excursões acadêmicas à serra gaúcha para o acompanhamento da construção da estrada de ferro que passa por Bento Gonçalves, cuja observação era prevista na cadeira de Estradas, eram muito apreciadas pelos estudantes, não só por conhecerem os avanços da Rede Ferroviária no estado como pela degustação dos saborosos vinhos e produtos coloniais, o que fazia da viagem um momento também de lazer.

As viagens de estudo mais longas começaram a ser empreendidas no final do quarto ano de curso, o que se consolidou como prática no decorrer dos anos, e sempre com a companhia de um professor.



Visita à parte superior de uma barragem, 1950.

Uma dessas viagens, acontecida no ano de 1939, teve como fato pitoresco o encontro com o então Presidente da República. Acontece que a turma, acompanhada pelo professor Adalberto de Carvalho, pretendia ir até o norte do país, porém as finanças não estavam muito boas. E foi aí que alguém teve a brilhante

idéia de se apresentarem, enquanto turma de estudantes de engenharia vindos do Rio Grande do Sul, a um outro gaúcho, o Presidente Getúlio Vargas.

Pois bem. A idéia constava de uma *performance* executada por dois estudantes, um mais falador e descontraído, que iniciaria a conversa com o Presidente, e, a um determinado momento, entraria um segundo que falaria das dificuldades para continuar a viagem. E assim foi. No dia marcado, foram os estudantes,

em comitiva, à audiência com o Presidente, no Palácio do Catete. Ao entrarem no gabinete, em comitiva, aguardava-os Getúlio, encostado a um grande birô em jacarandá, com um charuto que ele sempre mantinha na mão esquerda. Logo de início ele começou a indagar um por um os sobrenomes, e de alguns ele conhecia parentes próximos. Então, como combinado, entra um dos rapazes com o discurso que havia ensaiado:

- Senhor Presidente, nós estamos em viagem de estudos, muito importante para nossa formação como futuros engenheiros e iríamos a Minas Gerais para conhecer algumas grandes siderúrgicas, mas...

Era a deixa para entrar o outro, porém Getúlio entendeu o que estava tramado, virou-se para a mesa, botou o charuto no cinzeiro e disse:

- Eu já sei o que vocês querem!

E foi uma risada geral. No mesmo instante chamou o secretário e pediu que fizesse uma ligação para o então Ministro Capanema, da pasta da Educação. Na conversa com o ministro disse que estava ali um grupo de alunos da Escola de Engenharia de Porto Alegre e que queria fosse dada uma certa atenção a eles. Assim, o grupo recebeu uma quantia bastante razoável em auxílio, o que lhes possibilitou viajar sem maiores problemas, e tal era a sorte que tiveram que, ao chegar em Belo Horizonte foram recebidos pelo próprio Governador do Estado, Benedito Valadares, que os colocou no melhor hotel da cidade.

A turma de engenheiros civis formada em 42 fez uma grande viagem já um pouco diferente, com destino ao Nordeste brasileiro. Assim, de trem percorreram o Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Bahia. Por vapor, Fortaleza e Recife.

Essa viagem proporcionou aos estudantes o pri-



Visita (aula prática) à construção de uma barragem, 1950.



vilégio de conhecerem os primeiros momentos de Volta Redonda. No percurso de Fortaleza a Recife, tomaram contato com o trabalho da Inspetoria de Obras contra a seca e, no trajeto de Pirapora-Juazeiro, a rapaziada usufruiu de um meio bastante peculiar de transporte: percorreram quilômetros, pelo meio do sertão incandescente, sentados em cima de um caminhão de carga.

Outras viagens apresentaram também fatos notáveis, como a que fez a turma de formandos de 49, com destino a Montevideu e Buenos Aires. Essa viagem foi feita no mês de julho, sendo que a turma foi até Jaguarão no ônibus da Escola, desse ponto foram de trem até Montevideu, de lá, tomaram ônibus até a cidade de Colônia, atravessando de barca em direção a Buenos Aires.

Viagem de estudos da turma de 1954 à Alemanha, acompanhada pelo casal Edy Pederneiras.

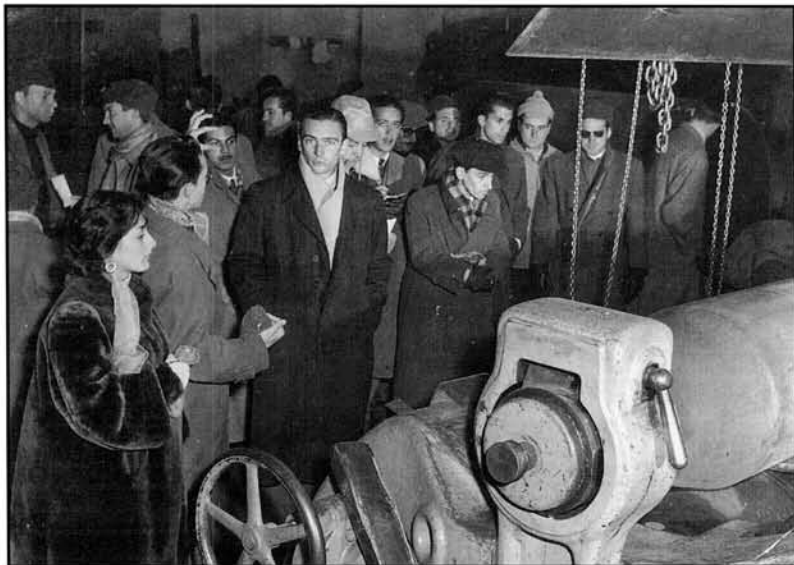
Nessa época, na Argentina, Perón estava no poder, junto com sua segunda esposa, Evita. Como torna-

ra-se praxe, os estudantes quando chegavam a algum lugar iam direto falar com as autoridades para tentar obter alguma ajuda, seja em hospedagem, alimentação, transporte ou o que lhes fosse cedido. Foram informados de que, para conseguir o que fosse, teriam de pedir para Evita, braço direito do ditador.

Diariamente, Evita concedia audiências públicas, e eram filas imensas à espera de alguns segundos para poder vê-la e pedir-lhe os mais

variados obséquios, já que toda a parte de Assistência Social ficava a seu encargo.

Assim, lá foram os engenheiros engrossar a fila,



e encontram, na mesma condição que eles, um grupo de estudantes cariocas. E o tempo vai passando, e aquela demora toda e daí a pouco alguém puxa um samba e foi cantoria geral. Cantavam, batiam caixa de fósforos, e virou uma festa. O pessoal que estava na fila saiu para ver o que era e logo se formou uma platéia meio tímida, apoiando os brasileiros. Foi um santo remédio, porque logo foram chamados e, depois de formalidades e cerimônias, Evita concedeu um ônibus para os *engenheiros* conhecerem Buenos Aires. Tudo isso sob a raiva contida que alguns estudantes sentiam por Perón, mas suavizada pela idéia de que nada tinham a ver com aquilo tudo que se passava na Argentina, não no Brasil. Assim, aproveitaram bastante o ônibus cedido por Evita, mesmo tendo que engolir um sapo.

As viagens mais longas, para outros continentes, como a Europa, começam pela década de 50 e demandam, desde o projeto até sua concretização, um trabalho bastante intenso. Afinal, tratava-se de um deslocamento bastante oneroso, feito nas primeiras vezes por mar. A história dessas viagens começa já no segundo ano do curso, quando não no primeiro, ao formar-se a *Comissão Pró-viagem* que teria como uma de suas incumbências organizar uma série de criativas atividades para o recolhimento de recursos financeiros. Portanto, os preâmbulos da viagem já eram, por si, uma grande aventura. Aliás, tão criativos foram os estudantes que se constituíram nos pioneiros de algo que posteriormente se tornou bastante freqüente: a rifa de automóvel.



Visita às instalações da Bosch em 1954.





A turma de engenheirandos que viajou em fins de 51 foi a que lançou, então, essa moda. Da turma que viajou em 53, o carro rifado foi um *porsche coupé* 53, muito em voga na época. Então, uma das estratégias para vender a maior quantidade possível de números foi organizar vendas no interior do estado. Assim, em todas as cidades nas quais houvesse alguém do grupo como referência, o automóvel era levado por uma equipe e lá ficava uns dois ou três dias em local bem central e com o pessoal fazendo propaganda em voz alta. Dessa forma, revezando a equipe, conseguiu-se cobrir boa parte do estado, e a rifa foi um sucesso.

Há um fato interessante, contado pelo engenheiro Sérgio Pernigotti, que envolve essa prática. Nessa época era Ministro da Fazenda o gaúcho Osvaldo Aranha, e Pernigotti, tendo ido passar uns dias com seus avós no Rio de Janeiro, foi encarregado pelos colegas de falar com o ministro no sentido de solicitar-lhe uma autorização formal para a prática de venda de rifa. Tendo conseguido a entrevista, o rapaz respeitosamente expôs ao ministro os objetivos de tal rifa, a importância da viagem à Europa para suas formações como profissionais, a carência de recursos oriundos da União, etc...etc... e que, portanto, solicitavam-lhe que autorizasse a tal rifa, em nome de tão nobres objetivos. Finda a explanação, Osvaldo Aranha calmamente colocou a mão no ombro do rapaz e disse: “olha aqui, moço, você não me falou nada, eu não escutei nada, porque senão eu vou me ver na obrigação de mandar que lhe prendam, pois isso que estão fazendo é fora da lei. Mas eu faço de conta que não sei de nada e você, por sua conta, volte para lá e faça sua rifa.”

O tiro saiu pela culatra. Mas felizmente tudo deu certo, e a rifa rendeu algo em torno de 700 mil cruzeiros, o que ajudou muito no contexto.

Mas nem só de rifas se fazia uma viagem. *Passar o chapéu* em algumas firmas, organizar festas concorridas e solicitar apoio da Direção também se constituíram práticas que se institucionalizaram com o tempo.

As festas organizadas para a arrecadação de fundos eram, nessa época, feitas em salões alugados ou mesmo nas dependências do CEUE. Chegou, até mesmo, a se formar um conjunto, composto por estudantes, que muito tocou nos “bailes da vida”. Assim, Celso Bulcão (bateria), Manuel Moraes (piano), Loureiro (gaita), Josué Saldanha (violão elétrico), Paulo Hiran (pandeiro) e Gerard (contrabaixo) faziam a alegria da rapaziada tocando, até altas horas, o repertório *hit* do momento.

Um dos clubes onde mais tocavam era o *Mil e uma Noites*, no qual se faziam bailes de formatura principalmente do Direito e da Medicina. Além do salão, onde ficava um público mais maduro, como os casais, pais de formandos, havia uma boate para a turma jovem, onde o som corria solto da meia-noite até quatro horas da manhã. Tirar som, no entanto, era a maior proeza porque, não havendo o recurso dos amplificadores, ficava basicamente no fôlego. Quando o piano não era muito bom, o pianista quase morria com as mãos em bolha na manhã seguinte. Mas todo esse sacrifício acabava valendo à pena, pois parte do cachê era destinado à *caixinha de viagem*.

A viagem da turma de 54 foi longa, cabendo ao presidente da turma, Lenine, os contatos prévios feitos junto às representações governamentais de cada um dos países visitados. A viagem foi feita num dos grandes transatlânticos que faziam a rota para a América do Sul, o *Augustus*, navio de grande porte e muitas acomodações. O trajeto por mar não apresentou problemas, a não ser quando, já no Mediterrâneo, perto da cidade de Gênova, um temporal violento castigou a



Fatos da viagem de 1957
que não escaparam ao lápis
"apontado" do professor
Bornancini.



O enjoado simulador



embarcação. Como o navio jogasse muito, as pessoas se espalhavam pelo tombadilho, pelos camarotes, completamente mareadas, e só ficava “inteiro” aquele que tivesse estômago “forte”. Assim, no jantar, que normalmente era feito em duas levas, pelo grande número de comensais, o restaurante ficou vazio, lucro para quem não tinha problemas de enjoos, tal como relata um dos engenheiros, porque pôde comer e beber à vontade.

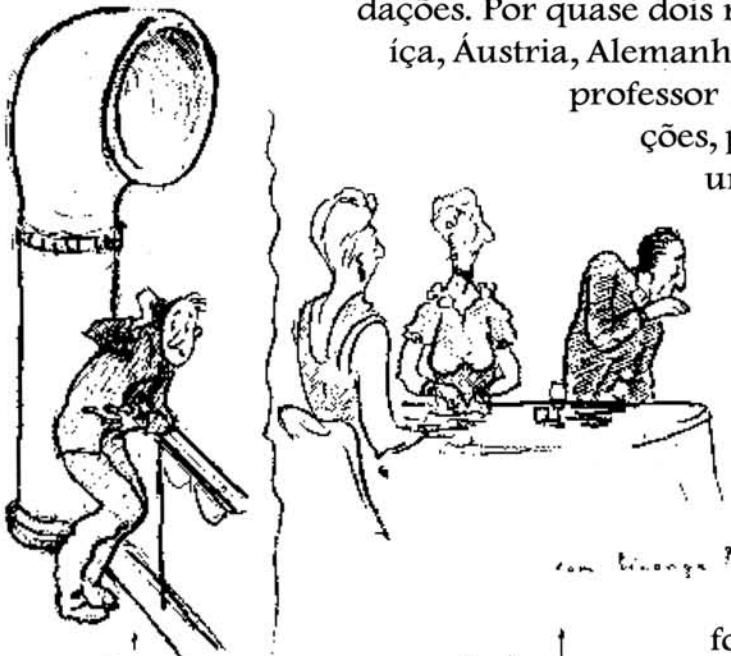
Já a turma que viajou em 57 tem outras recordações. Por quase dois meses percorreram a Itália, Suíça, Áustria, Alemanha e França, acompanhados pelo professor Bornancini. Em suas recordações, professor Bornancini lembra de

um fato que aconteceu quando visitaram a parte oriental de Berlim, quando ainda não havia o muro. Tendo em vista ser região ocupada, a permissão para a visita foi concedida mediante inúmeras recomendações como o não uso de câmeras fotográficas para registro de cenas comprometedoras, ou até mesmo,

fotografias da milícia. Na saída da parte oriental em direção à ocidental,

no momento da passagem pela gendarmaria soviética, baixa a barreira. Todo mundo estarreceu, sem saber o que se passava. O guia alemão, que estava junto com o grupo, saiu do ônibus e foi informar-se, voltando com a seguinte notícia: o professor responsável teria que ir conversar com os guardas em virtude de que um dos rapazes os teria fotografado. Na conversa, o oficial soviético dizia que iriam apreender todas as máquinas.

Voltando ao ônibus, o professor faz um apelo para aquele que, sabidamente sem maldade, havia fo-



O enjoado tímido e... a afoito...

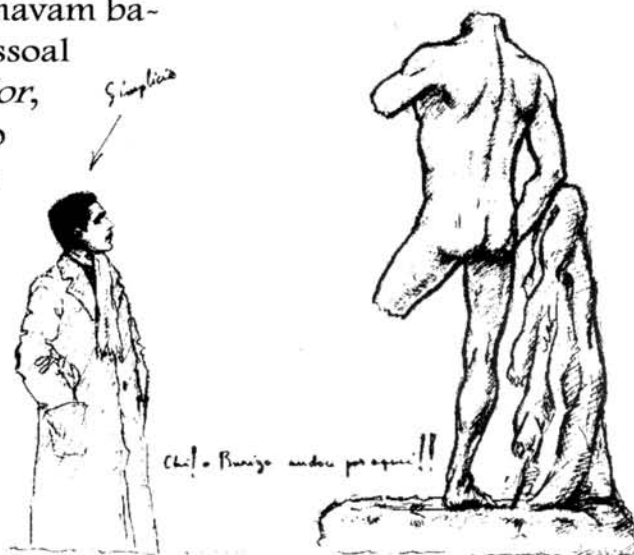
Além do enjoado simulador, o tímido e o afoito eram tipos possíveis neste navio, segundo o professor Bornancini.

tografado o guarda, e o faz em nome da turma. Em seguida levanta-se um rapaz e diz, muito tristemente, que havia sido ele o autor de tal foto. Então saem do ônibus, o rapaz é levado ao oficial e, diante desse diz: “tenente, eu sou simpatizante do socialismo por isso tirei essa foto, até escrevo para o *Última Hora* (que era um jornal de esquerda), o senhor pode telefonar para Porto Alegre se quiser confirmar”. Os soviéticos, sem entender muito o que se passava, não confiscaram a máquina, apenas abriram a câmara e retiraram o filme. Tempos depois, devolveram-no, pelo correio, tendo recortado só aquela tomada comprometedora. Porém, a turma não deixou por menos e foi gozação até o final.

Um outro capítulo da viagem foram os hotéis. Na Alemanha, por exemplo, o grupo se hospedou em um hotel pequeno, com banheiro coletivo. A dona veio questionar o professor responsável sobre a possível doença que acometia o grupo já que tomavam banho todos os dias. Já na França, o pessoal aprendeu a técnica do *banho de caçador*, jogar-se água de balde, uma vez que o hotel nem chuveiro tinha. Peripécias de brasileiros em uma Europa ainda abalada pelos efeitos da guerra.

Um desses exemplos foi a Berlim Oriental que os engenheiros conheceram. Quilômetros de paisagem retratando a devastação causada pelos bombardeios, um país em ruínas. Sendo inverno, a sensação era de que sob aquela densa camada de neve estavam, ainda, os restos de quem pereceu.

Essa sensação acompanhou-os ainda por alguns lugares. A lembrança dos horrores da guerra em todos os cantos. Em Hamburgo hospedaram-se num pequeno hotel construído sobre o que fora, num passado re-



Um aluno atribui a autoria da obra a um colega conhecido por ser desastrado.



cente, um *bunker* antiaéreo: uma estrutura em forma de cone, com grande altura e paredes com espessura de três metros. As janelas dos quartos assemelhavam-se a corredores.

Percalços e sustos faziam parte da aventura. Assim como observar como esse velho Continente se refazia, através do investimento tecnológico. Com certeza, muitos engenheiros voltaram a vários desses lugares só que não mais na condição de estudantes ou turistas. Estágios e pós-graduações nasceram de contatos possibilitados pela viagem de estudos.

Além desse importante aspecto, a interação entre o grupo fez surgir, em muitos casos, grandes amizades, ou pelo menos, laços de afetividade e uma memória comum que resistiu ao passar dos anos. As recordações da viagem são ativadas sempre que, em algum momento, alguém traz à cena um fato cômico, um acidente de percurso, uma história aí começada.

As últimas experiências desse tipo aconteceram no início da década de 70.

No ano de 1970 mais uma turma, a última talvez, realiza a tão batalhada e esperada viagem de formatura. São outros tempos, a Europa que esses rapazes e moças conheceram já quase em nada lembra aquela do cenário bombardeado. É a Europa futurística. No plano interno, 70 é um ano de ufanismo pelo tricampeonato, a bola rolando sob os gritos de “Pra Frente, Brasil” enquanto outros gritos são violentamente sufocados.

Mas o futebol era assunto, e o guia italiano propôs à turma que, ao chegarem a Roma, participassem de uma partida com um time de estudantes de lá. E foi aquele entusiasmo para mostrar que a vocação para o esporte estava no sangue e que brasileiro é bom nisso, e os *macarone* que se cuidassem, e isso e aquilo, conseguir calção para a gurizada toda, onde? O jeito foi improvisar, tanto que houve um que jogou de cuecas. E

ganharam, para a honra nacional e deleite da torcida feminina que vibrou de emoção.

Vivências de alegria que marcaram as recordações do grupo, que até hoje reúne-se em nome da viagem, essa experiência coletiva que aproximou, definitivamente, algumas pessoas. Os pesados e sombrios anos de ditadura desestruturaram muitos espaços de convivência, muitos projetos coletivos, muitos sonhos. As famosas viagens de turma acabaram. Finalizou-se, com a semestralização, a era das turmas que faziam juntas a experiência do aprendizado não somente de um ofício, mas do espírito de grupo.

“HOJE ELES SÃO GURIS, AMANHÃ EU CHAMO DE DOUTOR”

A medula de sustentação de uma escola sempre é o conjunto daqueles que, muitas vezes silenciosos em seus ofícios cotidianos, garantem a retaguarda para que o processo de ensino-aprendizagem seja bem sucedido. Eles estão sempre ali, estiveram sempre ali. Suas faces e nomes são lembrados por gerações e gerações de engenheiros.

Alguns são como anjos da guarda, sempre a postos, sempre arrumando uma forma de tornar melhor uma situação difícil, de minimizar os problemas ou atenuar as tristezas daqueles que sofriam por uma reprovação. Outros, de menor visibilidade, estão atrás de mesas de uma secretaria, organizam materiais, mantêm viáveis os locais de trabalho. É a eles, aos funcionários da Escola, que muitos ex-alunos se referem em suas lembranças.

Com certeza, neste centenário que a Escola completa, inúmeros foram aqueles que, indo além da rotina



Nas comemorações dos 50 anos da Escola, professores e funcionários confraternizam.



diária de uma repartição, espalharam carinho e dedicação, demonstrando esse “apego às paredes”, esse viver a Escola como algo mais do que somente um emprego.

1944. Uma jovem sobe a escada principal do saguão da Escola. É seu primeiro dia no emprego em que permanecerá muitos anos de sua vida. À direita, no sopé da escada, encontra uma enorme sala com cinco mesas grandes. Ali estão Armando Albuquerque, que além de responsável pelo setor de Leis e Decretos, é músico e compositor; Irma Brown, responsável pela Seção de Pessoal; Ruben Ledesma, do protocolo; Raquel Dubois Ferreira, auxiliar de ensino. Na sala ao lado, Madalena Azureña trabalha, sendo em breve auxiliada pela nova secretária, Lilia Bernardi, no registro das notas obtidas pelos alunos, no cálculo das médias de cada prova, que era feito manualmente. Na maior parte das vezes, de cabeça.

Essas provas eram, após o registro, encaminhadas para um arquivo, no subsolo do prédio, cujo responsável era Luis Caetano Vieira. A aflição dos estudantes esperando a média ainda permanece na lembrança dos que por ali passaram. Era aquele pessoal todo amontoado no guichê, nervoso e, lá dentro, a tensão daquelas duas mulheres por saber que não poderiam

errar nos números e por terem que assistir a cenas de dor e alegria, sem poder interferir.

Em 1949, a secretaria recebeu mais um reforço. Da Faculdade de Filosofia transferia-se Lothar Hessel. Como tivesse ingressado também, na condição de aluno, no curso de Letras Neolatinas naquela Facul-

dade, achara anti-ético ser, ao mesmo tempo, aluno e funcionário, com acesso aos dados da vida acadêmica do curso. Uma vez na sala de trabalho da Escola de Engenharia, sentia o impacto de sair de uma instituição que mal nascia para essa já cinqüentenária. Ao graduar-se foi nomeado professor assistente da cadeira de Língua e Literatura Espanhola, retornando à Filosofia e deixando saudade nos seus colegas, Mário Azambuja, Roberto Kohlind, Fortunato Simoni, Altair Noronha, entre outros.

Pelas mãos desses funcionários, passava a vida escolar de cada um dos estudantes que ingressavam na engenharia. Eram notas, registros, históricos, atestados, ofícios, atas de formatura. A era das calculadoras, e posteriormente do computador, ainda era somente sonho.

Outros nomes são recordados, igualmente com muito carinho e respeito. Um desses é o do porteiro Eurico. O grande Eurico que marcou a trajetória estudantil de inúmeros engenheiros.

Eurico trabalhava na portaria. Assim, quem entrasse na escola, logo deparava com a figura desse homem de estatura mediana, tez morena, olhos vivos lutando contra uma moléstia que lhe impedia parcialmente a visão. Eurico conhecia como ninguém o funcionamento da Escola, sabia o que estava acontecendo em cada sala, onde encontrar tal professor, onde seria tal prova. Era ele quem recebia a turma de estudantes, quem acompanhava sua trajetória desde o ingresso, os percalços e sucessos, até a formatura.

Ele costumava dizer: “hoje são guris, amanhã eu chamo de doutor” - referindo-se ao percurso seguido por cada um daqueles jovens.

São muitos os lugares assumidos por Eurico nas recordações dos engenheiros. Há aqueles que o evocam como um grande camarada, sempre de bom humor e prestativo, brincando com a rapaziada.





Há aqueles que se lembram de Eurico ajudando a arrumar as salas depois das reuniões dançantes organizadas pelo CEUE, sempre *de olho* para ver se não havia ficado algum “desgarrado” por ali. Recordam o velho Eurico em seu alinhado *summer* e gravata borboleta, homenageado “contumaz” dos engenheirandos em suas formaturas.

Eurico, chamado pelo pessoal de Eurico Presbítero, em alusão ao livro de Alexandre Herculano, não entendia seu apelido. Entendia, sim, dos problemas que tinha para resolver, alguns constrangedores como os procedimentos que cercavam o falecimento de algum estudante ou professor, que era velado nas dependências da Escola.

O velho Eurico Presbítero. Quanto tempo dedicou àqueles que ainda hoje o recordam com carinho. Já estava totalmente cego no dia em que um engenheiro

o encontra na Rua da Praia e o abraça. Eurico, mais do que rapidamente diz:

- Mas, Faillace, há quanto tempo! - Havia reconhecido pela voz.

Com certeza, guardava em suas lembranças a fisionomia e a história de cada um desses rapazes, guardava na memória aquilo que já não era mais possível ter pela visão.

Baile de formatura em dezembro de 1952.
Ao centro, o funcionário Eurico.



DAS REUNIÕES DANÇANTES AOS BAILES DA REITORIA: A VIDA É UMA FESTA



Sábado à noite. Depois de uma semana inteira “queimando fosfato” nos infinitesimais cálculos, nas estruturas, nas álgebras e tantos outros saberes que deveria aprender o engenheiro, o tão merecido “descanso do guerreiro”. Sábado à noite é sagrado: após um ritual de preparação do visual, os rapazes e moças irão para uma reunião dançante no CEUE, da Medicina ou Odontologia, ou então, para os famosos Bailes da Reitoria.

Os “bate-coxas” do CEUE fizeram a alegria de muita gente. O ingresso era permitido, perante convite, para universitários de outros cursos. Essas festas eram muito concorridas, e principalmente o público feminino de outros cursos era alegremente acolhido. Aliás, esse foi um dos espaços privilegiados para conhecer e namorar aquelas e aqueles que algum tempo depois se transformaram nas esposas e maridos.

Grandes e animadas noites no CEUE. O som, quando já não era mais possível conseguir algum conjunto para tocar, era mecânico. Na vitrola, as músicas para dançar separado ou “de rosto colado”, sob as luzes fluorescentes que iluminavam o local. À volta da pista ficavam mesas, que muitas vezes se alugavam de algum restaurante, e às quais as gurias permaneciam sentadas, em pequenos grupos, esperando serem tiradas para dançar. Sim, porque a maior tristeza era ficar a noite inteira “fazendo crochê” ou, no pior dos casos, “segurando a vela” da amiga que se acertava com um rapaz.

Mesmo sendo festas somente de estudantes, uma vez que a presença de algum professor era raridade, havia um comportamento padrão que era rigorosamente obedecido. Para aqueles que, entusiasmados, trans-



A cidade tinha variadas opções de divertimento: seus clubes, confeitarias e salões ficavam lotados para as festas, especialmente as freqüentadas pelos acadêmicos. Os bailes de formatura eram os mais esperados e prestigiados.

grediam as normas estabelecidas, a advertência vinha em seguida, por parte de uma comissão do próprio Centro Acadêmico que existia justamente para manter a ordem.

Já os Bailes da Reitoria, que se realizavam no saguão daquele prédio, eram mais refinados, exigiam um preparo maior, uma roupa mais elaborada, e foram várias as noites que a comunidade universitária, congregando alunos, funcionários e professores, passou dançando ou simplesmente conversando e “vendo os movimentos”, embalados por sucessos musicais tocados pela orquestra do Baldauf ou pelo Conjunto Flamingo.

Se fosse um baile de formatura, o brilho era ainda maior. Os homens de smoking, todos engravatados, e as moças apresentavam-se com vestidos de festa, muita organza, muito cetim, os cabelos em “coques” planejados, e no coração a esperança de ser aquela a “grande noite”.

A vida é uma festa. Pelo menos nas noites de baile, refrigerio para uma dura jornada semanal que incluía serões noturnos, de estudos para as sabatinas, regados a café e chimarrão, que ajudavam a manter acordado e a aquecer os ossos na gelada madrugada porto-alegrense.



LIÇÕES PARA A VIDA: AOS MESTRES, COM CARINHO



Os mestres, quem não lembra desses que foram, muito além de simples transmissores de conhecimentos, educadores, exemplos a serem seguidos?

Quem, ao voltar os olhos para o passado, não encontra a figura de um velho mestre, seja catedrático ou assistente, à frente de um quadro negro, dentro de um laboratório, ensinando a utilizar algum instrumental?

Quem não se recorda, também, e com igual respeito e carinho, de apelidos como “Pingo d’água”, “Cavalo Cansado”, “Queda Livre”, “Sargentão”, “Capitão Gancho”, “Oscarito”, “Caixa Seca”, “Metralha”, “Angústia”, “Babão”, “Reizinho”, “Nagana”, “Tarzan”, “Sabonetão” e outros tantos mais que permearam as vivências coletivas, repassados por gerações e gerações de estudantes?

E, na memória de todos, as lições inesquecíveis.

Nesse século de história que cumpre a Escola de Engenharia, os mestres são como pilares sobre os quais essa história se assenta. Não somente por seus conhecimentos, mas pela dedicação e abnegação de que muitos são exemplos.

É quase impossível nominar todos aqueles que marcaram, com sua presença, essa Escola centenária. Certamente, cada um dos egressos guarda em seu coração nomes que jamais esquecerá, e, se fosse possível a cada um fazer o inventário de seus grandes professores, a lista seria interminável.

A homenagem, portanto, é para todos. Todos os que com suas aulas ensinaram mais do que exigia o programa, ensinaram lições de dignidade e compromisso social, eixos sobre os quais se articula o ofício de engenheiro.



As lembranças de sala de aula recuperam facetas às vezes divertidas, outras mais sisudas, de inúmeros professores. Mesmo aquilo que poderia se transformar num ponto de atrito, simpaticamente foi reelaborado. Os que foram alunos do professor carinhosamente conhecido como Oscarito, jamais esquecem desse grande mestre, pela sua dedicação e capacidade e também por seu espírito bem humorado.

Em função da semelhança física - e por que não do talento - o professor José Olímpio de Abreu Lima ficou conhecido, entre a estudantada, pelo cognome Oscarito, comediante do cinema brasileiro. Aliás, ele acabou descobrindo que o denominavam dessa forma num episódio bastante divertido.

Foi numa viagem para disputa esportiva a Santa Maria. Através de conhecimentos do professor Abreu Lima com os irmãos da Congregação Marista, conseguiu-se alojamento num dormitório do internato de uma dessas casas, um pouco afastada do centro da cidade. O dormitório, seguindo os padrões de disposição das ordens religiosas na época, final dos anos 40, era um grande salão com fileiras de camas dos dois lados e no centro ficava uma espécie de cubículo onde normalmente ficava um religioso numa estratégica posição de vigia. A pequena peça tinha paredes que não iam até o teto, justamente para garantir a escuta.

Naquela noite de domingo, findos os torneios, a turma foi ao cinema, acompanhada pelo professor, e por volta das onze horas já estavam quase todos no alojamento, uma vez que retornariam a Porto Alegre no trem que partia segunda-feira pela manhã. Assim, ao chegarem, professor Abreu Lima dando boa noite ao grupo, dirige-se para a pequena peça e já está se preparando para dormir quando abre-se a porta do dormitório e entra um dos rapazes que havia ficado no centro e, eufórico, diz:

- Pessoal, nada de dormir. Conseguimos ingres-

sos para um baile no Clube Comercial, vamos logo para chegarmos e entrarmos juntos.

E foi aquele zum-zum, “vamos”, “não vamos”, e lá pelas tantas alguém pergunta baixinho:

- Escuta aqui, e o Oscarito?,

Ao que um outro responde:

- Deixa que eu vou lá e convido ele.

E o professor a ouvir toda a conversa. Espera as batidas na porta, abre, e o rapaz respeitosamente diz:

- Professor Abreu...

E mais do que rapidamente é interpelado pelo mestre que diz:

- Chama quem tu vieste convidar.

Estupefação, seguida de uma gargalhada geral. E assim, ciente de seu apelido, Abreu Lima não deixava por menos. Aliás, até lhe foi útil, principalmente quando substituiu o catedrático de Cálculo, uma das disciplinas mais temidas do curso. Ao se apresentar, na primeira aula, usava o seguinte recurso para dissipar a tensão dos alunos. Entrava na sala, fumante inveterado que sempre foi, subia no estrado, virava-se para a turma e dizia:

- Bom dia, senhores. Eu quero me apresentar, meu nome é..

E, voltando-se para a pedra, escrevia: José Olimpio de Abreu Lima. Virava-se de novo e prosseguia:

- Os senhores podem me chamar de professor José, professor Olimpio, professor José Olimpio, professor Abreu, professor Abreu Lima, enfim, todas as combinações entre esses nomes. Existem outros sobre os quais o meu pai não tem responsabilidade nenhuma.

Era uma gargalhada geral, porque todos já sabiam do apelido que corria. E dizia mais:

- Eu fumo à beça, de formas que quem quiser, pode fumar.





E isso servia para descontrair um ambiente naturalmente tenso. Foi uma sábia forma encontrada pelo mestre para derrubar o terror que envolvia a disciplina. Esse primeiro encontro ajudava a estabelecer um clima de maior descontração e cordialidade entre professor e alunos, o que aliás é lembrado por todos.

Mesmo com essa aula introdutória, sempre havia aquele estudante incauto que procurava o professor dizendo:

- Professor Oscar, eu não anotei a origem desse questionário...

Ao que respondia Abreu Lima:

- Isso revela que você chegou atrasado.

Preocupado, o aluno perguntava:

- Mas por que, professor?

- Bom, porque se você tivesse chegado na hora saberia que meu nome não é Oscar.

Pessoas inesquecíveis, lembranças carinhosas que acompanham os que por elas passaram.

Lélis Espartel. Quantas recordações evoca este nome! O velho professor de Topografia, que na década de 30 chegou a ser chamado de *Coringa* ou *o homem de sete instrumentos* pela capacidade que tinha de dominar e ministrar aulas de várias disciplinas. Espartel, nessa época, lecionava desenho no primeiro ano, topografia no segundo e uma série de outras disciplinas técnicas. Era incomparável na desenvoltura, usava como auxiliar um livro pequeno, editado por uma biblioteca portuguesa. Após um período de aula, quando o pessoal dava-se conta, ele tinha passado quase o livro inteiro, então era aquele desespero para estudar depois.

As aulas de topografia eram um outro capítulo desse encontro com o mestre. Por muito tempo, eram ministradas em Teresópolis, onde residia o professor. À



Professor José Olímpio de Abreu Lima.

época, um bairro muito calmo, pouquíssimas casas e algumas elevações, onde se exercitava a medição topográfica. Assim, a turma ia de bonde até lá e pegava os aparelhos na casa do professor. A soleira de sua porta era o marco inicial para as medições.

Um caso interessante aconteceu numa dessas turmas, em 1946. Um rapaz estava com o teodolito observando as elevações quando o aborda, proveniente de uma das casas da redondeza, um ofendido pai. Vinha tomar satisfações porque achava que estavam a espiar suas filhas. E foi um trabalho para convencê-lo de que não era nada disso, que era uma aula e tudo o mais. Somente algum tempo depois é que as aulas práticas de topografia passaram a ser sediadas no Parque da Redenção, já eram outros tempos.

Há os que recordam do professor Espartel como uma figura original, grande ser humano, bonachão por natureza e cheio de peculiaridades.

Quando esteve à frente da direção da Escola mais de uma vez mostrou que era uma pessoa grandiosa. Os funcionários que com ele conviveram trazem recordações carinhosas desse homem. Na secretaria, dona Lilia Bernardi lembra-se de um fato. Como tivesse o filho pequeno em uma creche nos arredores da Escola, tinha de pegar o menino todos os dias às dezessete horas e não havia outro jeito senão trazê-lo para a secretaria. Lá, dona Lilia colocava uma mesinha atrás de um armário e ali o mantinha escondido até o final do expediente. Um dia, ao entrar na sala, professor Espartel depara com o garoto, que rapidamente foge para seu esconderijo. No mesmo instante, o diretor pediu à aflita mãe que não mais escondesse o menino, e que dali por diante poderia deixá-lo à vontade nas dependências da Escola.

Amigo, sabia se fazer respeitar por todos. Era impecável em sua aparência, e um sorriso aberto cativava a todos.

Em sala de aula, muitos casos interessantes ocor-



Os que ingressaram em 49 na Escola lembram do pronunciamento que o professor fez durante a festa dos bixos. Com uma expressão séria, disse: - Vejo aqui muitos bixos com caras de bixos. E veteranos com caras de todos os bixos. E deu uma retumbante gargalhada, pela qual ficou conhecido entre todos. Professor Lélio Espartel





reram, envolvendo um ou outro professor. Um desses ocorreu numa aula de Saneamento, ministrada pelo professor Raul de Oliveira. O tema era sobre o saneamento na Paris medieval, ou seja, as pessoas faziam suas necessidades em recipientes adequados e depois atiravam o conteúdo destes pela janela. Na turma havia dois rapazes que desenhavam muito bem e, ao fazerem os pontos de saneamento, desenharam a figura do professor, como se fosse um parisiense, atirando “aquilo” pela janela e gritando: “Aí vai ...”.

Outros eram tipos um tanto excêntricos, como um professor que usava, como recurso didático, uma grande vara de madeira, de mais ou menos dois metros que servia para apontar erros no quadro-negro, cutucar os cadernos dos alunos, fazer com que prestassem atenção e até mesmo para demonstrações práticas.

Também interessante é um fato que envolveu o professor Antonio Klinger Filho, homem de grande cultura, dominando muito a língua portuguesa. Era irmão do General Bertoldo Klinger, que se destacou por sua postura a favor da grandiloqua influência de Camões na língua nacional e era autor de um projeto para mudar a língua portuguesa, que ao invés do ABC seria ABQ, com alterações imensas. Num aniversário do irmão, passa um telegrama de congratulações, mas o professor Klinger nada entende do texto e devolve como resposta:

- Recebi teu telegrama. Creio que te congratulaste por meu aniversário.

Há aqueles professores que recebiam apelidos em virtude de algumas peculiaridades da temática na qual trabalhavam. É o caso do apelido “Pingo d’água”, dado ao brilhante professor e grandiosa pessoa, Eurico Trindade Neves, professor de Hidráulica, vanguarda na formação do Instituto de Pesquisas Hidráulicas, IPH, importante centro de formação e investigação.

Apelido carinhoso também era o de “Capitão

Gancho”, dado ao professor José Leite de Souza por seu entusiasmo e dedicação ao falar muito em portos, embarcações, canais, na disciplina de Portos, da qual era catedrático.

Conta a *lenda* que o apelido “Queda Livre” fora conferido a um professor assistente que, cansado, desmaiara e caíra no fundo da sala de aula. Passado o susto, ficou o apelido.

Aliás, os apelidos pelos quais os mestres eram internamente reconhecidos refletiam, em geral, uma maneira divertida e ao mesmo tempo terna, de lidar com o que esses professores simbolicamente representavam, ou seja, condutores em um processo que muitas vezes ia deixando “mortos e feridos” pelo caminho, o que aliás é característico de um curso com grau tão elevado de exigência. Os apelidos eram atenuantes, formas sutis de, pelo menos simbolicamente, também, ter-se maior controle sobre a situação. O professor Eduardo Gonçalves, ao se definir, diz ser conhecido também por “professor Sargentão”, por seu nível de exigência nas questões de postura e disciplina.

Na verdade, é o lado lúdico dessa convivência. O caso do professor Lassance, catedrático de Cálculo Infinitesimal é exemplo disso. Seu filho, também professor e da mesma disciplina, porém na parte prática, era conhecido entre o alunado como “Lassance *Linha*”, conceito retirado do próprio cálculo, quando na função, sua derivada é qualquer função linha.

A posição de mestre era sempre a de uma autoridade bastante respeitada. Embora alguns professores fossem bastante reservados, muitos possibilitavam um contato mais descontraído com o alunado, principalmente os mais jovens. Porém, uma postura de retidão era sempre observada, até mesmo no trajar.

O professor Luiz Leseigneur de Faria é um exemplo disso. Entrava em sala de aula sempre absolutamente impecável com camisa alvíssima, colarinho en-





gomado e gravata. Ministrava sua aula sem nunca sequer se sujar com o pó de giz, o que seria quase impossível para outros. Além dessa qualidade, sua personalidade também gravou uma página na história da escola, tendo sido seu diretor por longo período.

Um outro grande professor foi Ivo Wolff, cuja capacidade de transmitir conhecimentos e de ser plenamente entendido era uma de suas grandes virtudes. Durante algum tempo, Ivo Wolff ministrou a cadeira de Cálculo e há quem lembre da sutileza do professor quando, ao apresentar a questão do limite infinitamente pequeno, utilizar um exemplo fantástico:

- Então vocês imaginem, para entender essa questão, a pupila do olho de uma pulga, infinitamente pequena.

Materializara conceito com um recurso divertido, levando o pessoal a compreender o conteúdo.

Diga-se de passagem que a área de Cálculo sempre foi envolta em grandes temores, até porque o público-alvo eram justamente os ingressantes e era considerada, assim como outras matérias, a “peneira”. Um dos mestres de destaque nesse campo é o professor Ari Tiethböhl, que sucedeu o professor Lassance.

Entusiasta, excelente didata, tinha a fama de “não levar ninguém pra compadre”. Quem sabia, sabia. Quem não sabia, ficava. E a rapaziada, com medo da reprovação, fazia qualquer sacrifício para passar. Deixava o futebol, abria mão das festas e até mesmo perdia namorada, porque o tempo acabava ficando curto. É do professor Osório Marques a seguinte lembrança, envolvendo Ari Tiethböhl. Conta o professor que, encontrando Tiethböhl na rua, ao ser perguntado como ia passando, ele respondia:

- Mais ou menos raiz quadrada de b^2 menos $4ac$ sobre $2a$.

Trata-se da fórmula de Báskara, para resolver equação de segundo grau. E certa vez, ao voltar a



encontrá-lo:

- Ah, professor, estou lhe encontrando de novo!

Ao que ele imediatamente respondeu, fazendo uma brincadeira como se estivesse fechando o círculo trigonométrico:

- É que nós estamos fazendo dois capa pi .

Essas e outras máximas do professor são carinhosamente lembradas por aqueles que, em algum momento, com ele conviveram.

Já outras recordações envolvem episódios que ficaram marcados na memória de muitos. Um desses diz respeito a um aluno que era repetente contumaz de uma cadeira. E passava o tempo, e o aluno, talvez já bloqueado pelo fantasma da reprovação, não conseguia obter média. E era aquilo, e já todo mundo torcia e sofria junto com o colega, que já havia repetido um sem número de vezes a disciplina de Física, ministrada pelo professor Mario Brasil. Até que um dia, o professor ausentou-se, e o já sofrido rapaz conseguiu passar em segunda época. Quando Mario Brasil, voltando do Rio de Janeiro, aportou em Porto Alegre, a primeira coisa que fez ao descer do navio foi perguntar:

- E o Fariazinho, passou?

Aliás, foi uma comemoração geral, com direito a ser levantado ao alto pelos colegas e tudo mais. Professor Mario Brasil era daqueles de contar muitos casos. Um desses foi quando estava fiscalizando uma prova e fazia a chamada pelo nome e lá pelo meio ele chama um sujeito cujo nome era Antonio de Meda. O professor pára, reflete e calmamente pergunta:

- Escuta, não está faltando uma letra no seu nome, não?

Coisas do professor Mario Brasil.

Há espaço também para fatos um tanto insólitos. Um desses envolvendo o professor Bornancini, que com seu jeitão, era daqueles que não levava ninguém *pra* compadre. Ninguém, nem mesmo um reitor.



Pois o fato se passou após uma greve feita pelos professores contrários a algumas medidas tomadas pelo reitor da época. Foi um movimento coeso e forte, contando inclusive com a adesão do alunado. Ocorre que o professor Bornancini iria ser efetivado como catedrático, e essa era uma cerimônia presidida pelo reitor, que já havia sido bastante áspero com outro professor, cobrando a participação na greve. Bornancini, que conhecia o passado do dito reitor, passado - segundo se comentava - com episódios eivados de violência, precau-se. No dia da posse, ao sair de casa, bom atirador que era, pega seu “44 boca de cachorro”, coloca numa cinta na axila, e segue para a cerimônia. Assim, durante a posse, ao abraçar o professor Bornancini, o reitor percebe a arma e, a partir daí, santo remédio, não houve qualquer recriminação!

Grandes mestres. Quantos fatos engraçados, outros nem tanto, mas, com certeza, o que ficou desses educadores foi o que realmente tinha de significativo a envolvê-los. A pecha de professor *durão* nunca significou insensibilidade. Acima de tudo, sujeitos com suas idiossincrasias, suas manias e alguns defeitos, mas humanos, essencialmente humanos.

A todos eles, a grande homenagem é a certeza de que ajudaram a formar cidadãos. E essa é, sem dúvida, a grande lição.

A ESCOLA NUM PORTO NÃO MUITO ALEGRE: TEMPOS DE SOMBRA

Anos 60. Época de grandes transformações. Para aquele que ingressa na universidade, a promessa de um futuro promissor. O país está em modernização, o lugar do engenheiro no mercado está assegurado. Pelo menos era essa a convicção daqueles calouros que, após o sofrimento do vestibular, ocupavam os bancos dessa já veterana Escola de Engenharia.

A recepção dos futuros engenheiros era organizada por uma *comissão de veteranos* que organizava desde palestras até atividades, como pedágios com arrecadação destinada à Santa Casa.

Era comum também que algum veterano, fingindo-se de professor de Cálculo, entrasse no primeiro dia de aula e, na maior seriedade, deixasse os inocentes *bixos* literalmente de “cabelo em pé”, tamanho susto causava. Em um ano, houve uma gincana, e uma das tarefas era trazer uma prova da disciplina de Cálculo que tivesse recebido nota dez. E foi uma das mais árduas tarefas, pois... onde encontrar tal prova?

No CEUE, continuavam as reuniões dançantes, agora animadas por um legítimo e moderno *Hi-Fi Phillips*, que tocava as músicas *hit* do momento em *long-plays* para alegria da rapaziada, principalmente do interior, que só ali podia usufruir dessa modernidade.

Mas não só de CEUE se fazem as festas. O calendário festivo era imenso: Baile dos Bixos, Baile da Namorada da Engenharia, Baile do Bisturi, da Medicina, e outros mais.

As gurias. Nesses finais dos anos 60, a presença feminina começa a adquirir uma maior visibilidade no interior da Escola. Se antes profissão essencialmente masculina, ser uma engenheira agora já não causa im-



As gurias vão assumindo sua nova condição. Ser engenheira, como tantas outras coisas, não deve mais surpreender. O reclame do absorvente higiênico denuncia os novos tempos.



pacto, e ninguém mais ousa pensar na tendência “natural” para as lides do lar quando se vêem as profissionais atuando com eficiência e maestria no campo antes liderado pelos homens.

Porém, a adaptação a um espaço em que os rapazes são em maior número muitas vezes causa embaraços. Sendo ainda minoria, as gurias tinham que utilizar-se de alguns expedientes para conviver com o grupo. Um exemplo disso era quando havia aulas de topografia. Tendo que subir em ônibus e depois fazer movimentos corporais, não restava outra saída a não ser levar um *slack* na pasta e, tomando o cuidado de chegar mais cedo, ir ao *toilette* e trocar a saia pela calça comprida. Mesmo assim, a entrada no ônibus sempre podia ser acompanhada de alguns assobios e risinhos. Nada de maior ou, pelo menos, nada que pudesse expressar desrespeito.

A grande e efervescente experiência política que caracteriza os primeiros anos dessa década é brutalmente interpelada com um golpe que inaugura uma fase de medo no país do futebol e da bossa-nova. O grande medo, a ameaça de que um grupo reunido pudesse ser tomado como conspirativo. O CEUE, espaço de sociabilidade e vivência de um juvenil espírito universitário, vai ganhando vulto como um espaço de grandes debates. O papel político do Centro Acadêmico parece ser reativado justamente quando as condições para tanto são adversas. No entanto, a Escola de Engenharia, na pessoa de seus diretores e professores, procurou sempre manter uma posição de neutralidade em relação às questões políticas, evitando internamente quaisquer perseguições a seus membros motivadas por posturas ideológicas. Foi esta neutralidade que garantiu à Escola atravessar momentos difíceis sem que se maculassem as relações de afeto e confiança entre ela e sua comunidade.

No contexto geral do país, reclamar de algo por



si só poderia ser interpretado como uma atitude subversiva. Então a regra é calar. Para alguns, a forma de conviver com isso era estudar e ficar “na sua”. Para outros, no entanto, resistir era a saída.

E foi assim que, já nos primeiros acordes dos anos 70, o CEUE presenciou perdas dramáticas. Os “caras” que curtiam o som contestador de Janis Joplin, de Chico Buarque de Holanda, de Geraldo Vandré, que declamavam Neruda e tocavam flauta doce nos pátios da faculdade são os mesmos que, assim, meio de repente, nos vinte e poucos anos de idade, vêm-se no olho do ciclone. Pelo decreto 477, é expulso o presidente do centro acadêmico. A UNE, nesta época, entra na clandestinidade, assim como associações, partidos, sindicatos. “Verdes anos”. Mas não só o do vivo-verde da nascente consciência ecológica tão propalada pelos *hippies*.

Os estudantes se organizam. Como relata o presidente do CEUE entre 72 e 73, engenheiro Pedro Bisch Neto, a grande tarefa era ainda manter o movimento acadêmico, era tentar a todo custo salvar o que era possível. Rearticular a UNE, através de algumas atividades, como um seminário promovido envolvendo a região sul, foi uma dessas desafiantes tarefas. Além disso, algumas outras preocupações eram pungentes, tais como a evasão de cérebros que assolava a universidade brasileira, a perda irreparável de cientistas e pesquisadores, levados a procurar fora do país o que já era impossível realizar nele.

O homem pisa na superfície lunar. Pela televisão, em transmissão “ao vivo”, olhares incrédulos testemunham essa façanha da tecnologia. O grande sinal vem do céu, tal como acreditavam os antigos. Uma nova era se abre à humanidade?

A descida daqueles astronautas à lua é então o sinal de que, inevitavelmente, a eletrônica dominará o mundo. Isso se reflete de uma maneira bastante forte



Revista Veja





quando se verifica que, imediatamente a este fato, dos 340 ingressantes em engenharia, em torno de 200 escolheram Eletrônica. O futuro estava aí, pensavam todos, e o campo se abre para quem nele quiser se aventurar.

Esse entusiasmo, entretanto, não resistirá por muito tempo e já nos anos seguintes a situação dos cursos tenderá a um equilíbrio. No Brasil, desenvolvimento é a palavra-chave. Desenvolvimento a todo custo, construções gigantescas desafiam a engenharia nacional.

Revista Veja



Itaipu é um símbolo de uma época.

O advento da xerografia, grande inovação, substituiu os tradicionais polígrafos mimeografados, agora só remanescentes dessa era pré-tecnológica. Textos e textos xerocados, os últimos trabalhos de personalidades do mundo intelectual como Florestan Fernan-

des, Celso Furtado, Caio Prado, eram fotocopiados para que, de um original, conseguido "sabe Deus com que esforço", o pessoal pudesse ter acesso a essas novas idéias que incendiavam o debate acadêmico, sempre muito disputado. Os alinhamentos feitos através de alguns paradigmas básicos permitiam a sutileza de discussões entre grupos, onde, sobre o último trabalho do Florestan, um concordava até o terceiro capítulo e o outro só com o final, havendo aqueles que concordavam parcialmente com todos os capítulos e aqueles que não concordavam com nenhum.

Mesmo com todo o clima, o jornal do CEUE, simbolicamente denominado "O Concreto", continuava sendo editado e era considerado um dos melhores da Universidade, trabalhando inclusive em *off set*. Nele,

idéias eram repassadas, informes eram dados, algumas tiras com sátiras mordazes funcionavam quase como a sutil vingança do recalcado. Havia um chargista oficialmente contratado de nome Santiago, que muito agradava o gosto do pessoal e prometia se tornar um grande artista. O trabalho no jornal era, também ele, uma mostra do espírito universitário desses estudantes, que despendiam parte de seu horário de intervalo e descanso para fazer suas matérias.

A vida social e cultural encontrava formas de se manter acesa. Os festivais ocupavam um espaço importante, principalmente os de música universitária, revelando grandes talentos e muita rebeldia. A própria música nacional lançava nomes em sua história, e foi no show de um desses expoentes que um episódio patético aconteceu. Era uma apresentação de Chico Buarque no Grêmio Náutico União. Casa lotada, o pessoal compareceu em massa. Atrás do palco, no entanto, ficavam dois agentes da Polícia Federal, cuja missão, no momento em que tal ou tal música fosse cantada, era desligar o som.

Com todos esses percalços, a vida ia acontecendo: nos almoços no bar do Aquiles, ponto privilegiado para aqueles encontros políticos (e outros nem tanto), nas rodas de samba nas *Humanas*, bebendo cuba-libre no Alaska, um dos *bunkers* da estudantada, pagando meia entrada no Clube de Cinema, recebendo influências do movimento pacifista dos rebeldes jovens americanos. Tal como fala Pedro Bisch Neto:

- Os *hippies* falavam de paz e amor, e nós, em nossa cruel realidade, víamos pessoas sendo torturadas, colegas desaparecendo misteriosamente, para nunca mais voltar.

Embalados ao som de Edu Lobo, Quarteto em Ci, Baden Powel, a rapaziada



*Uma época de muita
criatividade, de festivais
com Elis e Jair Rodrigues.
Uma época que nos
legou entre outros
Chico Buarque.*





curtia um grande intimismo, aquele que chegava através dos filmes necessariamente abissais do Godard, Truffaut, Fellini, Visconti. O “charme era ser complicado”, e assim se encontrava a vanguarda, todo sábado à noite, no Cine Vogue. Depois da sessão, a norma era o pessoal se reunir num bar que havia na esquina do cinema, para um imprescindível chope e discussão sobre o filme.

Novas tecnologias vão invadindo o mercado. Nesses primeiros passos do anos 70 é que chega, para se tornar presença definitiva entre estudantes e profissionais da área, a calculadora. Era o epílogo de uma longa era dominada pela nostálgica régua de cálculo que cede lugar às maquininhas, de início com poucas funções, mas que rapidamente se transformaram numa sofisticada amostra do que estava por chegar. O computador.

Se, no campo dos avanços tecnológicos, o futuro parecia estar à espera, todo “azul”, essa idéia era corroborada pelas grandes firmas de engenharia que se consolidavam nesse momento. Com o tempo, no entanto, esse progresso mostra a sua fragilidade. O progresso escondia a miséria, e não a solucionava.

As formaturas se tornaram também um local de disputas políticas, principalmente no que se refere à escolha do paraninfo, porque, conforme o escolhido, ficaria caracterizada uma postura, simbolicamente manifesta, de acolhimento à situação ou oposição a ela. Um exemplo disso é o caso da turma que se formou no ano de 74. A grande celeuma foi criada justamente em torno da questão da escolha do paraninfo. Um grupo mais radical queria Dom Helder Câmara, um dos grandes mastros da resistência. O outro optava por uma pessoa nitidamente vinculada a um partido situacionista. Entre fogo cruzado, a solução foi escolher um terceiro nome, contemporizador.

O medo e a insegurança conviviam como cons-

tantes. O que não diminuía, ao contrário, estimulava até mesmo o pensar e discutir estratégias para enfrentar essa situação imposta. Nas repúblicas, apartamentos alugados por grupos de rapazes, nos quartos, enfim, nas várias formas de morar, as prateleiras se enchiam às vezes de livros *revolucionários*, as paredes cobriam-se com pôsters com fotos de Che Guevara, com poemas de Brecht, e, entre alguns copos de vinho pela madrugada, alguns cigarros e uma fita clandestina do “Pra não dizer que não falei de flores”, o papo rolava solto, sobre idéias e táticas, sobre prisões e torturas.

Se nos anos 70, a idéia de turma vai se diluindo em meio à departamentalização, outras vivências substituíram aquelas tão intrinsecamente relacionadas a uma convivência quase familiar.

Os tempos vão renovando as formas e práticas. Vai-se alterando o significado e o estatuto de ser um universitário. O *apego às paredes*, de que falam e se nutrem os que viveram tempos em que a turma era um corpo unido e em que ser um aluno da Escola vinculava-se a um *status* diferenciado dentro da comunidade acadêmica, vai sendo, nos últimos tempos, substituído por outros sentimentos, por outras formas, igualmente honrosas, de pensar e exercer a profissão.

Como na música, o tempo não pára. Outros virão, outras idéias, outros modelos. Que permaneça, no entanto, o grande compromisso, que é justamente aquele que faz com que se diferenciem uns e outros: o compromisso com uma sociedade melhor. E talvez aí esteja o espírito de todos aqueles que, nessa espiral do tempo, construíram e constroem as “grandes obras”.







III

TEMPOS ATUAIS

ESCOLA
ENGENHARIA

Do presente, não se conta a história: dá-se um depoimento a seu respeito. Depoimento que será matéria para aquele que, no futuro, investigar essa época em que a Escola de Engenharia completa cem anos de existência. O devido distanciamento então permitirá a análise do que hoje são impressões.

Com base em pesquisa bibliográfica e no depoimento do professor Jarbas Milititsky.

A ESCOLA DE HOJE



No final da década de 60, novo regimento aprovado pelo Conselho Universitário instituía o regime semestral, as matrículas por disciplinas e o sistema de créditos. Com o término da seriação, praticamente acabaram-se as turmas, e colega virou um termo genérico para todo estudante de mesmo curso. As matrículas tornaram-se complexas. Nos primeiros anos de funcionamento da Escola, o ato de matrícula consistia em receber do secretário um cartão impresso, assinado pelo diretor, contendo seu nome e a designação do curso e do ano em que houvesse se inscrito. Matricular-se demorava o tempo da colocação da assinatura no termo de matrícula. As mudanças no sistema de matrícula implicaram, porém, a possibilidade de o aluno ter maior domínio sobre a forma de fazer seu curso e as *comissões de carreira* passaram a orientar o planejamento das disciplinas semestre a semestre.

A departamentalização, resultante da Reforma Universitária, trouxe modificações no perfil dos cursos. Nos períodos imediatamente anteriores, todas as disciplinas dos cursos de Engenharia eram ministradas por professores da Escola de Engenharia. Com a mudança, o aluno só concentra suas disciplinas no departamento que dá nome ao seu curso por volta do terceiro ano. Antes, ele passa por vários outros departamentos, alguns não pertencentes à própria Escola. A pluralidade de filosofias, de métodos de trabalho, de prioridades e enfoques dos diversos departamentos passaram a fazer parte da experiência do aluno da engenharia, às vezes suscitando questionamentos a respeito da validade de tal sistema. Por outro lado, com a superação dos problemas estruturais decorrentes desse sistema, a multidisciplinaridade e a inter-relação entre os distintos departamentos passaram a contribuir para o enriquecimento da formação do



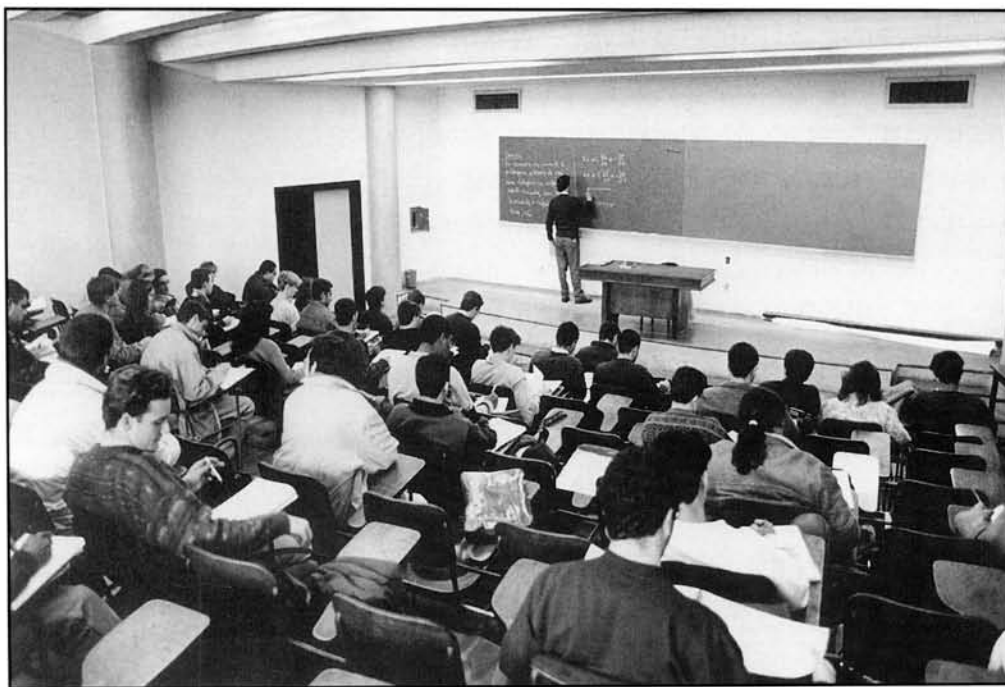
engenheiro e para a soma de conhecimentos e experiências.

Hoje, são 3.100 alunos de engenharia, distribuídos em oito departamentos: Engenharia Civil, Mecânica, Elétrica, de Minas, Metalúrgica, Química, de Materiais e Nuclear. Da primeira formatura em 1899 até este momento, a Escola formou 10.794 engenheiros nas várias áreas. A Escola de Engenharia conta atualmente com 160 professores e 130 funcionários técnico-administrativos.

Uma diferença marca o atual perfil da Escola em relação ao perfil da pioneira Escola de Engenharia do fim

do século XIX.

Se no passado, a necessidade de qualificação do ingressante na Escola direcionou pesados investimentos nos cursos de nível elementar e médio, atualmente, a Escola passou a investir na outra ponta: no seu egresso. Se antes a Escola dava uma contribuição significativa



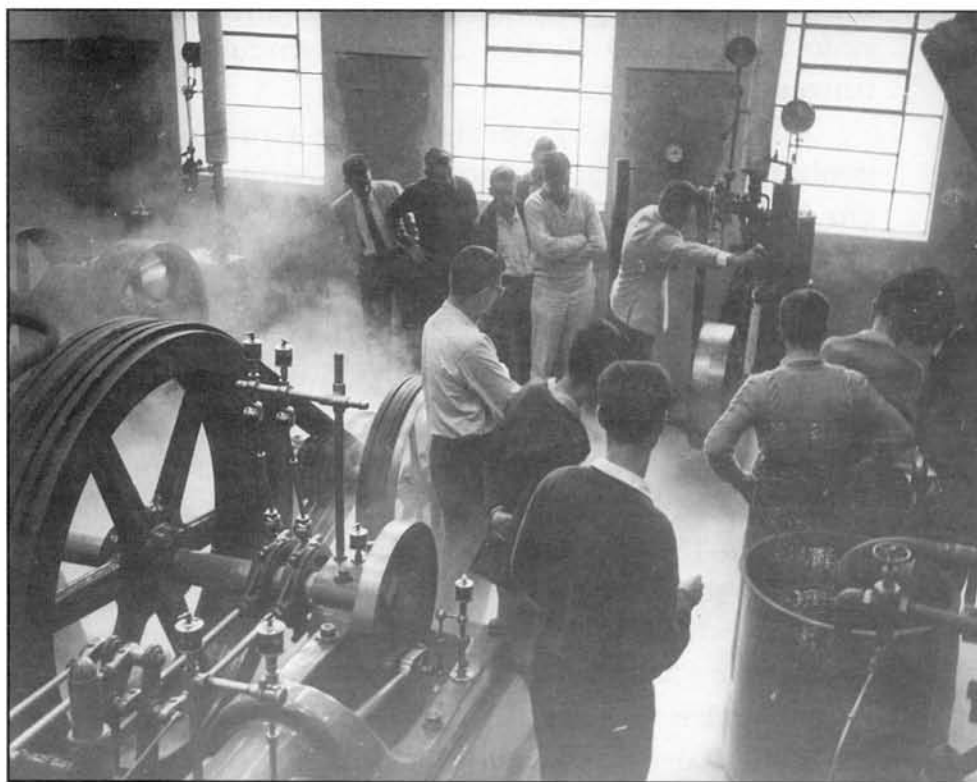
A Pós-Graduação influenciou também a Graduação. A pesquisa é uma perspectiva real desde os primeiros semestres.

na formação dos alunos antes de eles chegarem, atualmente, ela dá uma contribuição significativa aos profissionais depois de formados. Trata-se da pós-graduação, que acolhe não só os graduados da Escola, mas também os engenheiros de outras instituições, tornando-se, desta forma, um pólo muito importante de pós-graduação em engenharia com área de influência no sul do país e países do sul do continente.

OS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO



Na década de 60, uma forte tendência no curso de Engenharia Civil foi tomando corpo. Pensava-se em projetos na área pedagógica, visando ao aprimoramento didático do professor ou futuro-professor de Engenharia. Em 1965, alguns jovens professores da Escola participaram da Jornada Sul-Americana de Engenharia Estrutural em São Paulo, quando mantiveram contato com o que havia de mais avançado na área de pesquisa. De lá, todos voltaram convictos: era preciso investir no aprimoramento da Escola. O primeiro passo foi dado por este grupo, que partiu em busca de suas próprias qualificações, cursando mestrados e doutorados em outros estados e países. O passo seguinte foi a Engenharia Civil tra-



Antigo laboratório de máquinas térmicas.

Aulas práticas no passado já faziam parte da formação de nossos engenheiros. Com o advento dos cursos de Pós-Graduação, no entanto, intensificaram-se as experiências e as pesquisas.



tar de construir as bases do primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu*.

Em 1970, o Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil (PPGEC) estava oficialmente criado e, em 1989, implementou-se o curso de doutorado. Sua estrutura propicia exercer um papel intenso na formação e aprimoramento de recursos humanos especializados. Eventos de grande repercussão nacional e internacional são organizados no âmbito do Programa, que abriga atualmente mais de cem alunos, contando com a presença de profissionais de diversos estados brasileiros e também professores estrangeiros.

Em 1973, foi a vez da criação do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Metalúrgica e dos Materiais (PPGEMM). Com três áreas de concentração (Metalurgia Extrativa & Tecnologia Mineral, Metalurgia de Transformação, Ciência dos Materiais & Instrumentação Eletro-Eletrônica), o curso conta com 18 laboratórios, freqüentados por 99 bolsistas de mestrado, 34 de doutorado, além de 88 alunos especiais (vinculados a outras universidades).

O PROMEC, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica, originou-se do *Grupo de Energia* que, em 1976, deu início a trabalhos de pesquisa em carvão mineral e energia solar. Pouco a pouco, outras linhas de pesquisa foram sendo criadas, tais como a energia eólica, biomassa, energia nuclear e utilização racional da energia. Em 1986, este grupo instalou-se definitivamente no Departamento de Engenharia Mecânica, destino natural de um grupo de pesquisas em energia que em grande parte desenvolvia trabalhos no âmbito das Ciências Térmicas. Em 1987, o Programa foi credenciado para o nível de Mestrado e, em 1994, para o de doutorado. Atualmente três áreas - Geração de Energia, Fenômenos de Transporte e Mecânica dos Sólidos - concentram seus cem alunos, entre mestrado e doutorado, oriundos de diversas instituições de diferentes locais.

Como parte do Pós-Graduação de Engenharia Civil, a área de Engenharia de Produção é criada em 1990, e o Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção implanta-se em 1992, tendo hoje as seguintes subáreas: Gerência da Produção, Gestão da Qualidade, Engenharia da Qualidade, Produção Civil e Transportes.

O mais recente Programa de Pós-Graduação da Escola é o de Engenharia Química, implantado em 1995. É o único em engenharia química *stricto sensu* do Estado. O vasto parque industrial químico do Rio Grande do Sul apresenta três setores de grande expressão quanto ao volume de produção. São eles o setor de petroquímica, de indústria de tintas e de indústria de óleos vegetais e derivados. A área de concentração do curso é a de Pesquisa e Desenvolvimento de Processos Químicos, sendo áreas de pesquisa: Projeto, Simulação e Controle de Pro-



Prédio do antigo Instituto Técnico Profissional, o Parobé. Atualmente nele funciona o Departamento de Engenharia Mecânica.





cessos, Fenômenos de Transporte e Operações Unitárias, Cinética Aplicada, Catálise e Reatores Químicos, Materiais da Indústria Química e Termodinâmica.

O Departamento de Engenharia Elétrica (DELET) desenvolve suas atividades de pós-graduação desde 1990 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Metalúrgica e dos Materiais (PPGEMM), na área de Instrumentação Eletro-eletrônica. O Grupo de Instrumentação Eletro-Eletrônica (IEE) produziu duas teses de doutorado e nove dissertações de mestrado nas áreas de Transdutores, Condicionadores de Sinais, Tratamento Digital de Sinais, Barramentos Industriais e Sensores Integrados. Entre as suas áreas de concentração, estão Instrumentação, Processamento de Sinais, Sistemas e Biomédica, sendo a última em convênio com o Hospital de Clínicas e o Departamento de Engenharia Mecânica. O Programa independente de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica encontra-se em fase de implantação.

Fruto da pesquisa e do empenho de professores e alunos, muitos egressos da Escola têm criado com sucesso empresas de base tecnológica avançada.

Com a implementação dos cursos de mestrado e doutorado, a própria graduação foi sendo beneficiada pela forma como nela repercutiu o novo ambiente de pesquisa assim formado. Daí ser o início da pós-graduação um marco na história da Escola.



A institucionalização da pesquisa e o incremento da produção científica mudaram, de modo geral, o perfil do ensino. As perspectivas dos alunos ampliam-se, o ambiente se torna propício à pesquisa, à inovação, ao avanço tecnológico. A qualificação de biblioteca e de laboratórios é mais uma das conseqüências do advento dos cursos de mestrado e doutorado. O aumento e a diversificação das

atividades de pesquisa, além da geração e ampliação de conhecimentos científicos e tecnológicos, são também resultantes desta nova fase. O aluno viu-se estimulado desde o seu ingresso a ser, além de engenheiro, um pesquisador na sua área.

Os próprios prédios da Escola de Engenharia sentiram a mudança de paradigma decorrente do advento da pós-graduação. Nas décadas que antecederam os cursos de mestrado e doutorado, o perfil do professor de engenharia era represen-

tado pelo *profissional* de engenharia, que tinha atividades nas empresas, nas estatais, nas indústrias, nos escritórios e dedicava-se em tempo parcial à docência na Escola. A pós-graduação representou a qualificação acelerada do corpo docente e a instauração do regime de dedicação exclusiva. Na medida em que os professores estenderam

sua jornada dentro da Escola, a sua estrutura física teve que adaptar-se. Salas de professores, laboratórios, salas para estudo e pesquisa. Não só a permanência dos professores na Escola aumentou. Também os alunos de engenharia, que passaram a ser alunos de iniciação científica, necessitaram desses espaços para seus estudos. E os edifícios, ao serem reestruturados, foram se adaptando às novas necessidades.

Outra conseqüência dessa nova fase da Escola é o desenvolvimento progressivo de intercâmbios com as instituições congêneres do mundo inteiro, consubstanciado nos congressos, conferências, seminários, simpósios nacionais e internacionais que a Escola promove ou dos



Os grupos de trabalho e de pesquisa multiplicam-se em todos os cursos.

quais participa. Os professores estrangeiros voltam, a exemplo do que ocorria no início do século, com força ao cenário de docência e pesquisa da Escola. A diferença, porém, em relação à história inicial da Escola de Engenharia é que, agora, também os professores aqui formados, pela possibilidade de qualificação que os cursos de mestrado e doutorado propiciam, são solicitados a dar aulas como professores convidados em várias outras instituições nacionais ou estrangeiras.



A informática no estudo da Engenharia é um imperativo dos tempos atuais. A Escola procura equipar-se nesse sentido.

A significativa ampliação de áreas de estudo também se deve à pós-graduação. Caso típico dessa expansão foi a criação da Engenharia de Produção que só passou a existir no nível de graduação a partir da pós-graduação. Outro exemplo de desenvolvimento singular é o caso do *Centro Tecnológico*, situado no Campus do Vale. Sua estrutura é fortemente relacionada com o setor produtivo,

que é o motivo de sua origem. Além do túnel aerodinâmico do Departamento de Engenharia Civil, implementou-se recentemente (1996) uma pista experimental de teste de pavimentação. Esta é resultante de um projeto conjunto com DAER (Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem), com financiamento também do governo do estado e da empresa privada. Além de produzir pesquisa, a iniciativa demonstra como a Escola pode contribuir para a resolução de problemas da sociedade. Nos seus laboratórios, de modo geral, muitos problemas da indústria vão sendo analisados e resolvidos.





Os resultados da pesquisa em engenharia naturalmente extrapolam o âmbito da Universidade, tendo conseqüências no desenvolvimento do estado, pois produzem a melhora da qualidade dos setores de pesquisa e desenvolvimento do setor industrial do Rio Grande do Sul. Relações com prefeituras, com a CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica), com a Petrobrás, entre outras instituições, são mantidas permanentemente. A Escola de Engenharia passou a formar uma massa crítica, capaz não só de dar assistência às demandas rotineiras da sociedade, mas também de resolver problemas que exigem alta qualificação. Algumas das expectativas de demanda do saber específico da engenharia vão se concretizando. Controle numérico, automação, robótica, engenharia de produção, entre outros, são realidades e passam a conformar um mercado de trabalho de grande exigência de qualificação. A modernidade, na sua expressão mais recente, isto é, a globalização da economia, ao mesmo tempo em que amplia o mercado de trabalho, aprimora suas exigências. A Escola de Engenharia deve formar profissionais capazes de atuar nesse mundo globalizado, de alta competitividade. Sua mais recente missão é tornar-se um centro de referência do novo pólo de desenvolvimento da América Latina, o Mercosul.

Atualmente, 600 alunos freqüentam os cinco cursos de pós-graduação: Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia de Produção, Engenharia Metalúrgica e dos Materiais e Engenharia Química. De tais cursos, já provieram 620 mestres e 39 doutores em engenharia.

Não resta dúvida que os cursos de pós-graduação viraram a mais recente página na história da Escola de Engenharia.

... E ASSIM PASSARAM-SE OUTROS 25 ANOS*



Era 1970, e a Escola de Engenharia estava adentrando ao seu 75 aniversário, em 1971. Precisava-se encontrar um engenheiro que, com sua vivência, conhecimento e capacidade, fosse capaz de reunir as diversas gerações que haviam passado pelo umbral do Prédio Central e sentisse o verdadeiro significado do *fac quod in te est*. Não há dúvida em se afirmar que a escolha foi unânime: o professor Alexandre Martins da Rosa.

O professor Alexandre relutou em aceitar, mas, tamanho foi o número de engenheiros das mais diversas atividades, alunos e funcionários que se reuniram

O professor Alexandre Martins da Rosa (terceiro da esquerda para direita) presidiu as comemorações do 75 aniversário da Escola de Engenharia, em agosto de 1971.





em torno de seu nome, que não houve como recuar. Surgiu uma Comissão Organizadora do 75 Aniversário da Escola que, por si só, demonstrava a capacidade da engenharia rio-grandense. Citar nomes seria uma injustiça. Talvez nem os anais do evento, com todo o conteúdo e brilho que possuem, possam traduzir com exatidão o que foi, em sua dimensão exata, a verdadeira mensagem de capacidade institucional demonstrada por aqueles que se integraram às atividades, liderados por esse saudoso mestre que transmitia sempre a mensagem de “dar de si antes de pensar em si”.


Necessário se torna uma regressão ao início dos anos 70, de onde nos encontramos, se não muito afastados no espaço temporal, seguramente em parâmetros operacionais, bem distantes. Ingressava-se em diretrizes de acentuadas transformações, mas nem sempre com uma ação participativa abrangente. O homem acabara de chegar à Lua, conjeturava-se que não haveria mais limites espaciais, os regimes e sistemas políticos eram centralizadores e o mundo estava mudando sem que se soubesse exatamente qual o rumo. No concernente à engenharia, tem-se bastante presente que naquela época as entidades de classe procuravam fortalecer a profissão enfrentando, duramente, as ações corporativistas; a Escola de Engenharia praticamente lutava para continuar sendo uma célula-máter, congregando seus departamentos; o CEUE que, como a maioria das entidades estudantis, passara por um processo de esvaziamento, vislumbrava em atividades como a dos 75 aniversário um núcleo agregador que poucos estudantes da época tinham conhecimento no meio universitário, e egressos da EEUFRGS formavam uma Associação.

Pois era nesse cenário que o professor Alexandre Martins da Rosa conduzia uma nau que tinha um rumo: demonstrar a importância que teve, tinha e seguramente teria a Escola de Engenharia para o desen-

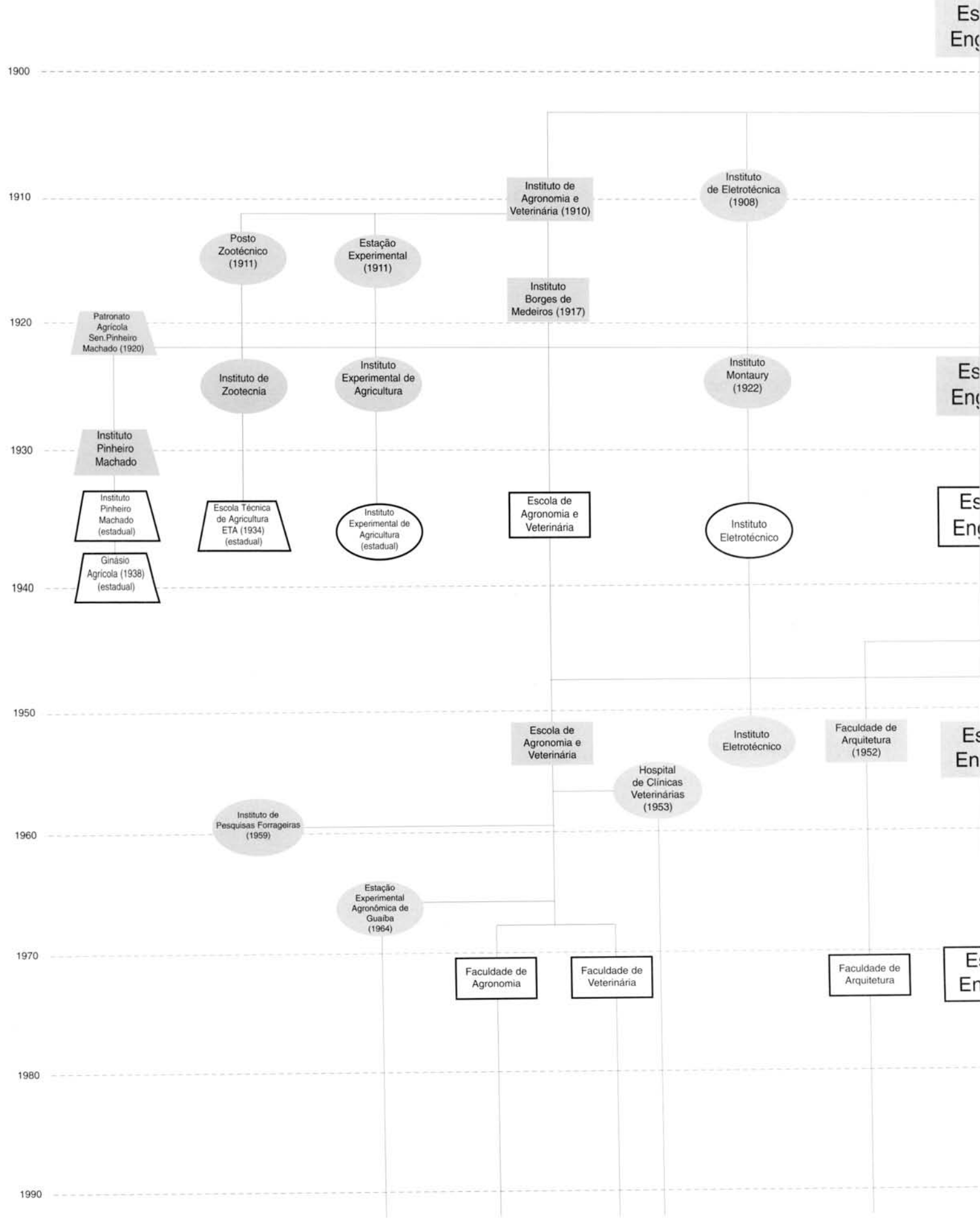
volvimento sócio-econômico do país. E, assim, em um curto espaço de tempo de cerca de 18 meses, buscou-se estabelecer um rumo seguro, pois assim, não importando a direção dos ventos, eles seriam sempre favoráveis. Assim o foi. A amplitude das atividades repercutiram nas mais diversas áreas. No ensino, na formação acadêmica e profissional, no complexo político-social-econômico, marcantes foram as realizações, inclusive com ressonância internacional.

Embora apenas 25 anos passados, mas em espaço-tempo de vertiginosas mudanças, pode-se considerar que as conquistas do 75 aniversário da Escola de Engenharia em 1971 foram de relevante importância para aquilo que hoje estamos vivenciando nesse Centenário. Muito há ainda por estruturar e realizar, todavia, a força propulsora continua em seu rumo, amalgamando energias do passado, do presente e captando as do futuro, alimentada pelo gerador inesgotável do *fac quod in te est*.

Hoje ainda, e certamente por muitos outros 25 anos, a lembrança do professor Alexandre Martins da Rosa, que tinha por princípio iluminar o porvir, continuará gerando energia entre aqueles, e que não são poucos, que acreditam no manancial de capacidade positiva e multiplicadora da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



* Engenheiro Joal
Teitelbaum,
Vice-Presidente da Comissão
Organizadora do 75
aniversário da Escola.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO, Luiz Carlos. **Porto Alegre - de Aldeia a Metrópole**. Porto Alegre, Marsiaj Oliveira, Oficina da História, 1992.
- CHASSOT, Attico I. Cubeiro, um profissional que afortunadamente desapareceu. In: D'Angelo, Ana L. **Histórias de trabalho**. Porto Alegre, Unidade Editorial/ Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1995.
- CRUZ, Claudio. **Literatura e cidade moderna**: Porto Alegre 1935. Porto Alegre, EDIPUCRS, IEL, 1994.
- DINIZ, Pery Pinto. O desmembramento da Universidade Técnica. **Correio do Povo**, 14/6/79.
- FONTOURA, João Neves da. **Memórias**. Borges de Medeiros e seu tempo. Porto Alegre, Editora Globo, 1969.
- FORTINI, Archimedes. **O passado através da fotografia**. Porto Alegre, s/e, 1959.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre**: guia histórico. 2 ed. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1992. Jornal da UFRGS, 1986.
- LEÃO, Manoel Luiz. Algarismos Romanos. **Jornal do Comércio**. 2º Caderno. 13/12/1993.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.
- NUNES, Marion K. & VILARINO, Maria da G. **Carris: 120 anos**. Porto Alegre, Carris, 1992.
- PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. 3 ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984.
- _____. "Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano". In: MAUCH, Claudia et alii. **Porto Alegre na virada do século 19**: cultura e sociedade. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo, Ed. da Universidade/UFRGS, Ed. da ULBRA, Ed. da Unisinos, 1994.
- PINTO, Celi. **Positivismo**: um projeto político alternativo. Porto Alegre, L&PM, 1986.
- PORTO ALEGRE, Achylles. **História popular de Porto Alegre**. Porto Alegre, Unidade Editorial/ Prefeitura de Porto Alegre, 1994.
- Relatório da Escola de Engenharia Referente ao Ano de 1897**. Porto Alegre, Typographia de Cesar Reinhardt, 1898.
- Relatório da Escola de Engenharia Referente ao Ano de 1898**. Porto Alegre, Typographia e Livraria de Franco & Irmão, 1899.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1907**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1908.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1908**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1909.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1909**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1910.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1910**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1911.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1911**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas do Instituto de Electro-Technica da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1912.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1912**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1913.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1913**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1914.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1914**. Porto Alegre, s/e.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1917**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1918.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1918**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas do Instituto de Electro-Technica, 1919.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1921**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia, 1922.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1922**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1923.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1923**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1924.
- Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre Referente ao Ano de 1924**. Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia, 1925.
- Revista Egatea**. Escola de Engenharia de Porto Alegre. Vol. VI; nº 4. 1929.
- Sessões do Conselho de Administração, 31 de agosto de 1935.
- Sessões do Conselho Escolar, 19 de fevereiro de 1898.
- SOARES, Mozart Pereira. A história do primeiro campus universitário do Brasil. **Jornal da UFRGS**. Mai. 86.
- TRINDADE, Helgio & NOLL, Maria Izabel. **Rio Grande da América do Sul**: partidos e eleições (1823-1990). Porto Alegre, Ed. Da Universidade/UFRGS/Sulina, 1991.
- VEIGA, Albino de Bem. Discurso de posse na cadeira nº 22 da Academia Rio-grandense de Letras. **Revista da Academia Rio-grandense de Letras**. Nº 6. 1987.
- Universidade do Rio Grande do Sul**. Uma fase em sua história. Relatório. 2 ed. Porto Alegre, Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul, s/d.
- WEIMER, Günter. A capital do positivismo. In: PANIZZI, Wrana e ROVATTI, João. (Orgs.) **Estudos urbanos: Porto Alegre e seu planejamento**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993.
- WEIMER, Günter. Depoimento oral.



**Formados pela
Escola de Engenharia
Graduados, Mestres e Doutores**

CRÉDITOS

Este documento está dividido em três blocos:

1º graduados. De 1899 a 1995.

2º mestres. De 1972 a 1996.

3º doutores. De 1988 a 1996.

As listas estão organizadas pelo ano e, dentro deste, pelo curso.
Alguns nomes podem aparecer mais de uma vez quando tiverem
concluído mais de um curso.

Coordenação:

Marília Fernandes de Moraes

Colaboração:

Eduardo Rocha D'Ávila

Lauren Severo Diehl

Patrícia Fraga da Rocha

GRADUADOS

1899

Engenheiros Agrimensores

Armando Taurino de Rezende
Pedro Rodrigues Velleda

Engenheiros de Estradas

Armênio Silveira
Protásio Dornelles Vargas

1900

Engenheiros Civis

Antônio Pradel
Arlindo de Freitas Leal
Frederico Westphalen
José Dias de Carvalho
Manoel Barbosa Assumpção Itaquí
João Manoel da Fontoura Leite
Manoel Luiz Pereira da Cunha
Oscar Bastian Pinto

Engenheiros de Estradas

Dorval Pires Porto
Fernando Mário Corrêa
João Leivas de Carvalho
Miguel de Oliveira Valle
Orlando Alves de Oliveira

1901

Engenheiros Civis

Argemiro Carlos Pinto
Manoel Hyppolito Bolleto

1902

Engenheiros Civis

Mário Gambara

Engenheiros de Estradas

Armando Salgado
José Alexandre Alcaraz

1903

Engenheiros Agrimensores

Belchior Martins Peixoto

Engenheiros Civis

Armando Paiva Chaves
Arnaldo Franco Porto Alegre
Dyogenes Monteiro Tourinho
Ildefonso da Silva Dias
João Moreira de O. Brasileiro

Engenheiros de Estradas

Álvaro Rodrigues Leitão
Gabriel Alencar de Azambuja

1904

Engenheiros Civis

Adolpho Cailar Barreto Vianna
Augusto da Silva Sá
Feliz de Abreu e Silva
Henrique Pereira Netto
João Ferlini
João Luderitz
Mathias Alfredo Wiltgen
Oscar Oliveira Ramos

1905

Engenheiros Civis

Carlos Alberto de Barros e Silva
Cristovam Pereira
Edgar Waldemar Vieira de Andrade
Francisco de Paula Gomes
José Borges de Medeiros

1906

Engenheiros Civis

Evandro Ribeiro
Garibaldi Luiz Barreto
Engenheiros de Estradas
Alberto Porto Alegre
Gervásio Caldas
Isauro Regueira
João Guedes da Fontoura
João Jayme Bessa da Silveira
José Juvencio da Lima
Manoel do Nascimento P.de Araújo
Serafim Regis de Alencastro

1907

Engenheiros Agrimensores

Francisco Gamio

Engenheiros Civis

José Alberto de Mello Portella
Sylvio Brum

Engenheiros de Estradas

Annibal Amorin
Arthur Pereira de Castilhos
Arthur Rodrigues Tito
Christiano Uflacker
Ernesto Araújo
Evaristo Marques
João de Abreu Dahne
José Pio Borges de Castro
Luiz Antunes Vianna
Rodolpho Villanova Machado

1908

Engenheiros Civis

Antônio Porfirio de Menezes Costa
Candido Lucas Gafree
Fernando Olintho de Abreu Pereira
Frontino Brum
Humberto Paranhos Pederneiras
Salustiano Cardoso Espindola

Engenheiros de Estradas

Adolpho Alfredo Stern
Antônio Rocha Meirelles Leite
Arthur Schilling
Hans Emílio Goetze

1909

Engenheiros Agrimensores

Acylyno Carvalho
Ayes Pires de Oliveira
Joaquim do Nascimento F. Távora
Ladislau Coussirat de Araújo

Mário de Souza Velho

Engenheiros Civis

Adolpho Alfredo Stern
Antônio Rocha Meirelles Leite
Arthur Schilling
Francisco Moreira Pereira
Francisco Telles de Miranda
Hans Emílio Goetze
João Jayme da Silveira
Raul Porto Osório Bordini

Engenheiros de Estradas

Ivo Pedroso da Silveira
Octávio Lago
Roberto Bruno de Escobar
Sylvio Barbedo
Waldomiro Castilho Lima

1910

Engenheiros Agrimensores

Hermínio da Silva Lima

Engenheiros Civis

Gabriel Alencar de Azambuja
Ivo Pedroso da Silveira
José Alexandre Alcaraz
Octávio Lago
Roberto Bruno de Escobar
Sylvio Barbedo
Waldomiro Castilho Lima

1911

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Júlio Moreira Filho
Vivaldo de Vivaldi Coaraci

1912

Engenheiros Civis

Acylyno Carvalho
Ayes Pires de Oliveira
Egydio Herve
Ladislau Coussirat de Araújo
Mário de Souza Velho
Ramão Dutra Alvares
Engenheiros Mecânicos e Eletricistas
Antônio Tavares Leite
Homero de Miranda e Silva
João Kramer Lima
Mário da Silva Brasil
Maurício Sérgio Legori
Normélio Gomes Celso Ferreira

1913

Engenheiros Civis

Godolfim Torres Ramos
Henrique de Azambuja Villanova
Nelson Osório da Silveira
Norberto de Barros Lacerda
Theóphilo Borges de Barros
Engenheiros Mecânicos e Eletricistas
Edmundo Gustavo Conrad
Evaldo Pedro Blauth
Heitor Santiago Bergallo

Luiz Azevedo Jenger
Manoel Pereira da Costa
Pedro Drügg

1914

Engenheiros Agrônomos

Henrique Dexheimer Alves
Jardelino Voges Ribeiro
Marcos Ângelo Baptista Ribeiro
Waldemar de Carvalho e Silva

Engenheiros Civis

Emílio Lúcio Esteves
Heitor Wagner
Ivo Pinto Ribeiro
João Evangelista Teixeira
João Fagundes de Mello
Jorge Porto

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Mário de Oliveira Reis
Sylvio Barbosa

1915

Engenheiros Agrimensores

Benjamin Constant Idiart Vinholes
Carlos Pinto Affonso

Engenheiros Agrônomos

Alfredo Gomes Falcão
Aluizio Palmeiro de Escobar
Ataliba de Figueiredo Paz
Carlos Gaertner de Albuquerque
Ernesto de Freitas Xavier
Eurico da Costa Gama
Guilherme Flores da Cunha
José Carlos Pereira

Lauro Severiano Rupp

Waldemar Ramos Lages

Engenheiros Civis

Afonso Goetze Junior
Altamiro Cardoso
Antônio Azambuja Vilanova Neto
Antônio da Siqueira
Antônio Klinger Filho
Ernesto Argenta
João Baptista Pianca
João de Deus Silveira
Jorge de Mello Feijó
Lincoln Proença Borralho
Manoel de Sá P. da Fontoura

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Arnaldo Wiltgen
Guilherme Paulo Schell Felizardo
Jahir Braga Sgrillo
João Protásio Pereira da Costa
Tércio da Frota Perrone

1916

Engenheiros Agrônomos

Acymar Noronha Marchant
Carlos Nogueira e Oliveira
Cecílio Fagundes
Celso Fausto de Souza

Clodomiro Machado Ferreira
Dulpe Pinheiro Machado
Eurico Telles Pereira da Cunha
Fernando Abott Sobrinho
Gaspar Dilermando Ochôa
Gastão de Almeida Santos
Januário Azevedo Fernandes
João Ferreira Lopes
José de Oliveira Beltrão
Labieno Só Jobim
Lauro Ramos César
Nicolau Machado Koehler
Nicolau Pereira da Silva
Omar Silveira Martins
Oscar Ribeiro Borba
Pedro Pereira de Souza

Engenheiros Civis

Adalberto Moojen Dutra
Adalberto P. da Rocha Moreira
Alcides Ebling
Alexandre Martins da Rosa
Alfredo da Costa Pereira
Álvaro Dutra Vianna
Armando Alvares Teixeira
Celso Fernandes Pantoja
Egídio de Almeida e Souza
Ildo Meneghetti
João de Deus Canabarro Cunha
José Maria de Carvalho
José Marques Vianna
Manoel Coelho Parreira
Manoel Luiz Borges da Fonseca
Oscar Silva
Oswaldo Loureiro da Silva
Pedro Paulo Scheunemann
Roberbal Germano Medeiros
Walter Boehl
Wenceslau Zielinski
Yedo Fiuzza

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Antônio Alberto Goetze
Argymiro de Menezes Muzell
Edecarlício Corrêa da Silveira
Edgar Seager
Francisco Ceroni
Henrique Ther
José Ávila Lins
Rolando Raphael Rotta
Theóphilo de Menezes Barreto Viana
Waldemar Carrion Ribas

1917

Engenheiros Agrônomos

Alfredo Carlos Felizardo
Gaspar Rodrigues
José Fernandes Vianna
Laurenço Waltrick
Manoel Ferreira Lopes
Napoleão Corrêa de Barros
Ottoni Soares de Freitas
Sérgio Duarte Sallenave

Engenheiros Civis

Aluísio de Feritas Duarte
Aymore S. Drummond de Macedo
Benjamin Ferreira Borges
Carlos Pestana
Ernani Kroeff Fleck
Homero Oliveira
João Pedro Domingues de Arruda

Octacílio Silveira Franco
Oscar Germano Pedreira

Engenheiros Geógrafos

Adolfo Ambros Filho

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Alcides Nunes Vieira
Altamiro da Costa Rubim
Álvaro de Lima Corrêa
Álvaro Gonçalves Soares
Fernando Moreira da Silva
João Baptista Biagini Leggerini
João Pinto Ribeiro Netto
José Simeão Sociro de Souza
Procópio de Mello Carvalho

1918

Engenheiros Agrônomos

Alberto Lopes da Silva
Armando Vieira de Castro
Eurico da Cunha Rangel
Gentil Coelho Leal
Hugo Rodrigues Ávila
Izldoro da Fontoura Borges
João Inácio Lecuona
Mário de Oliveira
Walmor Franco

Engenheiros Civis

Carlo Edmundo Müller
Eugênio Gomes Outeiro
Guilherme Rosin
Homero Guerra
Oscar de Freitas e Castro
Oscar Ourique Moreira
Sylvio Olyntho de Oliveira

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Guilherme Becker
José Borges de Leão
Leovigildo Paiva
Pedro Italo Dalle Ore

1919

Engenheiros Agrônomos

Álvaro Dorneles Gonçalves
Domingos Giorno
Ênio Terra Lopes
Ernesto Alves Braga
Júlio Paixão Cortes
Nicola Verlangieri Junior

Engenheiros Civis

Adão Bueno de Araújo
Arno Bernhard
Augusto Luiz Duprat
Francisco Ribeiro Rodrigues
Haroldo Paranhos Pederneiras
Ludolfo Boehl
Osmar Terra Lopes

Engenheiros Geógrafos

Alfredo de Araújo Pereira
Arthur Ambros

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Arthur Heinz
Germano Petersen Filho
João de Araújo Franco
Mário Alcaraz
Olavo Leal Nogueira da Gama

1920

Engenheiros Agrônomos

Darcy Ferreira D'Ávila

Manoel Mendes da Fonseca
Theodomiro Luciano de Souza

Engenheiros Civis

Adolfo Larangeira Mariante
Aristides Vidal Gischkow
Armando Tavares Monteiro
Ary de Abreu Lima
Ernesto Woebecke
Fernando de Azevedo Moura
Fernando Riet Machado
Joaquim Teixeira
José Baptista Pereira
José César Tettamanzy
Laury Antunes Conceição
Luiz Gomes de Araújo
Lycério Alfredo Schreiner
Octacílio Ribas Vieira
Vasco de Melo Feijó

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

João Baptista Perlott
José Aleixo Dischinger

1921

Engenheiros Agrônomos

Januário Chagas Franco
Júlio de Oliveira Ramos Junior

Engenheiros Civis

Adalberto Rodrigues de Carvalho
Agnelo Pereira da Silva
Astrogildo J. de Oliveira Ramos
Carlos Ferreira Guimarães
Carlos Pereira Sylla
Eduardo Secco Junior
Heitor Ayres Pinheiro Machado
Írio do Prado Lisboa
Lauro de Moura e Cunha
Mário Goulart Reis

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Aldo Pereira Giudice
Ariosto Borges Fortes
Homero Dias
João Corrêa Pires
Ricardo Cauduro
Walter Pinheiro

1922

Engenheiros Civis

Ary de Carvalho Armando
Bonifácio Bettiol
Diego Gonzales Blanco
Ênio Pinto da Silva
Euclides de Oliveira Schmidt
Fernando Mendes Ribeiro
Joaquim Antônio da Silveira Fialho
Luiz Carlos Flores
Luiz Lacerda Appel
Manoel da Rocha Kuster
Oscar Gertum
Oswaldo Coufal
Solon Leite

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Luiz Gray

1923

Engenheiros Agrônomos

Bonifácio Carvalho Bernardes
Cícero Menezes de Moraes
Gastão Dias de Castro
Guilherme Gaudenzi

Jorge Godofredo Felizardo
Lício Proença Borralho
Pedro Paulo de Medeiros

Engenheiros Civis

Antônio Corrêa Soares
Antônio José Gonçalves Chaves
Aristides dos Santos Leon
José Hedy Pinto Silveira
João Carlos Schilling
Lelis Espartel
Osório Jobim Meirelles
Paulo de Aragão Bozano
Rodolfo Fuchs

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Antônio Carlos da Fontoura Batista
Oswaldo Kramer Guimarães

Químicos Industriais

Bernardo Geisel
Daly Jornada Barbosa

1924

Engenheiros Agrônomos

Álvaro Fiorame Barbosa
João Ignácio de Abreu
Oscar Daudt Filho
Sérgio Nogueira Dornelles

Engenheiros Civis

Alberto Dubois Aydos
Ernesto de Mello Mattos Lassance
Eugênio Oscar de Brito
Francisco Belmonte Montojos
Francisco Kuel Ebling
Liberato Soares Pinto
Luiz Leseigneur de Faria
Sady D. Fernandes de Castro

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Eusébio Rebele Autran

Químicos Industriais

Álvaro Difini
João Rocha Fernandes
Miguel Menezes Barreto Viana
Ruben Soares
Walter Kock

1925

Engenheiros Agrônomos

Ary Saldanha Rodrigues
Guido Faustino Corrêa
João Osório Marques
Manoel Corrêa Soares
Olimiro Ferreira Amado

Engenheiros Civis

Álvaro Pitta Pinheiro
Antônio Flores Dias
Carlos de Carvalho Schmitt
Dario Granja Sant'Anna
Valter Jobim de Siqueira

Engenheiros Geógrafos

Tito Marques Fernandes

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Noé de Mello Freitas

1926

Engenheiros Agrônomos

Almo Martins Bento
Darcy de Almeida Furtado
Francisco Gonçalves Flores
Francisco Simões da Cunha
Jomar Valle

Percy Mundt

Engenheiros Cívicos

Carlos Benjamin Petراسي
Flávio da Rosa Rondelli
Heitor de Castro Moreira
Joaquim Augusto Só Gonçalves
Luiz Corcione
Mário Dias
Miguel de Castro Moreira
Moacyr Ventura Barcellos
Paulo Chaves
Paulo Edgar Elly
Pedro da Silva e Souza

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Napoleão de Almeida

Químicos Industriais

Nestor Aveline
Nestor Muniz Barreto

Engenheiros Veterinários

Carlos Seraphim de Castro
Desidério Finamor
Nery Silla
Taltibio Gomes Silveira

1927

Engenheiros Agrônomos

Álvaro Machado Xavier
Antônio de A Pacheco
Dario Borba Brossard
Francisco da C Rangel
José Carvalho Bernardes
Paulo Annes Gonçalves
Zeferino Pereira da Luz

Engenheiros Cívicos

Clóvis Machado Moreira
José Baptista Canabarro
Luiz Schmidt Filho

Químicos Industriais

Argens Leaes de Medeiros
Hélio Machado da Rosa

1928

Engenheiros Agrônomos

Brenno Goulart dos Reis
Hélio de Primio Beck
João Paes Vieira
José Antônio Brandão
Ladislau Cândido Rocha
Luiz Garcia
Mariano Joaquim da Rocha
Olympio Troy de Souza

Engenheiros Cívicos

Augusto Baptista Pereira
Guilherme Bianchini
Oswaldo Ritter
Quirino de Araújo Carvalho

Engenheiros Geógrafos

Thales Osório de Azambuja

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Francisco Martins Bastos

Químicos Industriais

Carlos Burger Júnior
Luiz Pilla

Engenheiros Veterinários

Telmo Martins Bastos

1929

Engenheiros Agrônomos

Carlos Henrique Reiniger

Hélio Mariante Silveira

Ita Simões Pires

José Luiz Bottini

Manoel José Rodrigues

Moysés Westphalen

Vicente Fidencio Bragança

Engenheiros Cívicos

Adem Gonçalves da Rocha
Armando Carmelino de Miranda
Carlos Eduardo Machado Moreira
Castulio Amaral
João Francisco Simões da Cunha
José Carlos Medaglia
Ruben Ernesto Arnt

Engenheiros Geógrafos

Napoleão de Alencastro Guimarães

1930

Engenheiros Agrônomos

Ângelo Cabeda
Carlos Frederico Moritz
Cláudio Osório Pereira
Francisco Finkelstein
Pericles Americano Ochoa
Vicente Majo da Maia

Engenheiros Cívicos

Alfredo Huch
Américo Salatino Baldino
Djalmar Mons Tufvesson
Ivo Wolff
José Raphael de Azeredo
Lauro Malheiros Prates
Olinto Neves de Azevedo
Sady Mello Silva

1931

Engenheiros Agrônomos

Ângelo Martins B Filho
Franklin José de Sillho

Engenheiros Cívicos

Alfredo T. Avancini
Álvaro Magalhães
Egídio Soares da Costa
Jorge Maluf
Luiz Bollick
Luiz Felipe Fritz Filho
Moysés Coelho Parreira
Paulo Pires Westphalen
Romualdo da Costa e Silva
Ruy Honório Barcelar
Valério Alberton
Valter Ribeiro de Quadros

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Aroldo Mello da Silveira
Augusto Suffert
Heitor Barcelos

Químicos Industriais

Sadi Monza

1932

Engenheiros Agrônomos

Ângelo Ribeiro Franco
Armando Montano

Engenheiros Cívicos

Adolfo Gundlach Pradel
Antônio de Castro Jobim
Armando Ballista
Edgar Weinmann Pinto
Edmundo Casado Marques

Humberto Della Méa

José do Patrocínio Motta

José Luiz Paranhos de Araújo

José Nunes Tietbohl

Júlio Alfredo Crespo Lorenzoni

Luiz Arthur Ubatuba de Faria

Márcio Curio Duarte

Mário Ferlini Sporleder

Miguel Vittelo Smith

N de Almeida

Othon Ribeiro

Paulo de Barros Ferlini

Rodolfo Dagnino

Ruy de Viveiros Leiria

Tasso da Cunha Cavalcanti

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Mário Ortiz de Vasconcelos

Paulo Giorgis Brochado

Químicos Industriais

João Cancio de Miranda Junior

Oscar Heckmann

1933

Engenheiros Agrônomos

Agnello Corrêa Filho
Hélio Cavalcanti Carvalho
José Porfírio da C Neto

Engenheiros Cívicos

Annitto Zeno Petry
Armando Pereira Alves
João Baptista Linhares da Silva
José Carlos Haertel
Manoel Scliar

Químicos Industriais

Gustavo Sciullo
Juracé Simões Lund
Moacir João Simon
Omar Almeida de Oliveira

1934

Engenheiros Agrônomos

Nery Osório
Victor Alves Pacheco

Engenheiros Cívicos

Augusto Cid Sá Brito Cidade
Benjamin Cordeiro Dias
Bruno Jalfin
Darcy Piegas Cordeiro
Edwaldo Pereira Paiva
Ernesto Krieger
Francisco Ribeiro Lemos
Horácio Ubatuba de Faria
Júlio Gertum Azevedo Bastian
Léo Guimarães Travassos
Olympio Fonseca de Araújo
Raul Ferreira da Silva Santos
Thucydides Rodrigues Lopes
Valdemar Juchen

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Albano Mirandola
Mário Lanes da Cunha

Químicos Industriais

Nestor Rizo
Turiddu Frederico Michielon

1935

Engenheiros Cívicos

Alcindo Guanabara Porto Alegre
Ariinos Milton Pinto Kämpffe

Ary Fagundes Pavão

Ary Nunes Tietböhl

Crispin Coelho Marques

Domingos Francisco Spolidoro

Ernesto Sander

Eurico França Furtado

Hans Guido Schwarz

Henrique Chaves de Souza Costa

João Carlos Balthazar de Bem

Manoel Brasil Milano

Miguel Francisco Xavier da Costa

Oscar Rebelo Miranda

Otilio Terlera

Raul de Oliveira Leitão

Solon Gaspar da Fonseca

Tadeu Jaworski

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Clóvis Corrêa Gastal

Dinarte Ferreira Xavier

José Bonifácio D. da Costa

Peri Gomes de Freitas

Werner Beck

Químicos Industriais

Bernardo Carnos
Franklin Jorge Gross
Oscar Maximiliano Homrich
Otto Alcides Ohlweiller

1936

Engenheiros Cívicos

Amadeu Fagundes da Rocha Freitas
Américo Tófoli Culau
Armin Carlos Thorel
Atalbio S. de Rezende
Dilney Vares Alborno
Ernesto Kurt Lux
Hermínio da Silva Lima
José Maria C. Y. Naulart
José Rafael A. de Azambuja Junior
Léo Acauan Madeira
Luiz Carlos Ferreira Santos
Orfeu de Albuquerque
Oscar Atanásio
Paulo de Castro Moreira
Werner Schütt

Químicos Industriais

Ataualpa Ignácio Cibilis
Erny Stein
Mário Dias de Castro Vergara
Saviniano de Castro Marques

1937

Engenheiros Cívicos

Álvaro Machado Campelo
Antenor Trindade Barboza
Carlitos Marranghelo
Cazemiro Lemieszek
Daniel Barnewitz Ribeiro
Danilo Boeckel
David Guaspari
Edolo Piateli
Eduardo Martins Gonçalves Neto
Eneديو Nunes Pereira
Felício Lemieszek
Fernando Olinto B. Castilho
Frederico Werner Hugo Grundig
Gilfredo Oto de Camilis
Hélio Costa Meira
Hélio Ferlini Sporleder

Ivo Benno Scherer Reiss
João Alves Corrêa Neto
José Figueiras Filho
Luiz Grassi
Mansueto Serafini
Nelson Avelini
Otaviano de Paulo Figueira
Paulo de Tarso Lopes Salgado
Paulo Dexheimer Pereira da Silva
Paulo Gomes de Freitas
Valter Haetinger

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

João Baptista de S. Pereira Filho
Plínio Brasil Muza

1938

Engenheiros Civis

Alfredo Leboutte
Amadeu Mallmann Laydner
Antônio da S. Frões Junior
Carlos Fett Paiva
Glauco Laureano Brasil
Hugo Ramos Vieira
Júlio César Dias da Costa
Otaviano Vasques Goulart
Sivalva Modena Círio

1939

Engenheiros Civis

Alcino Matos Trindade
Antenor Wink Brum
Augusto Borges de Medeiros
Augusto Francisco de Castro
Benito Garcia de Garcia
Hélio Marques Fernandes
Jorge Alberto Souza Gomes
Jorge Nelson H. Frydberg
José Leite de Souza
Mário José Corrêa
Mário Simões Pena
Mauré Stoltenberg
Nei Fortunati Pereira
Nelly Peixoto Martins
Plínio Motta
Vicente Cortazi

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Dietrich Carlos A. Kuhlmann
Ernesto Jorge Dreher
Nelson Egon Petri

Químicos Industriais

Galeno Jansson Pianta

1940

Engenheiros Civis

Artur Américo de Oliveira Ehlers
Bento José de Lima Netto
Edwald Boeckel
Ernesto Jorge Dreher
Francisco de Paula S. Mascarenhas
Jayme Ferreira da Silva
Manuel Luiz Silva Netto
Natalino Anzanello
Rubem Santos Noronha

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Felício Lemieszek

1941

Engenheiros Civis

Dante Campana

Eugênio Vieira dos Santos
Henrique Eugênio Marquardt
Henrique Marques da Rocha
Júlio Ribeiro de Castilhos
Otelo Marc
Pércio Gaspar Reis
Saul Fernandes Sastre

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Miguel Martin Garicochea Griva

1942

Engenheiros Civis

Carlos Henrique Siegmann
Casemiro José Munarski
Edison Romir Prates de Lima
Egydio Herve Filho
Eurico Trindade de Andrade Neves
Francisco Ernesto Tavares Rebouças
José Stefani
Victório Lemieszek

Químicos Industriais

Alfredo Georg J. Wiek

1943

Engenheiros Civis

Annibal Marques Pfeifer
Cecílio Raffin
Danilo Coelho Smith
Euclides Rosado Teixeira
Ignácio Alencastro Guimarães Neto
Léo Lubianca
Leôncio Keiserman
Manuel Luiz de Souza Gomes
Mário Jullien Schiling

Químicos Industriais

Antônio Carlos Ferreira
Lech Anusz
Nelson Carlos Gutheil
Waldemar Pinheiro Cantergi

1944

Engenheiros Civis

Eládio Gerardo R. Petrucci
Francisco José San Martin
Hans Walter Patro
José Freire
Marcos Jauquin
Miguel Ricciolini da F. Trindade
Nelson Goelzer
Telmo Thompson Flores
Theóphilo Barbosa de Mattos
Urano Eichenberg

Químicos Industriais

Arino Romeu Hoeffel
Eliezer de Carvalho Rios
Hélio Affonso Hoefel
Horst Beck

1945

Engenheiros Civis

Alberto da Costa Castro
Alfredo Bento Pereira Filho
Clóvis Paglioli Fogaça
Domênico Belio Grisolia
Dovile Cavedon
Énnio Jacob Nicola
Flávio Fett
Horácio Miguel Cauduro
João Antunes Loureiro

Jorge Pereira Sgrillo
Leão Treiguer
Lili Boeckel
Luiz Boehl Neto
Luiz Duarte Vianna
Luiz Pedro Vares Albornoz
Luiz Treiguer
Marcel Pierre Parmentier
Mário José Maestri
Nilton Castro Reis
Oliviero Boni
Rosauero Salles Zambrano
Ruy Brossard Souza Pinto
Sérgio Corrêa Pittol
Victor Picardo Keuncke

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Edwino Bergel
Énnio Rodrigues Maurer
Eurico Trindade de Andrade Neves
Francisco Ernesto Tavares Rebouças
Francisco Riopardense de Macedo
Henrique Naschold
Walter Caldas de Caldas

Químicos Industriais

Antônio Bernardo J. B. Todesco
Carlito Aristides Corsetti
Franz Joseph Stillner
Frederico Ponte Filho
José Carlos P. Berwanger
Luiz Bignetti

1946

Engenheiros Civis

Adolfo Ambros Filho
Antônio Augusto de Oliveira
Arcy Cattani da Rosa
Arison de Souza
Arno Ebling
Arno Glitz
Carlos Alberto Fernandes
Darey Pedro Piccini
Fernando Angos Sanvicente
Fernando Flores Leggerini
Flávio Meneghetti Borralho
Geraldo Leite Serrano
Henrique Naschold
Honório Alvares da Cunha
Horácio Recco Pinto
João Rocha
Joaquim Alfredo Mello Pedreira
José Carlos Mário Bornancini
José Júlio Wite Annes
Júlio Menegassi
Ladislau Litwinski
Leony Pereira Sgrillo
Lírio Búrgio
Paulo Seabra Dornelles
Rubem Di Primio Leitão
Rubens Augusto Schramm Maia
Sivalva Gastão Rabello da Silva
Telmo Jardim de Oliveira
Themio Portinho Vita
Victor Roerber Müller

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

David Mesquita da Cunhas
Eduardo Pedro de Araújo Drugg
Énnio Cruz da Costa
Heddy Pederneiras
Rubens Penha Rodrigues

Químicos Industriais

Albino Rudolpho Ebling
Alejandro Ortigoza Rojas
Benour Carneiro Bittencourt
Edgar Kramer de Oliveira
Edmaro da Silva Abrantes
Evanir da Silva
Irineu Soares de Souza Filho
Jorge de Oliveira Meditsch
Leibis Koteck
Léo Nunam Simch
Majer Kasdyszewicz
Mário José Müller
Nilson Paulo
Osman Plaisant Filho
Oswaldo Ewaldo Streibel
Paulo Porto de Aragão
Paulo Saffer
Peter Löwenberg
Rubens Muratore
Ruy Holmer Rangel

1947

Engenheiros Civis

Aldemor Tedesco
Alfredo Cestari
Carlos Eugênio Bascelar Medeiros
Carlos Krebs Filho
Casemiro Leonetti
Conceição Lisboa da Silveira
Cyrano de Almeida
Énnio Cruz da Costa
Ery Luchesi
Eugênio Vila Nova Castilhos
Felipe Arisio
Firmino Girardello
Floreal Sala
Hélio Ovadia
Ivo Pereira Braga
Jader Guimarães Domingues
João Carlos Franke Aydos
João Carlos Teixeira
João Jorge Hemb
João Luiz M. Niederauer
João Magalhães Filho
Jorge Antônio Dahne Logemann
José Pedro Godoy Gomes
José Ubaldo F. de Oliveira
Léo Carlos Mazzini
Luiz Carlos Affonso Reis
Nelson Gonçalves Etchegoyen
Ney Simões Bueno
Oswaldo Corrêa Rockett
Paulo Pianca
Ruy Almirante Augusto Tedesco
Sérgio Hubner Mazzali
Waldemar Cabral Dau
Wilson Aita

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Antônio Augusto S. G. Gomes
Armindo Beux
Edmar José Levy
Jorge Mathias Schutz
Pedro Wildt

Engenheiros de Minas

Arthur Wentz Schneider
Augusto Maria Sisson Filho
Carlos Caraver
Eros Farias Gavronski

Nelson Hoppe
Raul Cohen
Severo Corrêa de Barros Netto

Químicos Industriais

Abraão Dranoff
Alceu das Chagas Carvalho
Alejandro Vaesken Alfonso
Ary Martins Real
Bruno Kieffer
Edgar Ryff Moreira
Edmundo Niedrig
Eduardo Rolando Escobar
Edy Gonçalves Cunha
Ernani Ignácio de Oliveira
Fernando Antônio Andrezza
Guilherme Donato Valentim
Heraldo José Abreu Leitão
Honório Sérgio Franceschini
Humberto Coelho Farias
Júlio Lauro Heller
Kleyner Piuma Velloso
Millo de Lourdes Raffin
Olga Gavillon
Pedro Carlos Mancuso
Ramiro Schiengold
Sara Goldman
Simão Kuperstein
Victor Fontana

1948

Engenheiros Civis

Abílio Gomes de Freitas Filho
Achyllas Elias Legeren Melloni
Ademar Rodrigues Pinto
Afif Salomão Leffert
Albano Miranda
Almiro Eugênio Barichello
Álvaro Gonçalves Soares Filho
Armindo Beux
Arno Bibel
Arno Lorenz
Arthur Emanuel Tisser
Bernardo Hemesath
César Abreu Leitão
Cid Candemil
Clóvis Barbedo
Dagoberto Guimarães de Faria
Domingos Soares de Azevedo
Eduardo Martinelli
Énnio Celso Flores de Souza
Fernando Campos de Souza
Henrique Frederico Schmidt
Henrique Mosmann
Homero Carlos Simon
Jacy José Alves
Jesiel Iomara Baumgarten
João Baptista Tedesco
João Carlos Caldeira Bastian
João Cavalcanti Filho
João Ottoni da Silveira
Joaquim Nolasco P. da Cunha
José Carlos Rousselet
José Olímpio de Abreu Lima
Luiz Ignácio da Silva Luderitz
Maurício Pechansky
Ney Pedro Meyrer
Norval Antônio Cavalli
Paulo de Jesus G. Perez
Paulo Miranda Meira

Paulo Ricardo Levacov
Roberto Ferreira Lassance
Ronny Lindemayer
Waldemar Gonçalves da Silva
Werner Arthur Mundt

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Alno Ferrari
Armando Flores Cabral
Dante Westpahlen Dalfollo
Darcy Rodrigues Pinto
Euclides Gonçalves
Glênio Márcio Carneiro
Homero Carlos Simon
Iraci Louzada de Abreu
João José Feijó Gomes
José Maria D'aloia Jamardo
Luiz Felipe Colares de Oliveira
Mendel Creitchmann
Miguel Antônio Deble
Paulo Ricardo Levacov
Paulo Rossati D'abreu
Pedro Hostermann Neto
Raul de Oliveira Ramos

Químicos Industriais

Bernard Copstein
Daniel Robinson S. de Moraes
Érico Christiano Fensterseifer
Erny Charles Baumann
Ester Barchanowitz
Esther Ferreira Coutinho
Eugênio José Mallmann
Flávio Lewgoy
Frederico Luiz Behrends
Germano Cesa
Guilherme Antônio Fretus
Hélio Ruben Sassen
Hugo Pereira
João Eurico Meneghetti
Judith Lang
Laerte Ventura Poli
Luzer Manczyk
Mário Teltelbaum
Maurício Kersz
Moysés Glock
Nelson Pibernat Jacques
Plínio Ângelo Castellarim
Samuel Schubsky
Taufik Alberto Abrianos

1949

Arquitetos

Arlete Schneider
Edison Ribeiro
Jorge Mindello Hailliot
Luiz Frederico Mentz
Naum Turquenitch
Plínio de Oliveira Almeida
Ramiro Caetano Miccelli

Engenheiros Civis

Alberico Bones
Alno Ferrari
André Recieri Lorenzoni
Antônio Américo D. Kessler
Antônio Carlos de Souza Oliveira
Antônio Francesco Frisina
Antônio Martins do Valle
Arno Osmar Markus
Benito Boni
Bruno Walter Koch

Cláudio Valente Ferreira
Danilo Senger Ribeiro
Décio Luiz Bizol
Edu Baroni
Ernani Mazza Wetternich
Eugênio Guilherme Thudium
Flávio Maestri
Florisbello Soares Veiga
Hermann Cláudio Bojunga
Homero Telmo Molina
Horácio Madureira
Hugo Krug
Isaac de Oliveira Cardoso
Ivan Turi Moraes
Jacob Lerner
João Witerbo de Oliveira
Jorge Martins dos Santos
José Corrêa Hulse
José Joaquim Assumpção Neto
José Lontra Fagundes
José Mabilde Ripoll
Kurt Siepmann
Léo Bonder
Leonel de Moura Brizola
Leopoldino Aguiar Borges
Lúcio da Cunha Carneiro
Luiz Carlos Alterbernd
Manoel Luiz Leão
Marcello Casado D'azevedo
Marcos Barth
Marinho Vannius J. Zuardi
Mário Siegfried Landgraf
Milton Dias
Noé Alceu dos Santos Monteiro
Odyr Heitor Thiesen
Paulo Bastos da Silva
Paulo de Souza Jardim
Pedro Leandro Canto
Pedro Sady Hartmann
Raul de Oliveira Ramos
Roberto Chaves Fleck
Rolf Fernando Bercht
Rubens Penha Rodrigues
Ruy Pinto da Silva Sieczkowski
Sinval Dante Zanettini
Victor Ruben Druck Krueel
Vinícius João Gomes Pinto

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Adelpho Lupi Pittigliani
André Recieri Lorenzoni
Casemiro Victório Tondo
Florisbello Soares Veiga
Francisco Anusz
Hermann Cláudio Bojunga
Hugo Krug
João Carlos Rolim Morganti
João Piffero Lima
Léo Silva Wilkoszynski
Mário Siegfried Landgraf
Ney José de Carvalho Ramos
Odyr Heitor Thiesen
Rolf Fernando Bercht
Ronny Thomas Ely
Valace Vargas

Engenheiros de Minas

Bruno Ernst Willner
Carlos Cestari Sobrinho
Drayton Ignácio da Silva
Eurico Romulo Machado

Jayme Garber
João Carlos Friedrich
Leiland Coelho Gonçalves
Luiz Edmundo Appel
Moses Ribeiro do Carmo
Ruben da Silva Gay
Salomão Kijner
Telmo de Azevedo Coutinho

Químicos Industriais

Adão Mautone
Aida Marlon F. Duarte
Antônio Luiz Raffin
Antônio Prestefelipe Neto
Armando Cláudio Hanssen
Ênio Simões Leite
Eny Ribeiro Esteves
Eugênio Alles
Flávio Orlando de Souza
Francisco Xavier Pillar
Frank Peter Wollheim
Guenther Poetsch
Haroldo Difini Meneghetti
Iraci Pellegrino Pezzi
Jorge Alberto Lorentz
Léo Engel Pagetti
Maria Luiz C. da Costa
Newton Barbosa Dias
Newton Pinho dos Santos
Odone Sterzi
Paulo D'arrigo Vellinho
Roberto Rodolpho Kolberg
Rubens Lorentz
Valério Pfeifer Lobato
William Smith Schneider
Wlodzimierz Sochacki
Yeda Pinheiro

1950

Arquitetos

Eduardo de Santis Fontoura
Henrique Eugênio Marquardt
Lisard Geraldo Aguiar
Luiz Kadyszewicz
Roberto de Azevedo e Souza
Werno Aloysio Hauschild

Engenheiros Civis

Aladim Florentino Sigal
Antônio da Costa Leite
Benamy Teitelroitt
Bivar Francisco Schmitt
Carlos Alberto Ferreira Lassance
Carlos Fred Spillmann
Cláudio Alberto Franke Aydos
Curt Herrmann
Cyril Uminski
Darcy Guimarães Ekman
Dario Oliveira Silveira
Drayton Ignácio da Silva
Ducy Vargas da Silveira
Elly Gomes dos Santos
Ênio Ângelo Mussoi
Ênio Dória Nunes
Eutálio Wilson Rotta
Fausto Osório Alcalde
Flávio Nestor Ely
Flávio Pinto Pizarro
Francisco de Paula Miranda Meira
Francisco Pedro B. Gelpi
Giacomo João Puggina

Gilberto Mário Cezar Coufal
Guarany Monteiro
Hélio de Souza Santos
Herberto Walter Dietschi
Hugo Girafa
Hugo Schreiner
Hugo Theodorico Grazziotin
Ivo José Mallmann
João Blessmann
João Carlos Friederich
Joaquim Blessmann
Jorge Englert
José Carlos Bohrer
José Irany Frainer
José Maria D'aloia Jamardo
José Roberto da Costa Difini
José Silva Cardoso
Luiz Virgílio Meneghello
Miguel Antônio Deble
Miguel Curi Hallal
Natalio Zatz
Nelson Souto Ribeiro
Ney Webster Araújo
Nilton Salgado Pereira
Norberto Theo Dreher
Osmar Cruz da Costa
Otto Alfredo Hentschke
Paulo Gerchman
Paulo Júlio Leggerini
Paulo Pedro Petry
Pedro Paulo Ritter
Raul Rego Faillace
Renato Gomes Perrone
Romano Lunardi
Ruben da Silva Gay
Ruy Gomes da Silva
Stanislau Mynarski
Sylvio Prates Piccoli
Victor Ernesto Schmidt
Werner Levy

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Adelar Cestari
Antônio da Costa Leite
Darcy Guimarães Ekman
Elly Gomes dos Santos
Gabriel Fragomeni
Giacomo João Puggina
Haroldo Dreux
José Carlos Bohrer
José Roberto da Costa Difini
Luiz Virgílio Meneghello
Miguel Curi Hallal
Osmar Cruz da Costa
Paulo Júlio Leggerini
Paulo Pedro Petry
Pedro Paulo Ritter
Renato Arno Steigleder
Renato Gomes Perrone
Roberto Bastos Telechea
Romano Lunardi
Ruy Gomes da Silva
Stanislau Mynarski
Werner Levy

Engenheiros de Minas

Glauco Cardoso Bergamaschi
Ruy Hülse

Químicos Industriais

Adelina Reinisch
Alena Thereza Ferreira

Arthur Souza Warth
Bernardo Geisel Filho
Carlos Corrêa de Oliveira
Cláudio Vinícius de Andrade
Elda Tilla Amabile Herbst
Élio Ribeiro Pontes
Flávio Santin Zanatta
Glasphyr M Piffero
Günther Siegfried Low
Isolde Maria Mählmann
Joanna Nahuys
Júlio Verner R. Brodbeck
Laila de Oliveira Massot
Milton Luiz Laquintinie Formoso
Nelson Brasil de Oliveira
Norberto Kurt Scholen
Ruy Pinheiro Lopes
Ruy Reinert
Simon Stein
Werner Schaly
Wolfgang Kolbe
Zaly José Andreazza

1951

Arquitetos

Clara Nilda Jorge
José Rafael Gomes Lopes
Rüther Alberto Von Mühlen

Engenheiros Civis

Abrão Loiferman
Adamastor Aguinaldo Uriart
Adélia Bessil
Antônio José de Souza Brazil
Arnaldo Sisson
Arthur Oscar Meyer Visintainer
Arthur Roeber Müller
Ayrton de Lima Nahra
Ayrton Egydio Mattos Brandão
Ayrton Saul Pretto
Benito José Mussoi
Cyro Geraldo Barcellos Carlos
Darcy Evaristo da Rosa
Darcy Paulo Rossi
Darcy Vasques Capuano
Elísio Telli
Eneri Reni Maciel
Erly Roberto Mentz
Felix Virgílio da Cunha Drummond
Fernando Araújo Santos
Fernando Bezerra Bertoli
Francisco Xavier P. da Rocha
Gabriel Knijnik
Geraldo Cezar Coufal
Gilberto Vargas Perrenoud
Hanka Wanda Sobczack
Harry Amorim Costa
Herculano Carneiro Pinto
Hercules Alaor Bom
Israel Platschek
Ivo Alexandre Rizzo
Jercy Kokot
João Carlos Fleck
João Cláudio Chagas Coutinho
José Carlos Severini
José Miguel Conceição
Lívio Luiz Birmfeld Nunes
Loivo Carlos Müller
Luiz Adams
Luiz Carlos Menezes

Luiz Paulo de Azambuja Felizardo
Luiz Szabo Adasz
Manasses Drago Goulart
Marcelo Flávio M. Collares
Marco Aurélio Issler
Mário de Souza Gomes
Milton Mandelli
Mozart Lopes Barcellos
Norberto Eick
Paulo Becker Bohrer
Paulo Tito Mascarello
Raul Jorge Kliemann
Ruy Caldeira Bastian
Samuel Delacosta Torres
Sérgio Frasca Medágli
Sylvio Freitas
Walter Francisco Kaschny
Werner Franz Schnarndorf
Zilmar Andrade M. de Albuquerque

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Abraão Nudelman
Alys Paulo Leite
Antônio Patrício de Mattos
Arnaldo Sisson
Arthur Rueber Müller
Ayrton de Lima Nahra
Benito José Mussoi
Bruno Lichtenstein
Darcy Evaristo da Rosa
Fernando Bezerra Bertoli
Fernando de Souza Felizzola
Gabriel Knijnik
Gilberto Vargas Perrenoud
Hugo Karnas
Israel Platcheck
Lívio Luiz Binfeld Nunes
Luiz Adams
Luiz Carlos Menezes
Luiz Szabo Adasz
Milton Gelpi
Norberto Eick
Paulo Becker Bohrer
Samuel Delacosta Torres
Sylvio Freitas

Engenheiros de Minas

Carlos Olivério Arnt
Darcy Carlos Franceschini
Ery Blauth da Costa
Hermenegildo Rosa
Janetto Carlos Savino
Jayme da Motta
José Alberto João Stelkens
Paulo Roberto Pitta Pinheiro

Químicos Industriais

Alpha da Rosa Teixeira
Annemarie Renner
Cláudio Luiz Benhardt
Cypriano Marçolla
Edgar Fernando Gundlach
Edison Alves de Castro
Egon Otto Kuhn
Ely Behar
Ernesto Paulo Bodé
Eurico Fauth Schroeder
Fernando Vianna Ruschel
Gastão Carlos Baumhardt
Ismael Vanário Mistrelo
João Rubem de O. Almeida
José Ângelo Sperotto

José Carlos A. Coutinho
José Difini Neto
Luiz Ferruccio de Rose Calvo
Mário Treis
Nadjeo Emílio Mancuso
Ronaldo Augusto Blauth
Victor Castiel
Waldir Henschel Perez
Walter Rodrigues de Almeida
Washington S. de Barcellos
Willy Günthel Engel

1952

Arquitetos

Décio Selaimen
Doris Maria Müller
Ermy Érico Wolkman
Florencio Ávila da Luz
Jaguare Teixeira
João Danilo Donadel
Léo Bonder
Nelson Achilles de Souza Nunes
Ruben Cavalcanti
Siegfried Günther Fischer

Engenheiros Civis

Adalberto Bizarro Sperb
Alberto Elnecape
Ângelo Gaetanino Gáudio
Anna Leopoldina D. Junchen
Antônio Biasiori
Bolívar Barros
Carlos Raul Fahrion
Carlos Torres Lauda
Delmar Barcellos Franke
Edy Paulo P. dos Santos
Ênio Vinício Mascarello
Érico Cardoso Beirão
Haroldo Fróes de Azambuja
Heinz Walter Franke
Henrique Gutfreind
Jayme Mazzali Cano
João Simplício de Carvalho Araújo
João Walter Dischinger
Job Sperb Barcellos
Jorge Ernesto do Prado Lima
José Antomar F. de Souza
José Soares Fontoura
Jost Helmut Wirth
Laureano Ibrahim Chaffe
Lauro Aloysio Mayer
Léo Antônio Guedes
Léo Dietrich Starham
Léo Teichmann
Luiz Carlos G. de O. Sant'Anna
Luiz Carlos Pereira Gastal
Marco Antônio M. da Rocha Lenz
Móses Ribeiro do Carmo
Ney José de Carvalho Ramos
Nicolau Jorge Ache Waquil
Nilton Beduschi
Paulo da Silva Zubarán
Paulo Machado Lisboa
Paulo Olívio Knackfuss
Pery César Gonçalves de Castro
Plauto Guedes de Oliveira
Raul Aranovich
Raul Menna Barreto dos Reis
Roberto Ferreira
Roberto Ribeiro Coimbra

Rodolfo Georg
Romeu de Castro Romeu
Rony Ruschel
Rubem Ribeiro Fagundes
Sady Homrich
Samuel Goldstein
Telemaco Alvim Ribeiro
Telmo José Bins
Walter Moreira Siqueira
Walter Otto Cybis
Werner Horn

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Antônio Biasiori
Ary da Cunha Oliveira
Bolívar Barros
Carlos Frederico de M. e C. Fraga
Carlos Torres Lauda
Celso Alcaraz Gomes
Edu Machado
Elson Guilherme Cremer
Hanka Wanda Sobczack
Harry Carlos Skusa
Humberto de F. Fonseca
Idel Lokschin
Jayme Mazzali Cano
João Walter Dischinger
Jorge Ernesto do Prado Lima
Luis Fernando Gomes Franco
Luiz Carlos Pereira Gastal
Marco Antônio M. da Rocha Lenz
Mário Calich
Mozart de Araújo Gutterres
Paulo Freitas Tonding
Paulo Severo dos Santos
Roberto Ribeiro Coimbra
Rubem Ribeiro Fagundes
Rubens Luiz Xavier
Sady Honrich
Sérgio Fróes Soares

Engenheiros de Minas

Antônio Carlos Seara
Ary Lannes de Macedo
Énio Pereira de Souza
Sady Roland
Sylvio Erwin Friedrich

Químicos Industriais

Carl Hermann Weiss
Earle Barros
Edmundo Durand Abal
Fernando Luiz Carraro
Helena Leister
Júlio Carlos Reguly
Leonhard Hubertus Gmahle
Luiz Carlos Borges
Paulo de Magalhães Lima
Ruy de Azambúja Villanova

1953

Arquitetos

Caio Simões Pires

Engenheiros Cívicos

Adolpho Cantergi
Adory José de Medeiros
Alberto de Azambuja Villanova
Alexandre Musse
Alfeu Nilson Mallmann
Alfredo Waldemar Engel
Alvicto Farias
Antônio José Moreira

Antônio Simões Garcia
Arthur Wentz Schneider
Carlos Alberto Veríssimo da Fonseca
Carlos Alberto Vianna Pantoja
Caspar Erich Stemmer
Celso Alcaraz Gomes
Celso Guimarães Pantoja
César Augusto Verdi
Cláudio Escobar Pereira Lima
Décio Mariante
Dicran Gureghian
Dietrich Carlos A. Kuhlmann
Edmundo Osório Marques
Eduardo Pedro de Araújo Drügg
Egon Jost
Elys Maria Pires Ferreira
Énio Rodrigues Maurer
Ernesto Bruno Cossi
Erny Stein
Eugênio Carlos Knorr
Francisco José Mallmann
Geraldo Teixeira Monteiro
Glauco Cardoso Bergamaschi
Helena Amélia Oehler
Henrique Rios de Moura Baptista
Heraldo Malerba Fonseca
Hugo Koeche Junior
Isidoro Halpern
Jayme Gaspar dos Santos
João Antônio Porto Costa
João Hippmann
João Piffero Lima
Jorge Luiz Gudole Palmeiro
José Fischman Maltz
José João Granato
Lêda Carmem Wulff
Lélio Soares Araújo
Lucindo Marcon
Luiz Felipe Colares de Oliveira
Luiz Felipe Mangeon Gonçalves
Luiz Nunes Mendes
Luiz Roque Reis
Lygia Angelina Donádio Baptista
Manoel Luiz Postiga
Marco Aurélio E. de Azambuja
Marieta dos S. de Brito e Cunha
Mário Calich
Mário Saturnino Dagord
Mathias de Azambuja Velho
Michel João Dib
Miguel Nucci Netto
Milton Vieira da Costa
Nagib Stella Elias
Olavo Kramer da Luz
Oswaldo Sérgio da Cunha Beck
Paulo Severo dos Santos
Pedro Simão Gus
Percy Louzada de Abreu
Raphael Xavier Pillar
Renato Salles de C. Ramos
Ricardo Ernesto Schmidt
Ruy Luz da Silveira
Sidney Celso Costi
Solon Pellanda Franco
Tácio Antônio Heit
Valeriano Ferro da Cunha
Waldemar Magadan
Walter Harry Siegmann
Walter Jobim Filho

Walter Ries
Willy Matts

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Aldebertino Abílio Moralles
Alfeu Nilson Mallmann
Alfredo Waldemar Engel
Antônio Simões Garcia
Breno Xavier Burmeister
Carlos Adolfo Mariante
Caspar Erich Stemmer
Cláudio Escobar Pereira Lima
Décio Bruno Miotto
Egon Jost
Enaude Cestari
Heraldo Malerba Fonseca
Hugo Koeche Junior
João Luiz Ritter
Lêda Carmem Wulff
Léo Casagrande
Luiz Fernando Monteiro de Rezende
Luiz Roque Reis
Mário Saturnino Dagord
Michel João Dib
Miguel Nucci Neto
Oswaldo Sérgio da Cunha Beck
Renato Pacheco Mattos
Renato Salles de C. Ramos
Tacito Antônio Heit
Waldemar Magadan
Walter Harry Siegmann
Walter Jobim Filho
Walter Ries

Engenheiros de Minas

Alberto Rafael Mansur Levy
Assem Arus Netto
Luiz Oscar Salgado Miranda
Sérgio Uziel Domingues

Químicos Industriais

Cláudio Alberto Hanssen
Énio João Daudt
Guilherme Pereira Gastal
Henrique Oswaldo Búcker
Marcos Dias de Castro
Muhamad Amin Baecar
Oscar Blanco
Paulo Gomes da Silva
Paulo Sica
Raul César Moreira

1954

Engenheiros Cívicos

Adolfo Goldstein
Alceu Sica
Aldrovando Lérias de Araújo
Almiro Sylvio Badalotti
Anis Corrêa Karam
Antônio Carlos Franco Brenner
Antônio Carlos Pereira de Souza
Arnaldo da Costa Prieto
Beno Luiz Kroeff
Bolívar Montenegro Guerra
Carlos Oscar Daudt Corrêa
Celso Rodrigues Bulcão
Cláudio Fernandes Barbosa
Clóvis Silveira
David Henrique Segal
David Soares C. Martins
Eddo Hallenius de A. Bojunga
Eli Balzaczuk

Élio Seganfredo
Énio Souza Wagner
Eugênio Fritz Siegmann
Fernando Canteiro Torelli
Fernando Lopes Thiesen
Flávio Eurico Cidade dos Santos
Flávio Fernando Freitas
Flávio Francisco Belini
Flávio Gabriel Azambuja Kessler
Franz Ludwig Reimer
Frederico Carlos P. Plass
Gilberto Flores da Silveira
Gomercindo Terras Saraiva
Hans Joachim Walter Sille
Harry Carlos Skusa
Herbert Albrecht
Idel Lokschin
Ivan Cruz Masi
Jayme Soilbelman
João Alberto da Costa Difini
João da Jornada Fortes
João Manoel de Moraes
João Oly Titton
Jorge Otávio de Carvalho Armando
José Azhaury Macedo Linhares
José Nelson Ribeiro
Josué Saldanha de Vasconcelos
Kallil Záchia
Leão Emílio Maltz
Lenine Marques Junqueira Rocha
Lígia Lassance Moreira
Luiz Carlos Velho Lopes de Almeida
Luiz Soldatelli Netto
Manoel L. dos Santos
Mário Alquati
Moacyr Mondardo
Nelson Fulginiti Tellitu
Ney Amaral Corrêa
Nilo Alexandre Momberger
Olvio Zanella
Oswaldo Duarte Paim
Paulo Franco Borges
Paulo Hiram Silva de Oliveira
Penido Fontoura da Silva
Raul Sachs
Ricardo Emílio Gerhardt
Ricardo Henrique Greipel Bernaud
Roberto Scop
Romar Max Joaquim João Lindau
Romeu Anselmo Enzweiler
Rosendo da Costa Prieto
Ruy Krebs
Samuel Benjamin Wainer
Sérgio Fernando Arpini
Sérgio Luiz Carlos R. Pernigo
Syllas Grazia
Sylvio Rangel Elizalde
Theodoro Saibro de Mascarenhas
Venerando Vargas da Silveira
Victor Fuhrmeister
Wilson Andrade Schmith

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Affonso Conclí Junior
Aldrovando Lérias de Araújo
Antônio Carlos Pereira de Souza
Beno Luiz Kroeff
Celso Rodrigues Bulcão
David Schenkman
Dirceu Kley

Eddo Hallenius de A. Bojunga
Edgar Kruehl
Flávio Fernando Freitas
Flávio Gabriel Azambuja Kessler
Franz Ludwig Reimer
Jayme Souza de Souza
João Alberto da Costa Difini
João Luiz Siegmann Borges
Joel Alberto Blank
Lauro João Schiefferdecker
Lenine Marques J. Rocha
Mário Alquati
Nelson Fulginiti Tellitu
Ney Amaral Corrêa
Nilo Alexandre Momberger
Nilo Edgar Gutheil
Paulo Hiram Silva de Oliveira
Raul Brenner
Raul Sachs
Ricardo Emílio Gerhardt
Roland Germano Low
Romar Max Joaquim João Lindau
Salomão Almaleh
Simeão Estima
Vitor Fuhrmeister

Engenheiros de Minas

Alberto Flores
Alcyr Rodrigues de Vargas
José do Patrocínio Motta
José Marcello F. de Carvalho
Júlio Barbosa Lima
Othon Sá Castanho
Paulo do Valle Leão

Químicos Industriais

Deoclécio Reis Fernandes
Gaspar Luiz Carvalho
Gemma Galgani P. da Rocha
Georgete Volney Barbosa
Luiz Chagas da Rocha
Moacyr de Souza
Paulo Romão Mariani
René Antônio Sabathé
Sylvio Chagas Coutinho
Vinícius Ciulla

1955

Engenheiros Civis

Abaeté Soares Palma
Adolfo Zimmermann Neto
Alberto Gosch
Alberto Simões L. da Silva
Alfredo Alves da Silveira
Aloysio Rolim
Antônio Kowalewski
Antônio Reno Cardoso
Armando Marotti
Arthur Barrionuevo
Ary Pianta Veiga
Beni Jefmannn Freind
Carlos Jaques Tisser
Carlos José Melo da Fonseca
Darcy Alves Ferreira
Darcy Rorato
Edison Luiz Biavaschi
Edmar José Levy
Eduardo Augusto Greipel Beraud
Emílio Francisco Grohs
Énio Ivan Bock
Énnio Schild

Ernesto Cláudio Drehmer
Gilberto de Medeiros Fleck
Gilson Pereira da Cunha
Gustavo Adolfo Kley
Humberto Pedro Curra
Jacy Milani Marangon
James Fischer de Carvalho
Jeová Fernandes de Oliveira
João Joaquim Silveira Rosa
João Pedro Sperb Barcellos
Joaquim Lemos Fernandes
Jorge Kurban Abraão
José Carlos Moreira Wellausen
José Martins da Silva
José Milmann
José Ovídio Rodrigues
Juarez Figueiredo Gonçalves
Júlio Asnis
Júlio Ignácio Perna
Júlio Silbermann
Lauro Plescht
Lúcio Fonseca de Araújo
Luiz Fernando Flores
Manoel Augusto Costa Canto
Mário Ortiga Simões Lopes
Mosche Toricachvilly
Nelson Ávila
O'Neill de Lima Paz
Orestes Moreira da Silva
Paulo Borges Ferrazzi
Paulo Lafayette Cruz Livonius
Romano Antônio Píccoli
Sérgio Elmo Crusius
Victor Rodrigues
Vinícius de Almeida
Wagner Ribeiro Heinz
Walter Fernando G. de Albuquerque
Walter Strussmann

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Álvaro Camargo
Antônio Kowalewski
Antônio R. de Andrade
Aran Schiffman
Arthur Barrionuevo
Dante Flores Cesa
Darcy Alves Ferreira
Edson Luiz Biavaschi
Énnio Schild
Erhard Hans René Herdani
Érico Paulo Diehl Peixoto
Gilson Pereira da Cunha
Henrique Alberto Schmitt
Henrique Gutfreind
Hugo Meucci Filho
Jacy Milani Marangon
James Fischer de Carvalho
João Mergner
José Lofrano
Juarez Figueiredo Gonçalves
Kresimir Felix Petek
Luiz Fernando Flores
Manoel Augusto Costa Canto
Mário Abbott Torres
Nelson Ávila
Nereu Gulmaraes Silveira
Nino Ulrich Caldas
Paulo Souto Bozano
Regis Ribeiro Baldino
Sady Penna Fantin

Selby Love Prehn
Sérgio Elmo Crusius
Theodoro Schwerin Saibro
Wladimir João Schapke
Engenheiros de Minas
Carlos Jacintho Verney Gomez
Gino Noé Largher
João Edson Menezes Paz
João José V. Silva
Othelo Silveira do Nascimento

Químicos Industriais

Alberto Melchionna
Celso Brizolar Martins
Cláudio Roberto Chaves Barcelos
Domingos Vicente Bochese
Euclides Francisco da R. Fraga
Flávio Zalmon
Gilberto de A. do Nascimento
Haroldo Brum
Jorge Henrique Becker
Nilo José Buzatti
Nydia Aydos Krieger
Rodi Hickel
Torquato Ubirajara Petrarca
Yvone Aydos Krieger

1956

Engenheiros Civis

Adolfo Stainer
Adonis Escobar
Alexandre Pires de Castro
Alquindar de Souza Pedroso
Álvaro de Oliveira Velo
André Jorge Nin Carvalho Almeida
Antônio de Padua Martins
Antônio Pippi
Bernardo Carlos Kamergorodski
Carlos Alberto Barreto V. Petersen
Carlos Eduardo Secco
Celso Schio
Cícero Sachine
Cláudio Roberto Manso Pozas
Dalmo José Kreling
Darwin Ribas
David Ovidia
Décio Bruno Miotto
Delmar Estevão Brandão
Dino Zaccolo
Dorivaldo Driemeyer
Edemar Antônio Lorenzoni
Énio Antônio Garbin
Ervino Fritsch
Fedele Scorza
Fernando Eduardo Salgado Lopes
Genaro Celiberto
Guilherme João Koch
Günther Werner Aner
Harro Ramon Scharlau
Heino Willy Kude
Heinrich Darius Kotzian
Hélio Corrêa Palmeiro da Fontoura
Hener de Souza Nunes
Henrich Becker
Inácio Vicente Berlitz
Jacó Schaan Neto
Jayme Mason
João Antônio Dib
João Carlos Bidegain Schmitt
João de Menezes Costa

Jório Ames
José Carlos Ognibeni
José Leni da R. Krusser
José Serafim Gomes Franco
Lauro Lindemann
Lourenço Melchionna Filho
Luiz Apparício de Souza Bezerra
Luiz Chára
Luiz Roberto Andrade Ponte
Maria Aydos dos Santos
Mariano Freire
Mário Gilberto Lang
Max Gutfreind
Milton Goebel
Nelson João Pochmann
Ney Guimarães Silveira
Ney Nunes de Oliveira Fortes
Oswaldo de Lima e Silva
Paraguassu Garcia Flores
Paulo Blauth Neujahr
Paulo Roberto Puente de Azambuja
Rasso Cauby Lampert
Raul de Oliveira Benites
Renato Germano Michelin
Renon Müzell Antunes de Oliveira
Rolfo Ludovico Jung
Romeu Jonhson
Samy Amon
Selby Love Prehn
Sérgio Ângelo Posser
Sérgio Concli Gomes
Sérgio Luiz Paulon
Vannius Ferreira Mattos
Vitor Volker Gans

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Adonis Escobar
Alquindar de Souza Pedroso
Ari Stamm de Andrade
Cícero Sachine
Cláudio Nunes Pereira
Ermani Bonat
Ermani Guntzel
Günther Werner Aner
Hans Georg Joas
Hélio Biasetto Pansiera
Homero Gomes Pisco
João Carlos Bidegain Schmitt
Jorge Alberto Fisher
José Carlos Ognibeni
José Cláudio Goetze
José Vanário Mistrello
Kurt Arnaldo Halbig
Lauro Lindolfo Dickow
Leoni Alberto Engel
Lourenço Melchionna Filho
Luis Roberto Andrade Ponte
Luiz Corrêa Barbosa Filho
Mário Bignetti
Milton Oldenski Bortowski
Norberto Barutôt Meirelles Leite
Oscar José Plentz Filho
Osório Edmundo Teixeira Marques
Paulo Franco Borges
Pedro Nowosad
Raul Ney Leão
Rolfo Ludovico Jung
Rubem Santos Guilherme
Rudolfo Teodoro Tanscheit
Sérgio Ângelo Posser

Werner Heinz Felix Laub
Engenheiros Metalúrgicos
Janetto Carlos Savino
José Alberto João Stelkens

Engenheiros de Minas

Clóvis Carlos Carraro
Isaac Ziebelmann
Mário Manghi Zanella

Químicos Industriais

Danilo Aristoteles Barbosa
Francisco Martins Franco
Gastão Victor Casper
Léo Frois Fernandes
Wilson Duarte Fagundes

1957

Engenheiros Civis

Abraão Faermann Sobrinho
Albrecht Gotthard J. Frank
Alfieri Felix Gobetti
Aluísio Moacir Bittencourt Saggin
Álvaro Veiga
André Riograndino Fischer
Antônio Carlos Alves Pfeifer
Antônio Carlos C. Tibiriça
Antônio Carlos Xavier Pires
Antônio José C. de Azambuja
Antônio Ravazolo Martins
Arnaldo Gueller
Athos Paulo Zanasco
Benjamin Chafanski
Bernardino J. de Oliveira
Bertholdo Rheinheimer
Bráulio Chandelier
Carlos Caetano Pettinelli
Carlos Henrique Marzotto
Carlos Martins Futuro
Celso Bertolucci
Clotilde Maria Gonçalves Escobar
Clóvis Amaral Oliveira
Clóvis Rosa Dias da Costa
Creso Natal Oliveira da Cunha
Danilo Malafaia Barreto
Edmar Furtado Fabrício
Edson Garrastazu Almeida
Elias Japur
Eloy Amado Venâncio
Eracy Rodrigues Corrêa
Flávio Garcia Panitz
Flávio Rodolfo Krieger
Francisco José Huber Flores
Frederico Carlos Leke
Garibaldi Baddo Grande
Günther Rudolf Kude
Hamilton de Murilo Santos
Hilário de Assis
Isaac Soibelman
Isac Caplan
Ivo Carlos Kerber
Jacques Axelrud
Jacques Milton Gavillon
Jarbas Saraiva da Cunha
Jayme Padoin
João de Deus dos Santos Menezes
João Luiz Silveira Osório
Luiz Carlos Gonçalves
Luiz Gondenfun
Manoel Francisco Soares
Manoel José Diehl Martins Costa

Maria Seara
Mário Karpinski
Maurício Poyastro
Milano Kuperstein
Moacyr Parahyba Fantoni
Nelson Domingos Cé
Nelson Olegário de Macedo
Nilva Libera Carpeggiani
Orestes Ferrari Marcon
Osório Edmundo T. Marques
Osvaldo Raul Lunardi
Paulo Emílio de A. Kiumb
Pedro Luis Monti Prietto
Porthos Augusto de Lima
Raul Rodrigues Torres
Renato Sieczkowski
Roberto Nogueira Médici
Rubens Antônio Arona Bell
Rubens Azaury Vares
Rubens Chaves Nunes
Ruy Carlos Bueno
Ruy Kayser
Santo Meneghetti Neto
Sérgio Armando Herman Garcia
Simeão Estima
Valdir Antiqueira Ferret
Venício Maccari
Vicente Nogueira Filho
Vladir Francisco da Costa Marques
Waldomiro Ferro da Cunha
Walter de Araújo Góes
Wolfgang Dieter Rembold
Ziro Takeda

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Adalberto Ignácio Flores
Alistair Freitas Neves
Álvaro Veiga
Aníbal Falabrino Denovaro
Antônio Carlos Alves Pfeifer
Aryovaldo Burigo
Clóvis Rosa Dias da Costa
Darcy Reynaldo Schmitt
Dirceu Duarte Calegari
Edmundo João Max Conrad
Eloy Amado Venâncio
Ernesto Emílio Broecker
Fernando Carlos Becker
Fritz Adolf Stemmer
Garibaldi Baddo Grande
Ione Walimir Belline
João Luiz Silveira Osório
João Omar Rodrigues Alves
José Hypólito de Lima Veiga
Luthero Londero
Marco Antônio Fernandes
Miracyr Assis Marcatto
Nelson Domingos Cé
Noro Pereira
Otto Roberto Ingo Schmiedt
Paulo Renato Ketzer de Souza
Pedro Paulo Kerber
Sillo Atílio Ferretti
Vicente Nogueira Filho
Waldomiro Ferro da Cunha
Walter José de Mello Becker
Wilfredo Sartori
Wolfgang Dieter Rembold

Engenheiros de Minas

Carlos Vicente Leite Bastos Millan

Químicos Industriais

Arnaldo Scarrone
Eugênio Hoinacki

1958

Engenheiros Civis

Abraão Gontow
Adroaldo Corrêa Rotunno
Aldory Nazareno Gallois
Antônio Irulegui Cunha
Armando Frederico G. Hofmeister
Armando José Buchmann
Bernardo Gallicchio
Bruno Aloys Eichler
Bruno Seibert de Rezende
Carlos Eduardo B. Coelho de Souza
Cláudio Luiz Bohrer
Clóvis Mário Moreira Maia
Clóvis Vicente Pagnoncelli
Darcy Siqueira Machado
Énio Heinen
Érico Ewald Lobo Dehnhardt
Ernesto Oderich Sobrinho
Eudes Antidis Missio
Felix Tubino Guerra
Fernando Ramos
Frutuoso Pedroso Brum
Geraldo Alencar de Castro
Gerd Albert Walter Gommersbach
Gilberto Ramos Androvandi
Graciano Sá
Guilherme Eduardo Korndorfer
Günther Julius Gehrs
Hamilton Luiz Neves Carreira
Hans Jüngen Günther Bruhn
Harlay Monteiro Bertolin
Haroldo Cezar
Hélio Biasetto Pansiera
Hugo Arno Willhelm
Ione Walimir Belline
Isaac Frydman
Ismar Vinha de Carvalho
Jaime Schneider
Joal Orestes Olabarriaga
João Baptista Machado Rosa
João Bonfiglio Costa
Jorge Alberto de Souza Gonçalves
Jorge Cláudio Xavier da Costa
Jorge Conceição
José Barbato
José Pedro Garcia
José Vito Cidade dos Santos
Klaus Gerdau Johannpeter
Laszlo Gyozo Bohm
Léo Rocha Azmus
Lino Paulo Zardo
Luthero Londero
Marcos Ledermann
Marcos Stiefelmann
Mário Rodrigues Santiago
Maurício Ovadia
Milton Lunardi
Miron Korenowski
Odilon Lopes de Oliveira
Paulo D'ávila de Oliveira
Paulo Martinho Bessa
Rafael Corrêa Antunes
Renato Costa Leite
Roberto Flávio Brasil Pereira

Roberto Pécis
Rudy Aldo Volkmann
Salamon Chapper
Salomão Frydman
Victória Elnecape
Walter Raabe Junior
Wilson Tavares Ferreira
Xerxes Ivan Sitya Camargo

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Antonino Medaglia
Bruno Aloys Eichler
Bruno Seibert de Rezende
Cláudio Luiz Bohrer
Danilo Teixeira dos Santos
Ênio Flávio Mansur
Ernesto Oderich Sobrinho
Flávio Eusébio Persico Mainardi
Frederico Lopes Neto
Geraldo Alencar de Castro
Gerd Albert Walter Gommersbach
Graciano Sá
Guilherme Eduardo Korndorfer
Günther Julius Gehrs
Harald Werner Muhle
Harlay Monteiro Bertolin
Jaime Leivas Piúma
João Carlos Martau
João da Rocha Gomes
José Barbato
José Carlos Lemos Araújo
Klaus Gerdau Johannpeter
Ludovico Anésio Lazzari
Marcos Stiefelmann
Mário Hélvio Miotto
Pedro Beirão Capra
Raymundo Alencar de Castro
Remo Ratti
Roberto Pedro Marques
Roney Marcos Gazzola
Sílvio Pedro Assmann
Walmor de Alcântara

Engenheiros Metalúrgicos

Carlos Jacintho Verney Gomez
Paulo Roberto Furtado Mazon

Engenheiros de Minas

Paulo Roberto Furtado Mazon

Químicos Industriais

Altino Silva
Heinz Rubem Boening

Engenheiros Químicos

Danilo Aristoteles Barbosa

1959

Engenheiros Civis

Acir Campos
Adailo Sant'Anna
Álvaro Telles Hoffmann
Athos Alvício Schafer
Athos Stern
Basildes Santos Martins
Caio Simões Pires
Carlos Seara Muradas
Carlos Willy Petry
Dalby Verani Pereira
Daniel Sukster
Danilo Alves da Cunha
Danilo Médici Candiota
Dante Mazzali
Dilmer Einar Bettiol

Elton Almeida
 Érico da Silva Ribeiro
 Flávio Lúcio Oliveira Rolim
 Francisco Moraes Varella
 Giorgio Giora
 Hildegardo Mallmann Rodrigues
 Hugo Karnas
 Hunildo Gheller
 Ilo Jacques Scherer
 Jacy dos Santos Silveira
 João Carlos Baglioni
 João Carlos Martau
 João Carlos Soledade
 João César Piantá
 José Basílio da Rocha Neto
 José Bofill Santalo
 José Machado de Oliveira Junior
 José Ruy Henz
 Júbilo Noé Spiguel
 Kleber Mário da Costa Jardim
 Leopoldino Ratto Simoni
 Lígia Therezinha Peres Felipe
 Luiz Carlos Silveira Schreiner
 Márcio Agostinho Remor
 Marcos Ary Diligenti
 Mário Bortolino Bressan
 Mário Raul Zanella
 Miguel Schuchmann
 Milan Rugard Krainovic
 Moacir Marques Fernandes
 Nelson Maltz
 Nelson Telck
 Nelson Torrano dos Santos
 Ney Collin
 Ovidio Trentini
 Paulo Francisco Simões Duarte
 Raimundo Adolfo
 Raul Lisbôa Bergalo
 Renato Pires Pereira
 Roberto Michelena V. de Carvalho
 Roberto Pedro Marques
 Roberto Vaz da Silva
 Rubem Léo Ungaretti
 Rubens Mário Menezes Martin
 Salomão Wolf
 Sérgio da Costa Matte
 Sérgio Francisco Isaia
 Umberto Pergher
 Victor Pasin

Engenheiros Eletricistas
 Acylio Olindo Ferreira
 Carlos Augusto Lisbôa
 Hans Joachim Herman Dauer
 Jorge Osvaldo de Oliveira Ehlers
 Verner Dittmer

Engenheiros Mecânicos
 Cláudio José Stumpf Freitas
 Dino Paganin Fontana
 Dymitr Demczuk
 Guido Afonso Mussoi
 João Ignácio Ibañez
 José Antônio Fernandes Martins
 Levy de Araújo Brum
 Oscar Martins de Lima
 Sírio Aray Schneider

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas
 José Barbosa Aragon
 Luiz Gonzaga Pinheiro Brustoloni
 Sérgio da Costa Matte

Engenheiros Metalúrgicos

José Guilherme Stretgen
 Ênio Heiner

Engenheiros de Minas
 Edison Douglas Montedo
 Hugo Arno Willhelm

Engenheiros Químicos
 Guilherme Tietzmann
 Huberto Bernardo Mählmann
 Roberto Luiz Sieler

1960

Engenheiros Cívicos

Alberto Odon May
 Aldo José Craeco Cantissani
 Amir Abud
 Anselmo Lineu da Silva Caldasso
 Antônio Huch
 Antônio Rubens da Silva
 Bruno Guido Monser
 Dagoberto Lima Godoy
 Demosthenes Moy de Andrade
 Domingos Valente Neto
 Edgar Veloso Eifler
 Elmar Silvestre Michels
 Erhard Joas
 Fernando Craidy
 Flávio Antonello Benites
 Francisco Klujza
 Hartmut Paul Emil Gehring
 Heitor Francisco Presti
 Henri Calich
 Henrique Orlandi Junior
 Herbert Seltz
 Horst Eckehart Hermann Gehring
 Israel Jaques Wainer
 Itamar Couto Mesko
 Joal Teitelbaum
 João Augusto Chagas Pestana
 João Carlos Pompemeyer
 João Pedro Sartori Filho
 João Roberto V. de Moraes
 José Antônio Cauduro
 José Brignol Sanchez
 José Leocádio da Costa Moreira
 Léo Damiani
 Levy Gonçalves de Souza
 Luiz Alberto Schmidt
 Luiz Carlos Beheregaray
 Luiz Estivallet Flores Pinto
 Luiz Fernando de Amorim Marino
 Luiz Pedro Della Méa
 Mário Balduino Linck
 Máximo Dutra Bretanha
 Máximo Ivan Luchesi Knackfuss
 Nelson Pauli
 Osório Meirelles Krug
 Otaviano Peixoto de Freitas
 Pedro Reminger de Azevedo Moura
 Percival Ignácio de Souza
 Ragnar Thofehn
 Renato Cortez Brandão
 Sérgio João Franceschini
 Sérgio Schardong
 Sidney Wilson Rieth
 Théo Wildt
 Walmor Moreira

Engenheiros Cívicos e Eletricistas
 Alfredo Kauer

Américo Ribeiro Mendes Netto
 Antônio Carlos Ravazzolo
 Carmo Darcy Souza Albornoz Cyrre
 Duílio Fernandes Rusigno
 José Carlos Androvandi
 Lélío Pietro Carissimi

Engenheiros Cívicos e de Minas
 Guinter José Grimminger
 Luiz Pedro Duarte Escosteguy
 Millo de Lourdes Raffin
 Osmar Victor Zinn
 Zeno Butze

Engenheiros Eletricistas
 Leôncio Keiserman
 Luiz Treiguer
 Paulo Caldas Milano

Engenheiros Mecânicos
 Alfredo Palma Lampert
 Armin Luiz Hädrich
 Carlos Júlio Scherer
 Claus Friedrich
 Daniel Ioschpe
 Frederico Júlio Siegmann
 Friedrich Blascke
 Horácio Recco Pinto
 José Carlos Ribeiro da Silva
 Júlio Drebchinsky
 Manoel Basílio dos Santos Morato
 Ruben Alloys Weck
 Vanderley Meirelles Silveira
 Vitor Lotário Cassel

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Carlos Frederico Schaly
 Carlos Martinez de Medeiros
 Dari Antônio Antonioli
 Ênio Godinho Porto
 Frederico W. Bredemeyer Filho
 Geraldo de Souza Duarte
 Luiz Ignácio Pio de Almeida
 Marcelo Vargas Barreto Vianna
 Oddone José Atílio Marsiaj
 Roberto Bressiani
 Simão Melnick
 Werner Adelman

Engenheiros Mecânicos e Metalúrgicos
 Henrique Carlos Pfeifer

Engenheiros Metalúrgicos
 Luiz Paulo Estêves Falleiro

Engenheiros Metalúrgicos e de Minas
 Alberto Martinez
 Antônio José Polanczik
 Paulo Nelson Regner

Engenheiros Químicos
 Edmar Geiss
 Ernesto Augusto Wildt
 Francisco Adolfo Oderich
 Millo de Lourdes Raffin
 Orion Herter Cabral

1961

Engenheiros Cívicos

Abrão Dranoff
 Albertina Helena Pires da Rocha
 Alberto Lisbôa
 André Luiz Crusius
 Antônio Sérgio Borges
 Aristeo José S Atti
 Carlos Aloysio Weber
 Cloraldino Soares Severo

Darcy Bianco
 Dirceu Gay da Cunha Filho
 Ely Suhamy Rodrigues
 Fausto Antônio de Angelis
 Flávio Villas-boas Gonçalves
 Francisco Carlos D'Andrea
 Francisco Júlio Baalzano Senott
 Geraldo Wolff
 Gilberto da Silveira Rios
 Gregório G. Delpino Sifuentes
 Italo Mansuero
 Jorge Luiz Schuch
 José Bacaltchuk Sobrinho
 José Ijaire Conti
 José Possenig
 José Reinaldo Salvador
 Jovariano Borba Ruiz
 Leonardo Ferraro
 Marcos de Jesus Pereira Porto
 Marino Giordani
 Mário Marcondes de Mattos
 Mauro de Sena Pereira
 Milton Fernandes Guterres
 Nélio de Almeida Pitta
 Orgel Oliveira Carvalho
 Otto Corrêa Rotunno
 Paulo César Carvalho
 Paulo de Azevedo e Souza
 Paulo Edson Corrêa de Barros
 Regis Nectoux Cunha
 Reinaldo Barradas Leiria
 Renato Caravello Antoniazzi
 Renato Hermes Salcedo Tubino
 Rubem Henrique Traut
 Rui Quintino Dalla Santa
 Ruy Luiz Pereira da Silva
 Sérgio Antônio Mazoni
 Sérgio Paulo Batista Appel
 Solon Ramos Mancuso
 Walmor Hennemann

Engenheiros Cívicos e Eletricistas

Augusto Coster
 Leônidas Isdra
 Luiz Carlos Pinto Balista
 Milton S de Oliveira Veríssimo
 Ney Dario Kaminski
 Oswaldo Baumgarten
 Roberto Ribeiro Baldino
 Woldir Wosiacki

Engenheiros Cívicos e de Minas
 Luiz Carlos Borges Fortes
 Telmo Süffert

Engenheiros Eletricistas

Gilberto Ramos Androvandi
 Jaime Alberto Genz

Engenheiros Mecânicos
 Cláudio Fróes Fernandez Pena
 Claus Bromberg
 Domingos Matias Urroz Lopes
 Joel Vogt Ramos
 José Faustino dos Santos
 Marcos Miguel Colling
 Osmar Prezotto
 Paulo de Lacerda Silber
 Ruy Esteves

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Celso Sander Müller
 Gerhard Gieler Hoffmann
 Gert Funcke

Gilbert Giacobbe
Giuseppe Cappelli
João Cláudio Jotz
Normélio Moura da Costa
Paulo Roberto Wolff
Pedro Armando Lartigan Fischer
Engenheiros Mecânicos e Metalúrgicos
José Jarbas Giorgetta
Manoel Odival de Oliveira Búrigo
Engenheiros de Minas
Bernardo Gallicchio
Flávio Augusto Brinckmann
Luiz Felipe Reis Seara
Renato da Silva Ramos
Renato Martins Campos Assumpção
Engenheiros Químicos
Ornelio de Souza

1962

Engenheiros Civis
Abrão Aspis
Affonso Celso Cornet
Airton Quites Pinheiro
Alcione José Zingano
Alejandro Kuong Lui
Arhtur Bernd
Augusto de Araújo Guarita
Benedito Cordeiro Lins
Berenice Isabel Ferrari Goeltzer
Cláudio Fernando G. Rocha
Dino Célia
Flávio de Araújo Pacheco
Geraldo Antônio Percher
Guilherme Luiz Finger
Jaime Paulo Antônio Sartoti
Jairo Amaro da Silveira Fonseca
João Luiz Escosteguy Merino
José Carlos Simões
José Felipe Klein
José Fernando Costa Oliveira
José Kanan Marques
Lúcio Valério Morsch Goelzer
Luiz Carlos Ferreira de Souza
Luiz Edmundo Perret Aranda
Luiz Gonzaga Melin
Marco Aurélio Conte Pilla
Natal Mauro Vanzelotti
Octaviano Dias Gomes de Freitas
Paulo Campos Predebon
Paulo Fernando Pinto Barcellos
Paulo Meinhardt
Paulo Rogério Ribas Della Méa
Pedro Jorge Grazziotin
Porfírio Soto Ramos
Raul Rublescki
Roberto Wihan
Ronaldo Marchese Schmidt
Ruy Lerner
Salomão Almaleh
Waldemar Hakime
Waldir Alves Ramos
Engenheiros Civis e Eletricistas
Carlos Antônio de Azeredo
César Antônio Dias
Claus Jorge Süffert
Elton Stahlschmidt
Fernando Alcione Ethur
Gilberto Espíndola Hofmeister
Isac Grimberg Volkind

José Silveira Casartelli
Luiz Fernando Jacinto Maia
Orlando Rocha Baiocchi
Spartacus Sonnesen
Engenheiros Civis e de Minas
Harley Arthur Scheibe
Engenheiros Eletricistas
Alexandre Coelho de Sá
Carlos Alberto Ganzo Fernandes
Carlos Fernando Rabello Muccello
Edison Flávio Macedo
Edward Kurylenko
Fuhad Ayub Issa
Fulvio Celso Petracco
Gil Firmino Guedes
Hamilton Nazareno Ramos Schaefer
Hartmut Paul Emil Gehring
Jaime Souza de Marco
Nilton Salgado Pereira
Engenheiros Mecânicos
Aldomar Guglieri
Ângelo Amadeu Salvadori
Arno Blass
Arno Wiehe
Carlos Martgnago Neto
Cláudio Ernesto Nedner
Egydio Rosa Lucas de Oliveira
Ênio José Farina
Érico Martin Eisenhart
Fernando José Martins Costa
Fúlvio Celso Petracco
Heber Contri Coelho
Hilton Valdir Rossato
Hugo Eurico Irigoyen Ferreira
Ibá Ilha Moreira Filho
Jorge Alcides M Flôres Soares
Jorge Fernando Schuck Ortiz
José João de Espíndola
José Luiz Uriarte Goiricelaya
Júlio César Córdova Coutinho
Léo Roberto Diedrich
Marcos Zalmon
Ney Wolfenbuttel
Nilo Zacaro Marcanth
Paulo César Sampaio de Oliveira
Renato José Zanella
Victor Achylles M Santos
Walter Carlos Doern
Walter de Bona Castelan
Walter Hermann Reimer
Engenheiros Mecânicos e Eletricistas
Albino Luiz Tesheimer
Arno Augusto Klug
Ernst Herbert Dieter Schmiedt
Frederico Alberto Langer
Martin Loges
Paulo de Sousa Victoreti
Engenheiros Mecânicos e Metalúrgicos
Emílio Menezes Goulart
Érico Ambros
Jayme Nazareno Lapolli
Paulo Roberto Krahe
Engenheiros Mecânicos e de Minas
Alair Jorge Decker Medina
Engenheiros Metalúrgicos
Arno Müller
Ênio Heineu
Fernando de Souza Pires
Nelson Carlos Schmitt

Ronaldo Thofehn
Engenheiros de Minas
Luiz Bayard Amaral de Souza
Luiz Carlos Macedo V. dos Santos
Luiz Gonzaga Blauth Lima
Sidnei Soccas Ribeiro
Engenheiros Químicos
Cláudio José Germany
Heitor Oliveira Silveira
Nelson Ludwig

1963

Engenheiros Civis
Allen Leite Wetzel
Amaury Soares Silveira
Amilcar Brum Paiva
Antônio Felix Fernandez
Antônio Marinho Chaves Barcellos
Berly Edgar Tápia Vargas
Berthold Hermann Voelker
Breno Cauduro
Breno José Corso
Bruno Antônio Frast
Carlos Aristides Magnus
Carlos Dri
Carlos Ferreira D'azevedo Neto
Cláudio de Castro Farias
Cláudio Ordovás
Clóvis Sabino Eymael Binotto
Daniel Lena Souto
Dario Becker Corrêa
Dirney Machado
Eloy de Alencastro Moreira
Enildo Pedro Bahú
Geraldo Targino da Costa Moreira
Herbert Hugo Nilson
Hermes Machado
Heter Freitas Fontoura
Isaac Ghidalevich
Itaner Andres Blanco
Jeul Zeferino Anicet
João Perdomini
João Sother Celestino Alves
Jorge Alberto Castro Faria
José Maria Campos de Araújo
José Oscar Grohs
Lélis Léo Garcia Espartel
Luiz Carlos Trápaga Andrade
Luiz Felipe Louzada Pavão
Marino Castro de Oliveira
Mário Koch
Nêd Medina Quintana
Nereu Búrigo
Osías Halpern
Raul Alves de Andrade
Renato Sachs
Roberto Silva Acevedo
Romeu Chaves Grimaldi
Roni Schönhofen
Sérgio Napp
Thomaz Albornoz Neto
Vitor Francisco de Araújo Haertel
Vladimir Antônio Paulon
Wilson Travassos
Engenheiros Civis e Eletricistas
Adaucto Wanderley da Nóbrega
Delso Búrigo
Elnor Miguel Massignan
Euclydes Racheter F. da Silva
Eugênio Dietrich
Flávio Bandeira Nunes de Pinho
Guillermo Alberto F. Figueroa
Hiram Attila Oliva
Izequiel Englander
Raul Valentim da Silva
Sady Antônio Costa
Saul Odilon Gil Cardoso
Sérgio Cirano da Paixão Schimtz
Teodoro Simfonidis
Wilson Ferro da Cunha
Engenheiros Civis e de Minas
Aryoni de Andrade Mello
Engenheiros Eletricistas
Afranio Duarte Basso
Alberto Oliveira Annes
Aury Koetz
Boris Raichel
Carlos Eduardo Gouvêa da Costa
Egmont Rüdiger Dostal
Felipe Luiz Ribeiro Daiello
Fernando Luiz Teixeira
Fernando Ruecker
Gilberto José Corrêa da Costa
Horst Eckehart Hermann Gehring
Iduvirges Lourdes Müller
Ildo Goulart do Aguiar
Jessé Goeth Viamonte
João Carlos Buchowoski
Léo Falkenberg Indrusiak
Luciano Fioretti de Oliveira
Luiz Osório Flores Cabral
Oberon da Silva Mello
Orlando Carlos Gomes de Souza
Paulo Roberto Wilson
Roberto Tcherkezian
Rudolf Veitenheimer
Thales de Oliveira
Engenheiros Mecânicos
Antônio Augusto Curio de Carvalho
Arlindo José Rossetti
Caio Publio da Silva
Clóvis Ori Puperi
Dieter Paul Krey
Fernando Carlos de Aguiar Montano
Fernando Penella Milani
Germano Pradel Warhlich
Gilberto Augusto Krause
Hugo Renato da Silva Teixeira
Isnay dos Santos Varela
Jesus Natal Galves Bujes
João Agostinho Mattevi
João Luiz Bifano Krauser
João Sabino Lahorgue da Cunha
Jorge Lêdo Larangeira
José Augusto Corrêa Roth
José Luiz Rocha Avallone
José Miguel Escobar Damiani
José Roberto da Cunha Estrella
Lothário Armin Kampf
Luiz Fernando Barnech Lubke
Manrico Abaetê Sfoggia
Moisés Pinto Goelzer
Nelson Fróes Fernandez Pena
Nino Danilo Rodrigues Zegarra
Oswaldo Domingos Ribeiro
Paulo Dossa
Paulo Gilberto Fernandes Tigre

Paulo Henrique Petersen Loureiro
Paulo Medeiros Guimarães
Pedro Roberto Michelena
Roberto Rosa Carvalho
Sérgio Mendes Ribeiro
Umberto Bez Bati
Victório Miguel Lac

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Alberto Severo
Andry Steven Feibelman Hoffmann
Edson Schaefer Vieira
Geraldo Ludwig
Hiroshi Osanai
João Carlos Alves Barbosa
José Geraldo Möeller
Oscar Fernando Leke
Paulo Antônio Corsetti
Ronaldo Treptow Schmidt
Sérgio Antônio Santos Olszewski
Slavko Rukavina Rozman

Engenheiros Mecânicos e Metalúrgicos

João Carlos Dellaméa
João Conceição Garcia Dutra
Johann Wolfgang Limbacher
Mário Alexandre Giron
Milton Dias de Oliveira
Raffaele Anele
Renato Adams
Sérgio Wilibaldo Garcia Scherer

Engenheiros Metalúrgicos

Alcides Fernandes Lima Neto
Antônio Laitano
Belmiro Zaffari
Ermani Bernardo Fischer
Luiz Victório Garbim
Mauro Gilberto Silveira
Newton Lemos Vianna

Engenheiros de Minas

Décio Valmorbidia
Francisco Gilberto M. Cachapuz
Frederico Miguel Quadros Lange

Engenheiros Químicos

Antônio Waldomiro Petrik
Arnaldo Grau
Arno Gleisner
Celso Francisco Schultz
Énio Djalma Scherer
Gil Rossoni
James Chang
Marco Aurélio Garcia
Percy Walter Bier
Roger Georges Aubert
Wolfgang Niebeling

1964

Engenheiros Civis

Ángelo Guido Solari e Oliveira
Celso Guimarães
César Rogério Werhmann Valente
Claro Valério da Cunha
Cláudio Ribeiro Pedrosa
Darci Aroldo Schultz
Eunice Nessi Snizek
Fenando da Silva Machado Carrion
Fernando Santos Medeiros
Gilberto Marc Rosário
Gilberto Martins Santos
Hercules Gomes Pimentel
Ila Ehle

Ivan Feverschuette Bertoso
Jorge de Azevedo e Souza
José Hary Sulzbach
José Luiz Rocha Paiva
José Wilson de Lira Mello
Leonardo de Almeida Bernardi
Lúcio Ignácio Régner
Luiz Alberto Papaleo
Luiz Henrique Cousandier
Luiz Kurban Abrahão
Marcos Dantas Lira
Napoleão Rodrigues de Freitas
Newton Meidel Bastos
Paulo Roberto Meneghetti Leivas
Shirley Almeida Simões
Sérgio Chemale Selistre
Vilmo Gaspadini

Engenheiros Civis e Eletricistas

Ariel Rodrigues
Carmen Lila Vieira Sune

Engenheiros Eletricistas

Aldo Franciscode Lemos Brenner
Antônio Riccardo Paludo
Arlindo Rodrigues Mayer
Carlos Theodoro Pranke
Carlos Willy Engels
Donato Hintz
Fernando Garcia Santayana de Lima
Gilberto da Fonseca Schmaedecke
Luiz Amaro Rodrigues Feio
Luiz Porto Alegre Furtado
Manuel Rodrigues Pereira de Souza
Nelson Guilherme Pitrez Nogueira
Ney Luiz Silveira Thys
Nilton Camisão
Otaclio Carvalho da Costa
Raul Carlos de Amorim Marino
Regis Danton Corrêa
Remy Luiz Maggi
Richard Freyer
Sérgio Garcia Faria

Engenheiros Mecânicos

Algaeir Goron
Aliseo Cassol
Ángelo Henrique Mariante
Antônio Luiz Del Grande Mesquita
Armindo Renato Araújo Barros
Arthur Medeiros
Ataualpa Pansardi da Cunha
Belmiro Zaffari
Carlos Frederico da Cunha Teixeira
Cláudio Jorge Buny
Darli Ari Gehm
Fidelis Antônio Schiffno
Flávio Alberto Hansen
Francisco Reinaldo Tápia Luque
Frederico Guilherme Madoerin
Guído Teixeira de F. P. de Andrade
João Cláudio Pante
Jorge Augusto Knack
José Luiz Domingues Duarte
Luiz Carlos Franck
Luiz Carlos Pereira
Luiz Lourenço Müller
Manoel Borba Bastos
Mário Leopoldo Martin
Miguel Ribeiro
Nelson Back
Ney Cabeda

Osmar Teruchkin
Paulo Fernando Torelly Cruz
Paulo Roberto Galvão Machado
Pedro Silva Bittencourt
Raul Bento Alves
Raul Germany
Roberto Kencis Mold
Rubem Raul Reuter
Sérgio Benjamin Tonniges
Valdemar Benito Rebaza Benites
Valter Albino Gazzoni
William Wilmuth Elgelmann

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Américo Raul Parodi Gomes
Edgar Freund
Énio César Bender
Enrique Jablonski
Fábio Antônio Baldissera
Hilariu Hirro Cassol
João Baldauf
Leonardo Mayerhpfer Viegas
Marcelino José Araújo Perlot
Nelson Fetter
Ronaldo Milward Spolidoro
Tito Lívio Jaime Goron
Toshihide Yadoya

Engenheiros Mecânicos e Metalúrgicos

Arnando Naschveng Costa
Giuseppe Fenocchio
Hans Siegfried Ramminger
Paulo César Bopp
Rui Dorfman

Engenheiros Metalúrgicos

Andreas Muraitis
Arnaldo Pereira Ribeiro
Carlos Alberto Günther
Cido Érico Roesler
Freddy Heredia Zelaya
Henrique Fernando Korndörfer
José Luiz Célia Marroni

Lauro da Costa

Paulo Kruel Almeida
Paulo Vitória Neto
Pedro Américo Vasques de Oliveira
Selmo Valente Barcella

Engenheiros de Minas

Valdir Daros
Volmer do Amaral Boff

Engenheiros Químicos

Aida Seara Muradás
Carlos Henrique Heinrichs
Cláudio Pedro Giacomet
Daryus Weber Turk
Érico Winfried Wickert
Germano José Andreis
Horst Brandau
Hugo Guilherme Anselmann
José Antônio Chaves Franco
José Antônio Custódio
Milton Coster

1965

Engenheiros Civis

Airton Grill
Anilo Pedro Lisot
Ary Sachet
Carlos Alberto Rosito
Énio Rigon

Fernando O. de A. Pereira Junior
Flávio Lúcio Scaf
Flávio Teruszkin
Francisco de Paula Simões Duarte
Geraldo Cechella Isaia
Hélio Conceição Fenandes Costa
João Carlos Müller
José Francisco Duarte Neto
José Hipólito de Oliveira
Luiz Antônio Timm Grassi
Luiz Fernando Schramm
Luiz Leandro Scherer Lutz
Manoel Fraga de Oliveira
Mário Zanella Brasileiro
Montauri Freitas de Moraes
Paulo Luiz Petrucci Vieira
Paulo Reiniger Azevedo Moura
Paulo Renaud Nectoux Cunha
Pedro Antônio Jucá
Pompílio Vieira Loguércio
Romeu João Michelin
Vanderlei Antônio Milioli

Engenheiros Civis e Eletricistas

Adolfo Starosta
Deodoro Schuler
Isaac Zilberman
Ivan Soares Gervini
Percy Antônio Pinto Soares
Ricardo José Bohrer
Samuel Léo Lewin

Engenheiros Eletricistas

Anamaria Jacques Figueiredo
Antônio Fausto Tubino
Arno Heinz Paaz
Ascencio Galvarino M. Soto
Bruno Hoppe
Danilo Silvio Aurich
Elo Ortiz Duclos Filho
Gladis Terezinha Schuller Medeiros
Hamilton Savi

Hilberto Bischoff

Hugo Walter Torrico Claros
Izaltino Camazzato

Jair Albo Marques de Souza

João Jorge Gewers

Jorge Miguel Heinberg

José Bonifácio Glass

Kurt Bruno Becker

Lothário Olavo Deppe

Luiz Carlos Corrêa Soares

Luiz Carlos Damiani Capelli

Maria Elizabeth Pereyron Santos

Maria Elizabeth Folz

Nivaldo Pedro Barbieri

Paulo Fernando Gross

Rogério Dornelles

Vilson Daniel Cristofari

Wanderleu Luiz Desordi

Engenheiros Mecânicos

Agis Caraiba dos Santos

Aldo Maganja

Alfredo Floriano Tonetto

Antônio Carlos Bica Smith

Antônio Carlos Irigoyen Ferreira

Antônio Crescente

Antônio Ferrari Borba

Antônio Gilberto da Luz Hartz

Carlos Alfredo Clezar

Carlos Luiz Passaglia

Carlos Ribeiro
Carlos Roberto Delgado Martins
Carlos Werner Uhlig
Celso Baptista Pizzato
Ciro Paulo da Cunha e Silva
Cláudio Marchetto
Darcy Kurban Abraão
Edemar Soares Antonini
Eliezer Francisco de Borba Abbott
Eloé Zimmermann
Flávio Antunes Grazinso
Flávio José Borges Fortes Franco
Gerhard Paulo Böchler
Hélio Hartstein
Hermann Lobmeier
Ivar Vildo Rojas López
Jaroslav Kohut
José Alberto de Souza
José Antônio de Carli Eberle
José Carlos Soares de Araújo
Luiz Felipe da Rosa Ferlauto
Luiz Fernando Michelenia
Luiz Fernando Schmitt
Luiz Oscar de Mello Becker
Milton Edison Scherer
Paulo Gaston Jungblut
Pedro Miguel Pereira Quijano
Raul Ludwig
Roberto Júlio Beretta
Roman Tarazona Rincon
Sérgio Vitorio Passeti
Valmor Hélio Pereira
Velco Tadeu de Matos

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Aldo da Silva Leal
Almir Monteiro Quites
Dante Leonardo Zoratto
Edgar Albarus
Érico Roney Selbach
Ernesto Corrêa da Silva Filho
Leão Szpizkowski
Longuinho da Costa Machado Leal
Otacilio Viana de Albuquerque
Otto Willy Knorr
Ravengar Ruperti
Roman Tarazona Rincon

Engenheiros Mecânicos e Metalúrgicos

Cláudio Flávio Pereira
Francisco Carlos Bica Niederauer

Engenheiros Metalúrgicos

Adalberto Zanini Scherer
Araçatuba Nunes Pereira
Cláudio Giongo
Egberto Burger
Jorge Luiz Lobo D'Avila
José Alberto da Silva Barbosa
Paulo Juarez Mário da Rosa
Paulo Renato Gonçalves Pedrosa

Engenheiros de Minas

Murilo Pinheiro de Godoy

Engenheiros Químicos

Armando Batista Sápiras
Bugre Toropy de Oliveira
Carlos Emílio Hugo
Celso Aramis Delinghausen
Celso Silva Vidal
Emilce Aveline Burger
Fernando Gonçalves Vieira
Gabriel Zalmon

Giorgio Gabellini
Jorge Francisco Willin
Paulo Ivan Kokot
Theo Guenther Kieckbusch

1966

Engenheiros Civis

Amilcar Souza Amaro da Silveira
Antônio Alonso Rosa
Antônio Augusto Chaise Borges
César da Cunha V. Sobrinho
Élio Zanuzzi
Fanor Fratini
Flávio Lima Assis
Gilberto Stefani
Gilberto Valente Canali
Hélio de Kok Baddo
Hugo Roque Bing
José Nilo Simões dos Santos
Luiz Borges da Luz
Luiz Fernando de Lavra Pinto
Luiz Gallina
Manir Saad Sarquis
Maurim Batista da Silva
Miguel Patrício Duarte Manzur
Newton Bopprê Corrêa
Paulo Fernando Schwarz
Paulo Roberto Perrot
Poty Odilon Barcellos Bery
Roboamo Batista Disconzi
Valter de Oliveira Bochi
Vilmar Elman
Waldomiro Luiz da Silva

Engenheiros Eletricistas

Adailton Vaz Carvalho Lopes
Alberto Doudera Gonzales
André Francisco Recamonde Capelo
Antônio Augusto N. da Porciúncula
Aurino Gonçalves Machado
Cássio Brutus Barcellos Filho
Cláudio Antônio Sperb Ruschel
Cláudio Strack
Clóvis Alberto Costa
Daly Esteves da Silva
Erno Tenn-Pass
Fernando Firpo Sica
Flávio Lima Vieira
Frederico Guilherme Kayser
Ivo Emílio Schweitzer
João Antônio de Oliveira
José Etchechurry
José Luiz Silveria
Marco Antônio S. de Vasconcelos
Mário Fernando Petzhold
Mário Miguel Macedo Torres
Nelson Henrique Dhein
Nestor Maurício Pinto Kirjner
Paulo Luiz Vianna Bojunga
Paulo Romulo Silveira Netto
Renato Svartman
Sérgio Fernando Salles Kraemer
Sérgio Roberto Arruda
Valmor Adelar Bratz
Wolfgang Arndt Willi Schrader

Engenheiros Mecânicos

Adalberto Carlos Tatsch
Adelmo Durigon
Adolf Sajovic
Alberto Luiz D'Avila Pilla

Alcides Brizolla Cabeda
Altino Marques Filho
Anjel Castor Tejada Zegarra
Arlindo Joaquim Marin Filho
Arno Cláudio Trapp
Atto Silveira Franco
Aureo Campos Ferreira
Carlos Harley Kurtz de Rezende
Carlos Lopes de Mello
Celso Bohrer Teixeira
Cláudio Oliveira Osório Marques
Edgar Anzanello
Ênio Lorandi Landell de Moura
Érico Antônio Lopes Henn
Emi José Martin
Evandro Oliveira Puggina
Geraldo Nunes Barcellos
Gianni Zecca
Heinz Spiegelberg
Humberto Magno
Ibá José D'andrade Varella
Ivan Kayser
Ivo Enk
Jacob Kirschbauvm
João Batista Câmara Ribas
João Carlos Valente Bajesteiro
João Eduardo Ritter
João Fraga de Oliveira
João Miguel Muratore
João Roberto Guinter
Jorge Alberto Antunes Kruel
Jorge Alberto de Oliveira Pacheco
Jorge Alberto Peixoto de Freitas
Jorge Ricardo Gonzalez
José Eduardo Kolowski
Júlio Surreaux Chagas
Lúcio Fonseca de Araújo
Luiz Eduardo Costa Delgado
Manoel Chaves Barcellos
Mário José Lourenço dos Santos
Newton Tedesco Aguiar
Norberto Letti
Odacyr Sarturi
Ofir Rodrigues
Olivar Paulo Sartori
Paulo de Souza Bello
Paulo Hugo Glimm
Paulo Renécio Nascimento
Paulo Roberto Grasselli
Pedro de Oliveira Guasque
Rafael Hernando Reyes Peinado
Raul Felipe Cairoli Papaléo
Roberto Frões Fernandez Peña
Roberto Kluwe da Silveira
Roberto René Carvalho
Roberto Schramm Barreto
Romeu Odilo Trauer
Rubem Lotário Thomé
Ruben Marcial Villalba Roldan
Rudi Gert Wolmann
Rui Carlos Pizzato
Sérgio Domingues de Figueiredo
Sérgio Gustavo Santos Schmitt
Sérgio Luiz Siminovich
Tazio Franco Muraro
Valmor Antônio Accorsi
Valni Gilberto Kroeff
Vitor Losso

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Hans Helmut Zürn
Hilnon Leite Iglezias
Ivo dos Santos Castro
Jaime da Costa Trindade
Léo Sayago Bastos
Luiz Carlos Buaes
Saulo João Duarte

Engenheiros Mecânicos e Metalúrgicos

André José Zílio
Hélio Mezzomo
Lauro Alberto Thies
Nelson Nunes Toledo
Osório Tuiuti Bartmann
Paulo Seara Muradas
Raul de Abreu Zardo

Engenheiros Metalúrgicos

Airton Corrêa Schuch
Carlos Caccia
Eder Franco Suszczynski
Hans Joachim Geier
Jaime Oswaldo Figueroa Larrea
José Carlos Sampaio
Paulo da Silva Leal

Engenheiros Metalúrgicos e de Minas

Slawomir Dominix Piatnicki

Engenheiros de Minas

Artur César Brenner Peixoto
João Elias Harb
Luiz Augusto de Oliveira Santos
Udo Frederico Meier Schmeling

Engenheiros Químicos

Almari Airton Della Santa
Augusto Knoechelmann
Carlos Luiz Gazola
Carlos Odilon Gonçalves Haycert
Djalmar José Melchioris
Fernando Yassuo Chiyoshi
Guido Souza Melo
Henrique Huberto Schmitz Filho
José Carlos Cheuiche Ferreira
José Schifino
Luiz Paulo Rech
Marta Maria Quintana da Rosa
Miguel Adão Sperb Sacula
Paulo Tharso Cabral
Renato Toshiyuki Yadoya
Roque Costi
Sérgio Augusto Costa
Walter de Lucca

1967

Engenheiros Civis

Angelo Alberto Viero
Antônio Cantisani Filho
Antônio Carlos Neubauer Peixoto
Armando Pulgati
Arquimedes Fialho
Bernardo Glowacki
Carlos Alberto Pippi da Motta
Carlos Lhullier da Cunha
Cláudio Coelho Marques
Clóvis Arruda Ramos
Eduardo Costa Epifanio
Frederico Carlos M. de Menezes
Gilberto Ulysséa
Itamar Lermann
Ivan Carlos Petry
Jaime José Melo Werba

João Cândido Baptista de Campos
João Manoel da Silveira
João Ramos de Moraes
Jorge Carlos Xavier Pires
José Francisco Porto da Silveira
José Victor Pinto Stumpf
Lourenço Valmir Crivella Gonzalez
Luciano Cortimiglia
Luiz Gonzaga Ramos
Manuel Castelar Jamardo Salvaterra
Marco Tullio Menna B. de Vilhena
Marcos João Rovaris
Massimo Traversa
Nei Marques Girardi
Nelson Gonçalves Daudt
Nelson Pereira Basso
Paulo Rubem Selbach Appel
Raul Kosnitzer
Roberto Caldas de Oliveira
Roberto José Basso
Rui Isolan Melo
Ruy França Neto
Ruy Medeiros
Sérgio Foguel
Sérgio Miguel Macchi Silva
Sérgio Murilo Ulbricht
Solon Menda Magrisso
Telmo Kaplanski Yurgel
Ubirajara Rodrigues Van Der Laan
Urbano Villela Neto
Walter Fernandes Aurélio

Engenheiros Civis e de Minas

Léo Schapoval

Engenheiros Eletricistas

Carlos Barreiro Edelweiss
Carlos Eduardo Leite Martins
Carlos Fernando Hausen Beck
Carlos Inácio Zanchin
Catarina Maria Reina Cânovas
David Prikladnicki
Décio Sperb
Edgar Fávoro
Fernando Fontes Barbosa
Fernando João Corsetti
João Alcione Covolan
Jorge Santos Boos de Oliveira
José Antônio Guimarães Ribeiro
José Carlos Bos Lucchese
José Carlos Schaefer
José Lorenzo Medero
José Luiz Marenzi
José Reni Mocelin
Júlio de Azevedo e S. Filho
Júlio Meinhardt
Lévis Evilásio Klein
Luiz Carlos da Silveira
Manuel Júlio Arce Martinez
Maria Helena Saggin Gruber
Michael Prytoluk
Miguel Ángel Rivero Ortiz
Nelson Mendes da Silva Santos
Omar Teschke
Paulo Cristovan Leiria Borba
Paulo Léo Manassi Osório
Renato Hugo Hérzog
Ricardo Viégas
Saul Kirschbaum
Sérgio Echenique Lopes
Sérgio Faermann

Simão Sirineo Toscani
Thales Bettiol Torviani
Wellington Pinent Villela

Engenheiros Mecânicos

Adalberto Ângelo Dossin
Ademar Gilberto Groehs
Alberto Carduner
Aldo Silveira Moreno
Augusto Derli Campanher
Bento Roberto de Abreu Porto
Bolivar Baldisserotto Moura
Carlos Alberto Cassou
Carlos Alberto Kallfellz
Carlos Alberto Sieber
Cláudio Hackmann Celia
Cláudio Roberto Duarte
Clóvis Sperb de Barcellos
Dalton Schmitt
Elísio Ferreira do Nascimento
Elmo Baum
Eudoro Rosa Lucas de Oliveira
Eurico Sobreira Fernandes
Flávio Pereira Martins
Flávio Vinícius Cauduro
Guillermo Higuera O'campo
Hermeto José Fabrício Barbosa
Hugo Miritz
Hugo Roberto Cantergiani
João Batista D'andrea Tripovichy
João Carlos Mór Filho
João Francescutti
João Mário Menegaz
Joaquim de Souza Gomes
José Antônio Tome
José Augusto Zatti
José Carlos Corrêa Rechen
Joseph Egbert Tatton Fleitas
Júlio César Benedetti López
Kenichi Mory
Lídio Ughini
Luiz Alberto Riedhorst
Luiz Antônio Berton
Luiz Carlos Petry
Luiz Carlos Tubino da Silva
Luiz Eduardo Pereira de Oliveira
Luiz Gecione Borges dos Santos
Manuel Joaquim dos Santos Junior
Marco Antônio Mota Meirelles
Mário Wajnberg
Miguel Caldeira Rossi
Miguel Salles Cavalcanti Filho
Miguel Vargas de Oliveira
Nelson Martin
Nelson Néssi Menegotto
Nelson Roberto Willrich
Oscar Edgar Busch Barbery
Oswaldo Roberto da Rocha Grafulha
Ottheinz Germano Westphal
Pascal Ozório Felipetto Gonçalves
Paulo Cavalcanti Brasil
Paulo de Tarso Dutra
Paulo dos Santos Rocha
Paulo Eduardo Cafruni Vial
Paulo Kroeff de Souza
Paulo Timm Rochedo
Paulo Tomá da Costa Fiori
Pedro José Gobbi
Renato Ralf Anton
Ricardo Gheller Basualdo

Roberto Caldera Florez
Roberto Marcos Bastos
Ronaldo Aidos
Ronaldo Luiz Velloso Borba
Ruy Arnaldo de M. Meinhardt
Sérgio Alceu Lemos da Silva
Sérgio Antônio Candiago
Tadeu Carlos da Silveira
Thiago Pedro Giacomet
Tiarajú Índio de Bem
Wilson Dutra da Silva
Vinícius Moreno Coecaro
Vinícius Ramos Baldi
Vitor Roberto Meister

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Arthur Sebastião Rivato de Freitas
Humberto Carlos Moritz
José Antônio Miranda Pacheco
José Vinícius Verdi
Júlio Benno Hack

Engenheiros Mecânicos e Metalúrgicos

Clóvis Paulo Mezzomo
Marco A. Braga da Silveira
Milton Isaac Zouvi
Norberto Farina
Raul Tadeu Bergmann

Engenheiros Metalúrgicos

Alexandre Magno F. Gonçalves
Clóvis Picoral
Genedy Rodrigues de Moraes
Jacob Friederich Reimer
Leno Gonçalves
Luiz Carlos Dieder
Paulo Tocchetto Thormann
Uirajara Vieira

Engenheiros de Minas

Evaldo Ávila da Silva
Mauro Munhoz Parras

Engenheiros Químicos

Ademar Kanitz
Alberi Ferreira Pires
Antônio Agostinho Salton
Aurélio Antônio Zago
Carlos Augusto Carrillo Salinas
Carlos Derli Furlan
Clécio Egggers
Edgard Florent Augustave Laporte
Edwin Ovuónhe Onhuoáoma
Ernesto Diestel Júnior
Hugo Ricardo Süffert
José Luiz Twardowski Pinto
José Zílio
Luiz Alberto Bertotto
Luiz Antônio Machado Alves
Luiz Antônio Rebouças dos Santos
Luiz Gomes Moreira
Milton de Oliveira Maciel
Paulino Medina Martins
Pedro Tocchetto Thormann
Roberto Francisco Krischer

1968

Engenheiros Civis

Adejalmo Figueiredo Gazen
Alcy Vilas Boas
Almir Schaffer
Ana Maria Cardoso
Anastásio Mário Ruben G. Lagrave
André Labanowski

Antônio Celso Luderitz de Medeiros
Antônio Pedrassani
Antônio Tadeu Leandro Ferreira
Ari Alfredo Dieter
Ari Brandolt Oliveira
Artur Oscar Trindade Costa
Aurél Francisco Medeiros Mór
Carlos Alberto Ferrari
Carlos Augusto F. dos Santos
Carlos Eugênio Hecker Kappel
Carlos Geyer Rodrigues
Celito Manuel Brugnara
Cláudio Azevedo Vanacor
Cláudio Roberto Müller
Cyro Santiago Pereira da Silva
Daniel Quadros de Couto
Décio Carlos Botta
Delcio Soares Severo
Dirceu Inácio Chiarelli
Dirceu Luis Nicoletti
Edgar Hernandez Candia
Eduardo Kalinowski
Elmir Antônio Lucchesi
Ênio Medeiros Ramos
Fernando Zoratto
Francisco de Assis de Almeida
Franklin de Castro Faria
Gualberto Ramon Rienzi Sosa
Iasson Stephanou
Ione Lourdes Zago
Jaci Alves Bezerra
Jarbas Milititsky
Jesus dos Santos Rodrigues
João Antônio Lena Becker
João Araújo Souza
João Clóvis Lucena Rodrigues
João Juergen Clemente Miebach
João Machado Moura
Jocelyn Louis Baun
José Antônio Schontag
José Carlos Cardoso Gomes
José Carlos Leite Dihel
José Spricigo
Knut Breuel
Léo Douglas de Rezende
Luiz Alberto Dexheimer P. da Silva
Luiz Teotonio Leite Pereira
Manoel Fernando N. de C. Almeida
Maria Aparecida Carvalho Barreto
Maria da Graça Valle Silveira
Mário Turkieniez
Mauri Adriano Panitz
Milton Citrin
Moisés Schlafmann
Nelson da Fonte Pilla
Nelson José Althoff
Nelson Paulo Boelter
Nelson Sant'Anna F. de Azambuja
Neri Vicente Mazzucco
Newton Waechter da Motta
Orlando Pardelhas Villela
Ovidio Holderbaum
Paulo César Marasco C. Leite
Paulo Nelcir Leitão de Carvalho
Paulo Oscar Baier
Paulo Roberto Pereira Nunes
Renato Waldman
Ruy Lopes Fillho
Sérgio Antônio Curcio Celia

Sérgio Gomes Mattos
Sérgio Mosele Bertaso
Sílvio Alberto Schuler
Terezinha Lena Souto
Tony Stephanou
Ubirajara das Neves Gonçalves
Vanias Tadeu Gonçalves da Silva
Vladimir Juan P. Dias de Vivar
Walter Salgado

Engenheiros Cívís e Eletricistas

Roberto Kemp Ubatuba de Faria

Engenheiros Eletricistas

Álvaro Augusto Almeida de Salles

Antônio Barbosa dos Reis
Antônio Otelo Cardoso
Antônio Roberto Adam Nill
Antônio Roberto Cestari Pureza
Armando Ceccarelli
Attila Demutti Firpo
Carlos Alberto Althoff
Celso José Coelho
Cláudio Luiz Schreiner
Clio Ramiro Paranhos de Lima
Danúbio Oly Trindade Leão
Ditmar Peter Hirtenkauf
Dorval Olívio Mallmann
Edilson Nicolodi
Flávio Neuls
Ivaldo Souza Argoud
João Antônio Junqueira Teixeira
Jorge Homero G da M. Coelho
Jorge Olavo Barreto Fonyat
José Antônio Alves
José Carlos Sehn Bassanesi
José Castiel Bas
José Palazzo Moreira de Oliveira
Júlio César Corbelini
Luiz Carlos Barnetche Schneider
Luiz Carlos Bins de Vasconcellos
Luiz Carlos Ribeiro Bortolini
Luiz Fernando Corrêa Lima
Luiz Foergens
Márcio Pavageou
Maria Alice Targa
Mário Ferdinand Westfal Tichauer
Mateus Nhuch
Moacir Mário Rubim Alessio
Moisés Behar Pontremoli
Nina Krahe
Osvaldo Henrique de Sá
Paulo César Nuñez Richter
Peri da Costa Trindade
Regis Augusto Vieira Martins
Renato Pasquetti Piccoli
Ruben Bins Silveira Filho
Sabino César Rojas Sanabria
Sérgio Carlos Seligman
Sérgio Luiz Lena Souto
Sérgio Roberto Corrêa Reggio
Sicardo Schuler
Siguenobu Tuchiama
Silvestre Souza Mateus

Engenheiros Mecânicos

Alberi José Somavila Monego
Alcerval Vinícius Volpato
Alexandre Alves dos Anjos
Aluísio Seabra Lopes
Amauri Silva Braga
André Kaplicki

Antoninho Santo Camilotti
Antônio João Xavier da Silveira
Antônio Vicente Chagas Pestana
Argeo Montanha Otharan
Ari Pavão Junior
Astor Milton Schmitt
Breno Natal da Silva Rocha
Bruno Luiz Ruecker
Carlos Alberto Larentis
Carlos César Pilla
Carlos Pedro Fedrizzi
Cassio Gilberto Heineck
Celso de Pauli
Ciro Green Hervé
Cláudio de Oliveira Graça
Claver Cardoso
Clóvis Fogliatto Brum
Clóvis Trindade Filho
Dionysio Azambuja da Silva
Dirceu Fernando da Silveira
Edgar Boaventura Mariot
Eduardo Caiubi Rodrigues
Eldir José Marques Deiques
Ênio Eduardo Kranen
Felipe Volmer Jackes
Fernando Ivo Lindemann
Geraldo Hofsetz
Getulio César Carneiro Cunha
Gilberto Müller
Giovane Lotufo
Hélio José Pizzatto
Hertz Pasqualetto
João Antônio Pereira Dora
João Nildo da Silva
João Roque Zerves
Jorge Luiz Ullmann
José Arduino D'arrigo Brito
José Arthur Bulcão de Azevedo
José Enoir Loss
José Luiz Andregretti
José Wolf
Leonardo Ensslin
Leonardo Franco da Fonseca
Luiz Alberto Graça Mello
Luiz Alberto Matzenbacher
Luiz Carlos Renck
Luiz Carlos Tesheiner
Luiz Fernando Martau
Luiz Francisco Bossle da Costa
Manoel Antônio Bohrer
Mário Francisco Escobar Martins
Martin Klemm
Milton Gamermann
Narcizo Osório Basseggio
Nicola Terzi
Otto Herbert Eichler
Paulo Alberto de Azevedo
Paulo Jacobus Alves
Pedro Luiz Pereira Couto
Pedro Paulo D'andrade Varella
Plínio André Meregalli
Renato Rosito Henriques
Roberto Casara
Roberto Ferraz Ramos
Roberto Leal Dalcin
Roberto Scheidt
Roberto Serzanink
Rogério Micheletto Sobrinho
Roland Verner Holler

Rony Almir Bühler
Sérgio Aguiar Corrêa
Sérgio Ivan Roschke
Sérgio Ramos Benevenga
Sidnei Arenson
Sidney Charles Day
Telino Walter Hoppe
Teodoro Gilberto Tejada Cornejo
Victor Ulrich Kopittke
Wilson Felix Jacques
Wilson Pedro Kleinubing
Walmor Silva dos Santos
Wolf Conrado Dieterich
Wolodimir Wolowec

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

Mauro Corsetti

Engenheiros Metalúrgicos

Antônio Decker Medina
Antônio Guaragni
Cláudio Lopes Guedes Frasca
Fernando Roberto Volpato
Gilberto de Carvalho
José Marne Schaurich
Luiz Alberto Menezes Sampaio
Luiz Fernando Triches Gonçalves
Luiz Francisco Paim Campos
Paulo Fernando B. de Vasconcelos
Paulo Roberto da Costa Saraiva
Sérgio Fernandez Gonçalves

Engenheiros de Minas

Luiz Afonso Cornuth

Engenheiros Químicos

Adilson José Curtius
Ana Maria Hoffmann
Antônio César Souza Lopes
Augusta Maria Passaglia
Chang Loo Sih
Cláudio Salvador Buono
Damião Sonego
Eneida Sefton Figueiredo
Ercilia Maria Reina Lima
Fausto Wittée Neetzow
Hugo Fortini
Jorge Eisfeld Dias da Costa
Luiz Fernando Conte Vasconcellos
Luiz Santiago Veronese Mascia
Marcos Antônio Gaspary
Mardelize Friedrich
Maria da Graça Flores Santana
Marina Beatriz Agostini
Nelson Ferreira Corrêa
Nelson Magdalena
Newton Luiz Barata
Nísio de Lemos Barlem
Osmar Cecon Grafulim
Paulo Roberto Corchacki
Paulo Victor Humann
Renato Guilherme Hoch
Ricardo Vergara Barbosa
Roque Antônio Kalfelz
Walter Mário Garcia Unanue

1969

Engenheiros Cívís

Adalberto Batista Valentini
Ailton Sérgio Guimarães Barnasque
Alexandre Vilela Bernardes
Álvaro Sant'Anna Filho
Antônio Carlos Müller

Armin Anton Lederer
Aurélio Miguel Backes
Bruno Waichel
Carlos Alberto Marchiori
Carlos Eduardo Mazot U. de Faria
Casemiro Moreira
Cícero Romeu Eckert
Dagoberto Hernandes Ribeiro
Dario Lauro Klein
Deo Palma
Edson de Paula
Ênio Amaro de Oliveira
Ernani Fernando Bartmann
Fernando Soares Goetze
Flávio Borsatto
Gabriel Mayer
Gilberto Peres Escobar
Gildo Schwartz
Guy Wagner da Silva
Haroldo Augusto Novis Mata
Hélio Sabino Ribeiro Chaves
Henrique Francisco da S. Gössling
Hilário Accioly de Freitas
João Alfredo Acauan
João Farret
João Fortini Albano
Joaquim Francisco R. de Freitas
Jorge Andrade Filho
Jorge Dexheimer Pereira da Silva
Jorge Olmar Vargas
José Carlos Ferraz Hennemann
José Carlos Mello
José Carlos Schuh
José Carlos Teixeira Tedesco
José Luiz Collares Machado
Luiz Mário Magalhães Sá
Luiz Paulo Vieira Scherer
Lycurgo Mello Farjat
Magda Heloisa Santos Freitas
Manoel Franklin Jacques
Marco Antônio Comissoli
Mário Humberto Giacomini
Moacir Kwitko
Nadia Bahlis dos Santos
Nei Benito Damo
Nicanor Podgajetcky
Nilton Serrano Pereira
Paulo Ávila Veras
Pedro Hector Zanette
Percival da Silveira Monser
Piotr Krzeminski
Renê Vergílio Vendramin
Roberto Tonelli de Carvalho
Rotichilde Bueno
Ruy José de Sá
Ruy Knorr
Sebastião Dolores Fagundes Filho
Sérgio Krischke Peralles
Sérgio Lahude Silva
Sérgio Remi Malysz
Valdoir Menezes Ferreira
Valter Alberto Bucksdricker
Vicente Grazziotin
Victor Fernandes Venturini
Waime Canto de Souza
Werner Meyer
Wilson Ghinatti

Engenheiros Eletricistas

Alberto Henrique Kruse

Alberto Marchesi
Alceu Antônio Bertarello
Ana Maria Pavani Frigeri
André Raphael José Rahamann
Antônio Tonet
Ari Nardino Praessler
Ary Nunes dos Santos
Boris Gluz
Breno Bina Kessler
Carlos Maya Simões
César Celeste Ghizoni
César Gama Teixeira
Cláudio Ubirajara C. de Almeida
Dalro José Nunes
Egomar Rodolfo Locatelli
Énio Sérgio Freitag
Gerson Otto Ludwig
Gilberto Gonçalves
Igor Nicolau Suckau
Inor Perin
Isidro Antônio Espinola
João Alberto Martens
João Bandoni Rolim
José Paulo Theis
Leão Lasevitz
Lino Geraldo Fricke
Luiz Alberto Ilha Arrieta
Luiz Carlos Estrazulas Farias
Luiz Jairo Branco Machado
Marco Antônio Dell Asem
Martin Klemm
Moisés Swirski
Newton Soares Cochlar
Osmar Tessmer
Paulo César Lima Dorneles
Renato Carlson
Rene Bente
Roberto da Costa e Silva
Ronald Han Platte
Ruben Nelson Leitão
Sérgio dos Santos Corrêa
Sérgio Machado Bordini
Sérgio Schapoval
Severino Frigeri
Vladimir Streit
Zalex Romera Süffert
Zinon Georges Georgiadis

Engenheiros Mecânicos

Alfredo de Figueiredo Laydner
Antônio Carlos de Almeida e Silva
Armando Ceccarelli
Bento José de Lima
Blas Dinarte Arguimbau Pibernat
Carlos Alberto Farina
Carlos Alcides Schiphorst
Carlos Eduardo da Silva Franco
Carlos Milke
Carlos Rafael Aguinisky
Carlos Sá
Classedir Santarem Carvalho
Clóvis Althaus
Edar Martins Leal
Edgar Silva Garbade
Edgard de Oliveira Perez
Énio Marodin
Fernando Caesar da Costa
Fernando Domingues Werner
Fernando Oscar Geib
Flávio Bressiani

Flávio Luiz Piccoli
Francisco Antônio F. Mazzei
Francisco de Paula Coelho Santos
Francisco Martins Dias
Gastão Luiz Oppermann
Gladys Cabral de Mello Borges
Glênio Fernandes Gonçalves
Hélio Grendene Mothci
Heron David Benvenuti
Izidoro da Silva Lopes
Jacob Paulo Biasuz
Jean Marc Bara
Jean Pierre Pierson
João Alberto Altknecht
Jocenir Barbat Mutti
Jorge Alberto Corrêa Rechden
José Antônio Prata Kraemer
José Carlos Cardoso Centeno
José Muriezel Marcondes Mello
José Orivaldo Palmeiro Ribeiro
Lineu Ricardo Kern
Liser Regis Volcato
Lourenço Benficia Guimarães
Luis Felipe Tavares da Silva
Luiz Carlos Loureiro Filho
Luiz Carlos Tettamanzy
Luiz Fernando Ramos Centeno
Luiz Fernando Stumpf
Marco Antônio M. Brochado
Marco Antônio Moraes Stumpf
Marco Aurélio Silva Rasquin
Marcus Vinícius de Castro Carvalho
Mário Canabarro Abad
Mário Gregório Manenti
Milton Conceição Zuchowski
Nelson Joãozinho Wilke
Nelson Luiz Pezzi D'Ándrea
Nelson Vivenzio Marrocco
Newton da Costa Pereira
Nilson José Ceni
Oscar Pascual Bianchi
Osvaldo Tadeu Artico
Paulo Ravazzolo
Paulo Renato Prati Paes de Barros
Paulo Roberto Lobato
Pedro Chaves Cirne Lima
Pedro Roberto Pereira
Plínio Jobim Fernandes Barbosa
Ramon Juliá Fitó
Raul Rossato
Regis Albuquerque Guedes da Luz
Reinaldo Oliveria da Silva
Ricardo Edi Cornélio
Roberto Modesto Fadanelli
Rodolfo Torres Forero
Saul Wainberg
Sérvio Luiz Magalhães de Araújo
Ubirajara Mencia Tchernych
Vicente de P. Oliveira Sant'Anna
Wilson Gomes de Andrade

Engenheiros Mecânicos e Eletricistas

José Carlos Oliveira Cardoso
Juan Antônio Arino Garcés

Engenheiros Metalúrgicos

Ademar Hoffmann
Fernando Luiz Bastian
João Carlos Salim Gonçalves
José Paulo Milan Amaro
Júlio Carlos Lhamby Prato

Paulo Bartoszyk
Roberto Porto Fernandes
Engenheiros de Minas
Ayser Guidi
Benjamin Azevedo Carvalho
Emanuel Moura Rybu
Énio Medeiros Ramos
Juparetan Garcia
Luiz Vilar de Carvalho
Maria Leontina Bassols
Engenheiros Químicos
Antônio Furnaletto Antonacci
Breno Bertoluci Santos
Carla Krey
Carlos Alberto Osowski
Carmen Lucia Porto da Silveira
Gilberto Knies
Humberto Toscani
José Carlos Oliveira Coimbra
Leodônio Francisco Schroeder
Manoel Carlos Gomes Lopes
Maria Alice Ibañes Duarte
Nei Luiz Osório e Silva
Nestor Bergesch
Odorico Beltrame Dal Molin
Osmar Siebel
Roberto Francisco Mezzomo
Roberto Orgler
Sérgio Seidl
Valter Graffunder
Verineu João Tedesco
Vitor Barreiro Edelweiss

1970

Engenheiros Civis

Adelina Cadó
Adriano Lops
Alba Regina Fernandes
Alcir Sérgio de Oliveira Quintana
Alexandre César Jappe
Antenor Nunes Castro
Antônio Américo Requião Passos
Antônio Carlos Delgado Magadan
Antônio Heinz
Archibaldo Ferraz Melo
Aroldo Antônio Pastuk
Carlos Alberto da Silva
Carlos Breno Moraes Celestino
Carlos Eduardo Steinstrasser
Carlos Hélio Graeff
Carlos Rodrigues Ribeiro
Cassio Fernando Lopes Peixoto
Christian Eipeldauer
Ciro Carlos Coelho da Rocha
Ciro Loureiro Rocha
Clésio Saraiva dos Santos
Dario Pandolfo de Conto
Edison Castro Prates de Lima
Elênio Pires Camilo
Fernando Carvalho Laydner
Flávio Costa Dias
Flávio Regianini
Geraldo da Silva Chaves
Gerson Albino Schuch
Gilson Jorge de Moura
Gustavo Luis Corrêa Alves
Hedio Wuerzius
Hilário João Ternes
Hilmar Wuerzius

Homero Arquimbau Pibernat
Humberto Tadeu Veiga da Silva
Ilmo Airon Kronbauer
Irê Silva Lima
Ivânio Faria
Jair Nelson Pilau
João Mesquita Di Napoli
João Valentim Cauduro
Jony Lindolfo Winck
José Ângelo Morelo Pereira
José Carlos Augusto Martins
Júlio Francisco Damiani
Luiz Alberto Perrone
Luiz Antônio Foernges de Nonohay
Luiz Augusto Siqueira de Aragão
Luiz Carlos Brum do Nascimento
Luiz Carlos Ferreira de Mello
Luiz Fenando Vieira
Luiz Fernando Pinto Barcellos
Manoel Francisco Simon
Marco Antônio Sachine
Marco Aurélio Coelho Piazza
Moacir Bastiani
Nêi Marati Lopes de Quadros
Nelson Schmitt
Olivar Beheregaray de Azevedo
Paulo José Lopes
Paulo Renato dos Santos Souza
Pedro Fossati de Abreu
Regina Cantergi Davison
Renato Müller Ribeiro
Renato Pereira da Cunha
Roberto Marques Peixoto
Ronaldo Cauduro
Rui de Geroni
Sadi Stawinski
Sérgio Candido Passaglia
Shu Han Lee
Suzana Santos Boos de Oliveira
Valdemar Santos Guimarães
Vilson Montemar Schier
Vitor Hugo Guimarães de Oliveira

Engenheiros Eletricistas

Alberto Golbert
Antônio Carlos Bartz
Aristeu Rodrigues Moreira
Arno Kladt
Camilo Selle Fernandes
Érico Teodoro Sommer
Eurípidés Melchiades Torcelli
Francisco de Paula Fillipozzi Grillo
Gersino Egidio Tomasetto
Hugo Vasques Corazza
Jeferson Durand
João Reinaldo Germany Cunha
José Antônio Marques
Lacy Valente Vila
Luciano Fochesatto
Milton Honório de Oliveira
Moacir de Oliveira
Nelson Gordonos
Pedro Paulo Barbosa Rezende
Philippe Olivier Alexandre Navaux
Renato Luis Formozo de Lamare
Ricardo José Machado
Robério José Neuwald
Ronney Bernardes Panerai
Rubens Corrêa Rechden
Sauro Luiz Martinelli

Sérgio Antônio Bortolini
Vitalio Bondarczuk
Werner Gliesch

Engenheiros Mecânicos

Abrelino de Oliveira Marques
Adelar Ângelo Dalzochio
Américo Ayala Júnior
Anagê Alves da Silva
Ari Domingos Corso
Ary Pedro Silhessarenko Trevisan
Atila Mentz
Benjamin Saraiva Torres
Boaz Ungaretti
Bruno Bauer Soldatelli
Carlos Alberto Corrêa
Carlos Alberto Mosele
Carlos Augusto Santiago Nobre
Carlos Wagner da Motta Meirelles
Cirano Marcos de Araújo
Cláudio Müller
Corinto Castanho Filho
Davino Tomazoni
Denis Copetti
Diogo Vieta
Fernando Hamilton Beheregaray
Francisco Lopes D'Ávila
Francisco Roberto N. Llorens
Franklin Augusto Scarpini
Gilberto Deodato Cafruni
Guillermo Rafael Miranda Perea
Hermes Bressan
Ildo Luiz Gava
Itacir Silvestrin
João Silvino Zanatta
Joel Gilberto Hoffmann
Jorge Frederico Michel da Silva
Jorge Martinewski
José Augustinho de Castilhos
José Luiz Pereira Ferreira
José Valença Sampaio Soares
Luiz Carlos Duclós
Luiz Carlos Giampoli da Silva
Luiz Carlos Silveira Júnior
Luiz Fernando Loureiro Moura
Manuel Angel Pezo Delgado
Manuel Vizuete Altuna
Marco Aurélio Conceição
Marco Aurélio Salvany
Mário Osvaldo de Carlon
Mauro Miguel Maassen
Milton Knol de Oliveira
Norberto Ricardo Grün
Odone Schmitt
Paulo Braatz
Paulo Quinhones dos Santos
Paulo Schiffner
Pedro Renato Pereira Ribeiro
Ricardo Jakubowski
Sildo Gerhardt
Simão Bacht
Solon Adalberto Oliveira Silveira
Valter Burger
Victor Hugo Engel
Vinícius Jaworski
Wanderley de Alcântara M. Filho
Wenceslao Escalante Pezo
Wilson Maciel Ramos

Engenheiros Metalúrgicos

Adolpho Fernandes Lyra Maia

Énio Rossi Corsetti
Frederico Brito Hagel
Ivan Oscar Modena
Lúcio Edi Chaves
Moacir Lacerda

Engenheiros de Minas

Altair Flamaron Klippel
Carlos Alberto Lacerda Picavêa
Clóvis Tadeu Bevilacqua
Sérgio Gabriel Cancian

Engenheiros Químicos

Adalberto Moraes Schettert
Aldo Carnevale
Antônio Carlos Guizzo
Aquila Olimpio Klippel
Carlos Zen
Frederico Edwino Fuhmeister
Frederico Roberto de C. Mottola
Ivan José Hoffmann
Ivanor Antônio Sachett
José Mário Mendes de Queiroz
Lívio Domingos Mainieri
Luiz Carlos Bertuzzi
Luiz Paulo Bignetti
Maurício Graeff
Nardila Dourado
Nelson Ayrton de V. Azambuja
Peter Ho Peng
René Lúcio Rech
Sérgio José Velloso Ferreira
Sidnei José Barros da Silva
Vincenzo Francesco Mastrogiacomio
Walter Könitz

1971

Engenheiros Civis

Agis Caraíba dos Santos
Antonia Teresa Peres Figueiredo
Antônio Henrique Pizarro Collares
Antônio José Santos de Moraes
Armin Priesnitz
Artur Fernando D'Ávila Leite
Augusto Mazzotti de Freitas
Brasil Massimino de Oliveira
Cândido Bampi Filho
Carlos Arthur Lang Lisboa
Carlos Dedavid
Carlos Eduardo Morelli Tucci
Cilon José Kipper
Danton de Magalhães Galvão
Darci Carlos Costa Moscardini
Darvin Fernando Thomas
Derli Paulo Loureiro dos Santos
Dilermando Lopes Leal
Egydio Hervé Neto
Elmo Tomazi
Ermani Corrêa de Azambuja
Eron Jaime Bernardes dos Santos
Euro Mombelli
Everaldo Ávila Cabral
Flávio José Aguzolli
George Eduardo V. Silveira
Heraldo Barbosa Botelho Júnior
Jaco José Boque Magnus
Jaime Francisco da Conceição
João Alfredo Faccio
João Carlos Rech
João Vinício Aymone de Almeida
Jorge Alberto Becker

Jorge Eduardo Valle Silveira
Jorge Otávio Cachel
José Antônio Rodrigues
José Carlos Granja de Andrade
José Marcílio Teixeira Mazzini
José Ogando Alves
José Ricardo Cruz Gisler
Juan Miguel Soto
Juarez Franco da Silva
Juparetan Garcia
Lauro Kopper Filho
Lino Sérgio do Lago Fantuzzi
Luiz Alberto Degani
Luiz Augusto Andrade Paes
Luiz Carlos Farias
Luiz Cavalieri de Souza
Manoel dos Santos Fernandes
Marco Aurélio Feio dos Santos
Maria Inês Rosa Gobbo
Mário Gianotti
Marta Helena Barreto Leitão
Nelson Limeira Lima
Nelson Luiz Thomé
Nelson Osvaldo Luna Caicedo
Newton Braga Rosa
Osmar Schwenberg
Paulo Jeronymo Meneghini
Paulo Piraine Romariz
Paulo Roberto Faria Ferrer
Roberto Moschem
Roberto Tom Price
Rodolfo Tomé Rodrigues
Rubilar Cougo Goulart
Sadi Tumelero
Sérgio Gilberto Kirinus
Sérgio Juarez Kaminski
Sérgio Sant'Anna Pegoraro
Teodora Stefanus Machado
Vaime Abreu Bueno
Vitor Beinlich

Engenheiros Eletricistas

Alwin Wilhelm Elbern
Artur Fernando Alvarenga
Carlos Arlindo Adib
Carlos Roberto Mazzotti
Cláudio Malmann Gomes Carneiro
Cláudio Monteiro Einloft
Eber Assis Schmitz
Fernando José Callegari
Flávio Tadeu Van Der Laan
Francisco José Becker Dias
Gilberto Azevedo da Cunha
Gilberto Oliva Michalowski
Hélio Enir Marodin
Icléa Maria Terra de Oliveira
Ivan Brocca
José Carlos Corrêa Kanan
José Mauro Volkmer de Castilhos
Lauri Klein
Luiz Carlos Fonseca
Luiz Ernesto Bulau Dable
Marco Antônio Fernandes D. Vila
Mário Eri Ferreira
Mauro Nortis Campagnolo
Pedro Pezzi Eberle
Peter Vertes
Plínio Luiz Slomp
Raul Carlos Volkmer
Reginaldo Rocha Caetano

Ricardo Egon Zuwick
Sadi Lisboa Filho
Sebastião Carlos Martins
Villi Vitorio Longhi

Engenheiros Mecânicos

Antônio Marques Emerim
Antônio Raul de Freitas Moraes
Argens de Oliveira Guedes
Ari Ricardo Grub
Armando Sjomán Júnior
Carlos Alberto Cesa
Carlos Alberto Dreher
Carlos Alberto Müller
Carlos Fabel
Carlos Roberto Marchand Castro
Célio Paulo Susin
Celso Erni Kraemer
Cícero Alves Tocchetto
Claiton Haas
Cláudio Palcich
Climério Solimões
David Borile
Deoclécio Marcos Polese
Dyrio Osório
Eduardo Roberto Costa Irigoyen
Elizabeth Rosito da Costa Marques
Erni Ernesto Kuhn
Fernando Nei Marques Lopes
Fernando Uglione Pires
Flávio Eurico Tietbohl
Gaston Ronaldo Kirst
Gerson Luiz Piccoli
Gilberto Pedro Zanette
Glaston Luiz Nicolazi
Guido Böhlke
Harald Reitz
Hedelberto Baasch
Jorge Valdetaro Figueras
José Gerbase Filho
José Inácio Beck Rad
Luiz Felipe de Oliveira Santos
Luiz Fernando Scheffel
Lyrio Schaeffer
Mauro Antônio Rossi
Mauro Mottin Machado
Nelson Canova
Nelson Mancuso
Nestor Alberto Rancich Filho
Paulo Vicente Sperr
Ricardo Luiz Schneider
Ricardo Ramos Baldi
Rubens Galhardi
Sérgio Gasperin
Tarcísio Vasco Michelon
Valentino Felipe Reichert
Vidal Pereira
Wilson Carlos da Silva Ferreira
Walter Ferreira de Mattos Filho

Engenheiros Metalúrgicos

Adalberto Ritter
André Luiz Antunes Loureiro
Paulo Roberto Lisboa Triches
Rodnei Larini
Rodrigo Vicente Teixeira Brasil
Sérgio Alfonsin Boemler

Engenheiros de Minas

Jacob Remo Hartmann
Lúcio Gonçalves da Silva Júnior
Nelsir Antônio Zonta

Paulo Nerci Gobbi

Engenheiros Químicos

Antônio Paulo Lazzaretti
Aristides Boeira Júnior
Carlos Guilherme Kiefer
César Antônio Leal
César Tadeu da Silva Barlem
Fernando Francisco Corrêa Coelho
Flávio Canali Ferreira
Hugo Springer
Jorge Appel Soirefmann
Júlio César Dexheimer
Luiz Antônio de Oliveira Coimbra
Luiz Fernando Jacques Figueiredo
Manoel Adolfo Soares Neto
Maria Cristina Pinto Bastian
Marília M. G. Fernandes Marques
Noeson Sayagô Dias
Oscar Roberto Sahury Maldonado
Otaclio José Carollo de Souza
Pascual Isoldi Pinkoski
Paulo Roberto Stocker Hoffmann
Quintino Barchinski
Renato Manoel de Oliveira
Rubens Paulo Germani Travi
Saint-Clair Zugno Giacobbo
Sérgio Delmar Matzenbacher
Tânia Ligoeki Zen
Ubiratan Kissmann
Vaneci Brusck Izquierdo
Walter Rudi Chistmann

1972

Engenheiros Civis

Adênio Romeiro Fraga
Alberto Augusto Roennau Bott
Aldo Jung dos Santos
Anibal Knjnik
Antônio Carlos Cardoso Gomes
Antônio Didoné
Aquiles Boris Indursky
Augusto Cezar Antunes Kruel
Carlos Adalberto Pitta Pinheiro
Carlos Alberto Zasso
Celso Anicet Lisboa
Celso Araújo Balle
César Augusto Zeni
Cícero Adalberto Saffi
Ciro Carlos Côrtes
Clandio Rodolfo Sampaio Petrucci
Cláudio Raul Delacoste Bicca
Cláudio Roberto Ely
Cláudio Rodrigues Dreyer
Cláudio Wainberg Kruter
Clóvis Manoel Zamuner
Clóvis Muniz
Daniel Lopes de Moraes
Denizard Batista de Freitas
Dirceu Wiggers de Oliveira
Edelweiss Fernandez Alves
Edílio Paulo Maccarini
Edison Bohrer
Eduardo Caldas de Oliveira
Eduardo de Freitas Madeira
Elemar Gaklik
Emmanuel Santos Gomes
Enrique Sanchez Zeballos
Ernani Antônio Picoli
Eulálio Franco da Rosa Filho

Eunice Passaglia
Flávio Pereira Martins
Flávio Vieira Schwengber
Francisco Antônio C. de Oliveira
Gabriel Coelho de Castro
Geraldo Fedrizzi
Gleider Brito Previtali
Günther Rehn
Hélio Scheffel Chevarria
Hugo Francisco Santos
Ivan Luiz Calefi
Ivo Renato Macagnan
João Carlos Wander
João Felipe Dreyer
João Valdemar Vilanova Ribas
Jorge Antônio Escosteguy Ilha
Jorge Lauro de M. Freire Gameir
José Eduardo Dewes
José Júlio Alves Tavares
José Luiz Fay de Azambuja
Juarez Nelton Settin
Júlio Cezar Zanella
Lamartine Maydano Bittencourt
Léo Anuncio Arsego
Leovaldo Rodrigues Nunes
Lourival Gomes
Luís Carlos de Paula
Luís Eugênio de Assis Puricelli
Luiz Alberto de Carvalho Azevedo
Luiz Aurélio Laurino Martins
Luiz Carlos de Almeida
Luiz Carlos Pfeiffer
Luiz Ferreira dos Santos Filho
Luiz Moraes Irigoyen
Luiz Moreira Gonçalves
Luzardo Santos Cardeal
Manuel Jara
Mário Antônio Faraco
Mário Diomário da Rosa Filho
Mário Pocztaruk
Matheus Jamel Motta Júnior
Nei Alberto de Menezes Nunes
Nelson Hartmann
Nelton Fernandes Bonilha
Noel Marley Seben
Noreh Moacir Frota Michalski
Paulo Antônio de Abreu
Paulo Antônio Kraemer Pantoja
Paulo Francisco Pereira Martins
Paulo Roberto de Souza
Pedro Antônio Garib
Raimar Groff
Raul Balestrin Campezzatto
Raul Noschang
Remi de Matos
Ricardo Cantergi Golbert
Roberto Flores Kraemer
Roberto Francisco Lafalce
Roberto Votto Braga
Rogério Quadros de Souza
Rosely Leite Iglezias
Rui Teixeira Brum
Ruy Moraes da Cruz Filho
Salvador Baratz
Samuel Fittermann
Sandra Beatriz Giron
Sandra Nara Salla
Sérgio de Castro Perrone
Sidney Melnick

Telmo Brentano
Tito Marques Fernandes
Udo Harry Kirst
Valcir Pedro Schenkel
Valdetaro Barra de Oliveira
Vicente Sica Macedo
Wilson Antônio Vicioli
Vitor Giordani Maciel
Werner Edgard Silva Utz

Engenheiros Eletricistas

Altamiro Amadeu Suzim
Anôr Lemos Coutinho
Arno Teschke
Auri Silveira da Silva
Bayard Tamarit Simões
Bruno Walter Musskopf
Carlos Alberto Bezerra Simon
Carlos Vagner S. de Vasconcelos
Cláudio Borges Fortes Pedone
Cylon Vollmer Jacques
Francisco José de Ávila Richter
Franz Valter Lopes Coelho
Gelson Luiz Vasconcellos Pires
Gualtiero Buero
Günther Petrusch
Harold Braum
Hella Grieneisen
Ildeberto C. da Silva
Ismar Schwartmann
Ivan Pedro Puerari
Jary Fontana dos Santos
João Nilton Schein
João Silveira Baptista
Joel Leon
José Valdir Paludo
Luiz Carlos da Silva Madruga
Luiz Carlos de Freitas
Luiz Celestino Pauletti
Luiz Paulo Gollo
Mário Guilherme Sebben
Mauro Brentano
Mauro Quintela Pivatto
Miguel José Bersano
Milton Terra de Oliveira
Narcides Zulian
Nelson Comerlato
Nelson Muratore Hoffmann
Ney Roberto Dehin
Nilton Schein
Oberdan Zingano de Oliveira
Oscar Claudino Galli
Paulo Francisco Rizzo Ferraro
Paulo Marzoni Marques
Paulo Roberto Fleck
Paulo Roberto R. Lopes Nunes
Raul Corrêa Rechden
Regina Mostardeiro Salvany
Ricardo de Souza Janz
Roberto Gomes Ludwig
Roberto Ketzler
Roberto Vittor Vlasak
Sérgio Dagoberto Oliveira Saraiva
Sílvio Mário Brito de Azambuja
Tarcísio Cardoso
Tiarajú Vasconcellos Wagner
Walter Reinoldo Schnack

Engenheiros Mecânicos

Aldo Sprigigo
André Roberto Iriart Corrêa

Antônio Carlos Aragon Fernandes
Antônio Carlos B. Estrela Brasil
Antônio Carlos de Toni
Aurélio José Niederauer
Carlos Alberto Finco
Carlos Nogueira da Gama Neto
Celso José de Moraes
Cláudio José Koetz
Cláudio Silveira
Daniel Adalbert Pilati
Diogo Tibirica Feijó
Edgar Fernando Moller Pohlmann
Elson Ari Haag
Eraldo Irace Silveira
Ezio Renato de Oliveira Masina
Fernando Teixeira da Rocha
Henrique Francisco D'Ávila
Henrique Kuhl
Irineu Gelson Prado Longhi
Isidoro Barros Lopes
João Carlos Ceschini Hoff
João Carlos Remedi Bidart
José Carlos Aires
José Carlos Baltazar
José Carlos Pires Cerveira
José Divino Oliveira Fonseca
José Pedrini
Lorena Suzana Basso
Luís Appel da Silva
Luís de Fraga Gonçalves Ferreira
Luiz Carlos dos Santos Artioli
Luiz Carlos Galvão
Luiz Couto
Luiz Fernando Ayres Seibel
Luiz Paulino Gonçalves de Camões
Marco Aurélio Martinelli
Marcos Isac Mejer
Miguel Lotufo Griva
Milton Olavo Domingues
Nelson Freitas da Fontoura
Oscar Bethge
Oscar Luiz Sirena
Paulo Antônio Cantali
Raul Avelino Martiny
Renan Roberto Brazzalle
Renato Eugênio Chiapinotto
Renato Gilberto Sauer
Roberto Ferruccio Rizzoli
Rodolfo Ângelo Dal Pos
Sérgio Antônio Coelho Mattana
Sergio Luiz Adam Franceschini
Sergio Paulo Cecin Vaz

Engenheiros Metalúrgicos

Alexandre Matte da Silva
Celso Scalabrin Triches
Fábio Freitas Jacques
Luís Carlos Meirelles
Norberto Correia
Renato Weinmann

Engenheiros de Minas

Adalberto Wink
Cláudio Medeiros Müller
Eurico Wolfgang Betz
Felix Eyng
José Eduardo Thomas
Milton Corrêa Carriconde

Engenheiros Químicos

Ana Maria de Alencar Price
Ângelo Guido Décimo Martins

Antônio Luís de Almeida e Macedo
Antônio Olmiro Lutz Filho
Cláudio Roberto Feijó Machado
Ernani Cláudio de Oliveira Freitas
Gilberto Wageck Amato
João Luís Cardoso
João Paulo Niederauer Estivalet
José Luiz Diniz Barradas
José Vilton Marengo
Kazimierz Jozef Cudo
Leila Maria Settineri Schettert
Leopoldo Sanchez Vacas
Luiz Wiltgen Filho
Maria Elizabeth Neumann
Maria Lúcia G. Medeiros
Marialba Medeiros Simões
Nélio Roberto Heilmann
Nilo Augusto Hörlle
Norberto Vesely
Oswaldo Urdaniz Deiro
Patrício Marcelo Cevallos Arteaga
Paulo Döring Vier
Paulo Gerson dos Santos
Paulo Göes Koeberle
Rogério Porciuncula de B. Falcão
Sérgio Almiro Ribeiro
Susana Estrazulas Farias
Wilson Wilde Alano

1973

Engenheiros Civis

Adelar Librelato
Airton Langaro Dipp
Aldo Antônio do Nascimento
Almiro Eugênio Barichello Júnior
Amauri Fernandes Guterres
Amilton Romeiro Abella
Ana Cecília Guedes Vianna
Annibal Vargas Conforto
Antônio Carlos Carrion V. Oliveira
Antônio Carlos Ghisleni
Antônio Euler Moreira Wellausen
Ari de Brito Machado
Aron Lemos Coutinho
Benjamin Plavnik
Carlos Emílio Lipp
Carlos Geraldo Zabka
Carlos Gorelik
Carlos Humberto Schild Becker
Carlos Roberto Olson
Danilo Antônio Reis Vitória
Danilo Metzdorf
David da Cruz Figueredo
David Iasnogrodski
Dulcemar Marcílio Nilson
Elton Flávio Jorge Martins
Ernani Mota Antunes
Felix Borges Caon
Felix Fortunato Canaparro
Fernando de Lara
Flávio Luiz Feijó Luce
Francisco Pereira Filho
Frans Christoffoor Kuckartz
Geraldo Felix Penna
Gustavo Carlos Hermes
Harley Scardoelli
Henrique Adelino Deboni
Henrique Antônio Ledur
Henrique Bernardo Hemesath

Hugo de Souza Filho
Ivan Alexandre Bosse
Jesus Nestor Castedo Mejia
João Alberto Minatti Louzada
João de Deus Vaz da Silva Neto
João Francisco Martinez
João Izidoro Viegas
João Luiz Corrêa Burigo
Jorge Eleres Paim de Moraes
Jorge Ubirajara Silva de Oliveira
José Antônio Sincalbre Pacheco
José Cláudio Wolf
José Gil Vasconcelos Miranda
José João Guarnieri
José Luiz Finger
José Mogar Hoff Baptista
José Roberto Rauber
José Vorný Giannechini
Júlio Cezar Zanon
Júlio Luiz Cicoella
Lauri Joaquim da Silva Figueiro
Léo Domingos Bertholdo
Liane Norma Bagnati
Luciula Izabel Giron
Luiz Agnelo Arruda Gevaerd
Luiz Alberto Duarte
Luiz Antônio Henriques do Valle
Luiz Antônio P. de S. Pereira
Luiz Artur Porto Denardin
Luiz Carlos da Cunha Contiero
Luiz Fernando Rodrigues Portinho
Luiz Fernando Tocchetto
Manlio Tostes Agrifoglio
Marcos Olinto de Campos
Mário Augusto Souza dos Santos
Martin Alfredo Beier
Martino Otto Mager
Mauro Moleda Rodrigues
Nelson Bopp
Nésio Tumelero
Newton Clementino da Silveira
Newton Estivallet Nunes
Newton Garcia Quites
Nildo Yaluk Orrego
Othon Ferreira Pinho
Patrício Alfredo Leon López
Paulo Antônio Pimenta Grassi
Paulo Carvalho Laydner
Paulo César Begnis
Paulo Pinto da Silva
Paulo Renato de Souza Almeida
Paulo Roberto Fam
Paulo Roberto M. de Carvalho
Paulo Ronei Reali
Paulo Thadeu R. Bragagnolo
Pedro de Oliveira Pacheco
Reci Machado Baialardi
Roberto Donadel Tocchetto
Roberto Rodrigues Dreyer
Roque Paulo Minella
Rubens Scheffel Chevarria
Rui Minghelli
Rui Saldanha Silveira
Ruy Scheffer da Silva
Sérgio Diogo da Silva
Sérgio Luiz Grecco
Sérgio Luiz Stelmar Neto
Sidney Ribeiro Catalan
Sílvio César Cervi

Thadeu Botteri Corso
Udo Bernardo Pupp
Vely Carlos Werlang
Vicente Bueno Aires Trindade
Werner Laier
Engenheiros Eletricistas
Adilson Ghisi
Alberto Augusto Handel
Alycyne da Cruz Netto Filho
Aleyenys da Cruz Mário Filho
Alfredo Freud
Amauri Manfredini Keller
Antônio Conedera de Lucena
Caio Márcio Costa R. da Cunha
Carlos Alberto Heuser
Carlos Augusto Dutra
Carlos Carrion Torres
Carlyle Richter Steinstrasser
Dagoberto Viña Bicca
Décio Martins Westphalen
Élbio Marcellus da Luz
Elemar Edmundo Bischoff
Elói Beneduzi
Fernando Bittencourt Crivellaro
Flávio Rech Wagner
Francisco Bernardo Moser Filho
Genésio Luiz Hubscher
Georg Koval
Gerson Langie Barum
Gilberto Becker
Gilney Ross Cerqueira
Hamilton Vasconcellos Leite
Harlei Coelho da Silveira
Hélio Bampi
Henrique Oliveira da Rosa
Irineu Henrique Setter
Ivan Arthur Matzenbacher
Ivan Maciel Treiguer
Ivo Ritter Filho
Jelcias Maciel de Barros
João Carlos Antonacci Carvalho
José Luiz Lucchesi
Luiz Carlos Ferreira da Silva
Luiz Carlos Heredias Santos
Luiz Roberto Carlos Stern
Manlio Lima Pampanelli
Manuel Pinto Leitão
Mário Walter Wickert
Nelson Fonseca de Azevedo
Neron Arruga Leonel
Oswaldo Duarte de Carvalho Jr.
Paulo Altmayer Gonçalves
Paulo Eberle
Paulo Fernando M. de Medeiros
Paulo Pereira Silveira
Paulo Roberto de Assis Ribeiro
Plínio Pezzuol Jacobi
Rafael Gloecy Rodrigues Munhoz
Ramon Carlos Poisl
Renato Machado de Brito
Ricardo Normandia M. Neto
Roberto Ioschpe
Rui Ernani Wink
Vilamar Meneses Brião
Vinfredo Egon Koch
Vitor Hugo Facchin
Wilson Ferreira Giozza
Yang Michael Ruu Long

Engenheiros Mecânicos

Alceu Paz de Albuquerque
Carlos Eduardo Franco de Medeiros
César Augusto Cozzatti
Cezar Augusto Gorrese Raymundo
Cleber Luiz Schoenardie
Clóvis Santos Xerxenevsky
Clóvis Simões
Daniel Ribeiro Catalan
Edgar Hackbart
Everton Sampaio
Fernando Loeck
Giovanni Sarti
Guenter Hugo Kepler
Henry Delureno Kinzel
Ivan José Vargas da Silveira
Jorge Bonat Faustini
José Adolar Sieben
José Aurélio Sá Brito Porto
José Carlos Gotuzzo
José Luiz Scherer
José Vicente Valença dos Santos
Luiz Alberto Milan Amaro
Manoel Luiz González
Olaf Georgi
Paulo Simões Loncan
Paulo Soares da Silva
Piero Rosário D'alascio
Renato Golin da Cunha
Ricardo Funcke
Roberto Hammerle
Roberto Müller Heidrich
Rogério Affonso de Oliveira
Rubens Roberto Faria Garcia
Wagner Spinelli Tessari
Engenheiros de Minas
Paulo Wiltgen Rosat
Engenheiros Químicos
Aldecir Iuppen
Carlos Enrique Saldaña Atencio
Clara Amélia de Oliveira
Cláudio Lopes Dias da Costa
David Turik Chazan
Denise Schermann
Elgar Guedes Romeu
Elias Fatturi
Evaristo Fernandes Lima
Gioconda Lessing Rosito
Henrique Ewaldto Streibel
Hugo Döring Vier
Jaime Baú
Jayme Lucchese Moura
João Geraldo Morsch
José Américo V. da Silva Lopes
José Francisco Fusquine Presser
Leonardo Masotti
Lígia Maria Moretto
Luiz Alberto Tocchetto
Luiz Alexandre Zugno
Luiz Valdemar Argenta
Mário José Meneghini
Nilson Romeu Marcílio
Paulo Renato Lanziani B. Ferreira
Renato Leonelo Mattana
Rene Mundstock
Rosa Maria Martins Dalfollo
Rui Manuel C. Fernandes Troviscal
Samuel Kreisner
Sílvia Maria Zanini Sebrao

Silvio Erni Veeck
Sílvio Juarez Wouters
Tasso Grivot Mandarin

1974

Engenheiros Civis

Adel Saraiva Peña
Ademar Honorato Fagherazzi
Alejandro José Pedro Lopez Bosio
Altamires Martins Perreira
Amaury Figueiredo Menezes
Anatolio Bondarczuk
Antônio Ayub Neto
Antônio Carlos Peixoto Alves
Antônio Carlos Zordan
Antônio Luiz Piccoli
Antônio Mary Ulrich
Aquiles Roberto Pizzetti
Ariildo Mellender de Araújo
Aristoteles José Bourscheid
Augusto Luiz Petzhold Tozzi
Aurélio Hauschild
Berto Leites Filho
Carl Friedrich Walther Tröger
Carlos Santos Ruffini
Carlos Augusto Gerhard
Carlos Eugênio Ranieri Di Primio
Carlos Gastaud Gonçalves Filho
Cildo Tito Schmachtenberg
Cláudio Luiz V. A. Konarzewski
Cleber Osório Faria
Clóvis Air Almeida Marcanth
Diana Tichauer
Ed de Araújo Barbosa
Eduardo Carlos de Souza Britto
Eduardo Rosário F Calabro
Eldir José Marques Deiques
Elias Simon Dahlke
Erno Kirst
Erwin Hirtz Júnior
Eugênio Iglin
Eugênio Weidle
Flávio Ferreira Presser
Flávio Roberto Tarragô Koetz
Frederico Espirito Hofmeister Poli
Gastão Vicente Klein
Gerson Arsand
Gilberto Ernesto Canali
Gilson Roberto Caldart
Heitor Pinto Hugo
Heitor Ribeiro Teixeira
Humberto Framarim
Iseu Chiochetta
Ivo Lermen
Jairo Traub
João Carlos Leal Jung
João Pompílio Viegas Damé
João Tadeu Nunes Marques
Jorge Alcides Cruz
Jorge Henrique C Frydberg
Jorge Raul Caligaris Isakov
José Carlos de Brida
José Francisco Bittencourt Fernandes
José Henrique Frantz
José Herman Nunez Perez
José Marcos Mantese
Júlio César Steffen
Jussara Sperb Cavedon
Laércio Leismann

Leonardo Gontow
Leonidas Zasso Lazzari
Luiz Carlos Ribeiro Pereira
Luiz Fernando Smidt
Luiz Fernando Tweedie de Mattos
Luiz José Guedes Vianna
Luiz Marcelo Albermaz Cordeiro
Luiz Paulo Martini Santos
Marco Antônio Tavares da Silva
Marco Aurélio Kruehl Krieger
Marcos Nerbass
Maria Inês Leitão Prates de Lima
Maria Regina L. de Figueiredo
Maria Regina Pedreira
Marieta Aita
Marilene Machado Ragagnin
Meiko Shimon
Miguel Aloysio Sattler
Miguel Balischansky
Moacir Muniz da Silva
Nelson Eltz de Sousa
Nelson Sperb Neto
Newton do Canto Olmedo
Ney Domingos Zanin
Nikola Bocian
Norberto Zandonai Gruske
Oscar Feliciano González Aveiro
Otávio Roberto Martins de Souza
Paulo Alexandre Karl
Paulo José de Moraes
Paulo Nei Weingartner
Paulo Roberto de Mello Miranda
Paulo Roberto Lhamby Prato
Paulo Roberto Zago
Paulo Scheidegger
Pedrinho Valdemar Sartori
Pedro Paulo Peroni
Régis da Rocha Motta
Renan Jesus Pacheco Korff
Renato Soares de Lima
Renovato Lopes Gelain
Ricardo Leite Neves
Roberto Silveira da Rosa
Rolf Werner Hemesath
Rubem Ernesto Barth
Sabino Fulvio Martinez Arias
Sérgio da Cunha Poyastro
Sérgio Fabrício Antunes
Sérgio João de Luca
Sérgio Luiz Kautzmann
Sérgio Paulo Pawelski
Sérgio Theodósio Gonçalves
Simone Bicca Treiguer
Tadeu Sérgio Zanettini
Vilmar Vicente Marchetto
Vitor Hugo B de Aguiar
Walmyr Schau de Araújo
Wilmar José Dezordi

Engenheiros Eletricistas

Alberto Chee Jin Tse
Antônio Carlos Silva de Menezes
Antônio Clóvis Rodrigues da Cunha
Augusto Paulo Salton
Carlos Augusto Rath de Oliveira
Celso Antônio Velloso Pradel
Celso Bressan
Cláudio Nero Lugo
Cláudio Walter
Elaine Tejera Lisbôa

Elízer José da Silva Rios
Flávio Gaya da Rocha
Frederico Horst Schiller
George Kertész
Gilberto Cataneo Spolavori
Gilberto Nelson Caprara
Gilberto Pezzi
Glória Lúcia Berto
Hedy Lore Backhaus
Hélio Lidrantz
Helmuth Müller
Jaime Anaf
János Virás
João Carlos Salton Boff
João Cláudio Silveira Thys
Joni da Silva Fraga
Jorge Luiz Flain de Oliveira
José Antônio Rocha Caetano
José Cláudio Mazzoleni
José Diogo Prates
José Felix Eidt
Luiz Alberto Comando
Luiz Alberto Knorr
Luiz Antônio Demoliner
Luiz Armando Crestana
Luiz Miguel Nicolau
Luiz Netto Soares
Marco Antônio Kappel Ribeiro
Marco Aurélio de Oliveira
Miguel Hostílio Silveira Vargas
Nery dos Santos Filho
Nestor Mobus
Norton Frehse Nicolazzi
Oscar Felizzola Souza
Pedro Bisch Neto
René Eliézer Rivera Corro
Roberto Handel
Roberto Henrique Krohowski
Roberto Manoel Juckowski
Ronei Alfredo Taube
Sérgio Lautert Lopes da Silva
Sérgio Rodrigues Leite
Teodorico Augusto Eberle
Umberto Gabbato
Valmor Henckel
Vandirlei Roque Cavagnoli
Walter Amélio Marchetti

Engenheiros Mecânicos

Airton Teixeira Duren
Antônio Castilho Nunes
Armando Schramm
Carlos Eurico Collares
Carlos Frederico Beutler
Carlos Soligo Camerini
Carlos Valentim Stedile
César Jotz da Costa
César Luiz Saraiva Teixeira
César Ribeiro
Christiano Rodolfo Nygaard
Clóvis Casagrande Maiocchi
Constantin Petraki
Darci Lago Garcia
Décio José Comin
Demétrio Giani
Dirceu Tarcisio Togni
Edison da Rosa
Eduardo de Oliveira Freitas Filho
Eduardo Vieira da Costa Guaragna
Eduino Roveda Tschöepke

Egídio Dall' Agnol
Ênio Baumgardt
Erich Goellner
Ernesto Valdivieso Chiriboga
Fábio Machado Ramos
Fernando da Rosa Laybauer
Flávio Alberto Senger
Hamilton Romanato Ribeiro
Heitor Frederico Becker
Heleno Machado Cabral
Ivo Elemar Hoff
Jaime Bertelli da Costa
João de Castro Macedo
João Marcos Martini
Jony José Gheller
Jorge Fuhrmeister
Jorge Paulo Moro
José Antônio Reolon
José Francisco Sá Martins
José Javier Arrata Meneses
José Luiz Alves da F Rodrigues
José Luiz da Silva Coelho
José Voltair Pedroso Roso
Juarez Keiserman
Léo Levitan
Luiz Antônio Volkmer de Castilho
Luiz Carlos Petersen Marafon
Luiz Fernando Dihl Manganelli
Luiz José Pacheco
Manoel Ricardo da Silva Muniz
Marco Antônio dos Santos
Marcos Flávio Campos de Menezes
Mário Alberto Becker
Milton João Moretti
Milton Mentz
Nelson José Caberlon
Olmiro Sérgio Scheidt
Oscar Daudt Neto
Paulo Décio Luguesi
Paulo Fernando Virgílio Moreira
Paulo Gilberto Hauschild
Paulo Renato Ferreira da Silva
Paulo Roberto R de Medeiros
Pedro Jorge Godoy Ramos
Pedro Paulo Corrêa Kanan
Renato Odriosola Rego
Ricardo Hildebrand
Roberto Gomes Taveira Mano
Roland Alberto Eugênio Sydow
Sílvio Luiz da Silva Escola
Sílvio Randolpho Pandolfo
Suzana Copé
Valmir Dalmas
Walmar Krause
Zeus Campos Magalhães

Engenheiros Metalúrgicos

André Luiz Teixeira Machado
Edison Paulo de Menezes
Olb José Scheren
Renato Peixoto Dagnino

Engenheiros de Minas

Armando Feltes
Cláudio Francisco Souza de Salles
Jaime Guimarães F. Sobrinho
José Luiz Freitas de Castro
José Newton Carloto Gindri
Luiz Assunção Soares Alves
Paulo Fernando Picada Felin
Remo Scalabrin

Engenheiros Químicos

Ademar Fachinelli
 Ademar Waldir Blum
 Antônio Rogério Pereira César
 Athos Sander Schuck
 Cláudio Antônio Ehrensperger
 Cymar Buede Teixeira
 Daniel David Ryan
 Dionísio Perez Abrego
 Edésio Jung Colônia
 Ennecyr Pilling Pinto
 Erni Rodolfo Feix
 Flavia Luiza Hauser
 Flávio Ernani Zimmer
 Frederico Wolter Bergmann
 Helena Suzana Leser
 Humberto Luiz Moser
 Ivan Paulo Scalabrin
 Ivonice Gomez
 Jacir Dallegrave
 Jaime Afonso dos Santos Hoefel
 Jaime Plentz
 Jairo Mendes Webber
 Jayme Almiro Bubolz
 João Adolfo Oederich
 João Pedro Porto Terra
 Jorge Ramiro Agreda Cabrera
 Jorge Uwe Zeimert
 José Costa Freire Neto
 José Henrique Invitti
 José Luiz Ferreira Jardim
 Léo Fernando Ustároz
 Luiz Alberto Matte
 Marcos Vinícios Tapia Vilarreal
 Maria Helena Schmidt Cerski
 Marília Finger Schmidt
 Marinho Emílio Graff
 Nelson Casarotto Filho
 Norberto Holz
 Paulo de Quadros Du Bois
 Paulo Roberto de Oliveira Nunes
 Pedro Luiz Ritt
 Raul Octávio Perez Mendieta
 Reinaldo Vieira de Castro
 Renato Neubert de Souza
 Renato Reis Vitória
 Romeu Antônio Zanchin
 Sérgio Alfredo Thiesen
 Sílvio Luiz Armbrorst
 Victório Roberto Menegotto
 Virgínia Rodrigues
 Vladilen dos Santos Villar

1975**Engenheiros Civis**

Adriano Virgílio Damiani Bica
 Adroaldo Meneghetti Titton
 Airton Handler
 Airton Laimer
 Alberto Maltz
 Alexandre Bezzi
 Alexandre César Beck de Souza
 Algis Eustórgio Alemán González
 Amaro Castro Baptista
 André Maciel Zeni
 Antenoges Lima de Rezende
 Antônio Marius Zuccarelli Bagnatti
 Antônio Ricardo Froner de Souza
 Antônio Skopinski

Argus Ruy Guex de Oliveira
 Ari da Silva Costa
 Arlindo Hartung
 Bayard Prado Moreira
 Carlos Alberto de Castro Schroeder
 Carlos Alberto Diehl
 Carlos Alberto Niama Zuniga
 Carlos Norberto Bauermann
 Carlos Reynaldo Koenig Bach
 Carmen Sílvia Lena Souto
 Cilon Pedro Paim Stella
 Cláudio Faraó Souza Pinto
 Dante Cerqueira Michele
 Décio Lartigau Fischer
 Donarson Floriano Machado
 Eduardo Michelucci Rodrigues
 Egon Inácio Schuck
 Elias Bocchese
 Ernesto Stapenhorst
 Erno Zimpel
 Fernando José de Oliveira Masina
 Gastão Roberto Pruffer
 George Otávio Hessel Lopes
 Getúlio José Fantinel
 Gilberto Bruno Ellwanger
 Gilberto Pinos Alves
 Gonzalo Antônio Yezpe Moreira
 Gregório Luís Tabakman
 Haroldo Upnmoor
 Hélio Santos da Frota
 Henrique Afonso Gonçalves
 Hermes Consiglio Filho
 Ismael da Silva Bicca
 Ivan Baddo Rodrigues
 Ivan José Mendonça
 Jaime Cheuiche Oberto
 João Antônio Carvalho do Canto
 João Batista Zibetti
 João Carlos dos Santos Horst
 João Daniel Dias
 Joelci Fabris Cavedon
 Jorge Alberto Kuhn
 Jorge Emílio Mendoza Vergara
 Jorge Scheidegger
 José Antônio Pardi Zanini
 José Carlos Martins
 José Carlos Portella Nunes
 José Roberto Machado Peralta
 José Roger Glasser
 Júlio Marcos Johann
 Leonardo Flach Neto
 Liana Beatriz Massetti Moretti
 Lineo Antônio Osório Marques
 Lino Moreira Gonçalves
 Lívio Augusto Taufer
 Lucy Lamar Felin Gindri
 Luís Enrique Ortiz Céspedes
 Luiz Carlos Gonçalves Trindade
 Luiz da Cunha Freitas
 Luiz Felipe Tagliari Opitz
 Luiz Olinto Monteggia
 Manoel João Souza de Freitas
 Manoel Luiz Azevedo de Souza
 Márcio Andrade Weber
 Marco Aurélio Mandelli Corrêa
 Maria da Glória de Leon Nunes
 Maria Elisabete Yang
 Maria Inês Cândido
 Marta Herminia Marchiori

Marta Regina Tocchetto Lemes
 Miguel Wilfrido Nuñez Pérez
 Milton da Rocha Motta
 Milton Jorge Brasil Pinto
 Milton Perazzolo Furquim
 Nanci Giugno Gaieski
 Nara Maria Rosauro Castro
 Nelso Antônio Sonda
 Nereo de Vasconcellos
 Nestor Ângelo Arioli Filho
 Ney Marranghello Xavier da Costa
 Nilon Pereira Ávila
 Nilton Ademir Pezzi
 Paulo Antônio Passaglia
 Pedro Henrique de Araújo Zimmer
 Reinaldo Peixoto Ribeiro
 Renato Cortese de Azevedo
 Renato Ferreira Cestari
 Renato Gilberto Gama Menegotto
 Renato Golbert
 Renato Hoff Rocha
 Ricardo Alfredo Nienow
 Ricardo Heurich
 Roberto Aguzzoli
 Ronald Bahlis Lemes
 Ronaldo Molina de Quadros
 Rosana de Moura Mancuso
 Sérgio Augusto Ávila
 Sérgio Marmitt Ribas
 Sérgio Mazzali Filho
 Sérgio Roberto Altafini Machado
 Shozo Hirakata
 Sílvio Paulo Klein
 Solon Martins
 Tomás Antônio S Coiro Le Caldani
 Victor Alberto Soares de Azevedo
 Victor Kalikoski
 Vilson Renato da Silva
 Wilson Sauer Nardi
 Wagner Patrício Sevilla Llaguno
 Waldir Bezerra Costa
 Wilson Souza Filho

Engenheiros Eletricistas

Alberto Luiz Caetano Lima
 Amilear Viñas Bina
 Antônio Carlos Baumgarten
 Antônio Carlos Telles Marsiglia
 Antônio Cristovão Kipper
 Antônio Dreyer
 Antônio Motter
 Arthur Alexandre Tabbal
 Arthur Kautzmann Netto
 Carlos Krenzinger
 Carlos Raul Borenstein
 Cláudio Goidanich Kraemer
 Cláudio Tércio M. Camargo
 Darlei Irineu Antunes de Abreu
 David Mendes Soares
 Eduardo Trizotto Maia
 Ênio Antônio Vanni
 Everton Rheinheimer
 Fernando Corrêa Nácul
 Fernando Happel Pons
 Flávio Petersen
 Flávio Rech Wagner
 Francisco Carlos Olendzki Reis
 Gerson Henrique Pfischer
 Gilberto Silva Cracco
 Guilherme Alfredo Dentzien Dias

Gustavo Adolfo Bayard Stanziola
 Hugo Pinto Ribeiro
 Jacques Levin
 Jair Strack
 João Pedro Assumpção Bastos
 Jorge Dias Dias da Costa
 Jorge Luís Lisboa Werlang
 José Adão Haas
 José Adolfo Ramos da Conceição
 José Ângelo Dedavid
 José Ricardo Bergmann
 Júlio César da Motta Meirelles
 Lúcio Antônio Adegas
 Luiz Alberto Oppermann
 Luiz Carlos Futterleib
 Luiz Cruz Schneider
 Luiz Felipe Vieira Corrêa de Oliveira
 Luiz Lopes Loder
 Luiz Marcelo Acosta Duque
 Luiz Ricardo Vieira dos Santos
 Luiz Tiaraju dos Reis Loureiro
 Magda Martel Cavagnoli
 Marcelo Barbedo
 Márcio Hervé
 Márcio Sarres Lisboa
 Marcos Ruy Nadvorny
 Marcos Túlio Décimo Martins
 Maria Amélia Braghirolli Serrano
 Mário Bercht
 Max Humberto Ferreira
 Nilton Telicheveski
 Paulo de Tarso Bohrer Prates
 Paulo Juarez Dal Monte
 Paulo Roberto Degani
 Régis Gaspar Kaplan
 Ricardo Tanscheit
 Rubin Pedro Diehl Filho
 Sandro Poloni Sobrinho
 Valmir Piovesan
 Volnei Antônio Pedroni

Engenheiros Mecânicos

Ademir Jorge dos Reis
 Airton Fonseca de Azevedo
 Antônio Carlos Miranda Chiesa
 Antônio Carlos Pedrosa Bleil
 Carlos Augusto P de Castro e Sousa
 Carlos Gilberto Pilla
 Dalmo Mattana Vieira
 Darville Souza Filho
 Eduardo Bischoff
 Evaldo Gallardo Borda
 Evilásio Luís Tolomeotti
 Fernando Ferreira
 Flávio Burlacenko
 Francisco Pinho Fernandes
 Gilberto Moreira da Silva
 Gilberto Werner Krischer
 Gustavo Adolfo C Cordovez
 Gustavo Dealmo Reinheimer Filho
 Henrique Leopoldo Schulz
 Itacir Ungaretti Rossi
 Ivan Luiz Rasera
 Ivo Olavo Castro da Silva
 Jandir Bolzani
 João Pedro Matias Taborda
 João Ricardo Linck
 Joaquim Luiz Venturini Osório
 José Alberto Cecconi de Carvalho
 José Antônio Grings

José Luiz Cauduro Lowenberg
José Sérgio Menegaz
Kledir Alves Ramil
Lourenço Jaguarema A. Motta
Lúcia Helena Friedrich Fruet
Luiz Carlos de Lemos Costamilan
Luiz Carlos Nardi
Luiz Celso Oliveira
Luiz Eugênio Baibich
Magnus Carlotto Nehme
Marco Aurélio Crescente
Marcos Blauth
Marcos Elias Farina
Mário Pezzi Filho
Mário Sostizzo
Nelson Rodolfo Stein
Onildo Bombardelli Spolavori
Paulo Antônio Dutra Ramos
Paulo José Pires Steinbruch
Paulo Roberto Goes
Paulo Sérgio Tadeu Silveira
Pedro Domingos Kumer
Raul Diestel
René Vilter Werhli
Ricardo Cafruni Martins
Roberto Barcellos Monteiro
Rogério Libório César
Sílvio José Heck
Ubirajara Sperb Cavedon
Vitor Reinaldo Baumhardt
Werner Schulz
Wilson Gomes

Engenheiros Metalúrgicos

Carlos Artur Targa
Carlos Jacó Becker
Eduardo Alberto Machado Andrade
Fábio Luís Zanon
Ivan Carlos Paranhos Arena
Marcon Hoffmann
Panaghis Nicolaidis
Pedro Norberto Zucatti
Plínio Cabral de Mello
Ruy Sefton Pfau
Siegfried Alexander Ellwanger

Engenheiros de Minas

Cleo Paulo Balbinot
José Roberto Leite Reis
Kurt Herwig Menchen
Luiz Carlos da Rosa Celaro
Luiz Paulo Pavão
Maurício Pablo Coletti
Nilo Sérgio Bernetche Schneider
Pietro Gazzera Minucci
Renato Noer

Engenheiros Químicos

Álvaro Antônio Daitx Valls
Antônio Orivaldo Rissato
Bruno Albuquerque Piovesan
Carlos Alberto Krahl
César Augusto Machado de Oliveira
Cezar Wagner de Almeida Thober
Erica Margita Neumann
Fernando Luiz Motta dos Santos
Frederico Guilherme Madoerin
Guilherme Gustavo Capudi
Jerson Nadvorny
Jorge Luiz Castellan
José Carlos Carvalho da Cunha

José Carlos Cosenza
José Carlos Lopes
José Henrique Buchmann
José Luiz Lopes Alves
Júlio Cezar da Silva Jesus
Maria da Conceição M. Anghinoni
Paulo Ernani Bauer
Paulo José Gallas
Sinval Márcio da Silva Selistre
Volni Antunes da Silva
Wilson Ernesto Luders

1976

Engenheiros Civis

Adalberto Tadeu Löw
Agildo Marques da Silva
Alda Regina dos Santos Barahona
Alexandre Caceres dos Santos
Aloísio Corrêa
Antônio Carlos Rossato
Antônio Hélio Endler
Antônio Oly Teixeira Pires
Antônio Pedro Rodriguez Teixeira
Antônio Roberto Martins Sebastião
Artur Roberto da Silva
Auro Oliveira da Fonseca
Carlos Alberto Barahona Saenz
Carlos Alberto Czarnobai
Carlos Alberto de Moraes Schettert
Carlos Aloísio Corrêa Zaquera
Carlos Augusto Krug Zugno
Carlos Ernesto Gallicchio Friedrich
Carlos Eugênio Soares Petrucci
Cedamir Poletto
Celso Hamerski
César Antônio Machado Oliveira
César Augusto Brasil Uberti
Charles Aurélio Simon
Charles Enno Klein
Christoph Naumann
Claudete Teixeira Carballo
Cláudio Achutti da Fonseca
Cláudio Gilberto Guedes Paim
Cláudio Laydner da Rocha
Cláudio Luiz Garcia de Almeida
Cláudio Marques Gobbato
Clóvis Araújo
Clóvis José Rossi
Dagoberto Dutra Vares
Dante Álvaro Arioli
Darel Loguércio da Silva
Deolindo Bagnara
Edson Luiz Caldart
Eduardo Paz de Albuquerque
Eduardo Santos Neves de Barcellos
Eliane Frantz de Vasconcelos
Elizabeth de Campos Porto
Elizabeth Baldin
Eloy Eulálio Martens
Emílio Roberto Wild
Ênio Ferreira Bocorny
Ernesto Simões Preussler
Fernando Bellochio Furquim
Fernando Soares Cardoso Martins
Flávio José Bortolotto
Francisco Alexandre Kuklenski
Francisco Arsego
Galvino Hoffmann Pereira
Geraldo José Saeger

Gerson Oltramari Ghem
Gertrudes Margarete Van Der Laan
Getúlio Brasil Schneider
Giselle Gougeon Vares Seixas
Guilherme Fernando G. Trierweiler
Guilherme Flores da Cunha Filho
Iara Peiter
Isabel Vitória Mazzini Covolo
Itamar Borges da Silva
Jairo Scalco
João Jaime Detoni
João Pedro Borges Bitencourt
Joaquim Antônio Goetze Marques
Jorge Augusto Pereira Ceratti
Jorge Nelson Lauffer Ekman
José Ângelo Fontanive
José Ângelo Ruas Costa
José Fernando Schulte
José Luiz Fernandes Vivian
José Marcos Müller Del Fabro
José Oscar Orlandini Pereira
José Teófilo de Mattos Neto
Júlio Carlos Comin
Lais Salvaterra Treiguer
Levi Alfeu Posenatto
Lúcio José Stein Garcia
Luís Cuenca Carrasco
Luiz Ângelo Todeschini
Luiz Beltrame Dal Molin
Luiz Carlos de Oliveira Cunha
Luiz Carlos Monteiro de Castro
Luiz Carlos Valadares
Luiz Emílio de Sá Brito de Almeida
Luiz Felipe Benício Roballo
Luiz Fernando Carvalho Moller
Luiz Fernando Mahlmann Heineck
Luiz Martinelli
Luiz Paim Casanova
Luiz Renato de Toledo
Manoel Luiz da Rocha Freitas
Marco Antônio G. de Barros
Marco Aurélio Costa R. da Cunha
Maria Alice Dornelles Souza
Maria Alice Marquardt
Maria Luiza Carvalho da Rocha
Maria Luiza Porto Denardin
Maria Madalena Vieira Ribeiro
Marilene Maria Dutra Iankowski
Marlova Pinheiro Grazziotin
Mauro Spader Filho
Miguel Ângelo Taffarel
Miguel Cattelan Filho
Nelvir Luiz Brum
Newton Saute
Nilton Santos Pires
Odair Galina
Oduvaldo Dornelles Pinto
Olegário Trott
Osmar Luiz Leonardelli
Paulo Afonso Schneider
Paulo Marques Girardi
Paulo Martins Costa
Paulo Renato Paim
Paulo Silas Müller Del Fabro
Pedro Paulo Ritter Filho
Pedro Peiter
Plínio Humberto Donassolo
Ricardo José Lerch
Ricardo Miguel e Souza de Souza

Ricardo Schlatter Bohrer
Roberto Frajndlich
Roberto Molina de Quadros
Roberto Schwarz
Rogério Dornelles Maestri
Rogério José Schuster
Ronald José Ellwanger
Roque Antônio Lima
Rosemarie Tweedie de Mattos
Rubens Müller Júnior
Sérgio Luiz Mallmann
Sonia Maria Barros Bolzani
Tânia Piva Pinto
Tomaz Vicente de O Freitas
Valdelírio Lübeck
Vinícius Teixeira Galeazzi
Vitório Carlos Costi Piffero
Wilmar Wottrich

Engenheiros Eletricistas

Airton Hoch
Alberto Adami
Aldo Ademir Hommerding
Alfredo David Hecht
Antônio Cezar Pasquotto Mello
Antônio Pedruzzi
Arno Holz
Bruno Slomka
Carlos José de Carli
Carlos Odone Meregali de Oliveira
Carlos Spelmeier
Carlos Tedesco
Clóvis Olle Fischer Santos
Cyro Jaul do Couto
Daniel Cunha da Silva
Darci Pegoraro Casarin
Edgar Antônio Figueiredo Souza
Edison Teixeira
Flávio Krumenauer
Geraldo Silveira Mendes
Gerson Oswaldo Mader
Gilberto Carpeggiani
Gilberto Soares Machado
Helena Medeiros Soares
Ivan José Venturrella
Jaime Barreiro Wagner
Jaime Eberle
João Carlos Sant'Anna
João Potiguara Gutierrez Ruas
José Erdtmann
José Hélio Justo
José Luiz Borba
Liane Ludwig
Luiz Carlos Bins
Luiz Carlos Gostinski Heisler
Luiz Francisco Gerbase
Ma Tien Min
Marciano Raul Martinez
Maria Cristina Feijó Nadvorny
Maria Odette Botelho Niemeyer
Miguel Cavalcante Juchem
Ney Bittencourt Pereira
Nildo Remi de Mesquita Cardoso
Paulo Barbosa Biancamano
Paulo de Jesus Oliveira
Paulo José Knob
Paulo Roberto Fraga Zuch
Pedro Luís Ávila Chiarelli
Raul Fernando Weber
Renan Farinon

Roberto Zirbes
Rolf Harm Hinrichs
Sérgio Augusto Strattmann
Sérgio Felipe Zirbes
Taysy Pipolo B. da Silva
Valter Hugo Tonoli
Vasco Emílio Souza Moraes
Victor Mazzocato
Vilmar Villa
Vilson Duro Garcia
Vitor Dahm
Zuriel Siqueira Raasch

Engenheiros Mecânicos

Alexandre Presotto Júnior
Almari Airton Della Santa
Antônio Jorge Leitão Schilling
Artur de Andrade Junqueira
Biagio Anunziato Filomena
Carlos A Moreau de Almeida
Carlos Alberto Baldisserotto
Carlos Alberto Schmitt
Carlos Roberto Fritsch
Carlyle da Silva e Silva
César Augusto Jardim de Santi
Claude Hubert Penalver Garcia
Cleiton Joni Schuch
Cylon Rosa Rodrigues de Freitas
Danilo Groch
Eri Nei Lucchese
Fernando Marques da Rocha
Fernando Mazzaferro Fernandes
Filemon Triches Zarpellon
Galo Patrício Machado Murillo
Gelson Antônio Ponzoni
Geraldo Ebling Enck
Germano Noll
Gerson Golendziner
Gilberto de Oliveira Kloeckner
Gilberto Doriquri
Ingo Hermann Dalibor
Istvan Vajda
Itacyr Omar Leitune
Ivo Lautert Garcia
João Alfredo Fracasso
João Carlos Lohmann Rodrigues
João Cláudio (de Deus) Grass
Joel Palma Fischer
Jorge Luiz Giulian Marques
Jorge Luiz Kauer
José Alfredo Alcovia de Barcellos
José Eduardo Rodrigues Sanz
José Estanislão Sanchez Quirós
José Luís Casarotto
José Luiz Stigler P de Albuquerque
José Radziuk
Juarez Martinez Mattos
Júlio Carlos Borba Gonzalez
Júlio Nicolau Barros de Curtis Filho
Júlio Ratzkowski
Lúcia Munhoz Olmedo
Luís Otávio Campos Alvares
Luiz Alberto Mincarone
Luiz Carlos de Cesaro
Luiz da Gama Mor
Luiz Fernando Lisboa Triches
Magno Jorge Zandavalli Barbosa
Marcos Henrique K. Milagre
Maria Luiza Sperb Indrusiak
Mário César Juck Schuster

Mário Eugênio Lobato Winter
Massatsugo Ito
Mauro Salton Boff
Mauro Silveira da Silva
Milton Luís D'Ávila
Milton Mendes Giumelli
Moisés Costa Allen
Myron Pinto Maranhão
Paulo Augusto Franke
Paulo Iserhard
Paulo Otto Beyer
Paulo Roberto C de Alencar
Paulo Roberto Motta dos Santos
Paulo Roberto Pagot
Pedro Felipe Blauth Menezes
Ricardo Duval da Silva
Ricardo M. de Azevedo e Souza
Roberto Boni
Roberto de Albuquerque G. da Luz
Roberto Luiz Aimi
Rogério Gustavo Arns Sampaio
Rui Carlos Grun
Sérgio de Chiara Gobatto
Sérgio Etchechury Moreira
Sérgio Krumenauer
Sérgio Viçosa Möller
Sérgio Wajnberg
Tibério Zuccarelli Bagnati
Umberto Irgang
Vasco Antônio Bassotto
Vitor Jaime Púglia Neves
William Segalla

Engenheiros Metalúrgicos

Carlos Alberto Soares Couto
Carlos Leffa Hertzog
Edelmar Roberto Liedke
Edézio Dejaire Becker
Ernesto Luiz Gomes Alquati
Gustavo Ozório Lima
Ivan Guerra Machado
Ivomar Dechen
João Ernesto Escosteguy Castro
Jorge Hillmann
Mauro Zanini Sebrao
Paulo André Dunin Zupanski
Paulo Renato Carvalho da Cruz
Raul César Bandeira
Rogério Dalle Mulle
Rubem Manoel de Braga
Rui Marques de Lima
Walter Manuel Bogarin

Engenheiros de Minas

Clodiney Elias Panosso
Fernando Leinhardt de Freitas
Honório José de Oliveira Lima
Ivone Maria Agostini
João Carlos Leusin
Luciano Cortinhas Júnior
Luiz Fernando Seewald
Paulo Sérgio Oberto
Renato Antônio Brandalise
Rubem Girdael Jablonka

Engenheiros Químicos

Ademir Fachinelli
Adroaldo de Oliveira Santos
Cláudio José Longhi
Cleonice Stefani
Dilmer Onofre Flores Montero
Eduardo Tergolina

Ellen Martha Pritsch Goettems
Ênio Kumpinsky
Ernesto Raizer Neto
Gilberto Carlos Crosa
Ieda Maria Cordeiro Osório da Silva
Isa Maria Leiria Northfleet
João Carlos Brasil Feijó
Jorge Eduardo Laran Albera
Jorge Herrera
Jorge Luiz Ninow
José Francisco Danilo de Guadalupe
José Luiz Rodrigues Schaefer
Júlio Mário Mendes de Queiroz
Luiz Artur Ledur Brito
Luiz Elody Lima Sobreiro
Luiz Hamilton Sena Corrêa
Margaret Doêge
Maria Eliana Barcelos
Maria Elisa Santos Rosa
Maria Elizabeth da Cunha Maia
Marion Jungmann
Milton José Hartmann
Mirian Cobalchini
Moacir Ângelo Deves
Moacir José Sauer
Nelson Nunes Pedroso
Nilton Ribera Perez
Paulo Rogério Tavares
Rafael Mandelli Basso
Ramon Abraham Balid Piterson
Regina Magna Tronco
Renan Bergmann
Renato Buffon
Rogério Klebanowski Milagre
Rosmari Kastner
Sérgio Luiz Alves Przybylski
Shin Kagaochi
Sílvia Nora Berno
Talita Weber Furlanetto
Vera Beatriz Duso
Zeno Simon

1977

Engenheiros Civis

Aída Maria Pereira Andreazza
Alexandre José Garcia Sório
Alfredo Arthur Dorn
Alfredo Luís Mendes D'Ávila
Ana Maria Cunha
Ana Maria Gonçalves de Oliveira
Antônio Carlos F. Mondadori
Antônio Carlos Gischkow Valdez
Arno Wurdig
Carlos Alberto de Castro Farias
Carlos Roberto dos S Silveira
Carmen Lúcia Souto do Prado Lima
Celso Antônio Rossetto
César Augusto Fernandes Rodrigues
César Scandurra Borba
Cezar Thadeu Helm
Cláudio Francisco Barbieri
Cláudio Parreira Ryff Moreira
Dalto de Oliveira
Dalto de Souza D'Arisbo
Dora Elisabeth López Aguzzoli
Doris Andara
Edgar Arvid de Mello Johnston
Eduardo José Medeiros Fossati
Eduardo Machado P. Machado

Eduardo Pezzi Issler
Efraim Tabasnik
Egon Krug
Elisabeth Ritter
Ênio Daudt Alves
Ernesto José Sandrin
Ernesto Ladeira de Oliveira
Felipe Berlitz
Fernando Antônio Piazza Recena
Fernando Roça Vianna
Flávio Gilberto Pedroni
Flávio José Piccinini
Gilberto Rocha Peressutti
Gilberto Santos de Paula Couto
Hiran Moreira de Oliveira
Hugo Aloiso Fettermann Espindola
Humberto Brandão Canuso
Ildo Luís Sauer
Inocêncio Simon
Iuquico Ito
Ivonir Antônio Martinelli
Jacqueline Barros Annes
Jaime Francisco Almeida Johnson
Jaime Luiz Tranquilo
Joacir José Locatelli
João Antônio de Oliveira
João Carlos Frohlich
João Fernando Sattler
João Luiz Campagnolo
Jorge Clenor Spinelli Dutra
José Alberto Azambuja
José Alberto Salaverry
José Antônio Bermudez
José Augusto de Oliveira
José Carlos Corrêa Rechden
José Júlio Brasil Veiga
José Valdevino da Silva
José Vellinho Pinto
Josué Seganfredo
Juan Domingo Scarone Samudio
Kimiko Ito
Léo Cainelli
Liane Maria Reis Vitória
Linei de Carvalho
Luiz Antônio Cauduro Berwanger
Luiz Antônio dos Santos
Luiz Augusto dos Santos Ercole
Luiz Carlos Gozzini das Neves
Luiz Corrêa Noronha
Luiz Fernando Olendzki de Macedo
Lys Rosita Boeira
Magda Valéria Mutinelli
Marcos Antônio Bastiani
Marcos Pakter Raskin
Marcos Picarelli Ferreira
Maria Aidema Cunha
Maria Anita Mattos da Silva
Maria de Fatima de Jesus Casais
Maria Doralina G dos Santos
Maria Paula Lisboa Cabeda
Maria Walkiria Azeredo Araújo
Marinice Conceição P da Costa
Mário Álvaro Lucchese
Mário Cezar Macedo Munró
Marli Nunes Vieira M da Silva
Mauro Brzostek Penter
Mauro Kruter Kotlhar
Mauro Siqueira Camboim
Mauro Touguinha de Oliveira

Max Gunter Buttgerit Krause
Mayra Franco Ely
Mozart Moraes Dornelles
Nelson de Jesus Soares
Nelson José Tartarelli Germann
Nelson Monteiro Oliveira
Nelson Turik
Nereu Aquiles Grzybowski
Nestor Antônio F Perrupato
Nilo Sérgio Campos Horn
Norberto Germano S da Silva
Norberto Luiz Bedin
Osvaldo Freitas Grossmann
Paulo Augusto de Lima Torres
Paulo Bilous
Paulo César Olmedo de Almeida
Paulo César Schmaedecke
Paulo de Magalhães Neto
Pedro Antônio Zanettini
Pedro Somacal
Raul Fernando Borges G. da Silva
Ricardo Teitelroit
Roberto Bins Júnior
Roni César Pinheiro
Ruben Gilberto Drescher
Ruben Helmar Pottker
Rubens Lucca da Luz
Ruy Dikram Steffen
Salvador Amadeo Costa
Sérgio Larentis Santos Souza
Sérgio Luiz Klein
Sérgio Santos de Paula Couto
Siegfried Priesnitz
Sílvia Azevedo Costa
Sílvio Luiz Petzhold
Valter Sacilotto
Vera Lúcia de Co
Vitor Luiz Di Piazza
Willy Hans Reichert

Engenheiros Eletricistas

Alexandre Melnik
Carlos Marcelo Cecin
Dary de Oliveira Ilha
Edson Schuler
Eduardo Nicolazzi
Élio Mazuco
Emar Antônio Chassot
Ervin Blok
Eurico Guimarães de Castro Neves
Fábio de Oliveira Figueiró
Felício Almiro Lima Rodrigues
Fernando Hinnah
Flamarion Lopes Zanchi
Gilberto José Capeletto
Gilberto Sander Müller
Guido Martins Kopittake
Hegel Mesquita Herve
Heitor Rocha de Bitencourt
Hildo Alberto Baldasso
Jayme Jeffman Filho
João Carlos Felix
José Alberto Robles Salazar
José Carlos Fernandes Philomena
José Carlos Luz Crivochein
José Ignácio Pires Medeiros
José Leajar Teixeira Garcia
José Nei Barnetche Schneider
José Oscar Corrêa Paz
Loreno José Ritt

Luiz Carlos Franco de Barros
Manuel Luís Figueirido Gueiral
Marcelo Appel da Silva
Mário Fernando Krebs Baltar
Mário Neves Ferreira
Mauro Pedro Wyrzykowski
Miguel Fachin Júnior
Nelson Manoel Francisco
Nelson Yang
Nelson Zeni Júnior
Nilton Frederico Keller
Odilo Paulo Gewehr
Odir Heitor Thiesen Filho
Oscar Fettermann Rosak
Paulo André Rosa
Paulo Roberto Sá de Souza
Paulo Sousa e Silva Moreira
Pedro Anísio Aquino Maia
Pedro Antônio Corrêa Borges Fortes
Raul Fernando Weber
Ricardo Lúcio Czerwinski
Ricardo Menna Barreto Felizzola
Roberto Conceição Alves da Silva
Roberto Reichler
Rogério Erbert Leite
Sérgio Fernando Brigoni
Sérgio Giguier
Sérgio Zimmermann
Sílvio Aurich Filho
Vera Maria de Nadal
Zulma da Costa Trindade

Engenheiros Mecânicos

Ana Maria Rutta
Anna Celina Lucas de Souza
Antônio Carlos Wetterle Leal
Antônio Estevam P. Cabral Filho
Antônio Sartor
Aristeu Cavalca
Armando David Faccioli
Armando Fasolo Filho
Carlos Alberto Azevedo Machado
Carlos Alberto Corrêa Uhlmann
Carlos Alberto Weinmann
Carlos Homero Osório Dornelles
Carlos Humberto Goidanich
Celso Antônio Lehugeur
Celso Henrique Pletsch Leite
Cidnei Luiz Bertussi
Décio Lopes Motta
Eduardo Oscar Neubarth
Ermani de Oliveira Carrion
Ermani Grivot Mandarino
Eurico Moreira Schroeder
Fábio José Freitas de Oliveira
Fernando Luís Todeschini
Fernando Tagliari
Francisco Carlos da Rosa Ramos
Frederico Seyboth
Genez Sefferin
Getúlio da Silva Fonseca
Getúlio Miranda Guimarães
Helmut Fritz Warstat
Humberto José Bon
Ilton Haroldo Weber
Irineu Boff
João Carlos Hoffmann
João Pedro Voget
José Antônio Lopes Ramos
José Jorge Carvalho Moreira

José Luiz Marocco Feijó
Juan Filipe Medina León
Juan Vicente Waugh Sánchez
Júlio Luciano Huanca Cabrera
Leandro Dalla Zen
Luís Fredy Cardenas Santander
Luiz Alberto de Almeida e Silva
Luiz Antônio Noll
Luiz Augusto Muhle
Luiz Carlos Adam Franceschini
Luiz Carlos Galhardi
Luiz Mineiro Santos
Marco Antônio Folly Lugon
Mariano Antunes da Cunha
Mauro Selba da Silva
Milton Berres
Paulo Krieser
Paulo Renato dos Reis
Raul Fernando Flesch
Renato Oscar Ely
Ricardo Albert
Ricardo Alberto Lehrer
Rubem Groff
Sérgio Alves dos Anjos
Sérgio Luiz Onzi
Sérgio Santini
Sidnei Manoel Monterosso
Ubirajara Tiarajú Santos Soares
Valdir Bolico Araújo
Vitor José Frainer
Vladimir Tagliari Silva
Volnei Jacob Previdi
Werner Meyer

Engenheiros Metalúrgicos

Airton Perce Luckmann
Antônio Cezar Faria Vilela
Antônio João Germano Candiota
Antônio Massuchetti
Berel Wainstein
Carlos Francisco L. Tannahouse
Carlos Olivério Arnt Filho
Cláudio Fernando Czarnobai
Cristiano Jaco Renner
Egon Henrique Pritsch
Flávio Roberto Silva de Azevedo
Frederico Jorge Vucetic
Irene Bender
Joaquim Guilherme Bauer
Jorge Amadeu Martini
Luiz Fernando Antonacci Carvalho
Maria Luisa Torres Formoso
Norberto Antônio Ghiggi
Ricardo Jorge Vitale Castiglia
Ricardo Luiz Marks
Roberto Gualeguay F. Rodrigues
Telmo Roberto Strohaecker
Virgínia Costa Kieling
Werter Gomez

Engenheiros de Minas

Alfredo Febel
Eduardo Gastão Campos de Brito
Gerson Lisbôa Garcia
Ivanor Scherer Faria
João Carlos Winck
Jorge Dariano Gavronski
José Marcelo Machado Murillo
Luís Inácio Camargo Gre
Maria Inês Dubois
Mário Valente Possa

Renato de Oliveira Mecca
René de Matos Caraméz
Roberto Busato Belger
Sérgio Luiz Wolmer
Willy Walter Hartke

Engenheiros Químicos

Alda Maria de Oliveira Corrêa
Alexandre Corso Pozza
Beatriz Weiss de Souza Silva
Carmen Mercedes Solis Moreno
Cláudio Bisol Serafini
Clóvis Henrique Cassini
Elisabeth Ibi Frimm Krieger
Erla Mari Bombin Gómez
Ernesto Hsieh
Gelsa Edith Navarro Hidalgo
Heloiza Martins Moura
Itamar José Machado
Luiz Gilberto Klein
Maria Lúcia Bernardes Coelho Silva
Maria Lúcia do Amaral Oscar
Maria Lúcia Estivallet de Mesquita
Maria Lúcia Franz Kolowski
Nadia Boeira Soares
Norberto Tadeus da Silva Lagoas
Odete Dolores Polese Kuajara
Paulo Lorentz Motta
Ricardo Fayet
Rosana Kunert
Walter Gerdau

1978

Engenheiros Civis

Alberto Pedreira Ghezzi
Aloísio Milesi
Amélio Antônio Detoni
Antônio de Pádua Vilas Boas
Antônio Domingues Benetti
Antônio Michels
Athos Roberto Albernaz Cordeiro
Avelino Molossi Filho
Carlos Alberto Ribas Pacheco
Carlos Alexandre Varante Ávila
Carlos Alfredo Gerhardt
Carlos Eduardo Albert
Carlos Henrique Coutinho Schmidt
Carmem Lúcia Torres Dornelles
Cláudia Kusiak
Cláudio Marcelo Provenzano
Clóvis Antônio Lopes
Clóvis Netrovski
Clóvis Roberto Rodel
Clóvis Zimpel
Délio Gilberto Hartmann
Denise Maria Fritscher
Edison Daniel Pinheiro
Eduardo Di Primio M. Conceição
Eduardo Luiz Damiani Bica
Egídio Antônio Wulfing
Elisabeth Franke Ferreira
Ervin José Herrlein
Evandro Corrêa Nacul
Fernando Arenhart
Fernando Paganin
Flávio Marchiori Moura
Heimar Perazzone
Hélio Silva de Oliveira
Hermes Ceratti Marques
Homero Dias Neto

Hugo Roberto Seidl
Humberto Pessil Soares
Inajá Hack
Jaime de Araújo Menegassi
Joana Vitória Bianco
João Batista Gravina
João Fernando Gutheil
João Miguel Moraes Billig
João Paulo Machado Teixeira
Joarez Tejada Franceschi
Jorge Alberto Dorneles de Oliveira
José Oscar Munari A. de Oliveira
Júlio César Sabbado Meroni
Jussara Maria de Oliveira
Lauro Menezes Simas da Costa
Léo Oscar Plentz
Loivo Carlos Müller Filho
Luciano Pletsch Leite
Luís Antônio Lindau
Luiz Alberto Porto de Lima
Luiz Cândido Kehl
Luiz Livonius da Rosa dos Santos
Luiz Renato Zembrzuski
Márcia Wagner
Marco Antônio Benvegna Lima
Marco Antônio Gomes de Lima
Marco Aurélio Vasques de Abreu
Maria Luiza Campos Sanvicente
Maria Regina Panitz Cruz
Maria Rita Chang
Marilene de Sá Alberton
Marino Antônio Pauletti
Mário Odone Barbosa Leal
Maurício Pechanski
Mauro de Oliveira Martins
Milton Fulber
Milton Tauchert
Miriam Miranda Gaio
Neiva Cristina Bretanha Jorge
Nelba Winckler da Silva
Nilo Valentim Quaresma Jr
Nilton Otton
Nina Rosa Selbach Nasi
Norton Ruschel
Paraguassu Menezes dos Santos
Paulo Afonso Klering
Paulo Afonso Tergolina
Paulo Antônio Faggina
Paulo Borges Fortes
Paulo César Battastini
Paulo José Mattos
Paulo Menegotto Kessler
Renato Grillo Ely
Renato Petry
Roberto Musse Ayub
Roberto Rezende Campos
Ronaldo Bastos Duarte
Rosamaria de Medeiros Arnt
Rubens Fernandes Biasoli
Sérgio Antônio Pires
Sérgio de Oliveira
Sérgio Giugno
Sérgio Roberto dos Santos
Sidnei Gomes Pacheco
Susana Elisa Wajner
Terezinha Maria Barth
Victor Elnecape
Vitor Roberto Nehring
Volmar Lasch Schaidhauer

Engenheiros Eletricistas

Adelar Jorge Kruger
Alexander Granitoff
Arthur de Faria Leão
Caio Cezar Bonilha Rodrigues
Carlos Aladin Nequesaurt Mendez
Carlos Alberto Verzoni
Carlos Mariano Di Mare
Carlos Ribeiro Mendes
Celso Alfredo Guerra
César Ricardo Molina
Claiton Gaieski Pires
Cláudio de Abreu Zardo
Claudir Dias Barbieri
Clóvis Goepfert Dantas
Clóvis Medeiros Rodolfo
Dante Augusto Couto Barone
Edison Werlei Sperb
Edson Roberto Souza Sudbrack
Eduardo Mussnich Barreto
Ernani Almeida Silva
Francisco Frigeri Filho
Francisco Olinto Velo Schimitt
Giuseppe Arturo Gabrielli
Guiomar Sibemberg
Helena Beatriz Silveira Torbivo
Hélio Tessmer
Hélio Törres Netto
Jairo Alberto Prezzi
João Carlos Sant'Anna
João Malheiros da Graça Filho
Joaquim Paim Marzullo
Joelci Henrique Martini
José Antônio Rocha Caetano
José Guella Filho
José Honório da Silva
José Luiz Kormantenenbaun
José Nicoletti Júnior
Juarez Taboada Koehler
Júlio Cezar Schramm Schenkel
Kelson Krieger Gomes
Lauri Luersen
Lilian Bercht Frácaro
Luiz Carlos Dal Corno
Luiz Paulo Corrêa Vallandro
Luiz Theodoro Appel Maurer
Maria Helena Jaeger
Marilda Conceição dos Anjos
Miguel Afonso Sellitto
Milton Roberto Layher
Nelson Luiz Vilar Calazans
Nívio José Fialho
Oswaldo Kaschny Filho
Otto Ries
Paulo César Ferreira Morais
Paulo Martins Engel
Paulo Piratiny Abbott Caldeira
Paulo Ricardo Spindler
Paulo Roberto Borella
Paulo Roberto Souza Sudbrack
Pedro Mário Pezzi
Pedro Oscar Schulz Hertz
Ramiro José Perez
Reginaldo Guillermo Sheran Miles
Rejane de Santa Helena
Renato Rossi
Ricardo Augusto da Luz Reis
Ricardo Walter
Roberto Felippo Zunino Tavanti

Engenheiros Mecânicos

Roberto Rezende Campos
Rogério Benati
Rogério Francisco Toson
Rubens Fernandes Biasoli
Sérgio Paulo Hillebrand
Sérgio Raul Spindler
Sérgio Roberto dos Santos
Sílvio Costa
Sílvio Martins de Azevedo
Zacarias da Silva Filho
Adalberto Luiz Nilson
Adalid Lopez Vallecillo
Adão Carlos Rossi Benites
Afonso André Pallaoro
Alceu Mosmann Filho
Ana Lúcia de Abreu Moraes
Antônio Carlos Junqueira da Silva
Antônio Egídio Moojen
Antônio Jorge Abdalla Kurban
Ari Ângelo Postal
Astor Rathke
Átila Röhrig de Brito
Carlos Alberto Blankenheim
Carlos Alberto Bordignon
Carlos Alberto Q. Ferreira da Costa
Carlos Aurelino Estivalet Gindri
Carlos Eduardo G. da Silva Gastaud
Carlos Ernesto Osterkamp
Carlos Remi Rocha Silva
Carlos Roberto Klein
César Renato Dinon
Cláudio Fernando Resin Geyer
Clóvis Alberto Storch Meyer
Derly Mello Machado
Díocles Dalávia
Edemir Bressan
Edison Salgueiro Júnior
Edisson Rodrigues Salerno
Eri Luís Kunrath
Ério Luiz Neves Picada
Evaldo Scardueli
Fábio Feijó
Felipe Justo Matzenbacher
Fernando Antônio Freitag
Fernando Augusto Lipp
Fernando Azevedo Marins
Francisco de Assis R Freitas
Francisco José Pinto Bastos
Francisco Niesciur
Germano Schmidt Neto
Gerson Antônio Busato
Giuseppe Esposito
Hamilton Chagas Perez Filho
Hermes Alberto Lago Filho
Hermes Vargas dos Santos
Horácio Antônio Vielmo
Iberê Luiz Nodari
Ilonir Antônio Tonial
Ivan Carlos Wingist
Ivan Lino de Oliveira
Jairo Laser Procianoy
Jarbas Oliveira Bueno
João Alberto Cardoso Kirchof
João Alberto Mazzotti
João Carlos Angeli
João Luiz Pacheco
Joelcio Gobbato Garcia
Joraci Paulo Vargas

Jorge Luís Ballester Tanus
Jorge Luís Morandi
Jorge Mascarenhas Tarasuk
José Augusto da Fontoura Japur
José Augusto Ramos do Amaral
José de Oliveira Pinho
Joyson Luiz Pacheco
Juarez Ambros
Luiz Felipe Motta Meirelles
Luiz Ricardo de Mello Sant'Anna
Marcelo Antônio Jacques
Marco Aurélio Bobsin
Maria Luisa Posenatto
Mário Alexandre Moller Ferreira
Nelson Ferreira da Silveira
Nelson José Mandelli
Nestor Spiegelberg
Nilton Chemale Franca
Nobuo Oshima
Oscar de Azevedo
Osmar de Freitas Fernandes
Pedro Antônio Brambilla
Pedro Belloc da Silva
Pedro Henrique Perez de Moura
Renato Oliveira da Silva
Ricardo Aidukaitis
Ricardo Lopes de Wagner Martins
Ricardo Luís Filippini
Ricardo Pires Pereira
Ricardo Schuler Schaan
Richard Olm
Roberto Bischoff
Roberto Krutul
Roberto Tremper Filho
Roberto Vescovi Grosser
Rogério Corrêa Fialho
Rogério Diniz Machado
Ronaldo Tortorelli
Sérgio Luiz Peter
Sérgio Sezefredo Flores Oliveira
Sílvio Máximo Saldanha
Túlio Lopes Mello
Vanderson de Lima
Volmar Sérgio Ramos de Oliveira
Waldir Roberto F de Freitas
Wanderley José Gheno
Zilton Gomes da Silva
Engenheiros Metalúrgicos
Amilton Cezar de Aguiar
Ari Ricardo Ody
Clarice Costa de Araújo
Cláudio Nogueira de Carvalho
Cláudio Soligo Camerini
Dalvío Ferrari Tubino
Fernando Gomes Ritter
Fernando Mac Mannis Torres
Francisco José Kliemann Neto
Hélio Gomes da Silva
Irene Martins Baltar
Ivan de Jesus Espinoza
Ivan Leite Marimon
João Carlos Carneiro
Jorge Alberto Zietlow Duro
José Antônio de Azevedo Aragon
Júlio César Cestari Pureza
Lauro Corrêa Romeiro
Luiz Antônio Borges G. da Silva
Luiz Augusto Santos Gay
Narbal Dieter

Nestor Cezar Heck
Paulo José de Freitas Filho
Pedro Paulo Elejalde de Campos
Ricardo Spindler
Roberto Moreira Schroeder
Ronaldo Fenilli
Roní Luiz da Silva
Rubens Kuhl
Ruy Alberto Cohen
Samuel Moreira Sobrinho

Engenheiros de Minas

Aldo Meneguzzi Júnior
André Luiz Amorim Smaniotto
César Augusto Spilere
Cezar Paulo de Luca
Edson Beltrame de Aguiar
José Maria Furtado Lima
Léo Antônio Rübensam
Mário Antônio Bertol
Neli Itoni Warpechowski
Odilon de Aldabe Garcia
Rui Dick
Sérgio Luiz Fracasso

Engenheiros Químicos

Agostinho Maria Deon
André Martin Schneider
Antônio Augusto F. de Quadro
Antônio Cezar Andrade
Carlos Alberto Ziolkowski
Carmen da Silveira Piccini
Celso Camilo Moro
César Augusto Severo Rodrigues
Cid Miro Neto
Cláudio Augusto Tomasi
Cláudio Dias Barbieri
Edson Amané Nakai
Eduardo Rodolfo Vargas Daniels
Elizabeth Fatima de Souza
Ernesto Galvão Ramos de Carvalho
Evandro Formel de Campos
Francisco Fernandes Filho
Franklin Mário Sternberg
Gastão Dias de Castro Moraes
Genez Antônio Ayres
Jaime Edson Pereira
Jorge Antônio Mercanti
José Luiz Ribeiro
Júlio Alberto Nitzké
Laerte Soares Gonçalves
Lina Yamachita
Luís Carlos Jendreich
Mara Lúcia Fernandes Carneiro
Marco Antônio Ferreira Villas Boas
Maria Adélia Borges G. da Silva
Maria Bernardete Sartori
Maria Jorgina Silveira Soares
Marilene Freitas Alves
Mário Augusto Santos de Almeida
Mário Saffer
Oséias Schroeder
Patrick Markus D'haese
Paulo Armando Sperb
Paulo Edson Ballejos
Pedro Kurtz Lorenzoni
Petain Afonso da Silva
Ralph Peter Führer
Roberto Fonseca Ambros
Romeu Luiz Knob
Rubens Luiz Xavier Júnior

Sérgio Manhani
Sheila Sara Wagner
Valéria Micielin Vieira

1979

Engenheiros Civis

Ageu Pasquetti
Américo Campos Filho
André Antônio Barth
Antônio Carlos Barbieri Carlucci
Benony Schmitz Filho
Cacildo Francisco Morais Rigon
Carla Caberlon
Carlo Fayet Del Re
Carlos Amaury da Silva Silveira
Carlos Antenor Barrios
Carlos Augusto Amaral Leitão
Carlos Emílio Stigler Marczyk
Carlos Francisco Zanella
Carlos Renato A de Vasconcellos
Carlos Roberto Nunes Lobato
Carmen Terezinha Fantinel
César Luiz Palagi
Clarissa Dornelles de Mendez
Cláudio Anatoli Bromirsky
Clóvis Fernando Dias Machado
Constantin Petraki
Décio Saute
Dieter Wartchow
Dina Schenkman
Dino René Noguera Aguilera
Eder Araújo Barbosa
Edison Pinto Garcia
Eduardo Fridolino Schafer
Eduardo Giugliani
Eneida Soares de Macedo
Énio Prikladnizki
Felix Feddersen
Fernando de Oliveira Gomes
Fernando Oscar Ruttikay Pereira
Flávio Rosa Barbosa
Francisco Carlos B. de Souza
Gelson Antônio Ponzoni
Geraldo Lopes da Silveira
Gilberto Haas
Gilberto Moreira Krebs
Henrique Jorge Brodbeck
Idel Enk
Igor José Machado
Irineu Soares de Souza Neto
Ivan Carlos Trentin
Jaime Bochernitsan
Jairo Faermann Barth
João Antônio Benincá Bergamini
João Antônio Junqueira Teixeira
João Pedro Ortiz Filho
Jorge Dabdab Waquil
Jorge Leandro Lamb
Jorge Tadeu Maurmann
José Antônio Acauan Rocha
José Antônio Gutierrez Andretta
José Carlos Scarpellini Silveira
José Carlos Vieira
José Homero Finamor Pinto
José Julião Terbai Júnior
José Maurício de Souza Queiróz
José Paulo Leiria Moura
Júlio César Costa Sá
Jussara Maria Osório Bertoldo

Lilian Regina Xavier
Lúcia Amada Castiel Lima
Luís Eduardo Bastos dos Santos
Luís Fernando Lanfredi
Luiz Antônio Allgayer
Luiz Carlos Borges Martins
Luiz Carlos Rifrano Leite
Luiz Eduardo Yurgel
Luiz Fernando Löw
Luiz Fernando Sanfelice Nunes
Luiz Vaccaro Filho
Márcia Fernanda S. M. Barreto
Márcio Alberto Dorfman
Marcus Flavius Sittoni Pereira
Maria Elisabeth Hartmann Pires
Maria Helena Amorim Baltar
Maria Regina Pereira Buss
Maria Tereza Reuter Fichtner
Maria Virgínia Viana de Oliveira
Martha Cogno Lermen
Mauro Lambert de Macedo
Miriam Teresinha Machado Tlajja
Mirian Pinto Albuquerque
Nelson Valeriano Souza da Cunha
Norton Ernesto Pettenon
Odone Schmitt
Olmar Schneider
Osvaldir Theodoro M. Rodrigues
Osvaldo da Silva Valdez
Osvaldo Farinha Machado Carrion
Ozéas Mendes de Oliveira
Paulo Cezar Dutra Ramos
Paulo Fernando Nichterwitz
Paulo Loeck
Paulo Roberto Caron
Pércio Pizzato
Ramiro Furquim Neto
Renato da Silva Solano
René Antônio Roehrs
Renildo Silveira
Ricardo René Bellini Oliveira
Ronaldo Fossati Pinto
Rubens Alexis Gougeon Vares
Rui Leopoldo Frimm
Ruy Braescher Filho
Sérgio Alberto Pires da Silva
Sonia Regina Sachs
Suzana Legg da Silveira
Theresinha Albina Mazzini Covolo
Vera Beatriz Zanin
Vicente Lehmann da Silva
Vitor Szortyka
Walter Lorentz
Wilmar Peña Rodrigues Filho
Wilson de Oliveira Simão
Wilson Leipnitz

Engenheiros Eletricistas

Agis Espártaco Cervo Paz
Arno Luiz Bechstedt Filho
Bruno Dias Dias da Costa
Caio Graccho Escobar Palmeiro
Carlos Roberto Bretin de Mello
Carlos Roberto Pires Porto
Carlos Rodolfo Rohenkohl
Cezar Luciano C de Oliveira
Cícero Luís Doten Franco
Clóvis Neron Schmidt
Daniel Conrado Van Der K. de Jong
Delcio Vieira Fernandes Filho

Domingos Savio G. Kulczynski
Edson Assis Sortegagne
Edson Schmitt Pimentel
Eduardo Alexandre D. Zimmermann
Eugênio Greggiani
Fernando Saleske
Fernando Soares Schindwein
Frederico Ostermayer
Fredy Sudbrack
Getúlio Gehring
Gilberto Coster
Guilherme Bittencourt
Heitor Silva
Helenir Aparecida do A. Queiroz
Henrique Eduardo Pratti
Ingrid Eleonora Schreiber Jansch
Jairo Gazola
Jamir Antônio Seidler
Jayme Souza de Souza Filho
João Argon Preto de Oliveira Filho
João Paulo Marzotto
Jorge Barbosa Cureau
Jorge Mário Campagnolo
José Antônio Giegler
José Zugno Filho
Josete Sobbé Obino
Kleitton Alves Ramil
Lauri Luersen
Leonardo D'Amore
Luiz Augusto Rodrigues Mousquer
Luiz Carlos Célia Brun
Luiz Felipe Corrêa Kanan
Luiz Fernando Crespo Cavalheiro
Luiz Lazaro Dionisio
Magnus Casara
Maria Elisa Nachtigall Hasse
Marino Castro da Silva
Mário Santos Rossi
Maurício Pechansky
Mauro Ramiro Rodrigues
Milton Sperry Winckler Júnior
Nelson Aloísio Trasel
Nestor Augusto Schaedler
Norberto Bramatti
Numa Caceres Garcete
Olavo Arndt
Osmar Montagna
Paulo César Hoeverler
Paulo Roberto Prondzynski
Pedro Ernesto Lassance Moreira
Pedro José Abreu Lima da Rosa
Raul Spindler
Ricardo Spanier Hunrich
Ronaldo Eugênio Schneider
Rui Gava
Sadi Roni Matzenbacher
Schanini José Kirschbaum
Sérgio Bampi
Sérgio Cristovão Pretto
Sérgio Lourenço Schaefer
Valter Henrique Penno
Werner Edmundo Bischoff
Werner Mundt
Yeddo Braga Blauth

Engenheiros Mecânicos

Ageu Filgueiras Filho
Airton Fernando da Silveira Ramos
André de Azevedo e Souza
Antenor Pacheco Netto

Ari Tadeu Martiny
Aristeu Cláudio Kautzmann Filho
Ary Oscar Waismann
Caio Mário Franco Netto da Costa
Carlos Berwanger
Carlos Froehlich
Celso Tadayoshi Ishie
Cláudia Regina Veríssimo Duncan
Cláudio Schmitt Garcez
Cledion Jamardo Pinto
Custodio de Arruda Gomes
Darcy Pedro Piva Filho
Detlev Fenselau
Eduardo Pinheiro Borges
Ernani Luiz Hübner
Fábio Grubba Motta
Flávio José Lorini
Francisco Abílio de Borba Saran
Gaston Marcelo Arnez Soliz
Gelson Luiz Lansarin
Gilberto Zambonato Raguzzoni
Gilson Nunes
Gregório Jean Varvakis Rados
João Baptista Teixeira da Silva
Jorge Luiz Wojcicki da Silva
Jorge Roberto Rogowski
Jorge Terístocles Cevallos Solórzano
José Alfredo Thomaz
José Antônio V de C Galarza
José Carlos Penna Wageck
José Francisco dos S Corrêa
José Humberto Mendez Briceno
José Luiz Salvadoretti
José Ricardo Caon da Luz
José Rubens Couto Polidori
Juarez Pinto Maestri
Juarez Campos Alvares
Júlio César Porciuncula da Silva
Júlio de Araújo Bastos
Lennart Olaf Sternberg
Lia Valéria Arthmar
Luciano Nunes Zanetello
Luís Carlos Slavutzki
Luiz Antônio de Mesquita Pezerico
Luiz Carlos Cruz de Azevedo
Luiz Felipe Nogueira Majerkowski
Luiz Fernandes Ghiggi
Luiz Fernando Noé
Luiz Germano Bodanese
Luiz Nelson Valcareggi
Luiz V Maurer Ferreira da Costa
Marco Antônio Porto Bernsts
Marco Aurélio Cunha da Silva
Maria de La Soledad B Gonzalez
Mário José Esquivel Bado
Mário Renato Chiari Silveira
Nelson da Rosa
Oswaldo Sérgio Ferreira Beck
Paulo Augusto Lambert
Paulo Augusto Martinez
Paulo Glasherster Martins
Paulo Maurício Selig
Paulo Ricardo Kugland de Azevedo
Pedro Sebastião Lenz
Rachid Weidner Maluf
Raimundo Ghilardi da Cunha
Renato Mandel Wolfrid
Reynaldo Teruel Cardoso
Ricardo Caselli Moni

Ricardo Nocchi Kalil
Ricardo Stahlberg
Roberto Otto Koch
Roberto Puerari
Rogério Luiz Moreira Bolzani
Rubens Cornélio Marcacini
Sadek Crisostomo Absi Alfaro
Udo Wondracek
Valdomiro Bocchese da Cunha
Valmor Neves Vieira
Victor Garcia Cademartori
Vitor Fernando Reichelt
Vitor Hugo de Borba Schramm
Volni Martim Biason
Waldemiro Werneck Filho
Engenheiros Metalúrgicos
Carlos Perez Bergmann
Cherubin Alexandre Silva Schwartz
Cláudio Giugno Mallmann
Cláudio Heitor da Silva
Ério Tedesco Fraga
Fábio Cardoso Dulinski
Gilberto Ceratti
Hilton Boklis
Jairo Antônio da Cunha Ribeiro
João Carlos Pinheiro Beck
Luís Reinaldo Fleck
Marcus Zanetello
Milton Luiz Wittmann
Oscar Rudy Kronmeyer Filho
Paulo Darlan Holmes Pereira
Paulo Roberto Ogliari Hopperdizel
Paulo Wagner de Mattos
Pedro Armando Boni Licht
Pedro Romeu Lima Mello
Renato Cantergi
Roberto Luciano Coletti
Roberto Marques de Lima
Engenheiros de Minas
Antônio Pedro da Luz Figini
Arlito Alves Valente
César Ferrazzi Duarte
Cláudio Beneton Zilli
Elias Venâncio Saez Espinoza
Fernando Luiz Zancan
Gilberto Lúcio Eidt Sad
Hermes Luís Farias Ferreira
Ivanio Glycério Bridi
Jair Carlos Koppe
João Carlos Victória de Araújo
João Eduardo Noal Berbigier
Leduvy de Pina Gouvêa Filho
Luiz Carlos Damasceno
Modesto Ramón Silva Vazquez
Ney Sá Júnior
Onofre Augusto Sousa Gonzalez
Valter Garbinatto de Albuquerque
Engenheiros Químicos
Alamiro da Costa Guimarães Neto
Ângela Margot Cornelius
Antônio João Dias Prestes
Astor Aldino Lohmann
Carlos Alberto Picinini
Carlos Fetter Zambrano
Clóvis José Fitarelli
Douglas Roberto Schwab
Emilse Maria Agostini
Fernando José Marroni de Abreu
Francisco de Oliveira Leme

Gisela Ranck
Hilton Landgraf Piccolo
Ilê Maria Krahl
Jacqueline Cristina Karsaklian
Jair Henrique Foscarini
João Henrique Merten Peixoto
Jorge Ademir Cruz Pinto
Jorge André de Azambuja Werlang
Jorge Luiz de Arruda Fialho
José Carlos Sokal
Keiji Enta
Lizete Beatriz S dos Santos
Luís Roque Klering
Luiz Antônio Chaparini
Luiz Augusto Zugno
Magali Beatriz Presotto
Marcoteles Polenz
Maria Cristina Sousa Botti
Maria Luiza Vaz Dias de Souza
Maria Teresa M. R. de Amazarray
Mário José Gunha
Mário Luiz Baldasso
Nadia Marzi Eckert Rossoni
Natanuel Carli Bonicontró
Neusa Maria Donadel Tocchetto
Oscar Braz Calloni
Paulo Fernando W. de Buzin
Paulo Roberto Martini
Rejane Silveira Vargas
Rejane Voges Scopel
Ricardo Noll
Ronaldo Hoffmann
Sara Gross
Sérgio Rohde
Sílvia Ferreira Wischral
Suzana Freitas Trindade
Tânia Regina Prauchner
Wandernei Klein
Wilians Roberto Baldo

1980

Engenheiros Civis

Adilson Ruano Machado
Alberto Jacques de Souza Trindade
Alirio Antônio Caldart
Álvaro Egidio Pezzi de Alencastro
André Luiz Elejalde de Campos
André Luiz Lopes da Silveira
Ângelo Francisco Teston Neto
Antônio Carlos Fraga Machado
Antônio Carlos Neves de Mattos
Armando Micelli Teixeira
Armando Schramm
Armando Reolon
Arno Zancanella
Augusto Portanova Barros
Beatris Regina Scomazzon
Beatriz Lindamir Fleck de Loyola
Bruno Edison Sbaraini
Carlos Alberto Moraes Santurio
Carlos Alberto Vieira Barbosa
Carlos Santiago Arrata Menezes
Carlos Torres Formoso
Carmen Lúcia Langhanz
César Ceconello
César de Miranda Melo Tigre
Cláudio Meneghetti
Cláudio Moreira Krebs
Claudionor Martins Barbosa

Clea Maria Coelho Medina
Cleo Paulo Balbinot
Clóvis Renato Lima Dorneles
Denise Burigo Bernard
Edson Fernando Mitidieri Ferreira
Eduardo Renner Torelly
Eduardo Schmitt da Silva
Eduardo Ture Lauffer Ekman
Ernani Camargo Porcello
Fernando Barth
Fernando Inácio Bastos
Fernando Luiz Pedreira
Fernando Schnaid
Flávio Carlos Heinz
Flávio Gelatti
Flávio Marcelo de Mattos Paim
Gaynor da Silva Marques Júnior
Gilderis Magrin
Guilherme Müller
Haroldo Luchsinger da Fonseca
Helena Beatriz Vanzeloti Bettela
Hiram Günther
Humberto Ramos Roman
Ivan Herve Filho
João Antônio R. de Menezes Costa
João Carlos Araújo Lemos
João Cláudio Wigner Riccardi
João Fornasier Neto
Johny Dirlei da Silva Acosta
Joice Unis
Jorge Frederico Pereira Mendoza
José Artur Silveira Cauduro
José Carlos Rosito
José Moacir Rosa Filho
José Pércio Machado
Júlio César Vaz Ribeiro
Jussara Verba Gisckow
Laerte Wanderley Sopper
Luciano Eli Martin
Luís Fernando Gravina
Luís Fernando Yavary Mendez
Luisa Helena Lopes Bernd
Luiz Afonso dos Santos Senna
Luiz Alberto Porto de Lima
Luiz Antônio Bressani
Luiz Eduardo Barrios Escosteguy
Luiz Fernando Bento da Rocha
Luiz Fernando de Abreu Cybis
Marcelo Carvalho Borges
Marcelo de Araújo Carvalho
Marcelo Giulian Marques
Márcia Conceição Rodrigues
Marco Antônio Costi Piffero
Marco Antônio Lima Benites
Maria Cristina P. da Silva e Souza
Maria Elizabeth Albrecht Oliveira
Maurício Marca Neto
Maximilian Breuel
Miguel Ângelo Faria Silva
Miguel Tesser
Milton Pereira das Neves
Miriam Freire
Natalício João Meneguzzi
Nelson Fernando Beltrame
Nestor Fidel Olivo Arrieta
Nestor Zimmermann
Newton Chwartzmann
Newton D'Ávila Farinatti
Newton Paulo Hamilton Torres

Norton Enno Klein
Paulo César Colombo
Paulo Fernando Biles Goetze
Paulo Fernando Macluf Biberg
Paulo Oscar Christ
Paulo Reinaldo Dienstmann
Paulo Ricardo Pacheco Escobar
Paulo Roberto Cunha de Almeida
Paulo Roberto Pedrosa Ferraz
Paulo Roberto Tomasetto
Paulo Soares Blessmann
Pedro Luiz Szabo
Régis Kruel Romeu
Régis Müller
Renato Beck de Almeida
Renato Ferrazzi
Renato Guerreiro da Silveira Neto
Ricardo Arenhart
Ricardo Lins Portella Nunes
Ricardo Mombelli
Ricardo Rodrigues de Azevedo
Roberto Lamberts
Rogério Luiz Zanella
Romeu Facchin
Rosane Mallmann Cancelli
Rosângela Mello Fialho
Ruben Roberto Müller
Rudimar Antônio Chies
Sedinei Zen
Sérgio Cantergi
Sérgio Klein
Sidemar Francisco da Silva
Sílvia Maria Vaz Dias de Souza
Simone Halpern Faerte
Thales de Lorenzi Campelo
Thales Oliveira de Almeida
Thays Ferreira Ely
Ubirajara Szekir de Oliveira
Vilmar Matiello
Viviane Regina Lemos Bertol
Wagner Heinz de Freitas
Yeddo Renato Arais

Engenheiros Eletricistas
Alexandre Ventura Olmos
Almo Caumo
Ana Beatriz Maia Rodrigues
Ângelo Guilherme G. Scomazzon
Beatriz Carlesso
Carlos Alberto Vieira
Carlos Carpena de Coitinho
Célia Maria S. D'Ávila Teixeira
Celso Martini
Cícero Augusto Freire Ferraz
Daniel Elias Arce Zambrana
Daniel Tozzi Ribeiro
Darci Antônio Tartari
Edu de Moraes Machado
Eduardo Antônio Duarte Canabarro
Eduardo Guardiola Velloso
Eldad Korman Chapper
Elton Luís Soldatelli
Énio Valmor Kassick
Enrique Duarte Luraghi
Fernando Augusto Potter
Fernando Luiz Fim Birriel
Frede Antônio Rodrigues
Gilson Carvalho
Igor Dadeko
Jaime José Hartmann

João Carlos dos Santos Fagundes
Joji Aso
Jonas Barcellos de Moraes
Jorge Antunes do Nascimento
José Carlos Pires Ferreira
José Francisco Lofrano de Oliveira
José Luiz Bozzetto
José Luiz Pinto Souto
José Senti Consoli Filho
Luís Francisco Lofrano Oliveira
Luís Martins Job
Luiz Carlos Rusky
Luiz Francisco Giacomet
Luiz Sasada
Marcelo Martins Marins
Marcelo Pizzato Favieiro
Marco Antônio Costa de Borba
Marco Aurélio Vasquez Barrionuevo
Maria Wilma Dias Müzell
Mauro André Mendes Medeiros
Nilson Laureano de Brum
Norton Petry
Raul Santos Rossi
Rejane Goldstein Telichevesky
Ricardo Sturmer
Roberto Becker
Roberto Cabral de Mello Borges
Roberto Pacheco Walcher
Roberto Silvestrin
Rogério Silveira Funchal
Rubens Gomes Filho
Rubens Melchior Wawrick
Sandro Rocha Peres
Sixto Luiz Duré Benitez
Tristão Júlio Garcia dos Santos
Uiaraju Pires Gonçalves
Vera Helena Teixeira
Victor Pinto Vieira Neto
Vitor Fernando Bertini
Vitor Luiz Fetter
Wagner Nicola Neumann
Werner Loeffler

Engenheiros Mecânicos
Adib Paulo Abdalla Kurban
Alexandre Mussnich Barreto
Alfredo Raúl Friedman Köhn
André de Conto Abitante
Antônio Carlos Pires Cerveira
Augusto Martins Brentano
Carlos Alberto Wunsche
Celestino Migot
Demosthenes Panayotis Nicolau
Duflio Weissheimer de La Corte
Edison Varallo Hillal
Eduardo Soares Majewsky
Flávio Waldir Veit
Francisco José Marramarco
Francisco Luiz Rios
Gerson Luiz Flesch
Gilberto Aginsky Paz
Gilberto Silva de Sousa
Gilnei Carvalho Ocácia
Guilherme Guaragna
Henrique Berger
Hugo Abdón Rey Princigalli
Jacques Rosat Neto
João Raimundo Brocardo Spolaor
João Ricardo Polycarpo Lied
Jordan Cabral Filho

Jorge Francisco Schüller
José Fernando César de Mattos
José Luiz Giumelli Markezan
Juarez Normann
Júlio César da Silva
Leonardo Mallmann
Lorenzo Fanelli
Luciano Calaça Azzi
Luiz Alberto Hansen
Luiz Antônio de Mesquita Cardoso
Luiz Carlos Spellmeier
Luiz Henrique Kraemer Campos
Luiz Henrique Mengatto
Luiz Roberto Turquenitch
Marco Aurélio da Rosa Ramos
Miguel Eduardo Sudbrack
Milton Amato Sandri
Nilton Eduardo de O. Trindade
Paulo Antonini
Paulo Henrique Oliveira Rambor
Pedro Carlos Feijó Sidou
Peter Bent Hansen
Régis Henkin
Ricardo Wagner Sperb
Roberto de Cerqueira Coda
Rodnei Gomes Pacheco
Rogério Ferrary Ambros
Rogério Renner dos Santos
Rolf Martin Dreher
Roque Perobelli
Shigeo Maekawa
Solon Mauro Sales Fagundes
Ubiratan Bica Rocha
Valdir Machado Calixto

Engenheiros Metalúrgicos
Carlos Ernesto J. Friedmann Kohn
Cesare Arturo Domênico Bianchini
Christina Maria Muniz
Cláudio Cezar Peres
Cláudio Luiz da Cruz Meira
Clóvis Brust
Delmar Alfredo Flemming dos Reis
Eduardo Ferreira Horn
Fernando José Dutra Parreira
Flávio da Silva Ramos
Gilberto Harsteln
Luiz Carlos Constante do Amaral
Luiz Carlos Nascimento Lopo
Martha Lúcia Dreher
Newton José Germann
Paulo Brockmann de Oliveira
Ricardo de Abreu Anawate
Ruben Marcial Urquhart Quevedo

Engenheiros de Minas
Carlos Eduardo Scheibe
Carlos Hoffmann Sampaio
Cezar Armando Medina Pinto
Cristina Fleischhut
Dante Rudimar de M. Ocampos
Fernando Hartmann
Flávio Eduardo Becker
Norton Ferreira Feil
Raul Oliveira Neto
Romualdo Alfredo C. da Silva
Rubens Müller Kautzmann
Severo Corrêa de Barros Neto

Engenheiros Químicos
Ademar Kazno Horiuichi
Adilson Soares

Airton do Amaral
Airton Flores de Souza Brito
Airton Lopes da Silva
André Luiz Pinto da Costa Soriano
Antônio Luiz Duarte Bragança
Braz Marino Zanutto
Carlos Alberto de Verney Gothe
Daniel Justo
Edison Paulo de Ross Triboli
Edson Francisco Stoppa
Elenara Mattos Corrêa
Elenice Maria de Mello
Énio Santos de Freitas
Fábio Severo Nunes da Rosa
Fausto Girola
Gustavo Heinrich Copé
Heliomar Abreu Rosa
Hildo Francisco Henz
João Francisco Guadagnin
José Antônio Mossmann
José Carlos Bignetti
José Volnei Lapis Lopes
Joseni Maria Machado José
Lacir Comparin
Luiz Carlos Casavechia
Luiz Carlos Schünemann
Luiz Felipe Panitz Cruz
Luiz Ruppenthal
Marco Aurélio Luiz Martins
Margareth Feijó Brunnet
Maria Inês Salim Alves
Maria Lúcia Lovato Krieger
Marilene Reis Golbert
Mário Augusto Alfaro Solari
Mário César Giacomazzi Zandonai
Mário Luiz do Nascimento
Marisa Weber
Martha Elaine Klein
Nelson Tschiedel
Paulo Emílio Dias Varante
Paulo José de Paiva Venegas
Ricardo Brandalise
Rigoberto Macias Carrera
Roberto Chaves Barcellos Ruschel
Rogério Lessa de Curtis
Shirlei Inês Pollom Longarai
Tânia Denise Miskinis
Telmo Francisco Manfron Ojeda
Vivian Rosani Barcellos

1981

Engenheiros Civis

Aécio de Miranda Breitbach
Aldo Roberto Silva Lapolli
Alexandre Bernardes Barbosa
Alva Flavia Martins Costa
Álvaro Roberto Alves Osório
André Loiferman
Antônio Carneiro Endres
Antônio Ervino de A. Pedroso
Antônio Fernando Cardoso
Carlos Alberto Veit
Carlos Alves Mees
Carlos Eduardo de Medeiros Garcia
Carlos Eduardo Franco Moreira
Carlos Eduardo Trois de Miranda
Carlos Roberto Garcia Umpierre
Celso Fernando Peccin
Celso Rudy Strohschoen Pinto

Cleon Manoel Ramires Espinoza
Cristiane Zart
Cristina Kras Borges de Azambuja
Dagmar Ranck
Dalge Dilmar Madeira da Silva
Eduardo Finger
Eliseu Wentz
Eridson Justino da Rosa
Fernando Bruno Siebeneichler
Francisco Antônio Zorzo
Guillermo Aurélio A. Chevalier
Hilário Andrade Soares
Hugo Zumarán Palma
Ivan Luís Bruxel
Jayme Fonseca Ferreira Filho
João Alberto Kerber
João Antônio Miguel
João Batista Durgante Colpo
João Leopoldo Silva Petry
José Alberto Pergher
José Luís Rangel Lopes
José Luiz de Carvalho Monteiro
Juan Humberto Cortez Uzeda
Juarez Antônio Fairon Recha
Júlio César de Oliveira Onofrio
Lauro Roberto Tomkowski
Lúcia Wilhelm Veras
Luiz Alberto Braun
Luiz Carlos Kraemer Campos
Luiz Henrique Goerisch
Luiz Paulo Baroni Silveira
Marco Antônio Mesquita Lérias
Marco Aurélio Mesquita Lérias
Maria da Graça Jamardo Pinto
Mário de Araújo C. de Azambuja
Mário Ricardo Mayer Rosa
Marta Ribeiro Aguston
Mateus Valduga
Mauro Alberto Schreiner
Miguel de Souza Ferreira
Newton Fabrício Ulrich
Nilton Antônio Schumacher
Osmar Sadi Nether
Paulo Afonso Soares Pereira
Paulo Carrion Torres
Paulo Itamar Telli
Paulo Jaeger
Pedro Ricardo Barbosa Chapon
Regina Helena S de Azambuja
Renato Ansolch de Oliveira
Renato Arns
Renato Duarte Mendonça
Ricardo Amaral Martins
Ricardo Tsuruiti Takeda
Ricardo Wierzchowski
Ricardo Wladimirski Mucenic
Roberto Hennemann
Roberto Munhoz Teixeira
Roberto Padilla Petry
Rodimar Capra
Ruy Carlos Ramos de Menezes
Samuel Porfírio Alvarado Reyes
Silvano Petter Hoss
Tristão Júlio Garcia dos Santos
Ubiratan Oro
Valdir Flores
Valéria Hennigen
Valter Giugno Abruzzi
Vilmar Antunes da Silva

Waldir José Konzen
Walter de Abreu Cybis
Wantuil Ferreira de Camargo
Engenheiros Eletricistas
Adalberto Ruschel
Alberto Bastos do Canto Filho
Alberto de Araújo Bastos
Alberto Ilha Graebin
Alexandre Kroeff Zim
Álvaro Daniel Morandi Cagnasso
André Luiz Behs
Antônio Domingos Fortis Faillace
Antônio Ricardo Weber Todesco
Arthur Boos Júnior
Carlos Artur Behrmann
Carlos Eduardo Volcato Custodio
Carlos Henrique da Cunha Castro
Carlos José Mergener Bolognesi
Eduardo Silva Pereira
Eldad Chapper
Enrico Martellini
Fernando Hagemann
Iraldo Castelli Haeser
Irene Szyszka
Jaime Aranovich Neto
Jorge Augusto Gräbin
José Eloi Silveira de Souza
Jussara Issa Musse
Kelber de Souza Albeche
Luís Carlos Santiago Ferreira
Marcel Thiesen Dumont
Marcelo Amar
Marco Antônio Morales Vaz
Marco Aurélio de Oliveira
Marcos Antônio Roveda Tschöpke
Marcos Julian Velazquez Martinez
Marcus Pinto de Brum
Maria Teresa Guimares F. Souza
Maria Wilma Dias Muzzell
Osmar Yang
Paulo Ricardo de Souza Mubarak
Paulo Schünemann
Paulo Werle
Pedro Francisco Donoso Garcia
Percy Régis Cornelius
Raul Pena Moreno
Ricardo Augusto Pufal
Ricardo Noé Bretin de Mello
Ricardo Scop
Ricardo Wetter
Roberto Buckoski Gonçalves
Ronete Loureiro Vianna
Rosana Probst Lemos
Ruy Gava
Sérgio Borba Pereira
Sok Won Lee
Thomas Sydow
Tristão Júlio Garcia dos Santos
Werner Ettrich
Engenheiros Mecânicos
Alberto de Oliveira Schmitt
Antônio Freitas Vargas
Astor Azeredo
Augusto Scofano Mainieri
Carlos Alberto Camino Bohrer
Carlos Alberto Laud Salim
Carlos Henrique Lopes Rodrigues
Carlos Victor Candia Mazzitelli
César Augusto Ungaretti

César Eduardo Marques da Silva
Cláudio Antônio Manfredini Rigoni
Cláudio Otto Pacheco
Clóvis Rodrigues dos Santos Filho
Constantino Rodrigues de Freitas
Daniel Pouey de Souza
Edison Eckert
Edison Ricardo Michel
Edson Zílio Silva
Eduardo Scomazzon
Egon Tauner
Evandro Rech Pereira da Costa
Fernando Reichert Bello
Flávio Armando Boelter
Frederico Metzler Saatkamp
Geraldo Panitz Ripoll
Gilberto Mário Müller
Guido Canto Alt
João Armindo Graeff
João Carlos Diniz da Costa
João Roberto Loureiro de Mattos
Joel Cavalcanti A. Tabajara Filho
José Antônio Valle Antunes Júnior
José Luiz de Moraes
José Luiz Derr
Lauro da Rocha Ramires
Lincoln Martins da Rosa
Luiz Eduardo Dias
Luiz Fernando Pavão Gonçalves
Luiz Gustavo Cavalcanti Picos
Luiz Medeiros da Silva
Luiz Ricardo Cupertino
Natanael Lopes
Otávio Luiz Dibe Vescovi
Luiz Gustavo Webber
Paulo Henrique Fayet
Paulo Roberto Mondadori
Paulo Sérgio Soares de Aguiar
Paulo Smith Schneider
Philips Akpoezi Onwawoma
Ralf Ettrich
Roberto Artur Pilz
Rodney Ritter Morgado
Ronaldo Faermann
Sérgio Antônio Percy Ferreira
Victor Luiz de Araújo Nadotti
Engenheiros Metalúrgicos
Antônio Jurandi Lago da Silva
Carlos Waldemar Milke Diehl
César Augusto de Moura
Custódio Maia Lemos
Eduardo Osório
João Adamiak Neto
Kwon Il Choi
Luís Frederico Pinheiro Dick
Marcel Thiesen Dumont
Mário Lorenzo Garbett Vinader
Nelson Ricardo Schaefer
Paulo Roberto Chedid
Ruben Marcial U. Quevedo
Sérgio Ricardo Baptista Dreyer
Sonia Edith Cabrera Barrazueta
Walter Eduardo Cruz
Engenheiros de Minas
Carlos Alberto Zirbes
Cláudio Nunes
Edson Mendonça Mattos
Ezio Umberto Cescon
Flávio Freitas Borges

Humberto Lealdino Reichert
Jone Edson Martins
Martin Egon Lautert
Nevio José Richetti
Oscar Fernando Allgayer
Othelo Laurent Júnior
Paulo Jorge Ribu de Freitas
Paulo Roberto Souza Fernandes
Pedro Luiz Schamann Mainieri
Régis Wellausen Dias
Sérgio Bruchchen
Engenheiros Químicos
Antônio Sérgio K. Milagre
Áureo José Dutra
César Luiz Batista Oliveira
César Uhlein
Cleber dos Santos
Fábio Weber Nowaczyk
Felipe Amorim Berutti
Fernando Álvaro Ostuni Gauthier
Fernando Seerig
Francisco Schneider Neto
Harley Farina
Itamar Antônio Reche
Jorge Zanatta
José Augusto Marcon
José Chytry
Léo Maldonado
Lúcia Maria Netto Capra
Luiz Fernando Candal Degrazia
Marcelo José Spohr
Márcia Terezinha C. Andreola
Maria Cristina Schilling Meller
Maria Inês Steenbock Jasper
Maria Isabel Pezzi Klein
Martim Heberle
Maury Ernesto Kappke
Mônica Romero Pereira dos Santos
Paulo de Tarso Jost
Paulo Francisco Tortorelli
Peter Caubi Macherer
Ricardo Fritsch
Roberto Debiasi Sirangelo
Roberto Fernando de Souza
Romeu Noll
Ronaldo Garcia Moll
Rosa Maria da Re
Rudimar Mendonça Lobato
Ruy Alberto Dias
Sandra Cecília Weber da Silva
Silvana Maurell Gomes
Vera Maria Kroeff Carrion
Waldir Oscar Nothen Filho

1982

Engenheiros Civis
Alexandre Cruz Perrone
Alexandre Nogueira de Constantino
Alfredo Branchina
Álvaro Paganin
Álvaro Stumm
Ana Luiza de Oliveira Borges
Antônio Carvalho Sarmiento
Aquiles Dal Molin Júnior
Armando Roberto Dall'Igna
Astor José Gruner
Breno Gutterres Gonçalves
Breno Saute
Cândido Simões de Freire

Carin Maria Kude
Carlos Alberto Brito Loureiro
Carlos Alberto Stocker
Carlos Eduardo Xavier Marun
Carlos Fernando Cabrera
Carlos Fernando Schuch
Carlos Schmidt Arturi
Carlos Wengrover Rosa
Carmen Lúcia Panitz Cruz
César Antônio Ferreira Perrupato
César Augusto Cruz de Magalhães
César Augusto Goldenfum
Cylon Fernandes Rosa Neto
Dante Eduardo Azevedo Westphalen
Darcy Dickel
Débora de Souza Morsch
Denise Carpena de Coitinho
Dorval Antônio Corrêa
Edgar Bercht
Edison Fabian Sanchez Carvajal
Edison Ricardo Michel
Eduardo Cauduro Mallmann
Eduardo Goldfeld
Eduardo Jaime Smejoff
Eduardo Magalhães Ballvé
Eliézer Teitelbaum
Élio Dornelles Andres Filho
Elton Milani
Fernando Mikio Fujihara
Flávio Augusto Fontans Perez
Gerson Cavassola
Gilberto Rafainer
Glênio Villela Pereira
Hiram Rodrigues Leal
Hugo Engel Gutterres
Iria Salton Rotunno
Ivanor Antonioli
Jaime Antônio Sirena
Jairo César Ramos Vieira
Jayme Antunes da Costa Filho
João Carlos Bins Filho
João Geraldo Araújo de Mattos
João Robério Silva Ferreira
Joel Lubianca
Jones Alcides Volpini
Jorge Guerino Lansarin
José Luís Duarte Ribeiro
José Luiz Mergener Bolognesi
José Mário Ilha Arrieta
José Ricardo Silva de Souza
Júlio César Aguilera Benitez
Jussara Cabral Cruz
Leopoldo Antônio Schultz D'Ávila
Lino Maranhão Otero
Luciano Haroldo Erbert
Luís Felipe Patta Cheuiche
Luís Ralph Mora Schimitt
Luiz Alberto Stefani
Luiz de Araújo Carvalho
Luiz Fernando Gomes da Silva
Luiz Plínio Bueno Cortes
Manoel Henrique Ferreira
Marcelo Frasca Medaglia
Marcelo Gus
Marcos Fernando Trindade
Margareth Vazatta
Marie Therèse E. Vergara D'Orleans
Mário Krawczyk Filho
Maura Fonseca Colla

Mauro Menezes Castilhos
Miguel Coifman Branchtein
Nelson Haeser
Nelson Passaroff
Nido Conde Costa
Nilson Camargo Serafini
Nilton Fagundes Pastoris
Olmiro Velasque Müller
Otto Hallwass
Paulo Engelman
Paulo Idu Marquardt
Paulo Lopes de Almeida Torelly
Paulo Romeu Klöchner
Rafael Heinicke do Nascimento
Renato Luiz Bauermann
Reneu José Fischer
Ricardo Driemeyer
Ricardo Esmeraldino
Ricardo Lindemann
Ricardo Scavuzzo Machado
Roberto Luiz Ritter
Roberto Manoel Ribeiro Saldanha
Rogério Cogan
Rogério Schwarzbach
Rosane Hinnah
Saul Plavnik
Saulo Roberto dos Santos Blauth
Sérgio de Almeida Costa
Sérgio Nequesaurt Pereira Neto
Sérgio Turkienicz
Sidnei Prikladnitzky
Sílvio João Bertol
Simone Mesquita Mallmann
Sonia Beatriz Friedrich Maus
Susana Andrade Rezende
Taila Nerung
Thompson Cardoso
Vladimir Roberto Casa
Walter Hasenack

Engenheiros Eletricistas

Alberto Forlivesi
Aldo Marino Beck
Alexandre Antônio Detanico
Aly Ferreira Flores Filho
Anestor Costa Azevedo
Ângela Maria Baldasso
Antônio Carlos de Almeida Gomes
Bladimiro Szuako Linievich
Carlos Alberto Beltrão de Souza
Carlos Damião Gobbi
Carlos Jesus Orellana Hurtado
Carlos Odone Meregali de Oliveira
Dirceu Bampi
Edisson Haroldo Silva da Silva
Eduardo Peixoto de Moura
Fernando Ferreira Bicca
Flávio Ampessan
Gerson Luiz Carvalho Deckhorn
Gilberto Stolz
Gustavo de Barros Barreto Ramalho
Gustavo Jesus Mora Villalba
Hugo Enrique Hernandez Figueroa
Jacob Scharcanski
Jerônimo Ferreira Accioly
João José Correia Rosa
Jorge Alberto Rocha
Jorge Eduardo Heck
José Antônio Antonioni
José Luiz Schüler

Juarez Fernando Miotto
Lenoir Carminatti
Luís Antônio Castro Pou
Maurício Bisso de Mello
Morci Schmidt
Nelson Menna Barreto Felizzola
Olinto Antônio Schmitt Sant'Ana
Paulo Ricardo Pfeil
Paulo Roberto Lima Bruhn
Paulo Sérgio Bisso Aranha
Reginaldo da Luz Ghisolfi
Ricardo João Becker
Ricardo Pezzuol Jacobi
Ricardo Rodrigues Branco
Roberto Affonso Schilling
Romo Airon Rosa Herzog
Secundino Arturo Perez Mendieta
Sérgio Alexandre Korndorfer
Thais de Mattos Paim
Valdir Roman
Werner Müller
Wilson Júlio da Luz Santos
Yuri Grigorieff

Engenheiros Mecânicos

Ademaro Marchiori
Ademir Neves Cardoso
Adolfo Kuhn Pfeifer
Alexandre Cardia Machado
Augusto Osmundo Reis Filho
Beatris Regina Scomazzon
Carlos Alberto Pereira
Carlos Crespo Izquierdo
Carlos Eduardo Bonazzola Ribeiro
Cleber Gonçalves Bezerra
Dinarte Santos
Eduardo Munhos de Campos
Eduardo Nunes
Eloi Carlos Silva dos Santos
Fábio Machado Schuler
Fernando Fischer Gehres
Fernando Luís Alano da Silva
Flávio Garcia da Rocha
Flávio José Müller
Francisco Antônio Lopes Pernigotti
Geraldo Scarparo Sorio
Henrique Verner Kabisch
Inácio Nobuyuki Moriguchi
Irionson Antônio Bassani
Jorge Luís Jorge da Costa
Jorge Noboru Makino
José Antônio Gonçalves da Rosa
José Luiz Martins Paiva
José Luiz Tabajara Chamun
Liu Ssu Chi
Luís Eduardo Gazzola
Luiz Fernando Neubert
Márcio Pinto Ramos
Marcos André Klenner dos Santos
Martin Brugger Titton
Mauro Kern Júnior
Orimar Gotardo Scopel
Paulo Antônio Gomes Granja
Paulo Roberto Corrêa Lima
Paulo Schutz de Oliveira
Pedro Gustavo Roche
Renato Ruszczyk
Renato Trindade da Silveira
Ricardo Cunha Mattos Portella
Ricardo Soccal Lang

Ricardo Wagner Hanisch
Roberto Guilherme Wagner
Selmar José Basso
Tomas Alexandre Kisslinger
Vicente Golin da Cunha
Victor de Paula Palombo
Wlamir Furtado Venturini

Engenheiros Metalúrgicos

Guilherme Ourique Verran
Hilton Farina
Jader Weber Brun
Loreno Augusto Gracia Júnior
Luiz Antônio Faria Garcia
Marlos Dias Diehl
Mauro Antônio Sauer
Roberto Luiz
Ruben Patrício Enriquez D'Ávila
Rudi Tagliari
Valdira Ângela Sartori

Engenheiros de Minas

Alexis Bionel Tejedor de León
André Otávio Lutz
Carlos Roberto Ferreira da Rocha
Clayton Brito Borges
Davi Cargini
Ênio Emmanuel Sanguinetti Filho
Jorge Luís Brown Segui
Josane Maria Dias Diehl
José Carlos Franco Costa
José Paulo Sacco Schultz
Lourival Vianna da Silva Filho
Luiz Antônio Pretto Menezes
Marco Antônio da Silva Nunes
Paulo de Tarso Serpa Fagundes
Régis Eleno Fontana

Engenheiros Químicos

Anete Diesel
Ângelo Corsetti
Antônio Augusto Amaral Leitão
Antônio Cappelli
Antônio Carlos Zanin
Átila Lázaro
Byung Sun Lee
Carlos Henrique Fialho Drechsler
Carlos Maria Meine
Clara Isabel Scheer
Clara Isméria Damiani Bica
Cláudio Borges
Cláudio Carmo Herrmann Júnior
Clóvis Eduardo Sarmento Leite
Gerrit Klaus Becker
Gilberto Pinto Vieira
Gilmar José Taufer
Huberto Luiz Engling
Inês Hexsel Grochau
João Antônio Pinto de Oliveira
João Batista Rossi
Jorge Fayet Del Re
José Fernando Hüning
José Octávio Fumagalli Rodrigues
Liane Lucy de Lucca Freitas
Luís Francisco Godoy Ramos
Luiz Antônio Martins
Luiz Fernando Bodanese
Marinho Bastos Quadri
Miriam Carvalho de Guirotane
Miriam Teresa Dias
Mônica Romero Pereira dos Santos
Nelson Simões Pires Gallois

Oscar Luiz Seide
Paulo Hugo Silva Ramos Júnior
Paulo Roberto Soldatelli
Ricardo Luiz Pedroni
Ricardo Meira Peres
Rita Fialho Meireles
Roberto Augusto Moraes Maia
Roberto Osório Jimenez
Rogério Karpss Lungui
Roseane Gonçalves Adegas
Rosely de Vasconcellos Meissner
Sérgio Luiz Gomes
Tiago de Moraes Xausa

1983

Engenheiros Civis

Adalberto José Rech
Alberto Zouvi
Alceu Schwegler
Aluísio Bandeira de M. da Cunha
Álvaro Behs
André Luiz Meirelles de Meirelles
Anelise Maria Klein
Aníbal Gobbi Chiarelli
Ari Lovera
Assis Francisco dos Santos Júnior
Basílio Gerson Marchetto
Bayard Henrique Martini
Bernardo Strazas
Breno Luiz Filomeno Saldanha
Carla Patta da P. e Barros
Carlos Alberto Simões Pires Wayhs
Carlos Arnaldo Dal Pai Bohne
Carlos Henrique Schellenberger
Carlos Ramon Navas Clouzet
Carlos Renato Corrêa Leite
Carlos Wietzke Drachler
César Augusto Braga Dias
César Mergener Guimarães
Cezar Floriano Henz
Christian Voelcker
Cláudia Pereira Medaglia
Cláudio Dias Fonseca
Cláudio Gilberto Souto de Moura
Clóvis Neron Schmidt
Danilo Diamante
Débora Paganin
Denise Elnecape
Diovani Meller
Eduardo Greggiani
Fernando Alberto Grazziotin
Fernando Biagini Martins Vargas
Fernando da Costa Vasques
Fernando Mello Sperotto
Fernando Papisch Druck
Flavia Ribeiro Brandão
Flávio Antônio S. Balestreri
Flávio Matte da Silva
Flávio Noal Bergamin
Günter Hans Stolzmann Júnior
Hener de Souza Nunes Júnior
Hugo Cavalheiro Manna
Ilário Trennepohl
Jackson Linhares
Jair Dias dos Santos
João Roberto Bonatto Evaristo
Joel Avruch Goldenfum
Joel Galias Pessil
Jorge Alexandre Kuser

Jorge Humberto Pozza
Jorge Luís Saciloto Tadiello
Jorge Luiz Fagundes Bado
José Adão Starosta
José Nilton Zeltser
José Renato Donadel Tocchetto
Júlio César Biezu Neves
Júlio César Lamb
Karla Schuck Saraiva
Laura Yamachita
Leonel Augusto Calliari Poltosi
Liete Maria Gick Tavares
Luís Henrique Crippa
Luiz Alcides Capoani
Luiz Augusto Magalhães Endres
Luiz Felipe Radzki
Luiz Fernando Osório Júnior
Marco Antônio de David Nunes
Marcos Cássio Werner
Marcos Ramos Oliveira
Mauro Fornari Poeta
Miriam Suzana de A. Rodrigues
Mirvania Pires Pereira
Nelson Felix da Silva
Oscar Fernando Allgayer
Paulete Fridman Schwetz
Paulo de Araújo Vianna
Paulo Ricardo S. Fernandes Medina
Paulo Roberto Konrath
Paulo Roberto Pechansky
Paulo Roberto Reckziegel Guedes
Pedro Augusto Raymundo Spohr
Pedro César Lima de Farias
Pedro Sérgio Dutra Brunelli
Renan do Rego Barros
Ricardo Dathein
Roberto André Etges
Roberto Azambuja Pitta Pinheiro
Roberto Frederico Kranz
Roger de Curtis Candemil
Rogério Antônio Hermes
Rogério Luís Hauschild
Rudy Rockenbach Júnior
Ruy Marcelo de Oliveira Pauletto
Sadi José Pizolotto Júnior
Sérgio Renato Cardoso
Sílvia Maria Baptista Soares
Stefano Nicolau Docolas
Tony Dinorah G. Gálvez Olivares
Werney André Görck
Zilah Gomes Lentino

Engenheiros Eletricistas

Adão Daniel da Silva
Aderbal Fernandes Lima
Adriano Roberto da Luz Figini
Aécio Lavarda Pinheiro
Agostinho Antônio Bulla
Aldo Juliano Zamberlan Maraschin
Alexandre Gross
Álvaro José Noé Fogaça
Ângelo Ferreira de Mello
Antônio Ricardo V. Schmitt
Carlos Vinícios Barcellos Dieguez
Domingos Sávio G. Kulczynsk
Duncan Dubugras Alcoba Ruiz
Eduardo Fantin Arioli
Eloí Antônio Ortigara
Flávio Costa Bianchi
Henry José Jung

Hugo Krapf
Ivânio dos Santos Branco
Jansir Dias Paz
Jesus Alejandro Galego Garcia
João Batista Mezzomo
Joil Antônio Pasqual
Jorge Antônio Castro Razzera
Jorge Fernando Ruschel dos Santos
Jorge Henrique Rocha Puglia
José Antônio Futterleib
José Serrano Agustoni
Júlio Carlos Olijnyk
Leandro Fortes Rey
Luiz Carlos Mieres Caruso
Luiz Fernando Ewald
Mamorú Owada
Marco Antônio G. Vasconcellos
Mário Inácio Frank
Mário Issamu Nakada
Mário Rache Freitas
Martin Renato Bischoff
Mauro Roberto Leite Medina
Nestor José Michelin
Paulo Fernando Telles Del Grande
Paulo Henrique Thier
Paulo Juvenal Bier
Paulo Ricardo Fluck
Paulo Ricardo Homrich de Athaydes
Paulo Ricardo Oppermann Thomé
Renato Parenti Turcato
Roberto André Hessel
Roberto Ricardo Simões de Freire
Rudy Rockenbach Júnior
Sérgio Luiz Cardoso da Silva

Engenheiros Mecânicos

Alberto Kich
Alexandre Kern
Ana Maria Krumenauer Vieira
Arão de Matos Dias
Carlos Roberto Cauduro
Carlos Rodolfo Dressler Florentino
Carlos Sérgio Leoz Berthomier
César Augusto Ramage
César Basler
Eduardo Scheidegger Júnior
Elisabeth Alves Müller
Elton Tedesco Fraga
Ermano Luiz da Silva Graeff
Ernesto Wiehe Neto
Fernando Antônio Duarte Canabarro
Fernando Augusto Becker
Flávio Antônio Penna Soares
Flávio Antônio Pergher
Geraldo Moller Pohlmann
Geraldo Santoro Gomes
Gilberto Antônio V. Eichler
Ilo Fernando de Maman
Inácio Petrolí
Ivo Sady Aguirre Filho
Jorge Paglioli Jobim
José Fernando Paz
José Luiz Mergener Bolognesi
José Luiz Schuster
Luiz Antônio Boelter
Luiz Antônio da Silva Machado
Luiz Antônio Ratkiewicz
Luiz Carlos Kayser
Luiz Fernando Molz Guedes
Luiz Fernando Siegmann Cauduro

Marcelo Willrich
Mauro Luiz de Oliveira Costa
Nelson Gehrke
Olcinei Piccoli
Paulo Roberto Merker
Paulo Sérgio Kruger
Renato Jansson Rosek
Renato Peng
Ricardo Oberrather
Roberto Buzato
Roberto Macedo
Sérgio Barbieux Langaro
Túlio Felipe Verdi Filho
Volnei Dalmas
Waldyr Antônio Beuren

Engenheiros Metalúrgicos

Alberto Moreira Guerreiro Brito
Antônio Luiz Abbud
Diego Ferreira Costa
Gerson Ceslau Rusky
Itaboray Bocchi da Silva
José Carlos Henggen Losada
Luís Carlos Greggianin
Manoel Moraes Junqueira
Paulo Carvalho Fernandes
Rafael Soldatelli Rossetto
Ricardo Buneder
Sérgio Selle Filinowicz

Engenheiros de Minas

Alexandre Grigorieff
André Brum de Sá
Cláudio Luiz Schneider
Cleber José Baldoni Gomes
João Felipe Coimbra Leite Costa
João Francisco Linck Feijó
José Chaves Neto
Luiz Ricardo Cunha Lima
Paulo Neujahr
Renato Aurélio Petter
Ricardo Andriotti Machado
Roberto Luís Prates de Noronha
Sérgio Ubirajara Deliens Hernig
Vitor Hugo Lorenzi

Engenheiros Químicos

Álvaro Augusto do Amaral Leitão
Ana Beatriz Lautert de Medeiros
Camillo Neves Scherer
Catia Bueno
Cláudio Kier Citrin
Eduardo Diebold
Elke Aida Emmi Silva Diercks
Flávio Gerhardt
Francisco José Pava
Giovanni Alberto Krenz
Harold Danzberg
Hermínio Vicente Smania de Freitas
Jair Carlos da Silva
João Baptista Perlott Neto
João Carlos de Sá Filho
João Carlos Prytoluk
Jorge Antônio Schwarzbach
Jorge Breno Barcala Haag
Léa Maria Visalli
Lizete Schneider
Lorete Cristina Furlan
Lúcia Bamach Jardim
Luiz Carlos Hoff
Luiz Cláudio Nunes Franzoi
Luz Marina Pardo Rodriguez

Marcelo Martins R. de Almeida
Marco Antônio Fraga Farias
Maria Regina Paiva Duarte
Nair Maria Nunes de Oliveira
Nelson da Silva Alves
Niara Eckhard
Octávio Afonso Rosa Pereira
Paulo Cezar Ventura Machado
Paulo Ermda Moretti
Paulo Eugênio Noll
Rafael Bleich
Rejane Maria Ludwig
Renato Cataluña Veses
Rosane Monteiro Borges
Telmo Seganfredo
Weimar Lazaro

1984

Engenheiros Civis

Agostinho Kras Brentano
Albano José Scheibler
Alberto F. Nelcis Moura Filho
Alexandre Danesi Gallo
André Carneiro Wilhelm
Antônio Augusto Pasquali
Antônio Carlos Pedreira
Antônio Gilberto da Luz Hartz
Antônio João de Oliveira Machado
Antônio Kretzer
Bernardo José de Castilho
Caio Roberto Souto de Moura
Carlos Eduardo A. Ubarteche Ribera
Cezar Valmor Mortari
Clarice da Costa Trindade
Cláudio Freitas Berquó
Daniel Fridman
Danilo Galiotto
David Zylbersztejn
Débora Terezinha S. Pires Costa
Edmo Uchôa de Lima
Edson Corrêa Chagas Júnior
Eduardo Luís Isatto
Eduardo Soibelman
Elemar Silmar Kleber
Érico Sperotto
Ernani Freitas de Magalhães
Eugênio André Campagnolo
Felipe Feijó de Medeiros
Flávio Costa Teixeira
Flávio de Freitas Kalil
Flávio Maciel de Freitas Júnior
Geraldo Henrique S. Monteiro Filho
Gilberto Luiz Vieira Maciel
Gonzalo Alvarez de Toledo Lutz
Gustavo Müssnich
Hannes Gutschwager Júnior
Hélio Jaques Zamal
Hermann Deppe
Jacques Starosta Tessler
Jayme Mendonça Neto
Jorge Antônio Zir Bothome
José Augusto Sabbado Meroni
José David Paredes Antezana
José Fernando Vieira Schwengber
José Gomes Safi
José Luiz de Mello Canal
José Paulo Grings
Larry Medeiros Lago
Laura Trois Cunha

Leonardo Ribeiro Martins
Lúcio Soibelman
Luís Fernando Abbud
Luiz Carlos Pinto Oliveira
Luiz Eduardo Jost
Luiz Fernando de Goes Lanziotti
Luiz Fernando Guerreiro C. Ventura
Magda Alves Costa
Marcos Aurélio de Lacerda
Maria Cristina Mendes Vieira
Maria Teresa Menegassi da Rosa
Mário Dias
Milton Pechansky
Neila Maria Golin
Nelson Ricardo M. Piatnicki
Nelson Zamel
Nilo César Consoli
Oscar Finkler Tancredi
Otto Corrêa Rotunno Filho
Pablo Antônio Borecki Duris
Paulo Cândido Prado Kutter
Paulo Fernando Selbach
Paulo Grapiglia
Paulo Ricardo Chagas Meksraitis
Paulo Roberto Chedid
Paulo Roberto Roballo Ungaretti
Pierre Marie Bernard de Richter
Raquel Leitão Canabarro
Raquel Scalco
Régis Fagundes Galvão do Santos
Reinaldo Lopes Gabardo
Ricardo Bastos Machado
Ricardo Moacyr Grazziotin
Roger Linden Vaz
Rogério Di Primio M. Conceição
Rômulo de Bortoli
Ronaldo Hauschild Brack
Salmeron Leopoldino de Souza
Sílvia Nazareno Costa
Sivori Sarti da Silva
Telmo Maltz Weinstein
Ursula Gewehr
Virginia Maria Rosito D'Ávila
Walter Alberto K. Von Fruhauf
Wilson Freitas

Engenheiros Eletricistas

Adalberto José Rossa
Adriano Pereira dos Santos
André Luiz Conceição de Moraes
Artur Wolfenbittel
Basílio Gerson Marchetto
Caio Augusto Klein
Carlos Alexandre Sperb
Carlos Becker Westphall
Carlos José Gertum Sperb
César Roberto Ávila de Abreu
Débora Andrade Fritscher
Décio Fabrício Oddone da Costa
Dércio Lavarda Pinheiro
Diógenes de Moraes e Silva
Eduardo Bizarro Pereira Porto
Fábio Luiz Souto
Francisco Chagas Barros Silva
Getúlio Guimarães Barnasque
Hugo Bruno Caye
James Masi Dressler
José Dirceu Gründler Ramos
Lafayette Josué Petter
Léo Weber

Luís Alberto de Carvalho
Luís Henrique da Silveira Loss
Marcelo Deiro Prates da Silveira
Marcelo Touguinha Lomando
Marcelo Willadino
Marcos Augusto Stemmer
Miguel Christ Knebel
Ney Laert Vilar Calazans
Nobuo Yasutomi
Odone Afonso Silva de Moraes Jr.
Osmar Brune
Paulo Marcos Tombesi Gerhardt
Paulo Renato Steigleder
Renato Frota Dillenburg
Ricardo Manoel de Oliveira Borges
Robson Dagmar Schaeffer
Ruy Carlos Ramos de Menezes
Ruy Crespo Brum
Túlio Ibanez Nunes
Valdo Antônio Teixeira Molina

Engenheiros Mecânicos

Alexandre Martini
Antônio Augusto de Azevedo Eick
Carlos Alberto Adam Franceschini
Carlos Alberto Mendez León
Carlos Alberto Renck
Carlos Anissem Messina Ramos
César Rubechini
Cláudio Ernesto Nicduer
Cláudio Fonseca M dos Santos
Danilo Luís de Farias Bettanin
Enrique Siegmund Duvelius
Fernando Krieger Soares
Fernando Zanchet
Francisco Ivo D'Amico
Frederico de Menezes Kampmann
Gedson Meira
Gilberto Oliveira
Jean Henrique Nurkim
José Mário de Carvalho Júnior
Julia Inês Regueña Gomez
Kleber de Oliveira Boelter
Leonardo Marcelo Bon
Luiz Antônio de Oliveira Zucco
Luiz Carlos Pereira Vargas
Luiz Guilherme Buchele
Luiz Roberto Magni
Marcelo Santamaria Merino
Marcelo Englert
Marcos dos Santos
Marcus Setembrino A. Machado
Maurício Pacheco Becker
Mendel Wainstein
Miguelangelo Pereira Azário
Ney Monteiro Brochado
Paulo Alberto Klafke
Paulo Fernando Marks
Raul Fernando Thomé
Renato Mazzini Callegaro
Ricardo Dias Demin
Ricardo Jesus Forbes Torres
Ricardo Urmersbach
Rogério Kolberg
Rogério Luft
Rogério Santanna dos Santos
Ronaldo Aloise Júnior
Rudimar Trarbach
Sandoval Bruce Hoffmeister
Túlio Balestreri Nunes

Vitor Orlando Gamarra Rosado
Walter Luiz Wolmeister
Werner Heinz Felix Laub
Engenheiros Metalúrgicos
Ana Solange Cozubeck Mallet
Ayrton Canani
Gustavo Vieira Borges
João Lourenço Bulla
Jonni Zabel
Luiz André Accorsi
Manolo Rolan Sampaio
Octávio Mendes Teichmann
Paulo de Tarso Leitão Schilling
Paulo Ricardo Tomazelli
Renato Kühl
Ricardo Vicari Fernandes
Rolf Müzell Paul
Sérgio Gerlach Konrad
Volnei Corbellini
Walcur Jorge Guedes

Engenheiros de Minas

Albano José Scheibler
Fábio Boff
Francisco de Paula M. da Silva
Mauri Dreckmann
Paulo Moura Jardim

Engenheiros Químicos

Carlos Augusto Busato Scheffer
Carlos Henrique Gräbin
Deborah Tavares Laner
Eduardo Marcelo Peirano Allende
Ênio Rubbo
Ernani Otávio Paludo
Ester Rosari Raphaelli Dalbem
Jorge Alberto Reis Volkart
Luciano Foresti
Luís Antônio de Souza Casali
Luiz Carlos Gomes
Luiza Milbrath Jorge
Marco Aurélio Garcia Tavares
Marcos André Salvador
Nathan Cesa Bocchese
Nilvo Luiz Alves da Silva
Paulo César Kieling Franco
Paulo Geraldo Durão Branco
Renato Ávila Gonçalves
Renato Inda Macedo
Ricardo Todt
Sérgio Sanches Corrêa
Wilson Ernesto Wilke Diehl

1985

Engenheiros Civis

Adalberto Cavalcanti Adreani
Adriane Maria Eifler
Airton Gonçalves da Silva
Alexandre Dode de Almeida
Alfredo Bandeira Bohn
Alfredo Kuhn Pfeifer
Alice Maria Zambonato
Álvaro Luiz Vaz Ribeiro
Álvaro Morejano Maia
Andreas Hosch
Angel Luís Caló Gomez
Ângela Maria Machado
Antônio Carlos Giordani Costa
Artur Quevedo D'Ávila
Audrey Dutra da Rosa
Auri Luís Tartari

Carla Rosani Borges Marques
Carlos Engelman
Carlos Eugênio D'Ávila Neves
Carlos Fernando Franca Guterres
Carlos Michelin Naconecy
Carlos Roberto Verdi
Cláudia Hofmeister
Cláudio Brufatto Ramos
Cláudio de Souza Kazmierczak
Cláudio Luiz Carvalho dos Santos
Cleuse Moraes da Silva V. Barreto
Darci Vasques Capuano
Edson Antônio Fattori
Edson Mandelli Stumph
Eduardo Azambuja
Eduardo Azambuja Pitta Pinheiro
Eduardo Gelpi Ruhe
Eduardo Spieker Dib
Everton Gehrke
Fábio Boff
Felipe Brasil Viegas
Fernando Andersonff
Flávio da Fonseca Coutinho
Flávio Heller
Francisco José Vilaverde Barreto
Geraldo Diehl Martins
Gerson Keniger Schotkis
Gerson Mesquita Vargas
Harley Lorentz Scardoelli
Helena Beatriz Toríbio Leão
Helmar José Wildner
Henrique Schwartzmann
Ivan Carlos da Rosa
Jacqueline Bianchi Zaar
Janice Ariane Heineck
João Antônio Bonfadini Lima
João Ferreira Almeida
João Rubem Piccoli Filho
José Buckoski Gonçalves
José Carlos Medaglia Filho
José Fernando Freitas Kniphoff
José Luiz Rocha Avallone
Leonir Antônio Turcatto
Lilian Marx Flor
Luciano Bezerra da Silva
Luís Dal Corso
Luiz Carlos de Godoi
Luiz Felipe Goulart de Oliveira
Luiz Horácio Azevedo Osório
Marcelo de Souza Medeiros
Marcelo Galimberti Nunes
Marcelo Moreira Krebs
Marco Antônio Kichler
Marcos Aurélio de Lacerda
Marcos Torres Formoso
Marcus Donida Dalcul
Maria Teresa Andreotti Spizzirri
Mário Luís Wunderlich dos Santos
Maurício Souto Pereira Lopes
Mauro Praca Rodrigues
Milton Deli de Moura Leão
Milton Heyde de Macedo
Miriam Aita Isaia
Nelson de Lorenzi Campelo
Nelson Smejoff
Osmar Corrêa Záquera
Paulo Antônio Farias Gasparin
Paulo Francisco Costa Varella
Paulo Pinto Haucke

Ralf Spindler
Raul Leitão dos Santos
Renato Vieira da Cunha Milano
Ricardo Augusto Balthazar
Ricardo Luís Leite Schramm
Ricardo Orlandini
Roberto Conte
Roberto Fengler
Rolf Arno Alrutz
Sandra Isaura Cemin
Sandra Marli Possamai Ramos
Sérgio Moraes D'Ávila
Sérgio Pompílio Volcato Pichini
Sérgio Schardong Filho
Sidney Flores
Telmo Sampaio
Túlio Tavares Mariani
Valéria Herrera
Varcedi Anflor Pacheco
Walter Brasil Pinto
Wanderlei Francisco Alberto Ferrari
Yara Maria Prates de Lima Dias

Engenheiros Eletricistas

Alexandre da Silva Carissimi
Alexandre Silvestre Kranz
Álvaro André Saldanha de Souza
André Ghignatti
André Luiz Castilhos Magoga
André Luiz Tessele Nodari
Antônio Nilton Orrico dos Santos
Augusto Graeff Arnold
Auri Luís Tartari
Carlos Antônio Pereira Campani
Carlos Augusto Prolo
Carlos Francisco Rother
Cid Fernando Corrêa de Borba
Cirano Tocchetto Silveira
Cláudio Borges Sperb
Dinarte Santos
Edison Moure Ethur
Eduardo Flores da Cunha D. Ferreira
Eduardo Rivera Palmeira Filho
Eduardo Todt
Evandro Dall' Agnol
Fernando Cabillon Belmonte
Flávio Lopes
Gilberto Müller
Henrique Gehrke
Imo Pedro Lenz
Jacques Machado Kronbauer
João César Netto
Jones Henrique Valentini
Jorge Ferreira da Silva Filho
Jorge Welzel
José Emilio Perico
Kleber Gaertner de Godoy
Leonel Augusto Calliari Poltosi
Luigi Carro
Luís Augusto Sombrio
Luiz Carlos Winter de Vargas
Luiz Eduardo Timoteo Bubniak
Marcelo Peres Bechstedt Accurso
Marcelo Ramos da Silva
Mário Antônio Pinto de Azevedo
Milton Sérgio Macagnan
Pablo Nichiporuk Kulik
Paulo Roberto Bonin
Régis Augusto Huf
Ricardo Telichevsky

Roberto Luiz Facchin
Sérgio Santa Catarina
Stephan Knauth Moraes
Tássilo Luiz Kalberer Pires

Engenheiros Mecânicos

Alexandre da Silva Paim
Alexandre Gastmann
Alexandre Santini
Álvaro Paz Grazziani
André Kayser
André Ricardo Oliveira Rambor
Antônio Vinícius de A. e Silva
Breno Brandão de Ávila
Carlos Casagrande Maiocchi
Cláudio Luís Prieto Herman
Dilson Caye
Douglas Augusto Steyer
Eduardo André Perondi
Edward Koliver
Emílio Persio Dreher
Ênio André Heinen
Ernani Jaeger Verlangieri
Ernani Pautasso Nunes Júnior
Felipe Ordovás Lopes
Fernando Heemann
Fernando Rodrigues de Pinho
Fernando Schiefferdecker Rocha
Flávio Alberto Paskulin
Germano Adolfo Gehrke
Gerson Pretto
Gilberto Dias da Cunha
Givaldo Gomes Padilha Filho
Gladimir V. Guimarães Baranoski
Guillermo Henderson Larrobla
Heitor Rubens Kersting Figueiro
Henrique Gehrke
Henrique Pedro Feeburg
Hugo Fridolino Müller Neto
Ingo José Veit
Jaicon Luiz de Souza
João Pedro Sansonowicz
Jorge Irigoyen Bolsoni
José Antônio Webber
Júlio Alberto Castro Eberle
Klaus Peter Stolzmann
Luís Augusto Wolff
Luiz Guilherme de Souza Sudbrack
Luiz Henrique de Nardi
Luiz Miguel Gomes Moreira
Luiz Renato Balem Kuse
Marcelo Custodio Cabral
Marcelo Scheid
Marcos Antônio Cemin
Miriam Borchardt
Nelton Barbosa Alano
Nilo Souza Baptista
Paulo Henrique Röhenkohl
Paulo Ricardo Ost Frank
Pedro Luís Filippou Stephanou
Renato Cataluña Veses
Ricardo Fett Schneider
Ricardo Vieira
Riccardo Bianchi
Roberto Bergallo Bohrer
Roberto Gonçalves Teixeira
Rogério Garcia Bañolas
Rogério Giacomello
Rudy Hamilton Höltz
Tânia Henke Kraemer

Vicente Oscar Espinoza Camino

Engenheiros Metalúrgicos

Altino Signorelli de Farias
Francisco Deppermann Fortes
Hector Quitério G. Etcheverry
João Alberto Simon
Luciano Leivas da Rosa
Luís Nicácio Solorzano Acuna
Magda Loguércio Carvalho
Margus Figueiredo Zoch
Maurício Aumondi
João Paulo Roberto Hasse
Roberto da Rosa Pires

Engenheiros de Minas

Carlos Eduardo Ruschel
Carlos Roberto Garcia Umpierre
Celso Garber
Clory Pacheco dos Santos
Edison Antônio Petter Filho
José Baltazar Reis de Bem
Marcelo Bento Kops
Paulo Anversa
Paulo Roberto Alves
Paulo Walter da Luz
Régis Sebben Paranhos
Sérgio Corbellini
Sílvio Ovídio Villalba Espinola

Engenheiros Químicos

Alexandre Feoli Anele
Alexandre Gruman
Alexandre Luís Mendes Spiess
Alexandre Meirelles Machado
André Paganin
Antônio Mattiello
Beatriz Regina Haubrich
Cely Saldanha Zoch Filho
César Guerra
Gilberto Malacarne
Guillermo F. Vaca Ruiz
Heitor Luiz Rossetti
Isabel Cristina Tessaro
João Cláudio Sanches Pocos
Jorge Jardim Zacca
Lisete Kogler
Lívio Masuero
Luciana Almeida da Silva
Manoel Augusto Santos dos Santos
Marco Antônio de Bortoli da Silva
Mário Golendziner
Marlova Gonçalves dos Santos
Miguel Ângelo de Facci Oliveira
Miriam Mascolo Santos
Omar Wandir Renck
Ricardo Luís Piccoli
Ricardo Vilmar Sebem
Roberto Azambuja Santos
Rubem Barbosa Ede
Sílvia Dani
Vicente Kazunori Moriguchi
Victor Hugo Silveira Boff
Volney Zanardi Júnior

1986

Engenheiros Civis

Agnes Cristina Winter
Alberto Epaminondas Júnior
Alexandre Moretto
Alexandre Rava de Campos
Alexis Oleksiuk Efreimides

Alfredo M. F. da Silva Filho
Álvaro Luiz de Mello Sant' Anna
Álvaro Silva de Oliveira
Alvino Leite Duarte
Ana Clarice Figueiredo de Andrade
Ana Luiza Raabe
Ana Maria Gewehr Fontoura
André Geraldi Manica
André Oliveira de Souza
Anésio Spier
Antônio Carlos Vita Fagundes
Carlos Alberto Rosa Flores
Carlos Eduardo Moi
Carlos Eduardo Salis Voegeli
Carlos Humberto Bueso Quan
Carlos Marcelo L. Hamilton Ilha
Carmem Rosana de Andrade Peixoto
Celso de Boni
César Augusto Sporleder Salis
Cláudia Martins Pozzobon
Dâmaso Rocha Neto
Édson Luís Bebber
Eduardo Alexandre D. Zimmermann
Eduardo Horst
Eduardo Lucchesi La Porta
Eduardo Nery Cunha
Fábio de Andrade Batista
Fábio Peirano Cunha
Fernando Mattos de Medeiros
Flávio Bins Ely
Flávio Ervandil de Souza Scholant
Flávio Scalco Fauth
Gerson Luiz Dupont
Gerson Mittelmann
Gilberto Antônio Boschetti
Gilson Machado
Gisele Vencato Jasniewicz
Graciela Pezaroylo Topal
Henrique Bender Kotzian
Isabel Bet
Isalino Rigon
Jaqueline Amaral Antunes
Jorge Ernesto do Prado Lima Filho
Jorge Luiz Bledow
José Cláudio Flain de Oliveira
José Júlio Tombini Kasprzak
Juliano de Ros
Júlio Fortini Souza
Leonardo Alves Graziuso
Lino Nunes de Castro
Luciano Saldanha Varela
Luís Alberto Duarte Luraghi
Luís Antônio Pegoraro
Luís Cláudio Livi
Luiz Pinheiro Machado Lessa
Márcio Gougeon Vares
Marco Aurélio Silveira Alcantara
Marcos Aquiles Rizzon
Marcos Lütz Uber
Marcos Pereira Diligenti
Maria Cittolin
Maria Del Rosário Guerra Lanz
Maria Eneida Giordani
Maria Luisa Evangelista Martins
Marilene Leite Symanski
Milton Milan
Mônica Prezzi
Nelson Buiano Fiedler
Nelson Guz

Neusa Maria Pasetto
Orlando Jorge Belmonte Wender
Paulo César Grimaldi
Paulo Luiz Konzen
Paulo Ricardo Lannes de Souza
Paulo Roberto Amantéa
Paulo Sérgio Novis Mata
Paulo Wagner de Mattos
Pedro Alberto Tedesco Silber
Pedro Ferret Kilpp
Renato Alves Mees
Renato Orlando Dias
Ricardo Augusto Dias
Ricardo Karsten
Ricardo Valle Tovo
Roberto Gehrke
Rodrigo Salgado Rodrigues
Rogério Araújo Balle
Rogério Monori
Ronaldo Breno Petzhold Júnior
Ruben Esteban Auad Benitez
Ruy Geraldo da Fonseca
Sali Franzoi
Sandra Sonntag
Sandro Beal
Selmar Salles Teixeira
Sérgio Minotto Carneiro
Sirléi Ana da Silva Kieling
Soel Silva de Leon Júnior
Thomaz André de Mello Castellano
Trajano Pinheiro Machado José
Victor Hugo Baseggio
Vitor Luiz Hoper
Wilson José Alves Borges
Windsor Miguel Sonaglia Torrico

Engenheiros Eletricistas

Adelmo Luís Cechin
Alexandre Casacurta
Antônio Eduardo Bonatto Evaristo
Antônio Frederico R. de Césaró
Carlos Alberto Campezzato
Carlos Alberto Lopes
Carlos André Arruda Fonte
Carlos Jorge Duarte Luraghi
Cláudio José Richter
Cláudio Luís da Silva
Cláudio Raupp Fonseca
Cleiton Arnor Zimmer
Cristiano Mylius de Assis
Eduardo Tesheiner
Fábio Luiz Kipper
Fernando Runge
Guilherme Franzoi Júnior
Günther Frederico Büneker
Hamilton Daniel de Melo Nunes
Henrique Batista Marques Lopes
Iraldo Castelli Haeser
Irene Szyszka
Javier Martinez Galeano
John Oersted Wisbeck
José Ricardo Schommer
Júlio Leão da Silva Júnior
Leonel Cardoso da Silva
Liliane Antunes Rohde
Luciane Seferin Marques
Luís Otávio de Souza Freire
Luiz Alexandre Marmitt
Luiz Antônio Monza Koller
Luiz Everton Capellari

Luiz Fernando Ferreira
Marcelo Borges Sperb
Marcelo Soares Lubaszewski
Marcelo Soares Schlindwein
Marcelo Walter
Marcos Kordyas Dossa
Marta Amaral da Silveira
Mauro Mazzochin
Régis Bing Reis
Ricardo Haetinger
Ricardo Toral Rosell
Roberto Bairros dos Santos
Rogério Ferreira Fraga
Rogério Figurelli Gomes
Rogério Goldman
Solon Laks
Susana Maria Lopes Franco
Victor Hugo Santos Miritz
Wilson Gozzer Benjamin

Engenheiros Mecânicos

Alexandre Silveira Rodrigues
André Antunes de Azambuja
André Luiz Machado
André Netto Machado Leal
Annibal Di Primo Beck Neto
Antônio Filipe Müller
Antônio Mattiello
Carlos Augusto Paschaletto
Cassio Alles
Cláudio José Grando da Cunha
Cleber Calligaro
Cristine Falleiro Vargas
Ely Laureano Paiva
Eugênio Carlos Rodigheri
Felipe Ostermayer
Flávio Alberto Vasconcellos Eichler
Flávio Amaral Martins
Flávio Guedes Visintainer
Flávio Luiz Soares Pires
Francisco Duarte de Castro F. Carmo
Geraldo Girardi
Gilnei Farina
Henrique Bordin Roos
Iba Silveira de Oliveira Freitas Filho
Jaime Eduardo Caizaluisa Chamorro
João Baptista Beck Pinto
João Guilherme de Lemos Sokolnik
Jorge Szwako Demianuk
José Antônio Esmério Mazzafferro
José Cristiano Pithan Daudt
José Leonardo Aita
Juan López Arce
Juarez Rybu Mascarello
Luís Arlindo Lawisch
Luís Barba Banzer
Luiz Antônio Diemer Lopes
Marcelo Luís Gabbardo
Marcos Taboada Escobar
Mário Londero Filho
Milton de Moraes Machado
Narciso Helwin Neu
Otávio Alfredo Soares Moser
Paulo Arthur Beck
Paulo Renato Jotz
Paulo Ricardo Theves
Renato Dias Torres
Renato Schimitt Barbosa
Ricardo Augusto de Facci Oliveira

Ricardo Campos Mentz
Ricardo Herrmann
Ricardo Mottin Júnior
Ricardo Ruthner
Roberto Moser da Silva
Rogério Garcia da Silva
Rubem Fritsch
Silvério Luís A. Baranzano Brutti
Sílvio Eduardo Barbieri
Telmo Pires Pereira
Valdemar Diedowicz
Victor Dadeko
Walter Kauffmann Neto
Willi Paulo Arnold

Engenheiros Metalúrgicos

Alberto Geiger
Aldo Renato Franzoi
Eduardo Ermida Moretti
Edwin José M. Figueroa Ocampo
Emmanuel Martini Karantanis
Ernesto Antônio Silveira Ramos
Francisco Marques Bitencourt
Jader Luís Hilzendegeer
José Carlos Krause de Verney
Márcio Mattos Ruppenthal
Mauro Roberto Vieira Schaan
Paulo Cavalieri de Souza
Ricardo Pires Pereira
Roberto Arno Gruhl

Engenheiros de Minas

Alexandre Ritter Volkmann
Álvaro Lorenz
Carlos Otávio Petter
Cláudio Wiehe
Eduardo Dicklhuber Baumhardt
Franco Andrei Pereira da Rosa
Hélio Carlos Marques Tavares
Henry Zabalaga Morales
João Carlos Scola
João Pedro Abrahão Matzenbacher
Mauro Franzon
Milton Carlos Costantin

Engenheiros Químicos

André Gustavo Reuse
Clara Susana Boelter
Cláudia Ribeiro
Cláudio Rogério Linassi Mastella
Clênio Freitas Miranda
Eder Tedesco Fraga
Edison Cardoso de Atayde Filho
Edson Salvadorette
Eduardo de Souza Gomes Soviero
Fernanda Ballardin
Fernando Mombelli
Flávio Costa da Rosa
Geraldo Lopes Crossetti
João Batista Santarem de Freitas
João Cafruni Filho
João Fernando Baumhardt
João Roberto Botti Vinhas
José Ricardo Fasolo Cislighi
Josiane Azambuja de Seixas Maia
Moacir José Bampi
Paulo Smania Filho
Pedro Jorge W. Keglevich de Buzin
Roberto Machado Xavier
Rogério Geremia
Romeu Luís Waschburger
Sandra Gava

Sérgio Henrique Klein
Susane Reolon

1987

Engenheiros Civis

Adriano Corrêa da Rosa
Adriano München
Adriano Peixoto Panazzolo
Alberto Fridman
Alberto Müller
Amílcar Bettega Barbosa
André Kraemer Souto
André Luiz Tietbohl Ramos
Ângelo Ricardo Rech
Antônio Carlos Guedes Vianna
Antônio Roberto Hoerde F Barata
Bruno Diaz Pozueco
Carlos Aland Hossen Aquim
Celso Ênio Horst
César Augusto Casa
Cláudia D'Azevedo Magnus
Cláudia Veronesi Palombini
Cláudio Luiz Creitchmann
Cláudio Ruschel
Cynthia Almada Ramos
Danilo Pereira Catelan
Débora Goldmeier
Delmar Cabreira Antônio
Denise Cavagni Pecker
Denise Neumann Flores
Edgar Fergus Duarte
Egídio Dal Molin
Eliana Maria Lisboa
Ênio Carvalho
Ernesto Frederico Horst
Ernesto Luiz Vasconcellos Eichler
Fernanda Maria Bonfadini Lima
Fernando Augusto B Oliveira
Fernando José Medaglia
Fernando Russowsky Krimberg
Geraldo Mathias de Castilhos
Gerson Antônio Panarotto
Humberto Francisco da S. Della Mèa
Jairo Novelo Rigo
Jairo Wolf
João Batista Peretti
Joaquim Ernesto Herrera Solano
Jorge Jhonny Bilbao Adad
José Antônio Silveira Gularte
José Eduardo Alam Machado
José Eduardo Barra
José Maria Espinosa Teibo
José Wolny Alves de Oliveira
Juan Carlos Menacho Suares
Klaus Oliveira Gutheil
Liane Lisboa Chaffe
Lisiane Amon
Luigi Frusciante Filho
Luís Anápio Gomes de Oliveira
Luís Antônio Siebenechler
Luiz Antônio Ribeiro Saldanha
Luiz Cláudio Peres da Silva
Luiz Fernando Testa da Silva
Mara Lange
Marcelo de Oliveira Magalhães
Marcelo Reck Borges
Marcelo Spilki
Marcia Runge
Marco Antônio de David Nunes

Marco Antônio Silva Freire
Marco Aurélio Peixoto Alves
Marconi Comazzetto
Maria Cristina Ferreira Passos
Mário Luís Colpo Marchesan
Mauro Jungblut
Mirco Genehr
Olécio Tonet
Orlando Landi da Silva
Patrício Alfredo Senseve Mendez
Paulo André Nervo Raffin
Paulo Antônio Schreiner
Paulo José Brugger
Paulo Roberto Zanella Fett
Renan Paulo Pavan
Renata Liedtke
Renato Kopacek
Renato Spegiorin de Oliveira
Ricardo Vellinho Ely
Roberto Carlos dos Santos Pacheco
Rosely Anete Gorck
Ruwin Libermann
Sandra de Lourdes Trombetta
Simone Mary Buscaino
Sivory Fernando Scorsatto
Thomas Henrique Perez
Umberto Sfoggia Zago
Vilmar Tadeu Boschetti
Vinícius Medina Kern
Walkiria Sarti da Silva

Engenheiros Eletricistas

Alberto Simas da Costa
Alceu Heinke Frigeri
Alexandre Ambrozi Junqueira
Arnaldo Diefenthaler Dornelles
Belisário Tejada Kung
Carlos Eduardo Pereira
Carlos Franceschini
Carlos Luiz Kern Neto
Carlos Pedro Baumhardt
Carlos Roberto Mayer
Celso Stefani
Cleber Stringhini Schreder
Esteban Rios Ayala
Everton Soly da Silva Souza
Fernando Ferreira de Mello
Fernando Gehm Moraes
Flávio Luís Doege
Francisco Antônio V. Azeredo
Gerd Foerster
Gilberto Antônio Klein
Hermes Horn
Javier Francisco Aprea
João Batista de Abreu Campos
João Henrique Volcato Pichini
José Roberto Vicoso Müller
Júlio Cosme Gobbi
Leandro Batista Visalli
Luiz Eduardo Sauter Braga
Marcello Santos Muniz
Marcelo Antônio Silva Rosa
Marcelo da Silva Carreras
Marcelo da Silva Pereira
Marcelo Puhl
Marcos Agostinho Vidor
Marcos Teixeira Pochmann
Martim Morás Neto
Martin Antônio Behrens
Mathias Elter

Mauro Jorge Franco de Oliveira
Paulo Henrique Eggers
Ricardo Losada Gaspary
Rodrigo Tregnago
Suzana Menna Barreto Coccaro
Victor Ugo Pereira da Silva
Walter Otto Paganella

Engenheiros Mecânicos

Adalberto de Souza
Adão José de Souza Júnior
Adriane Prisco Petry
Alexandre Compagnoni
Álvaro Luiz de Bortoli
Anderson Domênico F. Fenocchio
Aryston Luiz Perin
Augusto Oscar Kunrath Neto
Cláudio Cheinquer
Dagoberto Schubert Severo
Daniel Brasil Balbão
Daniel Müller Terrazas Olmos
Daniel Santana de Freitas
Diogo Ungaretti Rossi
Elói Veit
Ernani Soares Barboza Neto
Fernando Cammerer
Gilson Araújo de Araújo
Hélio Roesler
Irani Antônio Sandi
Jeferson Bonini Rocha
Jorge Almeida Mello
Lúcia Helena de O. Sieczkowski
Luís Henrique Sant'Anna de Oliveira
Luiz Eduardo Pereira da Silva
Manoel Augusto Allgayer Canto
Marcelo Benevenuto Jardim
Marcos Pohlmann
Marcus Simon Tichauer
Mário dos Santos Gonçalves
Mário Roberto Salis Poglia
Osmar José Pedroso dos Santos
Paulo Henrique Soares da Rosa
Paulo Renato R. Zyszkiewicz
Paulo Ricardo da Cunha Gehlen
Paulo Ricardo de Carvalho Leite
Pedro Renato Azambuja Carvalho
Rafael David Segistán Córdoba
Raul Antônio Garcete Mantilla
Raul Germany Júnior
Renato Löff
Ricardo Anselmo Hess
Roberto Seadi Guanabara
Rosméri da Gama e Silva
Rubem Lutz
Rudolf Alexander Naumann
Sérgio de Faria Bica Júnior
Sívio Carlos Quintal Carvalho
Tien Fu Liu
Vitor Hugo Mahler

Engenheiros Metalúrgicos

Adagir Griza
Antônio Henrique A. Campagnola
Edilson Marquardt
Edson Tedesco Fraga
João José Ifarraguirre de Mattos
Luís Fernando Oliveira Araújo
Luís Henrique Weber
Paulo Ghinato
Renato Nilo Schossler
Teltz Gomes Corrêa

Vitor Ugo Pereira da Silva

Engenheiros de Minas

Amarildo da Cruz Fernandes
André Luiz da Costa Vieira
Clélio Nivaldo Crippa Filho
Clóvis Gonzatti
Erwin Francisco Tochtrop Júnior
Jorge Luís Petry
José Antônio Kurcewicz
Júlio César Lúcio
Leandro Fagundes
Luís Renato Balbão Andrade
Paulo Salvadorette

Engenheiros Químicos

Adriano Xavier Corrêa
Álvaro Rogério Gomes Schmitz
Álvaro Rogério Huf Flores
Ana Teresa Só Vargas de Oliveira
André Pohlmann
Antônio Carlos Silveira Corrêa
Argimiro Resende Secchi
Conrado Barbosa dos Santos
Daniel Casara
Edson Abel dos S. Chiaramonte
Eduardo de Mayo Francisco
Fernando Ritt
Franz Heredia Carrasco
Geovane Dilkin Consul
Geovane Müller dos Santos
Geraldo Luiz Markus
Geraldo Sant'Anna Nunes
Gisleine Resende Tavares Saldanha
João Eduardo Cerutti Karam
João Vicente Casol
Jorge Rodolfo Silva Zabadal
Miriam Teresinha Meira Jahn
Moatan Godoy
Nilo Sérgio Medeiros Cardozo
Odila Marta Wunderlich dos Santos
Siágrio Felipe Pinheiro
Suzana Aita Isaia
Valdecir Fabbri
Vicente Manera Neto
Vivian Sebben Adami

1988

Engenheiros Civis

Acir Mércio Loredó Souza
Adriana Kirsch Bissigo
Adriana Velho Falcão
Alessandro Ponzio Júnior
Alexandre Sobral de Rezende
Alexis Carrel de Queiroz Coelho
Álvaro Düvelius Ott
André Alves Silveira
André Luiz Martinelli Santos Silva
André Nery
André Roberto Hennemann
André Silva Fagundes
Ângela Cabral de Mello Borges
Ângelo Marcelo Barbosa Faro
Antônio Genaro Nunes Finamor
Augusto Renato Ribeiro Damiani
Breno Corrêa da Silva Neto
Caio Flávio Cerveira
Carla Maria de Almeida Carvalho
Carlos Alberto Garcia Vieira
Carlos Farina
César Emilio Della Valentina

César Luís de Pizzol
Claudinei Teixeira Rocha
Cláudio Esteves de Castro
Cláudio Fernando Fernandes Cogo
Cláudio Stival Teixeira
Daniel Sérgio Presta Garcia
Darlan Kollet
Denise Bernardes Prestes
Dinarte Santos
Dirceu Arno Pottker
Eduardo Dagord Schaan
Eduardo Laranja da Fonseca
Estevam Borges dos Santos Filho
Everton Pessano Grafulin
Faustino Simas Gonzalez
Fernando Antônio C. de Miranda
Fernando Dieckmann Medeiros
Fernando José Machado Gouvêa
Flávia Martins Turra
Geovani Clóvis Luguesi
Geraldo Antônio Reichert
Gerson Nielsen Ibañez
Gilnei Machado
Glauber Candia Silveira
Gustavo Henriques da Rosa
Henrique Casco Sarmiento
João Cláudio Schilling Giménez
João Ricardo Masuero
Joel Bobsin
Jorge Antônio Guedes Vianna
José Antônio Torres Leal
José Luís Machado de Oliveira
José Newton Valensuela Naimaier
Leonardo Fossati Pinto
Luciano Alvarez Tech
Luciano Argenta Scalabrin
Luís Eduardo Sabini
Luís Fernando Matos dos Santos
Luiz Fernando do Amaral Demoly
Marcelo Bittencourt Benites
Marcelo de Canossa Macedo
Marcelo Grivot Morais
Marcelo Menezes Castilhos
Marcelo Sporleder Salis
Marco Antônio Corrêa Robin
Marco Aurélio Stumpf Gonzalez
Marcos Bittencourt Ferret
Marino Castro da Silva
Mauro Fernando Schmidt
Moisés Augusto Bolson
Norberto José Volkmer
Otávio Augusto de Farias Bettanin
Paulo César Busato Scheffer
Paulo Guilherme Thormann
Paulo Roberto Jungblut
Paulo Roberto Tavares Leão
Rafael Gerst
Rejane Sonntag
Ricardo Pereira da Silva
Ricardo Vuaden
Rinaldo José Barbosa Pinheiro
Ronaldo Sachs
Roque Luiz Schwan
Sérgio Luiz Chiquetto
Sidart Gaia
Simone Rosa da Silva
Valdonir Estivalet Teixeira
Vitor Behar Baum

Engenheiros Eletricistas

Alencar Bonetto
Alexandre Simionovski
Álvaro Gehlen de Leão
Carlos Alberto Kauer
Carlos Steffen
César Augusto Missio Marcon
Daniel Stella Dal Molin
Dênis Fernandes
Dirceu Machado Júnior
Eduardo Coutinho Barum
Eric Ericson Fabris
Evandro Luiz Schilling
Fábio Vicente Pasquali
Gil Bezerra de Oliveira
Gilberto Ermacovitch
Hamilton Duarte Klimach
João Hamilton Rech
José Satochi Chiba
Luciane da Silva Roessler
Luiz Ewerton Capellari
Marcelo Noll Barboza
Marcelo Ramos de Mello
Marco Antônio Manjabosco
Marcos Krzisch
Mário Renato Iwakura
Milton Santos Oliveira
Newton Becker Lorentz
Paulo Ricardo Vieira Collares
Paulo Richard Sicca Lopes
Raul Nemetz Kijner
Renato Ely Castro
Renato Maluf de Mesquita
Ronald Luís Benvenuti
Rubens Alberto Girardi
Valter Roesler
Vladimir Fabian Rieger

Engenheiros Mecânicos

Alaor Noronha Menezes
Alberto Dias Lay
Alberto Schnarndorf
Alexandre Hoerlle
Antônio Carlos Orsatto
Ayres Sanches Teixeira
Bernardo Rolando Quiroga Herrera
Carlos Alberto Zugno
Carlos Frederico Lange
Carlos Guilherme Süffert
Carlos Umberto Doval Flório
Césio Peliano Dias
Daniel Matthes
Eduardo Pereira Couto
Eduardo Terra Dupuy
Egon Pinheiro André
Ervin Schnarndorf
Eubirajara Bezerra Medeiros
Fábio Gonçalves Teixeira
Gabriel Anibal Waxemberg
Geraldo Pizzato
Halston José Mozetic
Inácio Benvegnu Morsch
José Francisco Perales Romero
Júlio César Rodríguez Britos
Luiz Eduardo Martins Tettamanzy
Marc Alan Stanton
Marco Aurélio Rebello de Oliveira
Marcos Adolphs
Mauro Roisenberg
Nicholas Nabil Wilding

Pablo Jorge Gustavo Bähr
Paulo Ricardo O'donnell
Paulo Sérgio Silva dos Santos
Pedro Henrique Requena Gómez
Plínio Fanfa Ribas Filho
Ricardo Emílio Schwanke
Robert Traut
Robson Fernandes Netto
Ronei Caetano Pedroni
Rubens André Bignetti
Thomas Siegfried Preusser
Wilson Kindlein Júnior

Engenheiros Metalúrgicos

Carlos Alberto Mendes Moraes
Cláudio de Oliveira Chishman
Héctor Hugo Benítez Sánchez
Jorge Ramiro Quiroga Ramirez
Leonardo Canto Loguércio
Lúcio Lamb
Marcelo de Brito Steil
Ricardo Rüter

Engenheiros de Minas

Antônio Carlos Grisci
Breno Gorelik
Carlos Augusto Damasceno
Carlos Eduardo dos Santos Fleck
Fábio Schäfer
Ivo André Homrich Schneider
Jeferson Azambuja Gomes
Júlio César de Souza
Laerte Barcelos
Luís Albano Tondo
Luís Marcelo Marques Tavares
Paulo Peruzzo Filho
Ricardo Stumm Garcia
Sidney Dittrich

Engenheiros Químicos

Adriano Fogolari do Amarante
Álvaro Luís Fonseca de Oliveira
Ana Beatriz Cunha
Ângelo Augustinho Massing
Carlos Arthur Leães Peixoto
César Augusto Müller
César Xavier Hoffmann
Christiane Ribeiro Günther
Daniel Bauer Londero
Daniel Svirski
Daniela Bolner
Doris Jung
Edgardo Aquiles Prado Perez
Edson Petry
Eduardo Cassel
Félix José Nonnenmacher
João Batista Coronetti
João Batista Machado Guarana
Jorge Eduardo da Silva Ourique
Jorge Otávio Trierweiler
José Osmar Graff Júnior
Juliana Heckler
Júlio César Chagas D. Moreira
Liria Nishimura
Lisiane Mentz
Marçal José Rodrigues Pires
Maria de Fatima D. da Silva
Martha Fogliatto Santos Lima
Renato Letizia Garcia
Saulo José Macedo dos Santos
Sérgio Mangoni Moretti

1989

Engenheiros Civis

Adriano Dittmer Kluwe
Alcides Francisco Dias Neto
Alcimar da Rocha Lopes
Alexandre Aver
Alexandre Kist Bacher
Ana Beatris Souza de Deus
André Bresolin Pinto
Ângela de Moura Ferreira
Antônio Augusto Dornelles Lovatto
Carlos Alberto de O Pereira
Carlos Alexandre Pinto Toniolo
Carlos Augusto Urdapilleta Tarouco
Carlos Maurício Spinelli Alves
Carlos Miranda Pagnoncelli
César Augusto Petry Lonzett
César Murialdo Cavion
Clélio Nivaldo Crippa Filho
Denise Antunes da Silva
Egídio Dal Molin
Fernando Habab Herwig
Fernando Spinelli Alves
Flávio Provitina
Geancarlo Kunzler
Gelson Luís Bertoletti da Rocha
Geraldo Benoni Saffi Júnior
Giovani Manso Ávila
Hélio Maltz
Itamar Jovigelevicius
Jeferson Nunes Torma
Jorge Luís Santos Azambuja
Jorge Meinhardt
Júlio César Diedrich
Júlio César Hahn
Leonardo Rocha de Oliveira
Luciana Borges Amorim
Luciano Conzatti
Luís Alberto Segovia González
Luiz Carlos Pinto Silva Filho
Marcelo Tasoniero
Márcio Ferreto da Silva
Marco Aurélio Perico
Moacyr Foppa Júnior
Neri Pacheco Prates Júnior
Paulo César Drose
Paulo de Tarso Grandi
Paulo Spieker Dib
Pedro Celso Cavalheiro
Rafael Garcia Lufiego
Régis Sebben Paranhos
Renato Bohrer Leão
Renato Linck Pinto
Ricardo José de Souza Almeida
Roberto Nygaard
Sandro Augusto Bonfanti
Silvio Alberto Faneze
Vanio del Mauro de Carvalho
Victor Amadeo Cerquetti Cristaldo

Engenheiros Eletricistas

Alexandre de Oliveira Moreira
Amarildo José Bernardi
André Carvalho Vitoreti
Antônio Carlos A. de Souza Júnior
Artur Bernardes do Amaral Padilha
Carlos Ernesto Desens
Cícero Silveira Vaucher
Daniel Ferreira Coutinho

Darci Martini Júnior
Délbio Corrêa Bonini
Eduardo Luiz Severo Baucke
Elton Luiz Ferlin
Fábio Martins Ferigolo
Fernando Becker
Fernando Frasca Cândido Júnior
Fernando Nedel Testa
Flávio César de Souza Kurkowski
George Cunha Lima
Gerson Gabiatti
Gerson Luchini Pozzi
Gilson Inácio Wirth
Joni Girardi
José Carlos Trindade Fischer
José Gabriel Gonçalves
Júlio Antônio Filippin Siczkowski
Júlio Guilherme Gerlach Gutterres
Jung Hyun Choi
Karin Eickhoff
Kátia Barbosa Saikoski
Luís Felipe Westphalen Kessler
Luís Henrique Cantera Netto
Maber Athayde Fernandes
Marcelo Augusto Noll Martins
Marcelo Guimarães Ferreira
Marcelo Xavier Seeling
Marcos Alberto Prochnow
Marcos Vinícius dos Santos Rocha
Maria Cristina da Silva Silveira
Marta Mostardeiro da Silva
Mauro Giacomel
Paulo Roberto Stefani Sanches
Pedro Airon Lopes Carneiro
Pedro Antônio Mucillo
Ricardo Lastra Olsen
Ricardo Vargas Dorneles
Roberto Michio Marques Kagami
Roberto Müller
Rogério Junges da Cruz
Sílvio César Camargo
Thomas Weihmann
Walter Orli Ost
Zhi Yuan Wong

Engenheiros Mecânicos

Alexandro Ávila de Moura
Antônio Régis Balen
Antônio Valim Bemfica Filho
Ary de Freitas Filho
Carlos Alberto Lagemann
Carlos Daniel Abreu Lima da Rosa
Carlos Ferreira Ehlers
Carlos Iran Strassburger
Daniel Gustavo Behar
Eduardo Gonzalez Garcia
Eduardo Grapiglia da Rosa
Eduardo Richter
Euclides Humberto Teixeira Jardim
Felipe Fauri
Fernando Klug
Flávio Antônio Zanin
Francisco José V. de Araújo
Gilberto Luiz Vitali Bordin
Glaucio Chagas Alves
Homerio Luís Scholl de Lima
Hugo de Almeida Vasques
Ivan Carlos Paludo
João Carlos Dalpiaz
João Carlos Wohlgemuth

João Gilberto de Oliveira Rimoli
José Augusto Marchiori
José Felipe Jeckel
José Francisco do Prado Fay
Juan Pablo Raggio Quintas
Klaus Dahlke
Leonardo Zingano Filho
Leônidas Ferreira Coutinho
Luciano de Meda Aguiar
Luís Antônio Usevicius
Luís Otávio de Castro Silveira
Luiz Alberto Moura Alimena
Manoel Ramos Cepeda
Marcelo Ramos Falcão
Márcio Custodio de Oliveira
Márcio Mauro da Rosa
Márcio Muratore de Oliveira
Marcos Bercht
Mônica Barcellos Jansen Ferreira
Northon Roberto Corrêa
Paulo Fernando Presotto
Paulo Roberto Wander
Renato Rivaldo Campos
Renato Schmitt
Roberto Carlos Medeiros Lima
Roberto Marshall
Roberto Nunes Parisi
Rodrigo Rihl Kniest
Sérgio Carlos Selmo Júnior
Sesinho Lazzari
Vasco Berger Garcia
Vinícius Fagundes Jardim
Vladimir Carlos Nunes
Waldir Eraldo Schneider Júnior
Willy Artnak
Yuiti Katsurayama

Engenheiros Metalúrgicos

Eliana Márcia Portes Schumacher
Gilmar Moser da Silva
Jayr dos Reis Júnior
Jeferson André Sbalchiero
Marco Antônio Gomez Luchsinger
René Fornazier Selbach
Rosa Maria Pinto Bueno

Engenheiros de Minas

André Cezar Zingano
Gorki Brandt González D'Ávila
Noris Stella Guillen Escala
Selmar Almeida de Oliveira
Sérgio Luiz Klein
Victor Hugo Mendes Eilers

Engenheiros Químicos

Alceu José de Lima Júnior
César Pedrini Neto
Clademir José Silvestrin
Cláudia Ossana
Décio Goulart de Lemos
Dionizio Gonçalves Bellinazo
Fernando Üebel
Heinz Dietrichkeit Júnior
Irene Del Carmen Martinez Galeano
Jaqueline Colleoni
Jefferson Troglío
João Luiz Lorenzoni da Rocha
Márcio Augusto Gedoz
Márcio Müller
Maria Isabel Wolf Motta
Moisés Silva da Silva
Pedro Fischer Machado

Renê Alberto Ruschel
Ricardo Giacomelli
Rogério Luís Thum
Simone Vaccaro Ramos
Tiana Dias de Pinho

1990

Engenheiros Civis

Adalmiro da Silva Neto
Adriano Salles dos Santos
Alberto Tesheiner Bessil
Alceu Ferreira Júnior
André Peixoto San Martin
André Schneider
Antônio Maria Fretes Caballero
Aron Flores da Silva
Carlos Alberto Ferlin
Carlos Armando Gutschow
Carlos Henrique Argemi Júnior
Carlos Roberto Moura de Moraes
Cassandra da Silva dos Santos
Celso Fritsch
César Luciano Filomena
Cezar Gregoski
Christiano Rotta
Cláudio Antônio Favretto
Cláudio Carvalho
Cláudio Falabretti
Cristina Maria Cardoso
Daniel Leite Grazziotin
Daniel Mietlicki Júnior
Daniel Reverbel Fernandes
Daniel Zanella
Deise Ilges
Edgar Abitante
Edson Rogério Pellat
Eduardo Loss Pfeifer
Eduardo Mallmann Pereira
Eduardo Milan Krainovic
Elisa Escalona de Dios
Enio Guimarães Pansiera
Felipe Kwiecinski Fernandez
Frederico Luís Freitas Beck
Frederico Westphalen
Getúlio Fernandes Dornelles
Gilberto Otávio Dallaroza
Glaucio André Maffessoni
Gustavo de Aguiar Isaia
Helena Nodari Calegari
Heloisa Helena Bade Manzur
Iuri R. da Silva e Castro
Ivo Germano Hoffmann Júnior
James Mendel Schostack
Joel de Quadro Bittencourt
Jorge Eduardo Siffert
Jorge Maurício Velasco Melgar
Jorge Paganin
José Carlos da Silva Rebelo
José Carlos Gorostiaga Matiauda
Klaus Egon Rheinheimer
Leandro Guelfand
Lélis Balestrin Espartel
Luciano Ramos Favero
Luciane Lemanski Santos
Marcelo Henrique Rech
Marciano José da Silva Júnior
Mário Gothe
Mário Vicente Nasi
Mauro Coelho dos Reis

Mauro José Braun
Mauro Tomasi Casqueiro
Miguel Ângelo Pivetta
Mirtou João Alves da Silveira
Nelson Manfro Crippa
Nelson Pedroso Tames
Odanir David Bertol
Orlando Celso Athayde Portella
Orlando Luís Larangeira Thomas
Otávio Passos Geimba
Paulo Roberto Almada Güntzel
Paulo Roberto Walter Ferreira
Paulo Soares Luz
Paulo Virgílio Vieira Fialho
Ricardo Hahn Brum
Rosane Pellizzari Agustoni
Rui Tiemann
Sérgio Augusto Letizia Garcia
Sílvia Faermann
Suziene David da Silva
Vinícius Rodrigues Moraes Júnior
Zélia Dazevedo Canal

Engenheiros Eletricistas

Alexandre Allgayer Canto
Alexandre Barros Indrusiak
Alexandre Hessler
Alexandre Sanfelice Bazanella
André Inácio Reis
André Luiz Aita
André Mastella
André Ricardo Weissheimer
Antônio Luiz Farias da Cruz
Arão Fischman
Carlos Dolberth Jaeger
César Corrêa do Amaral
Cláudia Fleig Mayer
Edison Manfroi
Eduardo do Valle Simões
Eduardo Keniti Maeda
Erik Bronger
Fábio Andreoli Somenzi
Fernando João Gueths
Flávio Sperotto
Gabriel Vianna Schlatter
Gustavo Corrêa Mirapalheta
Henrique Cabral de Mello Vanzin
Ivan Javier Mirones Batista
Ivan Ricardo Pertile
Ivanor Vilas Boas
João Carlos Orquim da Silva
João Vicente Cardoso Faria
Jorge Luís Demoliner
José Carlos Monteiro da Conceição
José Luís Almada Güntzel
Leandro José Monareto
Leandro Roisenberg
Luís Cássio Modernel Sarate
Luiz Carlos Reschke
Luiz Eduardo Lima Ramos
Luiz Fernando dos Passos
Márcio Grassi
Mário Oliveira Júnior
Milton Edward G. Vasconcellos
Newton Chaves Kras Borges
Pablo Alberto Ramos Candia
Paulo César Saraiva Marnatti
Paulo Ricardo Kaltchuk
Paulo Roberto Schiavon de Andrade
Pedro Augusto Frantz

Ricardo Bastos de Mattos Vieira
Rogério Baldauf
Rogério Carlos Pedroso Fluzer
Rogério Gularte Andreoli
Romeu Reginatto
Valter Martin Fleischer
Vinícius Bruschi de Fraga
Vinícius Leônidas Curcio
Volmar Madeira
Volnei César Susin

Engenheiros Mecânicos

Alberto Mock Gonzalez
Alexandre Lucchese Pegoraro
Alexandre Luís Arenhart
Alexandre Udo Milke
André Magnabosco
Carlos Aurélio Donida
Carlos Ernesto Slongo
Césio Luiz Velleda Lázaro da Silva
Cláudio Milanez Peña
Clóvis Garcia Weissheimer
Daisy Potengy Bueno
Dante Roberto Eickhoff
Edison Ribeiro Peters
Edson Sidney de Ávila Júnior
Eduardo Luís Boff
Flávio Elias Salomoni
Guido Müller
Gustavo Schneider de Medeiros
Henrique Cerveira Schertel
Ingo Schlieper Hirschmann
Jeferson Félix de Oliveira
Jorge Venturini
Jorge Zymbal
José Luiz Gallicchio Hansen
José Maria Cambra Melgarejo
José Otávio da Rosa Ramos
Júlio César Pereira Arellano
Kleber Eduardo Bianchi
Leandro Ávila da Silva
Leandro Silva Carissimi
Manolo Trindade Fernandez
Marcelo Einsfeld
Marcelo Germany
Marcelo Rosa Gomes
Mauro Ahlert
Mônica Ussan Schotgues
Osmar Maia da Silva Filho
Paulo Ueda

Rafael Motta Kessler
Ricardo Baptista Gomes
Ricardo Guimarães F. de Souza
Roberto Paluchowski Cunha
Tanara Caleffi
Telmo André Lemos Nunes
Werner Rütther Caspers

Engenheiros Metalúrgicos

Cândido Norberto Postinger
Edison Luiz Drescher
Emílio Paulo Badermann Filho
Júlio Aníbal Moraes Pereira
Reginaldo Oliveira Parenza
Ricardo Diego Torres
Rodrigo Belloc Soares
Rogério Turatti
Victor Hugo Velazquez Acosta

Engenheiros de Minas

Benito Francisco Bottino
César Millan Carraro

Eduardo Becker Ferla
Gerson Farion Cavalcante
Hernando E. Centurion Ibarra
Irineu Antônio Schadach de Brum
Juan Antônio Altamirano Flores
Luís Augusto Colembergue Clujso
Luís Fernando Sosinski
Rogério Antônio

Engenheiros Químicos

Aladir de Assis Júnior
Alexandre Luiz Bortolini
Ana Paula Carmona Paz
André de Azambuja Turqueti
Andréa Buss Van Den Mosselaer
Breno Calvalcanti de A. Tabajara
Carlos Frederico Hapter Balbão
Cássio Antônio Dornelles Barbosa
Cátia da Silva
Cláudio Rotta
Débora Prezotto
Eduardo Fleck
Eduardo Fontoura Birnfeld
Edwin Arturo Zambrana Mercado
Evandro Steffani
Francisco de Souza Abraão
Franz Christian N. Semmelmann
Gislaine Jacques da Silva
Guilherme Antônio T de Araújo
José Paulo Rath de Cândido
Júlia Helena Vargas Viegas
Leandro Bauermann Porfírio
Luís Artur Tondo
Luiz Stragevitch
Manuel Ferreira da Silva Salvaterra
Marco Antônio Menezes Bandeira
Maria Isabel de Oliveira Poli
Paulo Ricardo Marques Mendonca
Randolph Böhm da Costa
Renato Morandi
Rodrigo Dias Zettermann
Rogério Antônio da Costa Ballestrin
Rosângela Breda Scipioni
Sibele Berenice Castellã Pergher
Sílvia R. Caballero Reategui
Sílvio César dos Santos
Thomaz Nunnenkamp
Zótico Luís Schmitz da Silva

1991

Engenheiros Cívicos

Ademir José Silveira Sartori
Airton José Fontanive
Alex Bolsoni
Alex Rodrigo Paulmichl
Alexander Capela Andras
Alexandre Carus Berlitz
Alexandre Klein
André da Silva Wendelstein
Andréa Jussara Soletti Perez
Ane Lise Pereira da Costa
Antônio Carlos Azambuja de Souza
Cândido Jauri de Bastos
Carla Suzana Britto e Silva
Carlos Humberto Seibert
Carlos Vicente John dos Santos
Cinara Oliveira Machado
Cláudia Karim Castellanos Pereira
Cláudio Roberto Machado Rocha
Clóvis Azevedo da Cunha Júnior

Clóvis Kurtz Galery
D'Orleans Fernando B. de Freitas
Daniel Ozelame Lunelli
Daniel Weindorfer
Débora Merg Müller
Eduardo Duarte de Almeida
Eduardo Henrique D'Ávila
Eduardo Padilha Pereira
Eduardo Raymundo Fonteles
Eduardo Ribas
Eduardo Tramontin
Eleonora Calçada Furian
Elisabete Yuki
Felix Paniagua Duarte
Fernando Couto Almeida
Fernando Genz
Flávio de Lima Pinto
Gilza Morales da Silva Bandarra
Guillermo Castaneda Miranda
Henrique José dos Santos Júnior
Jader Teitelbaum
João Carlos Zandoná
José Henrique Costa Averbeck
Kenni Dario Dutra Acosta
Lauro Luiz Lupchinski
Lauro Schnorrenberger
Léo Fernando Kras Joas
Lúcio Guilherme Joas
Luís Cláudio Cardoso Dias
Luiz Eduardo Zamfonato
Luiz Filipe V. Corrêa de Oliveira
Marcelino Assis Bolson
Marcos Geraldo Rieck
Marta Sirangelo Bauermann
Orestes F Marcon Filho
Paulo Ricardo Paludo
Ricardo Lessa Azevedo
Rodrigo Alberto de Castilho
Rogério de Lima Spode
Rogério Sartori Fornasier
Roseli Maria Stringhini
Sandro Bertolazzi
Sandro Bigolin
Sérgio Henrique Santa Rosa
Simone Marindia Biolo
Simone Rossini
Susana Sanson de Bem
Valdir Valter Carvalho Rodrigues
Vanessa Lucchese Accorsi
Vitor Celso Friedrich

Engenheiros Eletricistas

Adenilton Cosme da Rosa Ferreira
Alexandre Augusto Teodoro Mahler
Alexandre Fagundes de Fagundes
Alexandre Weindorfer
Altair Soria Pereira
Álvaro Camacho Terrazas
André da Silva Gazzana
André Luz Livi
Belmiro Francisco da Silva Filho
Carlos Alberto Cima
Carlos Antônio Bisatto
Carlos Roberto de M. Souza Júnior
Christian Diefenbach
Cícero Renato Lorenzi
Cléverton Tosetto Amaral
Dante Jesus Richesky da Silva
Edgar Athayde Meneghetti
Eduardo Edelweiss Giffoni

Evandro Bender
Fernando Lopes Maia
Fernando Martins Bauer
Flávio Augusto Penna Soares
Flávio Pizzato
Gianfranco Consoli
Glênio Luís de Vasconcellos Rogoni
Guilherme Silva Peres
Holmer Almeida Brazeiro Filho
João Manoel Gomes da Silva Júnior
Joaquim Gomes da Costa E. Souza
Joel Luft
Jorge José Martins Júnior
José Gilberto Formanski
José Maximo de Sá
Juan Andres Diaz Boitano
Léo Berger
Luís Carlos Kufner
Luís Felipe Uebel
Luiz Kwiecinski Fernandez
Marcelo Antoniazzi Porto
Marcelo Negreiros
Márcio Holsbach Costa
Marcus Vinícius Lamar
Mário de Azambuja Turqueti
Miguel Virgílio Petkovicz
Moisés de Mattos Dias
Ney Becker Phillipi
Osvaldo Javier Ayala Berni
Paulo Antônio Dias Fagan
Paulo Norberto Porn
Renato Perez Ribas
Roberto Guilherme Eick
Roberto Pavéglio Teixeira
Robinson Vasconcellos F. Júnior
Rogério Koehn
Rogério Wolff
Sílvia Silva da Costa
Sílvio Longoni Debaco
Tong Jiao
Valéria Sokal
Valner João Brusamarello
Vandersilvio da Silva
Victor Sanchez

Engenheiros Mecânicos

Alexandre Costa Freund
Alexandre da Silva Condotta
Ângelo Daniel Magalhães
Antônio Fernandes Lima
Carlos Augusto Essig
Carlos Augusto Pasqualetto Chies
César Luís Machado
Cláudio Vasconcellos Moraes
Dércio Herpich
Fábio Cardoso da Cunha
Fernando Martínez Passos
Gilberto João Pavani
Guilherme Bivar Cosner Schmitt
Guilherme Bruschi
Gustavo Kannenberg
João Carlos Strapazon
Marcelo F. C. Damasceno Ferreira
Marcelo Pereira Lima
Marco Aurélio Alice Raabe
Mauro Afonso Sotille
Paulo Roberto Loureiro
Roberto Coimbra Santos
Sérgio D'Ávila Maffazioli
Wilson Nápoli Kersting

Engenheiros Metalúrgicos

Afonso Reguly
 Alexandre Zingano
 Cláudio Johannpeter
 João Cássio Romero Lenzi
 Luiz Paulo Hauth
 Márcio Levi Kramer de Macedo
 Prédi Antônio Medina
 Ralf Wellis de Souza
 Roberto Wolfart
 Thomas Tschoepke Soares
 Wang Chia Yuan

Engenheiros de Minas

Alexandre Godoy
 Álvaro Jesus Castro Caicedo
 Bruno José Müller
 Celso Afonso Machado Lima
 Fabiane Trevisan
 Fábio Lena do Nascimento
 Jorge Luiz Faria Garcia
 Kaiser Gamba Correia
 Lúcio Flavo Gallon Cavalli
 Marco Antônio Bardini
 Maria da Graça Ghiggi
 Ricardo Daniel da Silva
 Sílvia Acosta Cabral

Engenheiros Químicos

Ana Regina Rosa
 Carlos Grzelak Júnior
 Carlos José Silva
 Carlos Schriever
 Cibele Elaine Vencato
 Cristiane Rottmann
 Eduardo Rigatto Kauer
 Egon Filter
 Flávio Fallavigna
 Helder Schirmer
 Jorge Gustavo Calderon Elias
 José Adriano Junqueira
 Leandro Tartarelli Tondo
 Liliane Regina Weber
 Louise Rodrigues de Oliveira
 Luciano Fregapani Pereira
 Marcelo Gil Faccin
 Marise Heleen Hartmann
 Nerci Oscar Kunrath Júnior
 Nilo Albino Tezzari
 Oscar William Perez Lopez
 Paulo César Fialho Montemaggiore
 Paulo Henrique Hausladen
 Ricardo Wastowski
 Rosane Bolner
 Tanísia Martini Vilarino
 Ubiratan Schuch Pinto

1992**Engenheiros Civis**

Adair José Bianchi
 Adriana Schonhofen Garcia
 Airton José Festugatto
 Alejandro José Baranzano Brutti
 Alexandre Chiappin
 Alexandre Rodrigues Pacheco
 Alfredo Luiz Bins
 Ana Cristina Klein
 Ana Lúcia Arenhart Santos
 Augusto Becker Seckler
 Carla Schwengber Ten Caten
 Carlos Alberto Manfredini

Carlos Fernando Rosa dos Santos
 Carmelo Remigio Garay Mereles
 Carmen Todeschini
 Christine Tessele Nodari
 Cláudia Silva de Sousa
 Cláudio Baltazar Alves dos Santos
 Cleonor José Mahl
 Cristian Kirinus
 Dalmar Locateli Verdade
 Edson Luiz da Silva
 Edson Menegusso Neves
 Eduardo Schwengber Ten Caten
 Eriomar Pazzin Trisch
 Eunice Coutinho Escosteguy
 Fábio Trindade de Angelis
 Fernanda Assis Schneider
 Fernando Martins Limongi
 Flávio da Cunha Machado
 Gerson Luís Novo
 Gilberto Morales Alves
 Gilberto Pianezzola
 Henrique José Harms Dias
 Henrique Raizler
 Hugo Walter Gollardia Hillal
 Humberto Luís Alves da Costa
 Iuri Jadovski
 Janes Ricardo de Boer
 João Francisco Bork Ferraro
 João Luiz Bockmann
 José Antônio Rohlfes Júnior
 Joselito Carvalho Pereira
 Juan Miguel Maestre
 Júlio Reis
 Luciano Draghetti
 Luís Fernando Pruciano
 Luiz Fernando Wolf
 Marcelo Arnecke Di Giorgio
 Marcelo Augusto Girardello
 Márcia da Silva Costa
 Márcia Gizeli de Oliveira Feijó
 Márcio Rostirolla
 Márcio Tassinari Stumpf
 Marcos Eugênio Bortolini
 Maria Beatriz Berti da Costa
 Moema Feiske Leuck
 Oscar Eduardo Sonntag
 Paulo Roberto Azevedo Osório
 Paulo Walter da Luz
 Rafael Paes Borba
 Régis Nunes Medeiros
 Renato Debom Steiw
 Ricardo Fetter Lopez
 Roberto de Sena Pereira
 Roberto Dias Torres
 Robinson Gonçalves Moreira Sezar
 Rodrigo de Toledo
 Roxana Beatriz C. Flores
 Sandra Regina Fernandes Cogo
 Taisa Kindlein

Engenheiros Eletricistas

Alberto Balduino Rambo
 Alberto Hajime Nakatsui
 Alexandre Visintainer Pino
 Antônio Guglielmin Schumacher
 Armando Enrique Hultazo Ibarra
 Arsenio Czarnobay Candanedo
 Breno Fortis Faillace
 Cláudio Roberto Gausmann
 Cristiano Leuckert

Eduardo Paim Giani
 Enio Basualdo
 Fábio Alberto Piuma
 Fábio Ferrassi Duarte
 Fábio Luís Heineck
 Fábio Luís Rodrigues Machado
 Fernando Fortes de Castro
 Germano Ruschel Kruger
 Hamilton Ricardo Pereira da Silva
 Henri Saltore Bigatti
 João Carlos Bogo Chies
 Leandro Rigo Frosi
 Léo Carlos Kerber
 Léo Stapler
 Luís Fernando Espinosa Cocian
 Luís Fernando Kauer
 Luiz Fernando Schuler Medeiros
 Marcelo Milani Machado
 Márcio Rodrigo Borges
 Marco Antônio Costa Adam
 Marcos Zucolotto
 Newton Dias Júnior
 Nilton Maltz
 Paulo Renê Soares Berger
 Pedro Renato Gehlen
 Rogério Kronberg Medeiros
 Sérgio Daniel Notário Britez
 Sergio Luiz Schubert Severo
 Telmo Moraes Freitas
 Vinícius Fabian Vardanega Simon
 Wagner da Gama Melo
 William Guedes

Engenheiros Mecânicos

Aidir Parizzi Júnior
 André Ricardo Milke
 Carlos Augusto Zanoel
 Carlos Henrique Wey
 Daniel Miller Ceretti
 Fernando Luiz Oliboni
 Fernando Manuel de Oliveira
 Giovani Dalpiaz
 Harro Ricardo Schlorke Burmann
 Hélio Renê Lopes da Rocha
 Huldreich Kreter
 Jefferson Cisolotto
 João José da Rocha Neto
 Kyung Hyun Choi
 Lenira Burke Klein
 Luciano Nelson Kruger
 Luís Alberto Ditter
 Luiz Roberto de Freitas Nickle
 Marcelo Luís Albertoni
 Marcelo Ramos Heck
 Marcelo Renovato Toba
 Martin Poulsen Kessler
 Natal de Ávila Antonini
 Nei Rodrigues de Freitas
 Oscar Agustin Ávila Santos
 Pierre Luís Rubod Ortiz
 Ricardo Grando
 Sebastian Caldas Herbert
 Sergei Nitzke da Silva
 Sílvio Luís Paim Alves

Engenheiros Metalúrgicos

Carlos Eduardo Fortis Kwietniewski
 César Augusto Silva Espinosa
 César Tadeo Arevalo Quevedo
 Eduardo Scheid
 Everton Vargas Andrade

Fernando Golombieski
 German Gomez
 João Francisco Canto Loguércio
 José Carlos Simon
 Leandro Pasqualotto
 Luís Felipe Tondo
 Paulo Rogério Tavares da Silva
 Sandra Scholles
 Sandro da Silva Guedes

Engenheiros de Minas

Adélio de Souza Conter
 Eduardo Acauan Pizzato
 Jorge Alberto Pereira
 Jorge Luís Ferreira Boeira
 Roberto Carlos Beal
 Valério Miguél Grando

Engenheiros Químicos

Alessandro Cauduro Lima
 Alexandre Barcellos Ramos
 Alexis Fichtner Milan
 Ana Cristina Gasparoto Schneider
 Anderson Luís Maycá da Cunha
 Carla Pfannkuchen Gandolfi
 Cristiane Maria Severgnini
 Denilson Moraes Rodrigues
 Eliane Viegas Mota
 Enrique Ricardo Alvarez Garrido
 Fabiana Caumo
 Fábio Floriani
 Felipe Levandoski
 Felipe Guilherme Keske
 Ingrid Mandelli
 Isabela Holtermann Lagrega
 João Cassiano Dias Barcellos
 João Gilberto Knies
 Jones Turatti
 José Carlos Lázaro da Silva Filho
 Konnie Peuker
 Leonardo Geissler Garcia
 Luciana Volcato Panzarini
 Luís Gustavo Soares Longhi
 Marcos dos Santos Aidos
 Marion Lameira Gonçalves
 Néstor Roque Acuña Appleyard
 Patricia Lenz Koinaski
 Paulo Roberto do Amaral Nunes
 Pedro Ricardo Moraes Duval
 Ricardo Geremia
 Roberto Gross Nunes
 Rodrigo Soares Wagner
 Ronaldo Luís Ribeiro Borba
 Sérgio Percival da C. Ferreira Filho
 Sheila Maria Rosito
 Shinichi Tokumoto
 Sílvio José de Faria Corrêa

1993**Engenheiros Civis**

Ademir Correia da Silva
 Alberto Daniel Müller
 Alexandre da Costa Peixoto
 Alexandre Vieira de Andrade
 André Atilio Granzotto
 André de Oliveira Germano
 Andrea Schuler
 Bibiana Cardoso Fogaça
 Carlos Alexandre Pereira Moraes
 Carlos Augusto Legendre Lima
 Carlos Eduardo Papaleo Panitz

Carlos Fernandes Celestino
Carlos Vanderlei Mallmann
Carmem Regina Ribeiro Pinto
Cristiane Tavares
Eduardo Oscar Baumhardt
Eunice Vargas Motta
Fabiano Camilo
Fausto Missel Vasques
Fernando José Salcedo Villegas
Fernando Stefenon
Flávio Augusto Guedes de Assis
Flávio Monticelli
Geovana Farias da Silva
Gerson Matheus de Matheus
Gustavo Tramontina Segat
Ismar França Panigas
Ivo Wolff Neto
José Carlos Lopes Lopes
José Hernán Morales Flores Jr
José Luís Farinatti Aymone
Kleber Antônio Lazzari
Lars Knorr
Leandro dos Santos Botta
Leandro Hirt Rassier
Leandro Peixoto Maia
Leticia Dexheimer
Luciano de Oliveira
Luís Eduardo Vieira Leitão
Luiz Augusto Alvares Caminha
Márcia Rodrigues de Rodrigues
Márcio Antônio Vandrúscolo
Márcio Fritsch
Marcus Vinicius Jaeger
Max Eber Xavier
Nina Rosa de Souza Machado
Paulo Roberto Pazinato
Paulo Roberto Wildner
Pedro Henrique Alves Escosteguy
Rafael Nestor Alvarez Garrido
Roberto dos Reis Alvarez
Rodrigo Vieira de Grandi
Rogério de Vasconcellos Rigon
Rogério Dorneles Severo
Rogério Peres Costa
Samuel Ulysséa Paladini
Sara Rejane Silva dos Santos
Sérgio Luís da Silva Cotrim
Susana Angelim Costa
Tatiana Japur
Trajano Suarez Lima

Engenheiros Eletricistas
Adriane Michaelen
Adriano Augusto Lucas Frantz
Alex Fabiane Silveira Menezes
Alexandre Silva e Silva
Ana Lúcia de Almeida Costa
André Ampessan
André de Oliveira Meirelles
André Gruszynski
André Hentz
André Tulini
André Vieira Mendonca
Anelise Sadrês Hackbart
Antônio Soares de Moura Júnior
Aurélio Martins de Oliveira Júnior
Bruno Alexandre Gutschow
Carlos Gontarski Esperanca
Celso Saltão Braga
César Augusto Rorato Crusius

Cláudio Kuyven
Clifford Alves Miller
Daniel Gonçalves Fachin
Daniela Bedin de Souza
Danton Pereira da Silva Júnior
Edilson Altmann
Fernando Lopes Pauletti
Fernando Nagel
Fernando Pires Krüger
Giancarlo Susin
Giovana Savitri Pasa
Guilherme Luís Bradasch
Gustavo Pereira Eggres de Oliveira
Gustavo Vecchi da Paixão
João Carlos Cândido de Jesus
José Carlos Pedó Júnior
José Júlio Guimarães Fernandes
José Luiz Gomes Flores da Cunha
José Ricardo Porto Silva
Leandro Prusch
Lênio Henz Caçula
Leonidas Evangelos Aravanis
Lino Paulo Zardo Júnior
Lisandro Pasquotto Carrillo
Luciano Alan Brasil da Silva
Luís Henrique Fichman
Luiz Eduardo Seixá Stefani
Marcelo Barros Binotto
Márcio de Oliveira Farias
Marcos Fabrício Bezerra
Marcos Roberto Schneider
Marcus Gerhardt
Marcus Kindel
Mark Schmitt
Otávio Moro Rosset
Paulo César Cardoso Godoy
Paulo Roberto Moreira
Paulo Zordan D'Arrigo
Rafael Garcia Garzon
Renato Gallicchio Hansen
Ricardo Augusto Cassel
Ricardo Basso Fasolo
Roberto Epaminondas
Rocelito Lopes de Andrade
Rodrigo Bertani
Rodrigo Modesto Ortiz Duclos
Takashi Kubo
Vitor Hugo Rodrigues Gonçalves

Engenheiros Mecânicos
Adilson Oliveira da Silva
Alberto Schmitt Mussnich
Aldo Manuel Ramirez Gonzalez
Alessandro Pulice
Alexandre Garcia Bueno
Álvaro Luís Vial
André Godoy Rainys
Antônio Carlos Forte
Armando Luís de Antoni Filho
Carlos Alberto Bravo Illanes
Carlos Alberto Junges
Carlos Fernando Cabrera Garnica
Carlos Humberto Francia Guerrero
Cirano Gewehr Campanher
Claudionei Brasil de Lima
Clemente Rolan Soares
Daniel Sander Hoffmann
Denise Abitante
Diego Marcelo Patiño Morales
Edgar Omar Mendez Cordova

Eduardo Grehs
Eduardo Schmitt
Edward Brian Stanton
Elton Luiz Silveira Osório
Ernani Dreyssig
Evandro Bratti
Fábio Generosi
Fábio Hilgert Heinrich
Gerardo Mazzetti Amestoy
Gerson Alvares Robaina
Gerson Domingos Zílio Silva
Ginésio Flesch
Hamilton Issa Fernandes
Jomar Puhl
Juares de Araújo Ruiz
Júlio César Alves dos Santos
Karen Fátima Faé Vicari
Léia Bernardi Bagesteiro
Lucídio Pagnussat
Lúcio Sacchet
Luís Gustavo Trapp
Luiz Antônio Nunes da Silva
Luiz Antônio Picada Felin
Marc Bernardi Dorneles
Marcelo Feistaver
Marcelo Sasso
Márcia Lac
Marco Aurélio Antunes
Marcus Galafassi
Mário Bins Schuller
Maurício Magnus Linhares
Nairo Francisco Pôssas dos Santos
Ney Francisco Ferreira
Neyo Frederico Schell Kruze
Otávio Zambarda Júnior
Paulo Hideo Aso
Paulo Roberto Schilling
Renato Gourgues Gamarro
Ricardo Vaz de Souza
Rogério Rigotto
Roland Reitz
Seomar João Nardi
Uorani Gaspodini
Valmor Gomes de Oliveira

Engenheiros Metalúrgicos
André Luís Mainieri Lima
André Ronaldo Froehlich
Caio Adolfo Sbruzzi Júnior
Carlos Alberto Vicente Antônio
Clóves Pires da Silva
Daniel Weber Brun
Eduardo Becker Delwing
Gilberto Zanfelicé
Jacques Zilberstein
João Paulo Sarmento Porto
João Ubiratã Andretta
José Cândido Silveira Soares
Mário Wolfart Júnior
Oswaldo Enrique Gamarra Rosado
Rogério Silva da Silveira

Engenheiros de Minas
Caio Publio Piazza Vergo
Eduardo Bongioiolo Zaniboni
Jonas Ricardo Kemczenski
José Carlos B. da Silveira Júnior
Luís Carlos Zancan Filho
Luís Fernando Fagundes
Marcos Cardoso da Cunha

Engenheiros Químicos

Álvaro Dani
Ana Paula Celiberto
Andrea Patricia Schuur Daudt
Carlos Alberto Diehl
Carlos Frederico Mourilhe Rosés
Cassimiro Fernando Zasso
Cláudia Elena Navarro
Cleber Ricardo Teixeira Müller
Daniel Borlini
Daniel Stainer
Denis Lessa Pesa
Fernando Antônio Bohrer
Giani Ferreira Esteves
Hamilton Schein Bellaguarda
Humberto de Moraes Christo Júnior
Jeane Estela de Lima Dullius
João Ayres Lemos
Leandro André Nyland
Luciano Kley Luz
Luciano Luvison
Marcelo Audibert Corrêa
Marcelo Callegari Hoertel
Marcelo Isopo
Marcelo Pontes Botelho
Maria Cristina Dutra Aydos
Mônica Carcuchinski Haag
Oscar Alfredo Klein Neto
Paola Maria Vianna Reginatto
Paulo Anselmo Ziani Suárez
Roberto Antunes de Mattos
Roberto Gliese
Rosaria Luísa Mainieri
Sandro Sant'Ana
Tatiana Heidrich Mendes

1994

Engenheiros Cívicos

Alberto Masahiro Omomo
Alessandra Andrea Both
Alexandre Castro Soares
Alexei Susin
André Luiz Hebmüller
André Ricardo Baumhardt
André Soldatelli
Andrea Barbosa Martins
Ari Sartor
Atanázio Franca de Oliveira
Carlos Alberto Peres Franca
Carlos André dos Santos Matos
Christine Alias de Souza
Cláudio Albarus
Cláudio Jozué Pereira de Medeiros
Cláudio Sommer Tanajura
Daniela Fischer
Darcy Nunes dos Santos
Ed Araújo Barbosa Júnior
Eduardo Lima Silva
Evandro Brufatto
Fernanda Christine Beux
Fernando Kaliniewicz
Flávio Augusto Fialho Belmonte
Gianfranco Consoli
Gilberto Palma Gheller
Giuseppe Pinheiro Almeron
Guido Carlos Schmidt
Guilherme Nunnenkamp
Gustavo Ballardín
Gustavo Kosnitzer

Isatir Antônio Bottin Filho
Jean Pierre Pizzato Perrot
João Antônio Harb Carraro
José Eduardo de Araújo Styzye
Luciano Andreatta C da Costa
Luiz Alfredo Pacheco Ribeiro
Luiz Carlos Borges de C. Júnior
Luiz Fernando Jacobsen Albrecht
Luiz Fernando Menezes Pereira
Márcio da Luz Fernandes
Marco Antônio Bandeira Menezes
Núria Aboy
Paulo César Fonseca Mello
Paulo Eduardo Nunes Ponte
Paulo Martinho Ruwer
Rafael Artico
Renato Fontoura de Freitas
Roberto Sukster
Rodrigo Alves Escosteguy
Rodrigo Felix Haas
Rogério de Moraes Bohn
Sandra Cristina Scherer
Sidnei Faermann Barth
Silverius Kist Júnior
Stephan Hund Prates

Engenheiros Eletricistas

Alexandre Kenzi Antonini
Carlos Alberto G. de Los Santos
Christian Burger
Claudio Menegotto Costa
Cristina Katsurayama
Deborah Gil de Lacerda
Demétrio Luiz N. de Freitas
Eduardo Kenzi Antonini
Eliandro Arena dos Santos
Evandro Scariot
Everton José de Ros
Fabiola de Azambuja Requião
Felipe Bandeira Sanches
Fernando Chaves Braga
Flávio Alberto Fonseca Blank
Gustavo André Franceschini
João Otávio Cusinato Bell
José Clóvis Serafim
Juliana Gehrke
Juliano Varella D'Ávila
Júlio César dos Santos Vicente
Luciano Schumacher Santa Maria
Luís Fernando Pontello
Luís Rodrigues
Luiz Eduardo Braccini de Aguiar
Marcelo Magnus Pacheco
Marcelo Moreto
Márcio Gil Faccin
Márcio Slomp
Marcos André Krohn
Moisés de Moura Behar Pontremoli
Pedro Marcelo Dittrich
Rafael Wild
Reinaldo Lopez Colman
Rodolfo Omar Ozuna Galeano
Rodrigo Rihl Bettoni
Rogério de Britto Velho Ruschel
Rogério Lopes da Silva
Vicente Ângelo Cadore
Vinícius Augusto da S. Vasconcello

Engenheiros Mecânicos

Alberto Bernardes do A. Padilha
Alexandre da Silva Rocha

Alexandre Fassini Michels
Álvaro Cilondelora Assunção
André Luís de Souza
Carlos Alberto Lagemann
Carlos Humberto Athaide Mitidiero
Cláudio Cezimbra Restano
Daniel Alessandro O. de Barros
Daniel da Rosa Munchen
Ederson Luís Pasquali
Eduardo Carvalho Biehl
Eduardo Nabinger
Elmo Souza Dutra da Silveira Filho
Ernesto José Tomazal
Everson Possamai
Fábio Ullmann López
Gastão Mostardeiro da Silva
Gilberto Fagundes de Souza
Hudson Lobo do Prado Júnior
Humberto Magno Júnior
Jair Luís Zorzi
Jean Marc Stéphane Lafay
João Carlos do Amaral Demoly
João José Gonçalves Dias
Jorge Eurico Gebhardt Peres
Jorge Heitor de Vasconcellos Rigoni
José Octávio Mazin dos Santos
Juan Carlos Sandoval Ortiz
Lucas Weihmann
Luciano Antônio Mendes
Luciano Rombaldi
Luís Fernando Muradas Stumpf
Luiz Carlos Gertz
Marcelo Antônio de Paula Lock
Marcelo de Carvalho Lopes
Marcelo Souza de Bastiani
Maurício Macagnan da Silva
Mauro Ritt
Miguel Afonso Flach
Murflío Freire
Paulo César M Desessards
Paulo Ricardo Pedrosa de Pedrosa
Pericles Augusto de Cenco
Pery Ubirajara Canto Rocha Filho
Peter Burger

Régis Altafini Machado

Roberto Lorentz
Rodrigo Quevedo
Roger Vieira Witter
Ronald Schwanke
Rui Charles Mendonca Furtado
Rui Scherer Ehrenbrink
Sidnei Barronio
Vladimir da Silva
Volmir José Korzeniewski
Volmir Sortica Packeiser
Walter Collischonn
Wilson Toresan Júnior

Engenheiros Metalúrgicos

Edgardo Alfredo Herrera Cespedes
Flávio Ricardo Barth
Gilberto Eugênio Manfroi
Leandro Dilkin Consul
Leandro Gonçalves e Silva
Liane Roldo
Luciano André Piana
Luís Fernando Cruz da Costa
Luiz Fernando Dambros
Marcelo Franzkowiak Stahlschmidt
Marcelo Viana Ibañez

Maximiliano Aver

Engenheiros de Minas

Enrique Munaretti
Jailton Joaquim da Rosa
José Adolfo de Carvalho Júnior
Rodrigo de Lemos Peroni

Engenheiros Químicos

Adriano de Souza Schorr
Alberto Scorza
Andréa Souza Martin
Carmen Helena Milad de Oliveira
Charles Paludo
Cristiane Cambraia Vincenzi
Danielle Barcos Nunes
Eduardo Kaczynski
Elson Lorenzoni
Fabiola Adriana Pereira
Flávio César Rosa Tavaniello
Gilbert Jacobbe Filho
Gláucia Helena Assmann
Gustavo Stefanello Dal Ri
Humberto Antônio B. Kraemer
João Antônio Queiroz de Carvalho
José Armando Zanchet
José Carlos Maffessoni Filho
Leonardo Fonseca Rodrigues
Liane Marcia Rossi
Lissandro Liesenfeld
Luciane Felipe de Souza
Luciano Blumentritt Araújo
Luiz Filipe Hillesheim
Magno Rafael Luft
Marcelo Coelho Otto
Márcio Garcia Luisi
Mirco Giovanni da Silveira Zanini
Patrícia Morschel
Paulo César Ferlin
Rafael Ughini Villarroel
Rômulo Esmério de Araújo
Rubens Zolar da Cunha Gehlen
Silvana Maria Silva
Tatiana Schmitt Barbosa

1995

Engenheiros Civis

Achiles Martins Bertussi Júnior
Adriano Luís Costa
Alberto Folle de Menezes Nunes
Alberto Peixoto San Martín
Alex Cristiano Foppa
Alexandre Cavagni
Alexandre Luís Kayser
Ana Lia Riera
André Badalotti Passuello
André Potrich Reichmann
Andrea Feldens
Andrea Ipar Píriz
Carla Regina Cardias
Carlos Alexandre Picoral Kindlein
Carlos Eduardo H. do Nascimento
César Rodrigues Van Der Laan
Clarissa Tarragô Candotti
Cláudia Moreira Nunes
Cláudio Fernando Goldman
Daniela da Costa Bemfica
Denis Yurgel
Diana Denardi
Diego de Alava Soto
Dimas Schneider

Édison Delamar Godinho Tâmara
Eduardo Cabral Motta
Eduardo Rossi de Moraes Hilbk
Elson Simonetti
Fabio Joel Fernandes Ballejo
Fábio Luís Alminhana de Oliveira
Fernanda Straatmann Duarte
Fernando Mocellin
Fernando Xavier Bertuol
Gustava Antônio Sperotto
Gustavo André Zanato
Jair Antônio Meneghetti
Jederson Rodrigo Gomes Beck
João Paulo Kraemer de Araújo
José Alencar Farias
Jovir Luís Meneghetti
Juliano Domingues
Jussene Olinda de Lemos
Karla Salvagni Heineck
Leandro Luís Nicareta
Lisiane Sotelino Laier
Lúcio Borges de Medeiros
Lúcio Guazzelli Storchi
Lúcio Mauro Turcatti
Luís Fernando Pereira Vanacôr
Manoel Otávio Silva de Souza
Mara Regina Bianchini
Marcelo Augusto Tessari
Marcelo Ely de Oliveira
Marcelo Horn Pegoraro
Marco Aurélio Lopes Goron
Marcos André Deboni
Marcos Strauss
Marcos Vinício Mucillo Padilha
Maria Verônica Bignon
Mário Renato S. Salis
Marlise do Carmo Sonntag
Nadia Pilati
Nedo Dolesqui Mandarino
Odilon Carpes Moraes Filho
Olni Ricardo Simas Dutra
Paulo Otto Weber
Paulo Renato Chinellato
Pedro Miguel Vaz Ferreira
Pietro Seminoti Marcon
Rafael Minuscoli Stolfo
Rafael Soeiro de Souza Rezende
Renata Damiani
Renê Tesser Filho
Ricardo Tessari
Rodrigo Milani
Sandra Buzini Duarte
Sandro Luís Piussi
Sérgio Leandro Chemale Selistre
Sidnei Rigo
Tatiana Teixeira Müller
Tiago Cicero Lovato Gomes Jardim

Engenheiros Eletricistas

Abelardo da Luz Meotti
Adalberto Martins do Amaral
Adão Antônio de Souza Júnior
Alexandre Grandeuax
Alexandre Mór Giongo
Andreas Christian Hasenack
Anísio de Souza Resem Filho
Antônio Marcos Parisoto
Antônio Regina
Antônio Túlio Jou Inchausti
Augusto Alexandre D. de Mattos

Caio Pastro Klein
 Camilo José Bornia Poulsen
 Carlos Alberto Buehring
 Carlos Ernani Schutz
 Carlos Joandri Stello
 Cláudio Augusto da C. Guimarães Jr.
 Cláudio Lipp Haussen
 Cristiano Specht
 Edmundo Werner Neto
 Eduardo Luiz Barbosa Carminati
 Emerson Baumgarten de Oliveira
 Emílio Rogério da Rocha Lacerda
 Fábio Corrêa Bonini
 Fábio Torres Hartmann
 Francisco Carlos Roza
 Francisco Royer
 Gustavo Spohr Plentz
 Jairo Silveira Tondin
 Jocerlei Menegotto
 José Amílcar Lopez Oseguera
 Júlio César Kocourek
 Júlio César Mauri
 Júlio Vítor Kunzler Júnior
 Leandro Boniatti
 Leandro Henz Velasco
 Leandro Prade Nadaletti
 Luciano dos Reis
 Luciano Gonçalves Moreira
 Luís Alberto Schäffer
 Luís Augusto Petter
 Luís Felipe Ulbrich
 Luiz Nicolau Spalding
 Marcelo Bender Perotoni
 Marcelo Viero
 Márcio Iochpe Kolodny
 Márcio Rosa da Silva
 Mário João Kliemann
 Mosart Roque Longhi Júnior
 Paulo Fernando Vollrath
 Paulo Roberto Petró
 Pedro de Albuquerque Maranhão

Ramacrisna da Porciuncula Vieira
 Ricardo Wartchow
 Roberta Burger
 Rogério Réus Santin
 Rubens Piccolo Munaretto
 Sandro Dornelles Moretti
 Sandro Martini Vargas
 Teodoro César Rosa e Silva
 Tomás Kenji Koya
 Tony Hornes
 Walter Jeck Júnior

Engenheiros Mecânicos

Adriano Höltz
 Alex Pizzato
 Alexandre Farina Marcon
 André Gibk
 André Seidel
 André Varini Mutti
 Cassio Kern da Cunha
 Cláudio Henrique Severo Kluge
 Daniel Penha de Corrêa
 Daniel Ribeiro Campos de Araújo
 Daniel Teixeira
 Darlan Schenkel
 Eduardo de Almeida Klein
 Erick Ricardo Muñoz Arandia
 Evandro Gomes Nunes
 Felipe Honório Burtet Marotto
 Fernando Boschin
 Gilvan Medeiros Pereira
 Gustavo Müller Martins
 Gustavo Pilar Prado
 Ivan Marx Júnior
 James Eduardo Wey Rodrigues
 Jefferson Santos de Vargas
 João Batista Pelufo Silveira
 José Antônio de Conto
 Juliano Augusto Dillenburg
 Juliano Machado Mottin
 Lars Karl Peuker

Leandro Wagner Magni
 Lu Zi Wei
 Luciano Roberto Grando
 Luciano Stelmaki
 Luciano Tavessia
 Luís César Saucedo Castedo
 Marcelo Hercílio Carvalho M. Silva
 Marcelo Kuhn
 Marco Aurélio Cardoso
 Marco Aurélio Corrêa
 Nei Altieri Pereira dos Santos
 Nilo Marcelo de Almeida Camargo
 Nora Celeste Varella Corrêa
 Ralph Prediger
 Renato Luís Jungblut
 Ricardo Lecke
 Rodrigo Caumo
 Victor Gasparoto Mabilia

Engenheiros Metalúrgicos

Adriano Scheid
 André Cousandier Galant
 Andre Mendes Wollmann
 André Silva Rovani
 Carlos Eduardo Almeida da Silva
 Elidalberto Maciel Batista
 Frederico da Silva Machado Júnior
 Giuseppe Pintaúde
 Léo Teichmann
 Marcelo dos Santos Barretos
 Marco Antônio Machado
 Simone Motyczka Ott
 Tiago Fetzer Baptista

Engenheiros de Minas

Fabício Bongioiolo Zaniboni
 Luiz Fernando Palhano Gregório
 Marcelo Cheuiche Godoy
 Sergio Fernando dos Santos

Engenheiros Químicos

Adriana Lopes dos Santos
 Adriano Nogueira Murillo

Alexandre Luís Bestetti
 Alexandre Osório Jimenez
 Alexandre Roberto Faé
 Ana Cristina Weber Benjamin
 André Bello de Oliveira
 André Rosa Martins
 Arthur Rezende de Castro Filho
 Cláudio Coelho de Lavigne
 Cristina Dias Cordella
 Daniela Agnes
 Denise Cristina Kreibich
 Denise Finkler Tancredi
 Evandro Luís Janovik
 Felipe de Almeida Duarte
 Fernando Toigo Giehl
 Geovani Aliatti
 Gustavo Milanez Silva
 Isabela Gomes da Silva
 Lawrence André Müller
 Leandro Salvadori
 Leandro Zunkowski
 Leonardo Coelho Simon
 Liliana Amaral Férís
 Lorenza Alberici da Silva
 Luciana de Toni
 Luciano Neutzling Caldasso
 Luciano Vieceli Taveira
 Luís Rafael Giroto
 Marcelo Bohrer Guarita
 Margareth Normann
 Maria Fonseca Falkembach
 Maurício Luís Britto
 Michel Antoni Tonial
 Mônica Graciela Cueto Jablonski
 Patrícia Ferreira Braga
 Ramiro Armando Moscoso Zeballos
 Rosane Rech
 Sérgio Rene O. Chagas Júnior
 Tatiana Goellner
 Tiago Jaeger Pilz

MESTRES

1972

Civil

Dario Lauro Klein
 Geraldo Wolff
 Henrique Gutfreind
 José Carlos Ferraz Hennemann

1973

Civil

Anibal Knjnik
 Nelson Savaris

1974

Civil

Eurico Chagas Filho
 Maria Inês Gobbo dos Santos
 Mário Turkieniez
 Nelson Thales Lepake de Luca

Nelton Fernandes Bonilha
 Odilon Pancaro Cavalheiro
 Sandra Nara Salla
 Suzana Santos Boos de Oliveira

1975

Civil

Ademar Gilberto Groehs
 José Maria Salgado Vieira Filho
 Luiz Fernando Cavalcanti
 Regina Davison Dias

1976

Civil

Abdias Arruda do Amaral
 Armando Miguel Awruch
 Lucíula Izabel Giron

Metalúrgica e dos Materiais

Lírio Schaeffer

José Gerbase Filho
 Roberto Michelena V. de Carvalho
 Telmo de Azevedo Coutinho
 Marco Antonio dos Santos

1977

Civil

Cleuza Ivety Ribes de Almeida
 Gilberto Bruno Ellwanger
 Ivo José Padaratz
 José Antonio Chuba Fedalto

Metalúrgica e dos Materiais

Rosa Learmar de Souza Dias
 Vania Terezinha Teixeira Silveira
 Areté Porciúncula de Ávila
 Milton Antonio Zaro
 José Schifino
 Denise Schermann Azambuja
 Gladys Cabral de Mello Borges

Ivo Vedana
 José Javier Arrata Menezes

1978

Civil

Adriano Virgilio Damiani Bica
 Clóvis Fernando Dias Machado
 Maria Inês Leitão Prates de Lima
 Sérgio Roberto Maestrini

Metalúrgica e dos Materiais

Severino Jackson Guedes de Lima
 Tadeu Antônio de Azevedo Mel
 Suzana Maria Coelho
 Rodolfo Otto Keppeler
 Rosa Maria Grings
 Aldoir Rigoni
 Airtton Teixeira Düren
 Luiz Fernando Antonacci Carvalho

1979

Civil

Ângela Pinto Maestrini
Carlos Aloísio Correa Zákera
Elizabeth Veleda Wendt
Enrique Emílio Galindez
Flávio Ferreira Presser
Francisco de Paula S. Lopes Gastal
Guilherme Toledo Barbosa
Jorge Augusto Pereira Ceratti
Jorge Luiz Pizzutti dos Santos
José Luiz Vital de Brito
José Roberto Hoffmann
Maria Luiza Porto Denardin
Ronald José Ellwanger
Rubens Odebrecht

Metalúrgica e dos Materiais

Aloísio Nelmo Klein
Annelise Engel Gerbase
Assis Pedro Perin Piccini
Vitor José Frainer
Arno Krenziguer
Leila Maria S. Schettert
Elina Bastos Caramão
Elba Calesso Teixeira
Júpiter Palagi de Souza
Maria do Carmo Ruaro Peralba

1980

Civil

Arcilda Zimmermann
Cláudio Laydner da Rocha
Francisco das Chagas de Oliveira
Cardoso
Hélio Silveira Ribas
João Luiz Campagnolo
José Carlos Rocha Cherobim
José Hélio Alvarez Elarrat
Júlio Martin Cortez Uzeda
Silvio Paulo Klein
Tânia Alencar Nudelmann

Metalúrgica e dos Materiais

Francisco Catelli
Telmo Roberto Strohaecker
Marino Ledur
Tania Maria Hubert Ribeiro
Sergio Luiz Bertoldo Zin
Henrique Northfleet Neto
Délcio Basso
Silvio Erni Veeck
Ivan Guerra Machado
Pedro Barbosa Mello
Keiko Wada
Roberto G. F. R. Gonzalez
Flávio Azevedo
Antônio Vilella

1981

Civil

Alberto Tamagna
Carlos Eduardo Michaud
Errol Toews
Gerson Cendes Saragosa
Myrta Concepción D. de Gonzalez
Nelson Alvares Trigo
Paulo Mendel Kulys
Pedro Henrique Perez de Moura
Silvio Schweidzon Melamed

Sônia Maria de Carvalho Borba
Victório Enrique Sonzogni

Metalúrgica

Ramón Abraham Balid Piterson
Rosa Maria Porto Wodtke
Joyson Luiz Pacheco
Ricardo Pechden Barcellos
Nestor Cezar Heck
Horácio Viellmo
Gelsa Edith Englert
Leandro Dalla Zen

1982

Civil

Alfredo Luís Mendes D'ávila
Américo Campos Filho
Ernesto Sperandio Neto
Henrique Jorge Brodbeck
Jair Carlos Koppe
José Ângelo Fontanive
Maria Alice Marquardt Walther
Maria Anita Mattos da Silva
Mildred Ballin Hecke
Rita Maria Pillar Kessler
Ronald Bastos Duarte
Sérgio Scheer
Silvia Costa Dutra
Wai Ying Yuk
Yassunori Hayashi

Metalúrgica e dos Materiais

Roberto Moreira Schroeder
Carlos Bergmann
Luiz Alberto Alves Almeida
Irene Bender Konrad
Virginia Costa Kielling
Jane Zoppas
Antônio Andrade
Marisa Weber
Cristiane Garcia de Moraes
Roberto Fernando de Souza
Eduardo Sperb
Luís Augusto Krug Zugno

1983

Civil

Antonio Maria Claret de Gouveia
Carla Caberlon
Fernando Barth
Humberto Ramos Roman
Luiz Antonio Bressani
Neiva Isabel Barbieri Silveira
Roberto Lamberts
Rosa Maria Locatelli Kalil

Metalúrgica e dos Materiais

João Carlos Pinheiro Beck
Carlos Hoffmann Sampaio
Lorivan Fish Figueiredo
Gilnei Carvalho Oeácio
Carlos A. M. Casanova
Telmo F. M. Ojeda
Volnei Borges
Talita Furlanetto Mendes
Odete Dolores Polese Kvajara
José Luiz Salmadoretti
Marly Antonia Maldaner Jacobo

1984

Civil

Abdias Medeiros de Oliveira

Almir de Oliveira Pimentel
Sobrinho
Carlos Gonçalves Machado
Denise Bernaud Bublitz
Édimio Celso Rudolf
Emílio Enrique Volz Farias
Fernando Oscar Ruttkay Pereira
Idel Enk

Ivan Paulo Marques Alves
José Mário Doleys Soares
José Milton de Araújo
Maria de Lourdes Silva Viana
Mauro Lemberg de Macedo
Nilton Antonio Schumacher
Paulo Eliseu Portella
Romulo de Freitas Paixão
Rosa Maria Schlichting Kraemer
Sanatiel de Jesus Pereira
Verbena Duarte Brito de Carvalho
Vicente de Paula Batista

Metalúrgica e dos Materiais

Ismael Pedro Bortuluzzi
Gilberto Haas
Ana Maria Gonzales Machado
Bruno Mario Crosara Benelli
João Luiz Pacheco
Ronaldo Fenilli
Tania Regina dos Reis Loureiro
Vicente de Paulo O. Sant'Anna
Francisco Carlos Monteiro
Jonas Teixeira Nery
Laura Márcia Ferreira de Souza
Luiz Carlos Brasil Matos
Solange Teresinha Guidali Amaral
Paulo Roberto Wilden Brenner
Julio Cezar Suaki
Ronaldo Hoffmann

1985

Civil

Christiane Brisolara de Freitas
Clóvis Fernando de Moura Costa
Dante Alves Medeiros Filho
Idone Bringhenti
Jacinto Ponte Júnior
Joaquim César Pizzutti dos Santos
José Luís Duarte Ribeiro
Nelson Turik
Paulina Carmén Zorrilla Menéndez

Metalúrgica e dos Materiais

Eduardo Osório
Gilsemar Celicina Franco
Liane Lucy de Lucca
José Luiz Ribeiro
Alexandra Andrade
Tânia Haas Costa
Nilson Valega Fernandes
Jorge Enrique Monroe Raransy
Regina Cánovas Teixeira
Alexis Bionel Tejedor de León
Elzivir Azevedo Guerra
Slawomir Piatnicki

1986

Civil

Antônio Eduardo Polissen
Berenice Martins Toralles
Carlos Torres Formoso
Daíçon Maciel da Silva

Eduardo Giugliani
Gilberto Carbonari
Jefferson Sidney Camacho
Luiz Roberto Prudêncio Júnior
Maria Angélica Covelo Silva
Paulo Augusto de Lima Torres
Ricardo Mendes Júnior
Sebastião Pereira Lopes

Metalúrgica e dos Materiais

Tania Denise Miskinis Salgado
Paulo Dossa
Emilse Maria Agostini Martini
Maria Luiza Vaz Dias de Souza
Berenice Anina Dedavid
Nadir Ana Wiederkehr
Leonardo Augusto Linck
João Carlos Verneti dos Santos
Guilherme Ourique Verran
Aleir Antonio Fontana de Paris
Luís Frederico Pinheiro Dick
José Lesina Cesar
Paulo Sérgio Soares de Aguiar
Edvani Curti Muniz
Clara Isméria Damiani Bica
Sandra Maria Maia
Marlos Dias Diehl
Valéria Dozolina Sartori Bassani
José Antonio Mossmann
Marla Azário Lansarin
Jaime Parada Ibañez
José Rogério Araújo

1987

Civil

Berenice Maders
Carin Maria Schmitt
Cristina de Azambuja Hagemann
Eduardo de Oliveira Daroit
Elton Bauer
Ercília Hitomi Hirota
Júlio Ernesto Pulido Súbia
Karla Schuck Saraiva
Luís Carlos Bonin
Luís Carlos Prola
Ricardo Adolfo Bruna
Silvio José Jaeger Rocha
Vanderley Moacyr John
William Taylor Matias Silva

Metalúrgica e dos Materiais

Josete Caetana Dami Sanchez
Celso Camilo Moro
Luiz Cláudio Cândido
Irlonson Antônio Bassani
Cláudio Luiz Schneider
Haidé Dalinda Fiedler
Sônia Girardi Bencke
Paulo Cícero do Nascimento
Eduardo Bittencourt
Clóvis Picalor

1988

Civil

André Luiz Guerreiro da Cruz
Andréa Ângela Panzeter
Beatris Regina Scmazzone
Denise Carpena Coitinho Dal Molin
Fernanda Aranha Saffaro
Fernando Ricardo G. Schirmbeck
Marcelo Moreira Krebs

Mauro Edson Alberti
Paulo Ricardo Chagas Meksraitis
Ruy Alberto Cremonini
Ruy Carlos Ramos de Menezes
Sílvia Maria Baptista Soares

Mecânica

Sérgio Souza Dias
Roberto Zilles
Paulo Otto Beyer
Haroldo Fraga de Campos Velho
Jefferson Pizzolatti
João Roberto Loureiro de Mattos
Leila Maria Ferreira Gomes
Elaine Evani Streck
Lígia Maria Moretto Eberle
Marília Amaral da Silveira
Carlos Crespo Izquierdo
Norma Magalhães Duarte Mergel

Metalúrgica e dos Materiais

Denise Bohrer do Nascimento
Carlos Roberto Cauduro
Günter Geesdorf
José Nicoletti Filho
Arão de Matos Dias
Luiz Fernando Molz Guedes
Enio Ricardo Kirst
Plínio Cabral de Mello
Osvaldo Perez
Paola Fanny Cappelli

1989

Civil

Abdon Socorro Firmino Martins
Alexandre Dode de Almeida
Alexandre Maines
Claudio de Souza Kazmierczak
Claudio Henrique de Carvalho Silva
Ênio José Pazini Figueiredo
Gabriel Dorfmann
Isabel Bet
Lúcio Flávio da Silveira Matos
Luiz Henrique Gomide de Paiva
Marcelo Maia Rocha
Margarete Regina Gonçalves
Mário Luís Wunderlich dos Santos

Mecânica

Adans Iraheta Marroquim
Ály Ferreira Flores Filho
Mário Henrique Macagnan
Jacqueline Biancon Copetti
Nicolau Priante Filho

Metalúrgica e dos Materiais

Rosane Maria Stumpf Raupp
Sandra Mara O. Einloft
Andréa Moura Bernardes
Eleani Maria da Costa
Gilson Araujo de Araujo
Alberto Moreira Guerreiro Brito
Paulo Francisco Mallmann
Felipe Amorim Berutti

1990

Civil

Adriane Maria Eifler
Eduardo André Perondi
Everardo da Luz Antunez
Glaci Inêz Trevisan Santos
Helena Carasek Jaworoski
Hélio Roesler

Itamar Ribeiro Gomes
Jacira dos Santos Albarnaz Farias
Jadilson Antônio Campos Magalhães
Maryangela Geimba de Lima
Mauro de Vasconcellos Real
Mirian Oliveira
Moacyr Aristeu Molinari Neto
Mônica Prezzi
Pablo Eugênio Capelli
Roberto Padilla Petry
Sérgio Lund Azevedo
Severino Pereira Cavalcanti Marques
Virgínia Maria Rosito D'Ávila

Mecânica

Rubem Mário Figueiró Vargas
Paulo Smith Schneider
Jorge Rodolfo Silva Zabadal
Roberto Petry Homrich
Jorge Antônio Villar Alé
Lizete Senandes Ferret

Metalúrgica e dos Materiais

Marcos José Hiffmann de Senna
Elizabeth Fátima de Souza
Luís Ivan Valderrama Campusano
Amilton Cezar de Aguiar
Edilson Marquardt
Adrane de Assis Lawisch
Marçal José Rodrigues Pires
José Pereira Neto
Cristiane de Souza Javorky
Carlos Otávio Petter
Leandro Fagundes
Sandra Antonella Carello
Augusto Oscar Kunrath Neto
Patrícia Fernandes Lootens Machado
Cesar Idil da Costa
Magda Beatriz Galant François
José Carlos Krause de Verney
Jorge Luiz Souza Barcelos
Ester Schmidt Riedes
Aicha Yasin Ali
Jerzy Pawlowski
Maria do Carmo Glaskowski Vieira
Manoel Augusto Allgayer Canto
José Antônio Esmerio Mazzaferro

1991

Civil

Ana Clarice Figueiredo de Andrade
Ana Luiza Raabe
Berardi Sensale Cozzano
Breno Luiz Filomeno Saldanha
César Augusto Burkert Bastos
Cláudia de Cesare Franchi
Elaine Vianna Hoher
Ernesto Luiz Gomes Alquati
Fábio Gonçalves Teixeira
Geraldo Cechella Isaia
Ignácio Iturrioz
Inácio Benvegna Morsch
Jairo Wolf
Luiz Claudio Peres da Silva
Renata Robinson de C. M. Ramos
Ricardo Orlandini
Rinaldo José Barbosa Pinheiro
Washington Peres Nunez

Wellington Longuini Repette

Mecânica

Édson César Wendland
Adriano Moehlecke
Fernando Luis Treis
Izete Zanesco
Ademar Michels
Jorge Alberto Wagner

Metalúrgica e dos Materiais

Erwin Francisco Tochtrop Junior
Daniel Eugênio S. Clerici
Luís Marcelo Marquez Tavares
Ricardo Rütter
José Carlos Cassina Basaistegui
Ivo André Homrich Schneider
Lisete Cristine Scienza
Carlos Alberto Mendes Moraes
Dione Bertarello
Albert Geiger
Júlio César de Souza
Wilson Passos
Arnaldo Rubén Gonzalez
Diosnel Antonio Rodriguez López
Reinaldo Barrera Tagios

1992

Civil

Acir Mércio Loredó Souza
Carlos Ferreira Ehlers
Claudio Enrique Campos Rubio
João Ricardo Masuero
Lilian Lutz Uber
Luís Augusto Jones Borges
Luiz Antonio Bragança da Cunda
Marco Antonio Arancibia
Rodríguez
Maria de Fátima Monteiro Becker
Mário Leonardo Boéssio
Neri Pacheco Prates Júnior
Roberto Gonçalves Teixeira

Mecânica

João Eduardo Cerutti Karam
Francisco José Mariano da Rocha
Paulo Henrique Soares da Rosa
Sandra Wolf Gonçalves
Luís Edson Saraiva
Rodnei Gomes Pacheco
Carlos Frederico Lange

Metalúrgica e dos Materiais

Roberto Itacyr Mandelli
João Felipe Coimbra Leite Costa
Fábio Almeida Ribeiro de Castro
Vitor Hugo da Silveira Vitola
Ricardo Lastra Olsen
Thomas Weihmann
Cláudio Roberto Losekann
Eubirajara Bezerra Medeiros
Neli Itoni Warpechowski da Silva
Elisabeth Pinheiro da Silva
Adriana Nunes Wolfenbüttel
Daniel Soares de Almeida

1993

Civil

Adriane Prisco Petry
André Kraemer Souto
Ângela Borges Masuero
Arnaldo Manoel Pereira Carneiro
Denise Antunes da Silva

Denise de Souza Saad
Gilnei Pestano Arnold
José Luís Rangel Lopes
Juan Pablo Raggio Quintas
Lúcio Soibelman
Luís Alberto Segóvia Gonzalez
Marcelo de Canossa Macedo
Marco Aurélio Stumpf Gonzalez
Marcus Vinicius Veleda Ramires
Maria Teresa Gomes Barbosa
Mário Jose Paluch
Mauro Jungblut
Mirtes Caron Peres Ramires
Paulo Roberto Jorge
Vinicius Rodrigues Morais Júnior

Mecânica

Cátia da Silva
Luiz Tiarajú dos Reis Loureiro
Luciane da Luz Lompa
Jorge Eduardo Ferrufino Veizaga
José Francisco Nunes Fernandes
José Rogério Navajas Fazzi Júnior
Sandi Itamar Schäfer de Souza

Metalúrgica e dos Materiais

José Dilmar Ribeiro
Magda Loguercio Carvalho
Alfredo Romero Quispe
Inácio da Fontoura Limberger
Elena Jonko Birriel
Wilson Kindlein Junior
Luís Augusto Colembergue Klujso
Túlio Lopes Mello
Paulo Bartoszyk
Sergio Renato da Silva Soares
Edgardo Aquiles Prado Perez
Marcos Mallqui Espinoza
Máximo Luís Malasquez Negrón
Irineu Antônio Schadach de Brum
Flávio Costa da Rosa
Vilson João Batista
Mario Enrique Santander Muñoz
Ricardo Diego Torres

1994

Civil

Antônio César Silveira B. da Silva
Antonio Thomé
Carla Suzana Britto e Silva
Eduardo Azambuja
Elvira Maria Vieira Lantelme
Fernanda Macedo Pereira
Fernando Antônio Piazza Recena
Flávia Burmeister Martins
Flávio Sanson Fogliatto
Gemma Paula Rodriguez B. Sensale
Héctor Raimundo Castellón Claire
Jaime Amador Lens Sardon
Jaime Daura Claire
Leonardo Rocha de Oliveira
Luiz Carlos Pinto da Silva Filho
Marlova Piva Kulakowski
Paulo Márcio da Silva Aranha
Paulo Sérgio Lima Souza
Rejane Maria Tubino Geyer
Ricardo Lessa Azevedo
Roberto Carlos Pavan
Roberto Domingo Rios
Roberto Oscar Cudmani
Rubén Rafael Sotelo

Victor Hugo Revelo Palacios
Xavier Esteban Romero Villacreses

Mecânica

Rogério Luis Thum
Jacques Duilio Brancher
Alexandre Beluco
Edir dos Santos Alves
Luciane Silva Neves
Leônidas Ferreira Coutinho

Metalúrgica e dos Materiais

Doysé Elisabeth Suman Cabistani
João Cesar Simch da Silva
Carmen Luisa Reis Serrano
Nevertón Hofstadler Peixoto
Miriam Cooper da Silva
Marco Antônio Durló Tier
Tremolada Payano
Leonardo Della Mea Gaitán
Joel Augusto Luft
Gérson Farion Cavalcante
Carlos Alberto da Fonseca Pires
Hamilton Duarte Klimach
Rejane Rech Mandelli
Afonso Reguly
Thomas Tschöke Soares
Wilson Pardi Junior
Alexandre Augusto Teodoro Mähler
Ângela Coelho Arnt
Márcio Levi Kramer de Macedo
Vistor Hugo Velazquez Acosta
Cândido Norberto Postinger
Eric Ericson Fabris
Rudinei Freitas Torma
John Oersted Wisbeck
Julio Anibal Morales Pereira
André Bernardi Bicca de Barcellos
Marcelo Negreiros

Engenharia de Produção

Giovani José Caetano da Silveira
Paulo Ghinato
Gustavo Kannenberg

1995

Civil

Adão Roberto Rodrigues Villaverde
Aguinaldo dos Santos
André Luiz Bortolacci Geyer
Ane Lise Pereira da Costa Dalcul
Carlos Armando Gutschow
Fábio Luiz Willrich
Fernando Maria Mántaras
George A.B. Chaves Araujo
Gonzalo Felipe Aguinaga Barragan
João Antonio Agostini Rott
Lisiane Salerno Scardoelli
Maria de Fátima Souza e Silva
Paulo Ricardo Leipnitz
Rogério Sartori Fornasier
Rubén Clécio Schwingel
Suyen Matsumura Nakahara
Tamara Avellán Paniagua
Vinício Raul Ayala Cevallos

Mecânica

Ricardo Pretz
Paulo Roberto Wander
Eberson José Thimmig Silveira
Ronaldo Erichsen
Ângela Beatrice Dewes Moura
Rejane de Césaró Oliveski
Vera Lúcia da Fonseca Mossmann
Aírtón Cabral de Andrade
Martin Poulsen Kessler

Metalúrgica e dos Materiais

Pedro Juarez Melo

Carlos Alberto Cima
Cleidy Walery dos Santos Andretta
Carmo Heinemann
André Ronaldo Froehlich
Genaro Marcial Mamani Gilapa
Alexandre Viecelli

Denise Maria Lenz
Gilnei Golçalves Furtado
João Cássio Romero Lenzi
Telton Elber Correa
Selmar Almeida de Oliveira
Sílvia Acosta Cabral
Sérgio Luiz Klein
Rogério Soares Lima
Luciano Nelson Krüger
Rubens André Bignetti
Paulo Rogério Tavares da Silva
Lenira Burke Klein
Carlos Henrique Wey
Roberto Ferrari Borba
Álvaro Jesus Castro Caicedo
Henrique Cabral de Mello Vanzin
Nilton Maltz
Ana Regina Rosa

Engenharia de Produção

Ana Maria Volkmer de Azambuja
Amarildo da Cruz Fernandes
André Antunes de Azambuja
Paulo Roberto Walter Ferreira
Carla Schwengber Ten Caten
Robinson Gonçalves Moreira Sezar
Tânia Henke Kraemer
Lúcio Renato de Fraga Brusch

1996

Civil

Alexandre Rodrigues Pacheco

Atilio Anibal Morquio Dovat
Jose Henrique Costa Averbeck
José Luis Farinatti Aymone
Márcio Antonio Vendruscolo
Moacir Henrique Andrade Carqueja
Pedro Domingos Marques Prietto

Mecânica

Iberê Luiz Nodari
José Fernando Cânovas de Moura
Jefferson Fagundes Loss
Léia Bernardi Bagesteiro
Guilherme Alfredo Dentzien Dias

Metalúrgica e dos Materiais

Flavio Van Der Laan
Moisés de Mattos Dias
André Cezar Zingano
Renato Mazzini Callegaron
Valner João Brusamarello
Carlos Eduardo Fortis Kwietniewski
Rubens Müller Kautzmann
Ney Francisco Ferreira
Carmem R. I. Gomes
Fábio Larroyd
Mariliz Gutierrez Soares
Marcelo Thomas
Alexandre da Silva Rocha
Fábio Souza e Silva da Cunha
João Marcos Hohemberger

Engenharia de Produção

Peter Bent Hansen
Roberto dos Reis Alvarez
Christine Tessele Nodari
Giancarlo Medeiros Pereira
Ricardo Augusto Cassel
Celso Fritsch
Liane Werner

DOCTORES

1988

Mecânica

Marco Túlio Menna B. de Vilhena

1989

Civil

José Luís Duarte Ribeiro

1991

Civil

Rômulo de Freitas Paixão

Metalúrgica e dos Materiais

Soelly Magalhães do Valle
Denise Schermann Azambuja

1992

Metalúrgica e dos Materiais

Sérgio Luiz Bertoldo Zin
Milton A. Zaro
Carlos Roberto Cauduro

Mecânica

Liliane Basso Barichello
Haroldo Fraga de Campos Velho

1993

Civil

Maria Ângela Vaz dos Santos

Metalúrgica e dos Materiais

Arão de Matos Dias
Moisés Meza Pariona
Elizabeth Fátima de Souza
Sandra Mara Oliveira Einloft

Mecânica

Elaine Evani Streck

1994

Civil

Alberto Tamagna
Dilze Codá dos Santos C. Marques
Eduardo Bittencourt
Severino Pereira Cavalcanti
Marques

Metalúrgica e dos Materiais

Guilherme Ourique Verran
Renato Machado de Brito
Nadia Suzana Schneider Viaro
Berenice Anina Dedavid

Mecânica

José Cláudio Del Pino
Jorge Rodolfo Silva Zabadal
Naum Fraidenraich
Volnei Borges

1995

Civil

Inácio Iturrioz
José Luís Vital de Brito
José Milton de Araújo

Metalúrgica e dos Materiais

Ivo André Momrich Schneider
Eleani Maria da Costa

Mecânica

Nicolau Priante Filho
Cynthia Feijó Segatto

1996

Metalúrgica e dos Materiais

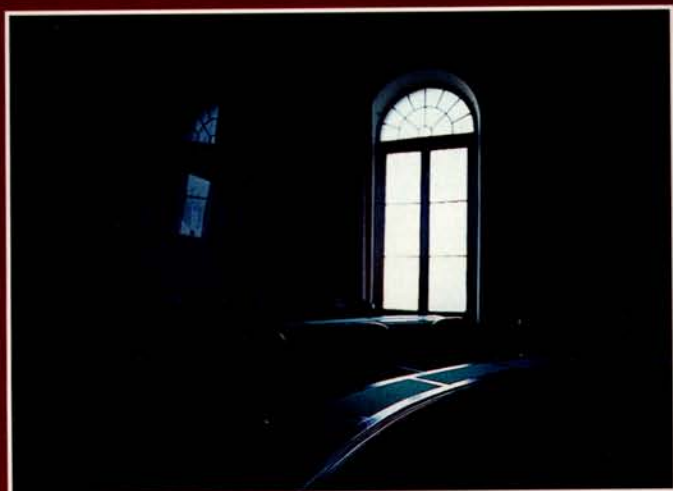
Marcos José Hoffmann Senna

Mecânica

Jorge Antônio Villar Alé
Augusto Vieira Cardona
Rosa Leamar Dias Blanco

DIRETORES DA ESCOLA DE ENGENHARIA

1897 / 1898	Álvaro Nunes Pereira
1898 / 1915	João José Pereira Parobé
1915 / 1932	João Simplício Alves de Carvalho
1932 / 1936	Ari de Abreu Lima
1936 / 1938	Henrique Pereira Neto
1938 / 1942	Irio do Prado Lisboa
1942 / 1946	Egydio Hervé
1946 / 1949	Luiz Leseigneur de Faria
1949 / 1952	Lélis Espartel
1952 / 1965	Luiz Leseigneur de Faria
1965 / 1969	Ivo Wolff
1969 / 1971	Oscar Maximiliano Homrich
1971 / 1972	Cícero Menezes de Moraes
1972 / 1974	Raul Cohen
1974 / 1976	Adamastor Aguinaldo Uriartt
1976 / 1980	Franklin Jorge Gross
1980 / 1984	Ennio Cruz da Costa
1984 / 1988	José Serafim Gomes Franco
1988 / 1992	Arno Müller
1992 / 1996	José Carlos Ferraz Hennemann



ISBN 85-86225-01-0



9 788586 225017